

AERTON ALEXANDER DE CARVALHO SILVA

**A CONSTRUÇÃO DE UM TAUMATURGO: A PRÁTICA MISSIONÁRIA DE FREI
DAMIÃO DE BOZZANO NO NORDESTE BRASILEIRO (1931-1997).**

RECIFE/2019

AERTON ALEXANDER DE CARVALHO SILVA

**A CONSTRUÇÃO DE UM TAUMATURGO: A PRÁTICA MISSIONÁRIA DE FREI
DAMIÃO DE BOZZANO NO NORDESTE BRASILEIRO (1931-1997).**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr Sérgio Sezino Douets de Vasconcelos

RECIFE/2019

S586c

Silva, Aerton Alexander de Carvalho

A construção de um taumaturgo : a prática missionária de Frei Damião de Bozzano no nordeste brasileiro (1931 - 1997) / Aerton Alexander de Carvalho Silva, 2019.

309 f. : il.

Orientador: Sérgio Sezino Douets de Vasconcelos.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Doutorado em Ciências da Religião, 2019.

1. Capuchinhos. 2. Missões. 3. Memória. I. Damião, Frei, 1898-1997. II. Título.

CDU 266(81)

Mércia Nascimento – CRB-4/788

AERTON ALEXANDER DE CARVALHO SILVA

TERMO DE APROVAÇÃO

**A CONSTRUÇÃO DE UM TAUMATURGO:
A PRÁTICA MISSIONÁRIA DE FREI DAMIÃO DE BOZZANO NO
NORDESTE BRASIELIRO (1931-1997).**

Tese apresentada no dia 07 de agosto de 2019, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Ciências da Religião, pelo Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

Prof. Dr. Sérgio Sezino Douets de Vasconcelos - UNICAP
Orientador

Profa. Dra. Zuleica Dantas Pereira Campos - UNICAP
Avaliadora interna

Prof. Dr. Drance Elias da Silva – UNICAP
Avaliador interno

Profa. Dra. Maria do Carmo Tinoco Brandão de Aguiar Machado – UPE
Avaliadora externa

Prof. Dr. Carlos André Silva Moura – UPE
Avaliador externo

Agradecimentos

Primeiramente à minha esposa Larissa Fantini que, nos últimos tempos, paciente e silente, acolheu meu doutorado e suas consequências. À Maria Clara, nossa filha, de 04 anos, companheira dos dias e das noites. Quantas vezes, enquanto eu estudava, escutava aquela voz infantil: “Pai, vamos brincar de boneca?”. A concentração com as coisas sérias da tese, dava lugar ao lúdico e ao ócio criativo. Tudo ficava mais leve. Grato, filha. Aqui, condenso o agradecimento a toda a minha família, porto seguro e grande sentido do meu existir.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Sérgio Cezino Douets Vasconcelos, pela sabedoria, condução, clareza e jocosidade nas orientações, nas definições do projeto e na sua execução. O reconhecimento mais do que orientador, o tenho como um irmão.

Aos Prof. Dr. Drance Elias, Prof. Dr. Carlos Moura, Profa. Dra. Maria do Carmo Brandão e à profa. Zuleica Dantas, pelas orientações, indicações e esmero na qualificação e na defesa pública dessa tese. Contemplando-os, posso afirmar que, mesmo que forças contrárias insistam, educadores assim, engrandecem a educação do nosso país e fazem o mundo melhor.

À Província de Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil, dos Frades Capuchinhos, na pessoa de Frei Jociel Gomes, pela acolhida, pelo acesso à documentação e por autorizar-me acessar seus conventos e santuários, onde pude entrevistar os romeiros. Faço, aqui, memória a Frei Damiano de Bozzano, objeto do meu estudo, missionário incansável do Nordeste e representante dos pobres, que só tem a fé, para achar sentido de viver.

Aos religiosos e romeiros entrevistados, parte imprescindível e mais importante contribuição dessa pesquisa. As falas, os gestos, as memórias, com riqueza e profundidade, deram ao trabalho o sentido e as respostas que buscávamos.

Ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, o corpo docente e os colegas, agora doutores, da primeira turma de doutorado do programa. Fizemos o caminho caminhando, enfrentamos desafios e concluímos esta etapa.

À CAPES, que no incentivo à pós-graduação no país, ainda em tempos de esperança, por meio da bolsa a mim confiada, possibilitou realizar um sonho pessoal, contribuindo para a pesquisa sobre a religiosidade no Nordeste.

A Lucas Fantini, Mariana Barros, Irma Pedrosa e Paulo Roberto que, com olhares técnicos e disposição comovente, ajudaram-me a transcrever áudios, corrigir ortografia, traduzir texto. Competentes e simples, fizeram a diferença em minhas horas de angústia.

Ao bom Deus, a quem ousou chamar de Pai, que, em Cristo Jesus, humanizou-se para inspirar-nos ares do Espírito da vida. Ele me chamou, me sustenta, me impulsiona.

‘Pra mim ele (Frei Damião) é um santo, viu. Porque pra fazer milagre que nem ele, gente que come carne e farinha, não fazia não’.

José Severino de Lins

‘O que criou a fé no milagre foi a ideia de que ali devia haver milagre.
Os homens, assemelham-se mais a seu tempo que a seus pais’

Marc Bloch

Resumo

Esta tese busca identificar, a partir dos devotos de Frei Damião de Bozzano, registros e memórias que estruturam as narrativas, que os levam a reconhecê-lo como um santo taumaturgo. De 1931 a 1997, período de sua vida e missão, no Brasil, destacaram-se modelos de religião tridentina, do catolicismo popular e a emergência dos tempos pós-conciliares. A sociedade também sofreu mudanças significativas nesse período. Diante desses quadros, buscamos perceber quais as variáveis que levaram os romeiros a eleger Frei Damião como conselheiro e confessor, padrinho e taumaturgo. Como referencial teórico, a Escola dos Anales, com suas concepções de história e memória de curta, média e longa duração, aprofundadas por Marc Bloch, Jaques Le Goff e Lucien Febvre. Além da pesquisa bibliográfica, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com clérigos e romeiros. Assim é possível reconhecer que o povo nordestino, com toda a sua riqueza cultural e, especialmente, com sua religiosidade, construída a partir das matrizes culturais indígena, católica e africana, caracteriza-se como um ambiente fértil para construções de cenários religiosos. Pertencente à tradicional Ordem dos Frades Menores Capuchinhos que, desde o período colonial, por meio de uma metodologia própria, uma atuação significativa, na formação do povo, e um papel decisivo, na sua religiosidade, tornaram-se reconhecidos como homens de fé; Frei Damião tornou-se herdeiro desse capital simbólico que o autorizou a exercer a função de Místico, Confessor e Conselheiro. Nesse sentido, também, os conselheiros que o antecederam, balizaram o caminho até a sua pessoa. Passou a ser reconhecido como Santo, pelo povo. Como no caso dos reis taumaturgos, da idade média, desenvolveu-se, em torno da sua pessoa, uma tradição do toque curativo. Multidões acorreram aos lugares em que o frade se encontrava, para ouvir seus conselhos, confessar os pecados e tocar em seu corpo, encurvado pelo tempo. Sustentado por vários sentidos subjacentes às carências do povo, às memórias de longa duração, à religiosidade sertaneja, afirmou-se a taumaturgia de Frei Damião. Depois de sua morte, a devoção multiplicou-se. Vários santuários foram erguidos, em torno das suas estátuas e das relíquias. Milhares de pessoas permanecem alimentando sua fé, a partir da devoção ao religioso, a quem denominam de Santo do Nordeste.

Palavras Chave: Frei Damião de Bozzano, Capuchinhos, Missões Populares, Taumaturgia, Catolicismo Popular, Mentalidades, Memória.

Abstract

This thesis seeks to identify, from the devotees of Frei Damião de Bozzano, records and memories that structure the narratives, which lead them to recognize him as a holy thaumaturge. From 1931 to 1997, the period of his life and mission in Brazil, models of tridentine religion, popular catholicism and the emergence of post-conciliar times stood out. Also, society underwent significant changes in that period. In this scenario, we try to understand the variables that led the pilgrims to elect Frei Damião as counselor and confessor, godfather and thaumaturge. Having as theoretical reference the School of the *Analles* with its conceptions of history and memory of short, medium and long duration, deepened by Marc Bloch, Jaques Le Goff and Lucien Febvre. In addition to bibliographical research, semi-structured interviews with clerics and pilgrims were conducted. Therefore, it is possible to recognize that the northeastern people, with all their cultural wealth and especially their religiosity, built from the indigenous, catholic and african cultural matrices, are characterized as a fertile environment for construction of religious sceneries. Belonging to the traditional Order of Capuchin Friars Minor, which, since the colonial period, through a proper methodology, a significant role in the formation of the people and a decisive role in their religiosity, were recognized as men of faith, Frei Damião was heir of this symbolic capital that authorized him to exercise the role of mystic, confessor and counselor. In this sense, the counselors who preceded him, marked out the way for his person. He was recognized as a saint by the people. As in the case of the thaumaturgos kings of the middle ages, a tradition of the healing touch was developed around him. Crowds came to the places where the friar was, to hear his counsel, to confess the sins and to touch his body, bent over by time. Sustained by several senses underlying the needs of the people, the memories of long duration, the religiosity of the the people from de backwood, the thaumaturgy of Frei Damião was affirmed. After his death, devotion multiplied. Several sanctuaries were erected around their statues and relics. Thousands of people continue to nourish their faith, from devotion to the religious, to whom they call the Saint of the Northeast.

Keywords: Frei Damião de Bozzano, Capuchins, Popular Missions, Thaumaturgy, Popular Catholicism, Mentalities, Memory.

Lista de Figuras

Figura 01 – Basílica N. Sra. da Penha, Recife, PE.....	41
Figura 02 – Capela e Casa no Riacho do Mel, Gravatá, PE.....	55
Figura 03 – Lateral da casa do Riacho do Mel. Primeira foto de Frei Damião no Brasil.	67
Figura 04 – Frei Damião de partida para o Brasil em 1931.....	68
Figura 05 – Livro Caminho do Céu.....	79
Figura 06 – Livro Em defesa da fé de autoria de Frei Damião.....	82
Figura 07 – Livro Missão Abreviada do Pe Manoel José Gonçalves Couto.....	98
Figura 08 – Mapa do Regional Nordeste II.....	111
Figura 09 – Mapa do Nordeste.....	112
Figura 10 – Frei Damião no meio do povo em 17 de setembro de 1936.....	118
Figura 11 – Frei Damião sendo vacinado na Paraíba.....	123
Figura 12 - Frei Damião chegando em Taquaritinga do Norte, PE.....	123
Figura 13 – Frei Damião recebe frades, em seu quarto, no Convento de São Félix, Recife, PE.....	126
Figura 14 – Túmulo de Frei Damião com ícone de Cláudio Pastro. Convento de São Félix – Recife, PE.....	127
Figura 15 – Mapa da região atingida pela seca de 1877.	147
Figura 16 – Cordéis sobre Frei Damião (Conselhos de Frei Damião, A voz de Frei Damião, O verdadeiro aviso de Frei Damião – sobre os castigos que vem)	164
Figura 17 – Cordel (O verdadeiro aviso de Frei Damião de J Borges)	165
Figura 18 – Mapa do Nordeste, localizando Locais de Santuários dedicados a Frei Damião..	170
Figura 19 – Devotos banham-se e recolhem água da fonte abençoada por Frei Damião – Canafístula, AL.....	176
Figura 20 – Missa presidida pelo bispo de Cajazeiras-PB, Dom Francisco de Sales, no dia 29 de maio de 2018.....	177
Figura 21 – 30° Romaria de Frei Damião em 2017 – Guarabira, PB.....	180
Figura 22 – Chegada da romaria de Camocim de São Félix até São Joaquim do Monte e Imagem do artista Caxiado.....	182
Figuras 23 – Memorial de Frei Damião, visita de Frei Fernando Rossi, Belo Jardim-PE.....	184
Figuras 24 – Cartazes da romaria e cavalgada 2018.....	185
Figura 25 – Projeto do Santuário de Frei Damião em Caruaru com imagem de 40 metros.....	187
Figura 26 – Cartaz da Festa de Frei Damião 2018. Ouricuri, PE.....	188

Figuras 27 – Projeto e obras do Memorial Frei Damião em São Miguel – RN.....	190
Figura 28 – Imagem de Frei Damião em Venha Ver – RN.....	191
Figuras 29 – Procissão e colocação da pedra fundamental, na primeira romaria de Frei Damião, em Taquaritinga do Norte, PE.....	193
Figura 30 – Governador de Alagoas, Renan Calheiros Filho (no centro), e o prefeito de Palmeira dos Índios, Júlio César, cumprimentam romeiros em Canafístula – AL.....	202
Figura 31 – Capelão Pastor (IECLB) panambiense, Elio Eugenio Muller, tenente coronel do Exército, subchefe do SAREX, ladeado por duas freiras, no velório de Frei Damião.....	237
Figura 32 – Folha de cânticos da missa de corpo presente, no Estádio do Arruda.....	241
Figura 33 – Manchete do Jornal do Brasil do dia 30 de maio de 1997.....	242
Figura 34 – Revista Manchete.....	244
Figura 35 – Selo em homenagem a Frei Damião, lançado em 27 de outubro de 2008.....	245

Sumário

Resumo.....	04
Abstract.....	05
Lista de figuras.....	06
Sumário.....	08
Introdução.....	11
I. A ORDEM CAPUCHINHA E FREI DAMIÃO DE BOZZANO: ASPECTOS HISTÓRICOS.....	23
1.1. Uma nova Ordem na Igreja: Os Franciscanos.....	24
1.2. A Reforma Capuchinha.....	29
1.3. Os Capuchinhos no Brasil.....	31
1.3.1. O Brasil e a Igreja, na década de 1930, novas configurações para a missão.....	36
1.3.2. A expansão dos Capuchinhos no Nordeste do Brasil, a partir de 1930.....	38
1.4. Basílica da Penha, marco referencial para os missionários capuchinhos do Nordeste.....	40
1.4.1. Um Zimbório como marca capuchinha no Recife.....	41
1.5. O nascimento da Província Capuchinha do Nordeste.....	44
1.5.1. Obras e ações dos Capuchinhos no Brasil.....	47
1.6. Metodologia das Missões Capuchinhas no Nordeste.....	49
1.7. Pio Gianotti: traços biográficos de Frei Damião de Bozzano.....	54
1.7.1. A Itália do tempo de Frei Damião.....	55
1.7.2. Infância e ingresso na vida religiosa capuchinha.....	57
1.7.3. Frei Damião no Brasil: breve itinerário de residências e funções.....	60
II. AÇÃO E REPRESENTAÇÕES MISSIONÁRIAS DE FREI DAMIÃO DE BOZZANO NO NORDESTE DO BRASIL.....	64
2.1. Os primeiros anos no Brasil.....	64
2.1.1. A primeira missão no Brasil: Gravatá-PE.....	66
2.2. Um corpo franzino, um modo de falar diferente: biotipo de santo.....	67
2.3. O método das Santas Missões de Frei Damião.....	73
2.3.1. O roteiro das santas Missões, um tempo de festa.....	74
2.3.2. O Caminho do Céu.....	78
2.3.3. Em Defesa da Fé, um manual da fé Católica.....	82
2.3.4. Defesa da fé católica, acusação aos protestantes.....	84

2.4. Ações e discursos: o missionário coerente.....	87
2.4.1. O sermão, a forma clássica de seu discurso e a coesão doutrinal.....	89
2.4.2. O Conteúdo do seu discurso ou do seu sermão.....	95
2.5. Aspectos Tridentinos em Frei Damião de Bozzano.....	100
2.5.1. Frei Damião, um missionário de imagens e representações tridentinas.....	102
2.5.2. Discurso Tridentino de Frei Damião.....	104
2.6. Localização e Itinerário das missões de Frei Damião de Bozzano, no Nordeste Brasileiro (1931 a 1997)	111
2.6.1. Nordeste, territorialidade, simbolismos e sacralidade.....	113
2.6.2. Itinerário das missões a partir de anotações e livros de tombo.....	115
2.6.3. A última residência de Frei Damião.....	125
III. UM CONFESSOR E CONSELHEIRO, RECONHECIDO COMO SANTO PELO POVO, E OS SEUS IMPASSES COM A RELIGIÃO PÓS- CONCILIAR.....	128
3.1. Frei Damião, Confessor e Conselheiro.....	128
3.1.1. Frei Damião, Confessor Tridentino?.....	134
3.2. Frei Damião, o último Conselheiro dos pobres do Nordeste.....	141
3.2.1. Na trilha dos conselheiros: Padre Ibiapina, Beato Antônio Conselheiro e Padre Cícero.....	144
3.2.2. O último dos Conselheiro dos Pobres do Nordeste, Padrinho Frei Damião.....	150
3.2.3. Os Conselhos de Frei Damião.....	156
3.2.4. Frei Damião na Literatura de Cordel.....	159
3.3. Santuários e imagens, elementos da romaria e da iconografia.....	167
3.3.1. Romarias, santuários e locais de peregrinação e devoção.....	168
3.4. Controvérsias em torno de Frei Damião: Os impasses entre a religião oficial e o catolicismo popular.....	193
3.4.1. Tradicional x Libertadora: Teologias em conflito.....	194
3.4.2. Tensões e conflitos de poder político e religioso, em torno da figura carismática de Frei Damião de Bozzano.....	196
IV. A CONSTRUÇÃO DE UM TAUMATURGO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE FREI DAMIÃO.....	203
4.1. Um referencial teórico: a Escola dos <i>Annales</i>	203
4.2. Frei Damião: elemento de reconhecimento na Memória de Longa Duração.....	207
4.2.1. Elo nordestino de ligação memorável.....	211
4.2.2. Interpretações populares: memórias no discurso dos romeiros.....	213

4.3. A última internação, a morte, o funeral e o processo de canonização.....	221
4.3.1. Representações do adoecimento de Frei Damião.....	222
4.3.2. Representações da morte de Frei Damião.....	228
4.3.3. A força do catolicismo popular e a mediação da morte do santo.....	233
4.3.4. O processo de canonização: Frei Damião e a santidade canônica.....	241
4.3.5. Perpetuação da memória de Frei Damião em uma perspectiva das Ciências da Religião	250
4.4. O Santo Taumaturgo.....	253
4.4.1. A Taumaturgia na fonte cristã.....	254
4.4.2. Os Reis Taumaturgos: leitura a partir da escola dos <i>Annales</i>	257
4.4.3. O toque em Frei Damião: elementos de taumaturgia.....	260
4.4.4. As especialidades taumatúrgicas de Frei Damião	270
Considerações finais	275
Referências	283
Anexos	295

Introdução

Frei Damião de Bozzano, a princípio, parece fácil situá-lo. Mas, ao mesmo tempo, é complexo identificar a sua existência, ação e a religiosidade que gira em torno de si. Com essa tese, nosso objetivo é identificar, a partir dos devotos, registros e memórias que estruturam as narrativas que os levam a reconhecer Frei Damião de Bozzano como um santo¹ taumaturgo².

A pesquisa, sobre a pessoa e a religiosidade de Frei Damião de Bozzano, é fruto de uma aproximação pessoal com os frades capuchinhos, desde nossa infância. Ao ouvir que Frei Damião encontrava-se no convento dos capuchinhos de Caruaru, próximo à nossa casa, corríamos para tomar a sua bênção, no meio de uma aglomeração de vizinhos do convento, que percebiam, na figura envelhecida e encurvada do missionário, sinais do sagrado.

Ingressando na Província Capuchinha do Nordeste, em 1991, experiência que se estendeu até o ano de 1998, tivemos a possibilidade de uma maior inserção na vida missionária, bem como uma aproximação fraterna com aquele que, outrora, povoou nosso imaginário infantil e tornou-se irmão da mesma ordem religiosa. Na convivência, percebemos que Frei Damião tinha muito do “matuto nordestino”. Seu passo apressado, na caminhada penitencial, nas madrugadas, tornou-se um ícone de sua autenticidade, na junção da fé tridentina e do contato com o povo simples e apressado do Nordeste.

Do período de sua convalescência, até sua morte, nós, frades brasileiros, pudemos nos aproximar, ainda mais, de Frei Damião e de seu companheiro de missões, Frei Fernando Rossi³. Testemunhamos o momento de sua morte, naquele quarto do Hospital Português, onde também se encontravam, além do Médico Blancard Torres⁴, D. José Cardoso Sobrinho (então Arcebispo de Olinda e Recife-PE), D. Paulo Cardoso (então bispo de Petrolina-PE), Frei Luís Vieira da Silva (à época, Ministro Provincial dos Capuchinhos do Nordeste), Frei Rinaldo

¹ Ao usarmos a expressão “santo”, nesta tese, assumimos o discurso dos romeiros que, ainda quando Frei Damião estava em vida, assim o reconheciam e, ainda que, até a defesa dessa tese, não seja canonizado oficialmente pela Igreja, permanecem assim o concebendo.

² Taumaturgo. [Do grego *thaumatourgós*.] Adj.s.m. Que ou aquele que faz milagres. Taumaturgia: Do grego *θαύμα*, *thaûma*, milagre ou maravilha e *έργον*, *érgon*, trabalho. É a capacidade realizar milagres. Entre os mais famosos taumaturgos cristãos estão São Gregório Taumaturgo, Santo Antônio de Lisboa e São Nicolau de Mira. A palavra *Teurgia* é grega e provém de *theoi*, deuses, e *ergon*, obra, significando obra divina ou obra de Deus (FERREIRA, 2004, p.1922).

³ Frei Fernando Rossi, natural de Massa, na Itália. Foi coroinha de Frei Damião aos 10 anos, em 1928. Em 1947, ao chegar ao Brasil, Frei Fernando reencontrou Frei Damião e acompanhou-o nos seus últimos 50 anos de vida. Era seu companheiro de missões e secretário particular. Frei Fernando não figura como objeto de estudo de nossa pesquisa. Sobre a sua pessoa, Gildson Oliveira (1997) dedica um tópico de sua obra (OLIVEIRA, 1997 p. 47).

⁴ Médico pneumologista que acompanhou Frei Damião por muitos anos. Escreveu o livro “O santo e o médico”, que usamos como referência nesta tese.

Pereira dos Santos (posteriormente, vice-postulador da Causa de Beatificação de Frei Damião). Naquele dia 31 de maio de 1997, às 19h30, contemplamos o trânsito⁵ de um santo taumaturgo, assim canonizado pelo povo católico, ainda em vida. Estivemos conscientes de que vivemos uma importante página da história do povo do Nordeste e de sua religiosidade tão característica. Pudemos acompanhar e organizar os funerais, de repercussão nacional, e toda a romaria, nos dias e meses seguintes, no Convento de São Félix⁶, no primeiro ano de sua morte.

Frei Damião, nascido em 1898, na cidade de Bozzano, na Itália, foi batizado com o nome de Pio Gianotti. Filho de uma família católica, muito simples, ingressou na Ordem Capuchinha, aos 12 anos, no Seminário Seráfico de Camigliano, onde fez seus estudos regulares. Em maio de 1914, aos 16 anos, ingressou no noviciado, no Convento de Vila Basílica. Após um ano, terminado o noviciado canônico, emitiu os votos de obediência, pobreza e castidade. Em 1921, fez os votos perpétuos e iniciou seus estudos teológicos, completando-os em Roma. Frei Damião foi ordenado presbítero, no dia 05 de agosto de 1923, na Igreja de São Lourenço de Bríndisi, em Roma, pelo Cardeal Basilio Pompili (GOMES, 2013, p. 12). O curso, em Roma, habilitou-o com a titulação de doutoramento, atestado pela Universidade Gregoriana.

Aos 28 de maio de 1931, partindo do porto de Gênova, em uma viagem de 20 dias, Frei Damião de Bozzano atracou no porto do Recife. Instalou-se, inicialmente, na Basílica da Penha. Após alguns meses, partiu, em missão, pelos sertões, para onde, gradualmente, fez seu êxodo, por 66 anos ininterruptos. Ausente das estruturas conventuais, passou a conviver no meio do povo do Nordeste, por “dias a fio”, sem retornar ao claustro. Identificando-se com o sertão, sem, ao mesmo tempo, perder de vista o impulso missionário e a fidelidade à sua formação tridentina, tornou-se um ícone religioso para o povo católico. Interpretado por artistas, seguido por devotos e pajeado por políticos, tornou-se um ícone ao ponto de nem as censuras eclesiais, nem a debilidade do seu corpo, nem o uso de sua imagem, por políticos, impedirem que ingressasse na memória popular.

Um recorte territorial e geográfico, na nossa pesquisa, foi de suma importância, visto que a missão de Frei Damião de Bozzano deu-se na região, conhecida na linguagem eclesial católica como Nordeste II, que compreende os estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte. Nos anos 1930, ainda não havia essa subdivisão de regionais

⁵ Expressão usada pelos franciscanos para designar a morte como passagem para a vida eterna.

⁶ Situado no bairro do Pina, Recife, PE. É uma Casa de Formação para pós-noviços de Filosofia e Teologia dos Capuchinhos do Nordeste. Há duas capelas, agregadas ao convento: uma dedicada a São Félix de Cantalice e a outra a Nossa Senhora das Graças. Nesta última, encontra-se o túmulo de Frei Damião de Bozzano, para onde acorrem milhares de pessoas, durante todo o ano. Todos os domingos, o convento torna-se local de romarias advindas dos vários Estados do Nordeste (PRONEB 2015).

na Igreja Católica do Brasil. Essas subdivisões só se deram depois do surgimento da CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no ano de 1952. Esse território geográfico que, também compreende a Província Capuchinha de Nossa Senhora da Penha do Nordeste, foi, portanto, o espaço sagrado geográfico onde, por mais de 60 anos, o missionário Damião viveu e fez a gestão de sua obra missionária.

Segundo Durval Júnior, “O Nordeste, assim como o Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido” (ALBUQUERQUE JR, 2009, p. 307). Nessa pesquisa, compreendemos o Nordeste, na perspectiva do autor acima citado, que defende que a conceituação de Nordeste, como a temos hoje, dá-se pela metade do século XX, substituindo a antiga divisão do país entre Norte e Sul. No seu entendimento, uma região funda-se da memória, da saudade e da tradição. Desse modo, o Nordeste não seria uma entidade natural, que sempre existiu e que, em um determinado momento, com algumas condições, passou a ser assim concebido. Pelo contrário, sendo uma região que, nos anos 1930, buscou impor-se perante o Sudeste, que despontava cultural e financeiramente, mediante a falência de sua oligarquia agrária local, teve, no Movimento Tradicionalista do Recife, com sua visão saudosista e pela produção de intelectuais, como Gilberto Freyre, além de artistas, a constituição de um espaço de negação, em relação ao Sul, o que foi formando uma geografia da região, chamada Nordeste. “O Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos, que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste (ALBUQUERQUE JR, 2009, p. 307). Nessa perspectiva, vamos usar a expressão “nordeste”, mesmo em períodos históricos diferentes, tendo em vista que, geograficamente, a prática missionária de Frei Damião deu-se, especificamente, na região que, hoje, compreende-se como Nordeste.

Gil Filho, sobre a questão do território e da análise de elementos da religião afirma:

A apreensão do território, como categoria privilegiada de análise da religião, encerra a possibilidade de uma conexão pertinente entre as estruturas dos sistemas simbólicos e as estruturas do sistema territorial; o território é o objeto, restrição do espaço; o sistema territorial, a lógica desse conjunto estrutural e a territorialidade, o atributo de determinado fato social onde o poder é imanente (GIL FILHO, 1999, p. 116).

Na busca de compreender Frei Damião, em uma expressão religiosa própria, a partir da bibliografia relacionada ao tema, fizemos entrevistas semiestruturadas, para investigar, entre os frades que conviveram com Frei Damião, em especial, o último vice-provincial, quando os capuchinhos do Nordeste ainda estavam ligados à província de Lucca, na Itália, hoje bispo

emérito de Nazaré da Mata, em Pernambuco, D. Frei Severino Batista de França; Frei José Maria, que era o último frade Italiano vivo, no início de nossa pesquisa, e que faleceu em agosto de 2016; Frei Jociel Gomes, vice postulador da Causa de Beatificação e Canonização; Pe Antonio Maria, sacerdote e cantor, que teve bastante proximidade a Frei Damião, sendo um dos responsáveis pela presença do capuchinho no estado de São Paulo e com leigos devotos. Os romeiros ofereceram-nos subsídios para a compreensão da sua fama de taumaturgo, a partir dos milagres atribuídos ao religioso. Essas informações possibilitaram-nos construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado, de modo que os discursos dos ministros da Igreja e o discurso dos devotos foram determinantes, ainda que com representações próprias de cada agente e de cada grupo.

Adotamos entrevistas semiestruturadas, que possibilitaram uma maior abertura, por parte dos entrevistados, de modo que ofereceram mais subsídios, contribuindo com o objetivo do trabalho. À medida que os depoimentos foram levantados, as informações foram organizadas, sempre a partir do referencial da pesquisa. Encontramos padrões simbólicos, práticas e sistemas classificatórios, categorias de análise da realidade e visões de mundo do universo em questão, a tal ponto que a recorrência atingiu o que se convencionou chamar de “ponto de saturação”, quando demos por finalizado o trabalho de campo (DUARTE, 2002).

A nossa pesquisa esteve ancorada em uma ampla bibliografia e, em documentos. Buscamos compreender: Como se deu o processo de reconhecimento, por parte dos fiéis católicos, de Frei Damião como santo taumaturgo? Qual o papel da ação tridentina da Igreja e do catolicismo popular, na construção da santidade e da taumaturgia de Frei Damião? Quais foram as variáveis que determinaram, em uma perspectiva do romeiro, a eleição de Frei Damião como padrinho e confessor? De que modo a presença de Frei Damião, na Ordem Capuchinha, contribuiu na formação de sua imagem de santo para o povo? Até que ponto Frei Damião faz parte da memória do povo católico do Nordeste?

Prandi (1999, p. 05) sustenta que “nunca como hoje a religião foi objeto de tantos estudos, por parte das mais variadas disciplinas”. No seu entendimento, teria a emergência de novos métodos de pesquisa, aplicados à religião, possibilitando a especialização dos estudos, nos mais variados campos das ciências, cujo enfoque estaria na observação do *homo religiosus*.

Nesse sentido, a recente produção científica, fruto do interesse pela religiosidade, no Nordeste, tem se ampliado lentamente. A partir do final dos anos 1970, passou-se a escrever, mais especificamente, sobre a religiosidade em torno de Frei Damião de Bozzano, o que nos possibilitou a construção desse trabalho. Entre as pesquisas, que encontramos, destacamos a

dissertação de mestrado, em Ciências da Religião, de João Éverton Cruz (2010), pela PUC Minas, intitulada, “Frei Damião: a figura do conselheiro no catolicismo popular do nordeste brasileiro”, na qual apresenta Frei Damião na esteira dos conselheiros do Nordeste. No ano de 2006, Mário Marangon defendeu uma dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em História, da Universidade Federal de Pernambuco, com o título “Frei Damião: diversidades e identidades culturais”, analisando a comunicação de Frei Damião e os seus seguidores e devotos; Lêda Cristina Correia da Silva, em dissertação de Mestrado, também em História, pela UFPE, escreveu sobre as “Práticas e representações hagiográficas: a devoção a Frei Damião de Bozzano”, em 2009, cuja centralidade está na devoção a Frei Damião, no Santuário onde se encontra sepultado, no Convento de São Félix, no bairro do Pina, no Recife. Na mesma linha, José Honório das Flores Filho fez sua dissertação de Mestrado sobre o “Santuário de Frei Damião, a fé na modernidade e tradições católicas”, no brejo paraibano, apresentada ao programa de Ciências da Religião da UFPB, em 2012, buscando compreender a devoção a Frei Damião, no Santuário de Guarabira, na Paraíba.

O capuchinho italiano, Frei Gianfranco Lazzari, em 2002, defendeu tese de Doutorado em Teologia, na Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, com o título “*Padre Damiano, un apostolo del vangelo, Il Padre Pio del Brasile*”, onde buscou enfatizar a prática missionária de Frei Damião e compreender, a partir dessa prática, a relação dos fiéis com o Capuchinho. Também, em Roma, no ano de 1976, na Pontifícia Universidade São Tomás de Aquino, o Angelicum, o Monsenhor Assis Rocha, da Arquidiocese de Natal, dissertou, em seu Mestrado, sobre “O Fenômeno Frei Damião na Religiosidade Popular do Nordeste do Brasil.”

Uma das obras de maior densidade, que encontramos, foi o livro intitulado “Frei Damião e os Impasses da Religião Popular”, de Abdalaziz de Moura, que contém estudos feitos por alunos do Instituto de Teologia do Recife (ITER), em 1971, sobre a religiosidade popular, tendo como destaque a figura do missionário Frei Damião e sua influência junto ao povo do Nordeste brasileiro. Ainda utilizamos, de Gutemberg Costa, “Profetas do Nordeste” e a “A presença de Frei Damião na Literatura de Cordel” (antologia). Em 1997, Gildson Oliveira publicou “Frei Damião: o santo das missões”, obra de cunho jornalístico, que busca apresentar uma breve biografia de Frei Damião. Sob o calor do evento da morte do Capuchinho, encontramos a obra de Mário Souto Maior, em 1998, publicada pela Massangana: “Frei Damião: um santo?”

O médico Blancard Torres, que acompanhou, por vários anos, Frei Damião, como médico particular, escreveu o livro “Frei Damião: o Santo e o Médico”, onde busca apresentar, a partir de sua posição de médico, o encontro com o homem que define como santo.

Na Universidade Católica de Pernambuco, destacamos o trabalho de mestrado de Nadjairo Francisco Chaves: “Turismo religioso, romarias e festas de Frei Damião, no Nordeste Brasileiro.” No curso de Especialização, em História, também na UNICAP, Luciana Vidal Cristo de Lima intitulou “Frei Damião na religiosidade Popular”, como trabalho final de sua especialização, em História Regional do Brasil: Nordeste.

O atual Vice-Postulador da causa de Beatificação e Canonização de Frei Damião de Bozzano, Frei Jociel Gomes OFMCap, publicou, em 2013, o livro “Frei Damião, Apóstolo do Nordeste: traços biográficos”, e organizou, em 2015, a obra “Frei Damião de Bozzano, um apóstolo do Nordeste”. Esse livro traz textos de D. Eugênio Sales, Eduardo Hoornaert, Leonardo Boff, Homero Homem de Siqueira, dentre outros escritores, que se têm interessado pela figura carismática de Frei Damião.

Distribuído em quatro capítulos, esse trabalho foi concebido da seguinte forma:

No primeiro capítulo, intitulado De Francisco de Assis aos capuchinhos no Nordeste do Brasil: aspectos históricos, apresentamos a Ordem dos Frades Menores, fundada por Francisco de Assis, em um movimento de Reforma Interna da Igreja, chamado de Movimentos Mendicantes. Frente à opulência do poder papal e do contratemunho da hierarquia, Francisco de Assis faz uma verdadeira revolução na maneira de viver a fé, em sua época, por meio dos conselhos evangélicos na tríade: *paupertas, humilitas e simplicitas* (KUNG, 2002 p.133). De sua inspiração original, ramificam-se três braços da Ordem, sendo o último deles a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, a partir da inspiração de Mateus de Bascio, no século XVI. No século seguinte, esses religiosos capuchinhos aportam, no Brasil, por Pernambuco, e, daí em diante, constroem uma história de alianças e impasses com a coroa e os governos nacionais. Nesse capítulo, autores, como Hans Kung (2002) e Roland Frohlich (1987), ofereceram as bases históricas para nossa leitura, além dos próprios documentos da Ordem, como os escritos de São Francisco e as Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos.

Sobre a atuação dos Capuchinhos, no Brasil, aportamos nas reflexões de Eduardo Hoornaert (2008), Riolando Azzi, João Fagundes Hauck (2008), Paulo Suess (1979) e Frei José Carlos Zagonel (2001), que sustentam que o Recife tornou-se um ponto de partida para as missões capuchinhas do Nordeste, tendo, mais especificamente, o Convento e a Basílica da

Penha como ponto de partida e hospício de repouso para os religiosos missionários. Surgiram impasses, desde a chegada dos frades franceses, passando pelos napolitanos e Luqueses até que a Ordem resolvesse constituir uma província autônoma, no Nordeste brasileiro, no ano de 1983. Ainda nesse capítulo apreciamos de forma global como se constituem os capuchinhos atualmente no Brasil, em número de províncias, de religiosos e de obras missionárias.

Partindo das concepções de Catolicismo Popular, de Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira (1985), com suas matrizes indígena, africana e católica europeia, ao mesmo tempo, percebemos o papel da Igreja institucional no movimento de tridentinização do Brasil, cujo papel dos Capuchinhos se sobressaiu como aliados do papa. Carmelo Conte Guglia (1992) ofereceu subsídios para a compreensão das missões católicas, de forma geral, e os escritos de Hoornaert (2008), José Comblin (1967), Kasburg (2015) e Châtelier (1967) deram as bases de sustentação para o reconhecimento de uma linha pastoral capuchinha, cuja tônica sempre esteve nas visitas, alinhada com o projeto de tridentinização de Roma. Os referidos autores são uníssomos em estacar “o fascínio que a população sentia por aqueles apóstolos do Evangelho” (KARSBURG, 2015, p. 56).

Findamos o primeiro capítulo, na perspectiva historiográfica, apresentando traços biográficos de Frei Damião de Bozzano, como pertencente à Ordem Capuchinha e um fiel propagador da doutrina tridentina. Documentos da Província do Nordeste do Brasil, cartas pessoais de Frei Damião, Bibliografia de Gildson Oliveira (1997), Frei Jociel Gomes (2013) ofereceram subsídios para o conhecimento da biografia do religioso, além do reconhecimento do itinerário de suas residências, nos 66 anos de vida no Brasil.

O Capítulo II tem, como título, Ação e representações missionárias de Frei Damião de Bozzano no Nordeste do Brasil. Neste capítulo, primeiramente, elencamos, de forma cronológica, a chegada de Frei Damião ao Brasil. Com a contribuição bibliográfica histórica de José Tadeu Arantes (2017) e Riolando Azzi (1977), situamos as questões políticas, sociais e econômicas do Brasil de 1930. Em seguida, apresentamos a atração que o biotipo de Frei Damião despertou no povo, desde a sua chegada, como continuador dos religiosos barbados, de hábito marrom e sandálias nos pés, dos quais o povo nordestino guardou a memória, desde o século XVII, quando os primeiros aportaram e enveredaram sertão adentro, com suas místicas, seus cantos, seus sotaques e suas presenças, nos mais distantes lugares do Nordeste. Para essa leitura, o testemunho do povo, em entrevistas, e a literatura de cordel foram determinantes para o reconhecimento da memória popular, pelos fiéis, em relação ao Capuchinho, reconhecido como portador de dons sobrenaturais.

O método das missões de Frei Damião, com uma semana de intensos trabalhos de escuta, de aconselhamento, de procissões, de missas, de visitas a presos, a enfermos, encontros específicos com crianças, com idosos, com homens e mulheres, as caminhadas da penitência, pela madrugada, sucedeu-se, ano após ano, comunidade após comunidade. Assim narrativas de Abdalazis de Moura (1978) e do próprio povo compõem um tópico do capítulo que é seguido de uma referência sobre duas obras importantíssimas no estudo da religiosidade em torno de Frei Damião: a cartilha “Caminho do Céu” e o livro “Em Defesa da Fé”. A primeira, um livreto devocional, constando orações, músicas e verbetes catequéticos sobre a fé católica; o segundo, um livro mais robusto, escrito por Frei Damião, em 1953, que traz toda a teologia por ele estudada. No seu livro, de forma apologética, apresenta as bases da fé católica, como a única autêntica, e combate o que chama de erros pregados e vividos pelos espíritas e protestantes.

Uma análise do discurso de Frei Damião, nos seus escritos e em algumas pregações, foi feita, a partir de Citelli (2007), com a conceituação de imperativos aos quais denomina “sintagmas cristalizados”, ou seja, estereótipos e chavões que encontramos em suas pregações e escritos. Dos seus discursos, os devotos reconhecem representações e símbolos que, , legitima a ordem estabelecida, mantém a ordem simbólica e contribui, diretamente, para a ordem política. Como pano de fundo da sua pregação, está a concepção tridentina de mundo, e o famoso livro “Missão Abreviada”, do Padre português Manoel José Gonçalves Couto, cuja primeira edição é de 1859, com suas concepções de morte, de céu, de inferno e de purgatório, o papel dos Sacramentos e de Maria para a salvação das almas; elementos reconhecidos, no discurso do Frei, e repetidos pelos seus devotos. Do especialista em eclesiologia, Rufino Velasco (1995), em uma perspectiva histórica crítica, embasamos as conceituações de termos, como Tridentino, Reforma e Contrarreforma, para compreendermos a filiação de Frei Damião com seus discursos e práticas à linha oficial da Igreja pré-concílio Vaticano II. O livro, “Em Defesa da Fé”, e discursos gravados e transcritos do religioso foram analisados em uma perspectiva crítica, ancorada em reflexões já ensaiadas por Abdalazis Moura (1978).

O Nordeste, sua territorialidade, seus simbolismos e sua sacralidade foram interpretados na perspectiva das sistematizações simbólicas duradouras, poderosas e penetrantes, como conceitua Geertz (1989), além da apreensão da territorialidade, com suas “conexões pertinentes entre as estruturas dos sistemas simbólicos e as estruturas do sistema territorial” (GIL FILHO, 1999), e a concepção do "pequeno mundo privado de cada um [que] não se justapõe àquele de todos os outros, mas é por ele envolvido, colhido dele, constituindo todos juntos" (MERLEAU-PONTY, 2005). Assim, por meio de documentos conservados nos

arquivos da Província de Nossa Senhora da Penha, do Nordeste do Brasil, livros de tomo e arquivos da Província de Lucca, aos quais tivemos acesso, por meio do Frei Jociel Gomes, apresentamos um itinerário das missões de Frei Damião pelo Nordeste, reconhecendo que, no que concerne aos estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, em toda a sua extensão, de norte a sul, de leste a oeste, nas grandes e pequenas cidades, nos povoados e lugarejos, Frei Damião, pelo menos, passou alguma vez, se não para permanecer, como percurso para suas missões. Para corroborar essa peregrinação, as cartas trocadas com a família atestam, de próprio punho, o percurso minucioso de suas andanças Nordeste afora.

O capítulo encerra-se com a permanência de Frei Damião no Convento de São Félix, em pleno Recife, onde o religioso passa seus últimos dias de vida, sendo visitado pelos romeiros. Um local que, após sua morte, será seu mausoléu e ponto de peregrinação para os devotos.

As Histórias e memórias de um confessor e conselheiro, reconhecido como santo pelo povo e os seus impasses com a religião pós-conciliar, dá título ao terceiro capítulo. Certamente, uma das características mais tangíveis, na ação missionária de Frei Damião de Bozzano, foi o seu incansável zelo em atender às pessoas que o procuravam para o Sacramento da Penitência. A sua formação, de bases tridentinas, aponta caminhos de interpretação dessa sua característica. A partir do conhecimento das bases do Sacramento da Confissão, na Igreja Católica, nas suas perspectivas bíblica, doutrinal e pastoral, assimiladas no manual de Dogmática de Schneider (2000), certamente, dos mais críticos, na atualidade, e de leituras, como textos de Maria de Lurdes Fernandes (2005), que abordam, desde o manual de confessores ao guia de penitentes, com as orientações e caminhos da confissão, no Portugal pós-Trento, até as concepções do Concílio Vaticano II. À compreensão fez-se necessária a incursão nas Constituições Eclesiásticas do Brasil de 1915, no Código de Direito Canônico e em documentos da Igreja e da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Desse modo, compreendemos como as nuances tridentinas do Damião confessor e os traços do conselheiro, aos moldes dos seus antecessores, como Antonio Conselheiro, Padre Ibiapina e Padre Cícero, entrecruzam-se. Para ilustrar, de forma significativa, encontramos no discurso dos romeiros, nos seus depoimentos, povoados de recordações e de fé, e no trabalho dissertativo de João Éverton Cruz, a possibilidade de um reconhecimento concreto das alcunhas proferidas pelo povo. A exposição e interpretação dos “10 Conselhos de Frei Damião” e a sua importância na Literatura de Cordel, tendo J Borges, Crispim Café da Silva, João Fernandes de Oliveira, Adolfo Paulino, dentre outros cordelistas e, especialmente, Gutembergue Costa, com

a obra “Frei Damião na Literatura de Cordel” (1998), que recolheu e interpretou os mais diversos folhetos nos quais figurava, como personagem central, Frei Damião de Bozzano.

Ainda, no capítulo terceiro, buscamos reconhecer os espaços concretos de encontro do romeiro devoto com o seu padrinho, nos dias atuais. Nos Santuários e nas grandes imagens construídas, em diversas cidades do Nordeste, e que se tornaram elementos de devoção e propagação da fé em Frei Damião, buscamos perceber, através do importante elemento devocional, que são as romarias, o percurso, o itinerário e a topografia dessa devoção. Para esse tópico, fizemos pesquisa de campo, visitando os principais santuários de Frei Damião, tais como Guarabira, São Joaquim do Monte, Caruaru, Recife, entre outros, para compreender as peculiaridades e as aproximações entre eles. Por fim, os embates teológicos e pastorais entre dois modelos de igreja, que persistem no Nordeste: um mais tradicional e devocional, um outro mais progressista e crítico, diante das devoções a Frei Damião, celeumas já vivenciadas, quando o religioso ainda estava vivo.

A última parte do trabalho tem como título A construção de um taumaturgo: histórias e memórias de Frei Damião. Neste capítulo, entramos no cerne da nossa tese. Partimos da questão: quem foi Frei Damião? Quais os elementos da taumaturgia em Frei Damião, que reconhecemos a partir do discurso dos romeiros, em uma perspectiva da Escola dos *Annales*, das mentalidades e das memórias?

Segundo José D’Assunção Barros, os historiadores têm empregado três ordens de tratamento metodológico, na sua ânsia de captar os modos coletivos de pensar as mentalidades.

- (1) a abordagem serial;
- (2) a eleição de um recorte privilegiado que funcione como lugar de projeção das atitudes coletivas (uma aldeia, uma prática cultural, uma vida), ou, finalmente;
- (3) uma abordagem extensiva de fontes de naturezas diversas (BARROS, 2007, p. 15).

Aportamos na categoria de memória de longa duração, elegendo um recorte privilegiado que, cremos, projeta uma atitude coletiva, como já afirmamos, a devoção a Frei Damião e a sua eleição como santo taumaturgo. Tendo, como aporte teórico autores, como: Marc Bloch (2018), Lucien Febvre (1950), Fernand Braudel (1969), Jacques Le Goff (1980; 2201; 22003), Peter Burke (1992), Maurice Halbwachs (1990; 2006), Alexander Romanovich Luria (1999), dentre outros, em uma perspectiva histórica, para além da que conta a história das grandes figuras políticas e dos grandes centros. As narrativas, sob a forma de registros orais ou escritos, como elementos de história oral e narrativa, compostas de tempo, de memória e de identidades, e que caracterizam o movimento tão peculiar à arte de contar e de traduzir, em

palavras, as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo, foram interpretadas sob o paradigma de um catolicismo sertanejo, transmitido de geração em geração. Assim conceitos, como memória de longa duração, memória social, registros, codificações, reproduções por evocações, aproximações psíquicas e sociais foram usados para interpretar os discursos dos romeiros e compreender a questão da taumaturgia, dos milagres, na perspectiva do romeiro e a sua confluência, com essa capacidade de fazer santos (WOODWARD 1992), que é a Igreja. Procuramos perceber Frei Damião, ainda, partir do seu reconhecimento, por parte do povo, como santo, usando uma imagem bastante emblemática, que é a do toque curativo, que o credenciou, como figura pública, para ser elemento de discussão, de estudo, de politização partidária, de culto e de memória. Nesse contexto, “Os Reis Taumaturgos” de Marc Bloch (2018), com a questão do toque régio e seus desdobramentos sociais, psicológicos, econômicos e religiosos possibilitaram-nos interpretar o significado do toque do romeiro em Frei Damião e a força do toque de Frei Damião no romeiro, cuja proximidade física tornou-se um dos elementos de conquista dos devotos.

O processo de adoecimento e morte de Frei Damião e as interpretações dos vários atores da sociedade, como a Igreja, os políticos, a mídia e, especialmente, os fiéis, ressignificando os fatos de suas vidas, no encontro com a vida do padrinho santo, a trama histórica e memorável da mitificação e santificação do Capuchinho Missionário do Nordeste. Nessa perspectiva, Trigueiro contribuiu na percepção de que “nas interrelações das mensagens midiáticas, os agentes sociais são sujeitos atuantes nas organizações locais, [...] atuam quase sempre como animadores culturais e ocupam espaços organizacionais” (TRIGUEIRO, 2006, p. 03).

Percebemos o quanto esses atores agem nos procedimentos de assimilação dos conteúdos veiculados pela mídia e interagem como mediadores na produção e emissão dos significados e sentidos para o contexto cultural local. Então, especialmente na sua morte, pelo significado, pelos gestos e pelas palavras registrados pela mídia e propagados para o Brasil e para o mundo, repercutiram mais que as imagens e os sons. A partir da concepção de Beltrão (1971), viu-se um verdadeiro propagar de folkcomunicação, que misturou o fato gerado pela mídia e os interesses mais diversos, como políticos e econômicos, mas que passou, impreterivelmente, pelo povo com toda sua maneira folclórica de enxergar o mundo, como agentes sociais locais, produtores da cultura popular. Os discursos e gestos do povo, reinterpretados por Leonardo Boff (1997), Eduardo Hoornaert (1997), em um universo em que o mundo social foi exposto pela televisão, satisfazendo a sede e os interesses religiosos do povo

com todo o simbolismo agregado. Assim a midiaticização da morte é interpretada a partir da interpretação dos gestos e ritos (PARKER, 1996), o que desemboca, automaticamente, na busca de compreender os interesses institucionais da Ordem Capuchinha, por meio da Província do Nordeste e do apelo popular pela sua canonização.

Por fim, procurando responder às questões da memória e a sua relação com a taumaturgia, partimos da tradição taumatúrgica cristã, onde João Luís Correia Júnior (2012), com a interpretação da taumaturgia em Cristo, como sinal da chegada do Reino de Deus, e Francisco Alvarez (2013) ofereceram pistas interpretativas da taumaturgia cristã, em uma concepção da saúde e da salvação. Nesse ponto, as curas das escrófulas, na idade média, por parte dos reis taumaturgos (BLOCH, 2018), ofereceram respaldo interpretativo para o reconhecimento da taumaturgia e toda a sua importância para a interpretação nas perspectivas de Jung (1964) e Maurice Halbwachs (2006), percebendo como as lembranças pessoais, sendo guiadas e constituídas pelos referenciais coletivos, possibilitam construções sociais, como a que estudamos, caso em que um religioso italiano dos anos 1930 a 1997, circunscreveu-se e inseriu-se na memória do povo como santo e taumaturgo.

I. A ORDEM CAPUCHINHA E FREI DAMIÃO DE BOZZANO: ASPECTOS HISTÓRICOS

Muitos escreveram, a partir da hagiografia ou da historiografia, a vida de Francisco de Assis, ao longo dos quase 800 anos da sua morte. Desde os escritos de Tomás de Celano e de São Boaventura, os primeiros a escrever sobre a vida do santo, outras biografias e escritos sucederam-se até os dias de hoje. François Dosse afirma que “escrevem-se sem cessar as mesmas vidas, realçam-se as mesmas figuras, pois lacunas documentais, novas perguntas e esclarecimentos novos surgem a todo instante” (DOSSE, 2009, p. 11). O exercício do aprofundamento e conhecimento de novos vértices de uma mesma vida ou de uma instituição pode, e deve, receber novas interpretações, para a sua função na sociedade.

Do mesmo modo, historiadores renomados, em todo o mundo, como Jacques Le Goff, registraram os grandes frutos institucionais que germinaram da intuição de Francisco: as Ordens Masculinas, os Frades Menores Observantes, os Capuchinhos, os Conventuais e a Ordem das Clarissas. Some-se, a esse patrimônio institucional, a chamada Terceira Ordem Regular,⁷ que congrega os inúmeros institutos masculinos e femininos de consagrados e consagradas, que se multiplicaram por todos os continentes; para os que estavam fora dos conventos, agregava-se a essa numerosa família a Ordem Franciscana Secular, que congregava leigos e leigas, ligados ao carisma franciscano, inseridos na vida laical.

O presente capítulo não deseja oferecer uma nova biografia de São Francisco de Assis, pois “o trabalho do biógrafo é, muitas vezes, identificado ao labor do beneditino, a tal ponto o biógrafo precisa consagrar a sua própria existência a esclarecer a vida de um estranho” (DOSSE, 2009, p. 13); muito menos deseja apresentar elementos inéditos da construção da herança religiosa, herdada de Francisco, nos ramos que brotaram do seu sonho. Tem, sim, por intuito, apresentar as bases que fundamentaram a opção de um jovem italiano, Pio Gianotti, da cidade de Bozzano, na Itália, cujo ideal de vida, como a de muitos outros, encontrou solidez nos passos do *poverello* de Assis. Assim a inspiração de Francisco, a institucionalização da Ordem Franciscana, as bifurcações nessa mesma Ordem, a expansão do carisma, através das missões intercontinentais, o jogo de disputas políticas, dentro e fora da Igreja Católica, nesse

⁷ Terceira Ordem Regular (TOR) – Surge num contexto de uma avidez de vida evangélica, por parte de algumas fraternidades Terceiras, em especial, no Norte da Europa, com epicentro em Utrequena, Holanda, à qual se seguiram outras na Bélgica (1413), em Colônia (1427) e, depois, na Espanha (1442). Neste seguimento de acontecimentos, vamos encontrar alguns irmãos da Ordem Terceira Secular que começam a levar um estilo de vida muito semelhante à dos frades da Primeira Ordem, vivendo em comunidades masculinas (Recoletos) e femininas (Recolhimentos), acabando por formar outro ramo na família franciscana, a Terceira Ordem Regular ou em latim, *Tertius Ordo Regularis* (TOR) (VIEIRA CHAVES, 2012, p. 27).

período específico, as concessões e ardis, entre o Estado e a Igreja, vivenciados ao longo dos séculos, foram dando lastro e fundamento, para que pudéssemos contemplar, em última análise, o quadro atual da religiosidade, vivenciada no Catolicismo Popular do Nordeste, em cujo solo a memória do missionário franciscano capuchinho, Frei Damião de Bozzano, permanece viva.

Nesse aspecto, buscaremos compreender a figura de um dos filhos espirituais de Francisco de Assis, que recebeu o nome batismal de Pio Gianotti e, sob o onomástico⁸ de Damião de Bozzano, professou votos de obediência, pobreza e castidade, na Ordem Capuchinha. Reconhecendo a história do período que compôs sua partida para o Brasil, sua presença no Nordeste, compreendendo o processo de inserção da Ordem Capuchinha nessa região, apropriando-nos dos trâmites institucionais e das determinações da Igreja e das províncias capuchinhas, envolvidas nas definições e envio dos missionários, compreendendo as características da missão capuchinha e apropriando-nos da biografia de Frei Damião de Bozzano, buscaremos firmar os fundamentos, para compreender, mais à frente, o que levou Frei Damião a ser reconhecido pelo povo como Santo Taumaturgo.

1.1. Uma Nova Ordem na Igreja: Os Franciscanos

O surgimento das Ordens Mendicantes, no século XIII, tornou-se bastante significativo para a história da Igreja medieval, por ser um período no qual as investidas consolidaram-se; externamente, a Igreja apresentava-se poderosa, mas, internamente, encontrava-se enfraquecida, pelo fato do surgimento de algumas heresias e pelo vertiginoso aumento da concentração urbana. Desde o ano mil, em muitas regiões da Europa, o número de habitantes estava crescendo e, em alguns casos, chegando a dobrar (LE GOFF, 2001, p. 23). Agrupados em aldeias, como em Assis, que se concentravam em um alto monte, em volta da

⁸ Segundo o dicionário Aurélio, onomástica é o “estudo e a investigação da etimologia, transformações, morfologia, etc., dos nomes próprios de pessoas e lugares” (FERREIRA, 2004, p. 1440). A partir da tradição judaico-cristã, a pessoa recebe um nome novo ao auferir, de Deus, uma nova missão. Assim Abrão torna-se Abraão, Isaac passa a ser Israel e tantos outros personagens bíblicos têm seu nome mudado em vista da vida nova na fé. Ainda, em nossos dias, os papas perdem o nome de batismo e passam a ser chamados com um novo nome, sempre em relação a um santo da Igreja. É o caso de Karol Wojti, que passa a ser chamado com o onomástico de João Paulo; Joseph Ratzinger, que passa a ser Bento e Jorge Bergoglio, que assume o onomástico de Francisco. Até o Concílio Vaticano II, essa tradição estendia-se a todas as Ordens Religiosas da Igreja. Apenas a vida monástica ainda sustenta essa tradição, em tempos hodiernos. O atual Catecismo da Igreja Católica, de 1992, promulgado por João Paulo II, assegura que: “No batismo o cristão recebe o seu nome na Igreja. Os pais, os padrinhos e o pároco cuidarão que lhe seja dado um nome cristão. O patrocínio de um santo oferece um modelo de caridade e garante a sua oração” (CIC § 2165).

Igreja e do castelo. Nesse movimento de urbanização, a cidade passava a ter uma significativa força econômica, política e cultural.

No interior da Igreja, o período caracterizou-se como reformador. Desde a reforma gregoriana⁹ do século anterior, até o século XIII, diante da evolução do mundo, a Igreja foi forçada a adaptar-se às mudanças fora dela. O crescimento da população gerou novas necessidades. Segundo Jacques Le Goff (2001, p. 23), “era preciso alimentar material e espiritualmente esse povo”. Nesse contexto, Inocêncio III, que era tido como um papa excepcional, inaugurou o século, tornando-se, também, um papa icônico, pelo sinal representativo da força exterior da Igreja.

É um período em que a aposta de conflito das investidas – eleição dos bispos, sem influência nenhuma do imperador, é plenamente ganha; a ameaça, que pesava sobre a liberdade do papa, em razão dos laços da Sicília com o império alemão, termina com a morte do último dos Hohenstaufen. O perigo da heresia também é afastado; a inquisição torna difíceis novos protestos ou concentrações (FROHLICH, 1997, p. 99).

É nesse panorama que vemos surgir duas Ordens¹⁰ Religiosas, os Dominicanos e os Franciscanos. Segundo Frei Pablo Thai-Hop OP (1993), Domingos de Gusmão, nascido em Caleruega, na Espanha, no ano de 1170, iniciou sua pregação no sul da França, especialmente contra o ensino dos Cátaros¹¹; fundou a Ordem dos Pregadores, em Tolosa, *Ordo Praedicatorum*. Passou a pregar o Evangelho e viver junto dos pobres. Homem culto, foi convidado, pelo bispo Fulco de Toulouse, a participar do Concílio de Latrão, onde, por sua influência, levou a Igreja a sentir a necessidade de intensificar a pregação ao povo cristão. Em 1216, a Ordem dos Pregadores foi reconhecida pela Igreja. No dia 06 de agosto de 1221, morreu, em Bolonha, na Itália, deixando uma imensa árvore de vários ramos religiosos, como os frades, as monjas contemplativas, as fraternidades leigas dominicanas, as irmãs dominicanas e tantos outros seguidores do carisma, que se atualizaram, em especial, na pregação, no ensino e na opção pelo serviço aos pobres.

⁹ O começo do segundo milênio da Igreja assinala o início de uma mudança histórica muito profunda na estruturação da Igreja e na consciência que a Igreja tem de si mesma, isto é, na eclesiologia [...]. O poder espiritual que a Igreja representa se coloca acima de qualquer outro poder, muito acima do poder temporal, representado por reis e imperadores, e com isso se assenta as bases que fazem da Igreja o maior poder do Ocidente (VELASCO, 1996, p. 53).

¹⁰ “Nome clássico dado a um instituto religioso que se desenvolveu institucionalmente no âmbito da emergência do monaquismo cristão no período protomedieval” (FRANCO, 2010, p. 27).

¹¹ Segundo Bernardo Guido, Cátaros ou purificados: Considerados herdeiros do maniqueísmo, professavam a existência de duas forças criadoras, Deus e o diabo, o bem e o mal. Negavam a encarnação de Jesus, a morte e a ressurreição, e que tudo isso teria acontecido de maneira figurada. Eram tidos como heréticos (COMBY, 1993, p.162).

Francisco, nascido em Assis, na Itália, no ano de 1181, filho de um rico comerciante de tecidos, escolheu uma vida de extrema pobreza e de pregação itinerante, depois de um acontecimento, no outono de 1205, que balizou a sua vida. O filho de Pedro de Bernardone e Pica Bourlemont, diante do crucifixo de São Damião, ainda jovem, aos 24 anos, teve um encontro que marcou a sua vida e a história da Igreja Católica. Tendo ouvido, segundo seu próprio testemunho, o crucificado pedir-lhe para reconstruir a Igreja, não mais seguiu o caminho de festas e bebedeiras cotidianos. Assim relatou um dos seus primeiros biógrafos:

Francisco saiu um dia da cidade para meditar. Ao passar pela Igreja de São Damião, que estava prestes a ruir de tão velha, sentiu-se atraído a entrar e rezar. De joelhos, diante do crucificado, sentiu-se confortado imensamente em seu espírito, e seus olhos encheram-se de lágrimas, ao contemplar a cruz. Subitamente, ouviu uma voz que vinha da cruz e lhe falou por três vezes: “Francisco, vai e restaura a minha casa. Vês que ela está em ruínas” [...] e ele delirando caiu em êxtase. Por fim voltou a si e tratou de pôr em execução a ordem recebida (BOA VENTURA, LM 2,1).

Esse encontro com o crucifixo, uma doença prolongada, que o acometeu, e a escuta do trecho do Evangelho que diz “Não leveis bolsa, nem mochila, nem calçado [...] O Reino de Deus está próximo” (Lucas 10, 3-9), foram determinantes para que Francisco tomasse a atitude de abandonar tudo e afirmar: “É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer de todo o meu coração” (I CEL, 8,22). Em um período em que as cidades fortificadas tinham, em suas muralhas, uma barreira de proteção contra os leprosos, cuja enfermidade, sem cura e contaminante, apavorava as recém-aglomeradas populações urbanas, Francisco, ainda nesse seu itinerário interior, teve a determinante experiência do encontro com um leproso. O fato desse encontro ficou tão marcado que Francisco deixou em seu testamento:

Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: como estivesse em pecado, parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles e eu tive misericórdia com eles. E enquanto me retirava deles, justamente o que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo. E depois disto demorei só bem pouco e abandonei o mundo (BOA VENTURA, LM 15,9).

Depois do encontro com o leproso, que, segundo seu próprio relato, foi determinante para a sua mudança, passou a viver pobre com os pobres, abandonando o luxo da casa paterna, abraçou um novo estilo de vida sob a tríade: *paupertas*, *humilitas* e *simplicitas*:

Paupertas, pobreza: uma vida absolutamente desprovida de posses, não só para o membro individual da irmandade (como nas Ordens anteriores), mas também para a comunidade como um todo. Dinheiro, edifícios eclesiais e a busca de privilégios romanos eram proibidos. Os irmãos deviam trabalhar duro no campo: só deviam mendigar em uma urgência. Então Francisco não queria uma ordem mendicante.

Humilitas, humildade: uma vida que renunciava ao poder e à influência, chegando a formas extremas de auto-negação e mortificação, paciência em todas as situações e um estado de espírito básico de alegria que poderia suportar até insultos, opróbrio e infortúnios.

Simplicitas, simplicidade: o discipulado de Cristo com grande simplicidade em tudo que era feito. Aqui o conhecimento e a erudição nada mais eram que obstáculos. Em vez disso, devia haver um novo relacionamento com a criação, como expresso sobretudo no Cântico do irmão sol: uma nova relação com animais, plantas e fenômenos inanimados da natureza – todas as criaturas vivas eram irmãos e irmãs (KUNG, 2002, p. 133).

Francisco e seus 11 primeiros companheiros, foram *fraters minores*, irmãos menores, e viveram a partir desses pontos que se tornaram fundamentais na sua vida pessoal e na vida comunitária. Daí em diante, travou uma luta interna na Igreja, sempre no desejo de que o seu projeto de vida fosse reconhecido pela hierarquia.

Ainda em vida, viu o número de seus companheiros crescer, a ponto de necessitar pedir à Igreja autorização para viver os conselhos evangélicos. A humildade converteu-se no voto de obediência, em especial, à Igreja instituição. Escolheu, na obediência, encontrar a vontade de Deus. Por isso esperou a confirmação do Papa que, ao mesmo tempo, de forma sagaz, viu em Francisco e em seu carisma um aliado para sustentação da Igreja em declínio. Para Hans Kung, se por um lado Francisco desejava, obedientemente, a autorização da Igreja para sua jornada, por outro lado, a Igreja passava a ver, em Francisco, a grande alternativa de revitalização do poder eclesial. Dada essa importância de Francisco para o momento da Igreja, tornou-se estratégico o encontro do jovem de Assis com o Papa.

Em 1209, seis anos antes do Concílio de Latrão, aconteceu uma reunião, verdadeiramente histórica, entre Francisco de Assis e Inocêncio III: o *poverello*, o pobrezinho, e o soberano único. Aqui a grande alternativa para o sistema romano tomou forma na pessoa de Giovanni di Bernardone, o nome dado ao nascer ao filho despreocupado e mundano de um rico mercador de tecidos de Assis (KUNG, 2002, p. 132).

No seu itinerário vocacional, Francisco passou a pregar, com seus companheiros, nas cidades e aldeias da Úmbria, na Itália central. Sugeriu que os religiosos sempre saíssem pelas estradas, dois a dois, como os apóstolos (Marcos 6,7). No ano seguinte àquele encontro com Inocêncio III, a Igreja confirmou Francisco e seus companheiros na maneira de viver que escolheram e autorizou-os a pregar¹². Um de seus biógrafos, Tomás de Celano (I. 30,8), afirmou que “O santo vestiu a dalmática, porque era diácono, e cantou com voz sonora o santo

¹² O direito de pregar, até então, estava reservado aos clérigos e vetado aos leigos.

Evangelho”¹³. Certamente, o desejo da diaconia expressava, em Francisco, a necessidade de pregar o Evangelho sem restrições canônicas.

No Domingo de Ramos de 1212, Clara Sciffi¹⁴, uma bela jovem da nobreza de Assis, juntamente com sua irmã Inês, optaram pela mesma vida de pobreza. Fugindo de casa, dirigiram-se à Porciúncula¹⁵, onde, naquela noite, como sinal de despojamento e de adesão a uma nova forma de vida, tiveram seus cabelos cortados por Francisco. O fato da fuga de Clara mexeu com a Assis Urbana (BARTOLI, 1998, p. 58-61). O Movimento Franciscano ampliou-se, e as perseguições e desafios acentuaram-se na mesma proporção da adesão dos jovens.

Entre 1217 e 1218, Francisco entregou o governo da Ordem dos Frades Menores ao Frei Pedro Cattani que, logo em seguida, morreu e foi sucedido por Frei Elias de Cortona (LE GOFF, 2011, p. 82). Mais livre, para dedicar-se à vida itinerante, o próprio Francisco sempre teria um companheiro nas suas peregrinações, que chegaram até o mundo islâmico. No desejo de converter os muçulmanos, embarcou em Ancona, no dia 24 de junho de 1219, para Damietta, no Egito, onde assistiu à luta sangrenta dos cruzados, e buscou, de forma proativa, a paz. “Obtém, após uma audiência com o Sultão Al-Kamil, a autorização de pregar em território muçulmano. Regressou à Itália em 1220” (FROHLICH, 2005, p. 101).

No ano de 1223, o Papa Honório II aprovou solenemente a regra da *Ordo Fratrum Minorum* – OFM. Em 03 de outubro de 1226, depois de terminar o seu Cântico do Irmão Sol, Francisco morreu, junto da Porciúncula. Segundo Harnack, foi “o monge mais inflamado de amor e mais digno de ser amado” (*apud* FROHLICH, 2005, p. 100). Apenas dois anos depois, a 16 de julho de 1228, foi canonizado como santo da Igreja Católica.

Até os dias atuais, Francisco de Assis é um dos nomes mais conhecidos e respeitados mundialmente. A cidade de Assis é um lugar de peregrinação para milhares de católicos e não católicos. A devoção, por parte dos fiéis, e os templos, consagrados ao seu nome, são incontáveis. A Revista Time, em 1999, fez uma pesquisa entre seus leitores, para saber qual

¹³ Vestimenta litúrgica própria do diácono, ministro ordenado no primeiro grau, para o serviço do altar, da caridade e a pregação do Evangelho.

¹⁴ Clara nasceu a 1194, na casa paterna da praça São Rufino, em Assis. Filha mais velha de Hortolona e de Favarone Bernardino [...]. Em 18 de março de 1212, Domingo de Ramos, Clara sai de casa e se consagra a Deus na Porciúncula. No dia 19, vai para o mosteiro de São Paulo das Abadessas [...]. Entre 4 e 5 de abril do mesmo ano Inês, irmã de Clara junta-se a ela. Pouco depois, Francisco leva-as para São Damião [...]. Em seguida dá a primeira forma de vida para as irmãs [...]. Possivelmente escreve seu testamento em 1247 [...]. Aos 10 de agosto de 1253 a sua regra de Vida é aprovada pelo Papa Inocêncio IV e é levada a Clara em seu leito de morte. No dia 11 de agosto de 1253, Clara morre. (PEDROSO, 1994, p. 231-237).

¹⁵ Pequena igreja restaurada por São Francisco, fora dos muros de Assis, numa região chamada Santa Maria dos Anjos. Nos dias atuais há uma basílica sobreposta à pequena capela onde Francisco morreu cercado por seus confrades.

seria a personalidade mais marcante e mais importante do milênio que terminava. Uma lista de grandes nomes das ciências, das artes, da política, da economia e de tantos outros setores da sociedade elencaram a seleta lista, com nomes como os de Albert Einstein, Wolfgang Amadeus Mozart, Thomas Jefferson, Galileu Galilei, dentre outros. Em primeiro lugar, foi eleito São Francisco de Assis, o que demonstra a sua importância para a história geral e a atualidade de sua cosmovisão (BERMEJO, 2014, p. 22).

1.2. A Reforma Capuchinha

O poder papal tornou-se o centro de onde se pronunciaram reformas mais abrangentes na vida cristã medieval. Havia, ainda, à sua disposição, “a Universidade de Paris, que se tornou o centro da Escolástica, na qual o instrumento de conceitos de Aristóteles [...] era utilizado para o aprofundamento e para a sistematização da fé. Os dominicanos e franciscanos forneceram os pensadores mais eminentes” (KUNG, 2002 p. 151). O século XVI, todavia, esteve fortemente marcado por reformas. No que tange à Ordem Franciscana, entre as tensões próprias do seu crescimento e institucionalização, em 1517, no mesmo ano em que Lutero publicou as 95 teses, em Wittenberg, a Ordem Franciscana foi dividida em Ordem dos Frades Menores Conventuais (OFMConv) e Ordem dos Frades Menores ou Observantes (OFM), sob a bula de Leão X, *Ite vos*. Sob a inspiração do Frei Matteo de Bascio e, nesse mesmo período de efervescência da reforma das ordens religiosas, surgiu um novo ramo, em 1525. No anseio de retornar às fontes da vida franciscana, desde o modo mais simples de vestir-se com um hábito de capuz pequeno, na opção pela pobreza e pela vida missionária, aconteceu, também, a Reforma Capuchinha. A Ordem dos Frades Menores Capuchinhos¹⁶ (OFMCap) foi aprovada pelo Papa Clemente VII, em 1528, mediante a bula *Religionis zelus*. Em 1529, esse novo ramo franciscano redigiu suas primeiras Normas de Vida, conhecidas como Constituições de Albacina, que foram aperfeiçoadas em 1536, com as novas Constituições de Santa Eufêmia.¹⁷

Os Capuchinhos tornaram-se conhecidos e espalharam-se pela Europa, zelando por sua comunhão com o Papa, por uma vida austera e por uma atividade missionária, à luz do célebre Concílio de Trento (1545-1563). Os Frades Capuchinhos, por índole e finalidade da Ordem, abraçaram o retorno ao modo de vida primitivo de Francisco de Assis, na oração

¹⁶ O nome “capuchinhos” refere-se à forma do longo capuz do hábito; no começo teria sido apenas um apelido, depois teria passado a ser o nome oficial da Ordem (CAMBIASCA, 1963, p. 22-25).

¹⁷ Conferência dos Capuchinhos do Brasil. História da Ordem Capuchinha. Disponível em: <<https://www.capuchinhos.org.br/institucional/historia>>. Acesso: 11 nov. 2018.

contemplativa e na ação missionária. De acordo com Chatêlier (1995, p. 22): “O verdadeiro missionário, segundo a regra capuchinha, devia assim consagrar a maior parte de seu tempo à meditação, no silêncio, no retiro e no despojamento e, depois, quando a isso era de novo impellido pelo espírito impetuoso, descer da montanha para falar ao povo”.

Sempre fiel ao Papa, a Ordem destacou-se na vida missionária da Europa e, em seguida, nas missões, a partir da *Propaganda Fide*¹⁸. Já nos séculos XVI e XVII, adentrou no meio das massas populares, de modo especial, nesses seus primeiros séculos, cuidando do povo, por conta das pestes próprias da época. Desde seu nascedouro, a ação dos capuchinhos destacou-se pelo seu caráter penitencial e popular da religiosidade católica.

Nos dias atuais, quase 500 anos de sua fundação, as últimas Constituições dos Frades Menores Capuchinhos, cujo decreto data de 1986, carregaram, em si, as marcas do tempo e da história percorrida e, ao mesmo tempo, atualizaram, à luz do Concílio Vaticano II, o modo de vida dos religiosos a elas pertencentes.

Como Irmãos Menores Capuchinhos, devemos conhecer a índole e a finalidade de nossa Fraternidade, para que nossa vida, devidamente ajustada aos tempos, inspire-se na sã tradição de nossos irmãos. Em primeiro lugar, devemos imitá-los na volta à inspiração primitiva, isto é, à vida e Regra de nosso Pai São Francisco, mediante a conversão do coração, de modo que nossa Ordem possa renovar-se constantemente. Seguindo seus passos, procuremos reservar a melhor parte à vida de oração, principalmente contemplativa, cultivar a pobreza radical, tanto pessoal como comunitária, juntamente com o espírito de minoridade, e também apresentar austeridade de vida e alegre penitência, no amor da cruz do Senhor, esforçando-nos para que, à luz dos sinais dos tempos, sejam descobertas novas formas de levar essa nossa vida, com a aprovação dos legítimos superiores. Praticando, entre nós mesmos, a espontaneidade fraterna, vivamos alegremente no meio dos pobres, dos fracos e dos enfermos, partilhando sua vida e mantendo nossa abertura característica em relação ao povo. Promovamos o dinamismo apostólico, que deve ser cumprido em espírito de serviço, nas suas várias formas e, antes de tudo, por meio da evangelização (CONSTITUIÇÕES, n. 04, p. 27).

Segundo levantamento estatístico, de dezembro de 2016,¹⁹ a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos conta com mais de 90 bispos, servindo à Igreja, e quase 7.000 padres. Espalhados em 1564 casas e conventos pelo mundo, a Ordem Capuchinha conta com 10.180 frades, sendo 8.650 de votos perpétuos, 1.530 de votos simples e 363 noviços. Os dados de dezembro de 2016 demonstram que os religiosos estão em todos os continentes e, atualmente, estão distribuídos da seguinte forma: Europa central tem 7% dos capuchinhos; 31% está no

¹⁸ Em 1622 Gregório XV funda uma congregação de cardeais para a propagação da fé (*Congregatio de Propaganda Fide*) à qual são subordinados todos os países de missão católica. (FROHLICH, 1987, p.135).

¹⁹ *Ordo Fratrum Minorum Capuccinorum: Elementa Statistica*. Status die 31 Decembris 2016. Disponível em: <<https://www.ofmcap.org/pt/cappuccini/statistica/statistica-2016>>. Acesso: 04 Jul. 2018.

Leste Europeu; a América do Norte tem 6% dos religiosos; na América latina, estão 16 %; a Ásia tem 25%, enquanto, na África, encontram-se 25%. Como se vê, os grandes celeiros vocacionais da Ordem, atualmente, localizam-se no Leste Europeu, seguido da Ásia. A América Latina figura no quarto lugar, em vocações.

1.3. Os Capuchinhos no Brasil

A presença capuchinha, no Brasil, assentou suas bases no Nordeste. Por mais que tenham se espalhado por todo o território nacional, o primeiro solo, onde desembarcaram os religiosos, de barbas longas e hábito com capuz, foi o escaldante Nordeste. As questões políticas, econômicas, sociais, culturais e religiosas receberam, da ação desses religiosos, uma inegável contribuição para a construção do país. São inúmeras as cidades e vilas fundadas pelos capuchinhos.

Uma pesquisa ampla, certamente, apontaria muitos caminhos de interpretação da ação dos Capuchinhos no Brasil. Nossa pesquisa enseja perceber, apenas no recorte do espaço geográfico que, hoje, conhecemos como Nordeste, a ação desses religiosos, já que nosso objeto de estudo é a interpretação dos romeiros diante do capuchinho Santo Taumaturgo que, de hábito marrom e sandália nos pés, percorreu, especificamente, a região Nordeste do Brasil e ficou conhecido como o Padrinho Frei Damião.

Assim voltamos à época colonial que, segundo Eduardo Hoornaert, não é apenas um “período da História do Brasil, mas, antes, uma estrutura que pode sofrer transformações, sem deixar de permanecer, basicamente, idêntica a si mesma” (HOORNAERT, 2008, p. 21). Dessa forma, toda a ação missionária, a autocompreensão desses missionários, seus percursos, as figuras que se destacaram, os movimentos e ciclos, desde o litoral até os sertões, com seus ermitões e peregrinos, desfilam como elementos que devem ser, a cada dia, aprofundados e interpretados, à luz das ciências.

Hoornaert apresenta, dentre os institutos religiosos a exercer suas atividades missionárias, no século XVII, os Capuchinhos, notadamente franceses, cujo apostolado iniciou-se no Maranhão, no período de 1612 a 1614, dedicando-se à catequese dos índios. Esse trabalho, nos aldeamentos, perdurou até a sua expulsão do Brasil.

Os capuchinhos franceses instalaram-se, primeiramente, no Maranhão, em 1612, vindos com a expedição de Daniel de La Touche, Senhor de Revardière. A princípio, desembarcaram, no estado, quatro capuchinhos: Frei Ivo Ereux, Frei Cláudio de Abbeville, Frei Ambrósio de Amiens e Frei Arsênio de Paris

os quais, em 12 de agosto, celebraram a primeira missa, na ilha de São Luís. Posteriormente, chegaram mais dez confrades. Eles ajudaram a construir a capital, São Luís, e, depois de três anos, toda a Ordem foi expulsa, devido ao rompimento das relações diplomáticas entre Portugal e França (HOORNAERT, 2008, p. 217).

Um segundo grupo de capuchinhos desembarcou, no Brasil, mais precisamente, por Pernambuco. Segundo Hoornaert, o processo de chegada deu-se sob coação, já que os mesmos navegavam rumo à Guiné, na África, e foram aprisionados pelos holandeses, que eram calvinistas:

Em 1642, alguns capuchinhos franceses, prisioneiros dos holandeses, foram trazidos a Pernambuco. Em Olinda, começaram a desenvolver suas atividades apostólicas, e, em 1653, estabeleceram-se também no Rio de Janeiro, com a anuência do governo português. Após 1670, expandiram muito sua obra pelo Nordeste, especialmente no Rio Grande do Norte, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia (HOORNAERT, 2008, p. 217).

Zagonel (2001, p. 190) garante que uma carta de Luís XIII, ao Conde Maurício de Nassau, abriu as portas para essa missão dos capuchinhos que se estabeleceram, a princípio, em Olinda, na Igreja do Carmo. Aos poucos, Olinda foi perdendo sua hegemonia política, e o Recife passou a assumir os ares de futura capital de Pernambuco. Maurício de Nassau enriqueceu a cidade com pontes, monumentos e edifícios, além de construir orfanatos e hospitais, e ainda deu liberdade aos judeus e católicos. Gozando de prestígio, pelos seus feitos, também era admirado pelos frades. Sobre ele, afirmou Frei Colombino de Nantes: “Só lhe falta a luz da fé para ser um homem perfeito” (ZAGONEL, 2001, p.189). Com a revogação da lei de 1620, que proibia a entrada de religiosos estrangeiros nas possessões portuguesas, no ano de 1652, os capuchinhos transferiram-se de Olinda para Recife, onde ficaram sob a proteção de Nassau.

Os frades franceses não chegaram a desenvolver um trabalho vocacional o que, no entendimento de Hoornaert (2008, p. 217), “parece que consideravam o Brasil como terra de missão. Alguns missionários voltavam para a França após alguns anos de trabalho, e eram substituídos por outros grupos franceses”. Sobre esse trânsito de franceses, atesta Regni (1988, p. 47): “No dia 14 de janeiro de 1642, chegaram à Capitania de Pernambuco três capuchinhos franceses: Fr. Colombino de Nantes, Fr. Jorge de Combourg e o irmão não-clérigo, Fr. Bonicio de Quimper [...] Em 1657, chegaram os freis Gabriel de Sérent e João Batista de La Croisic”.

Após a saída dos Holandeses, os capuchinhos franceses intensificaram suas atividades missionárias, só que, naquele momento, de forma mais sistemática, entre os índios. A essa ação deve-se o esforço particular do Frei Martinho de Nantes, um dos missionários enviados pela *Propaganda Fide*, para dirigir as missões no Rio São Francisco, em um trabalho

reconhecido em meio aos índios. Assim Hoornaert (2008, p. 65) assevera que foi constituído, no Brasil, um vice-prefeito apostólico que respondia em nome da Europa. A partir de 1670, sob essa configuração institucional, os capuchinhos conseguiram fazer os seus primeiros aldeamentos em Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará. Esses frades franceses foram expulsos do Brasil, quando as relações diplomáticas entre Portugal e França foram rompidas, no ano de 1698.

Em 1710, ainda sob a tutela da *Propaganda Fide*, desembarcaram, em Pernambuco, os primeiros frades italianos, provindos da Província de Nápoles. Esses, como missionários apostólicos, estavam ligados diretamente ao Papa o que, até certo ponto, os distanciava do sistema colonial. Dedicaram-se, especialmente, às missões populares, de modo especial, nos sertões. Juntamente com os Franciscanos Menores, foram missionários de grandes regiões do país: “Os capuchinhos iniciaram o seu trabalho na Bahia, em 1705. Três anos depois, instalaram-se em Pernambuco. Em 1721, fundaram o convento do Rio de Janeiro. Já, em 1725, Pernambuco passa a ser considerada uma Prefeitura Religiosa Brasileira, e, em 1738, também o Rio de Janeiro” (HOORNAERT, 2008, p. 221).

Os capuchinhos, que haviam sido desmembrados, em 1723, da Bahia, tornando-se, em 1725, Prefeitura Apostólica de Pernambuco, assumiram a missão no interior do Nordeste.

Essa Prefeitura Apostólica de Pernambuco, abrangendo parte do Nordeste brasileiro, tinha como finalidade dar mais autonomia ao trabalho missionário, através do vice-prefeito apostólico e, aos poucos, ir libertando a Missão do regime do padroado régio, até então um certo obstáculo à liberdade de ação da Igreja no Novo Mundo (SOUSA NETO, 2011, p. 18).

Por volta de 1730, há registros da fundação de Missão no chamado Cariri Novo, no Crato, em Barbalha e Missão Velha, todas no Ceará (SOUSA NETO, 2011, p. 67). Foi nesse período que surgiram alguns nomes significativos para a expansão da missão e o trabalho com o povo. Foi o caso de Frei Carlos José de Spezia que, por 40 anos, pregou no interior e deixou vários manuscritos de sua missão ambulante. Por anos a fio, tornaram-se missionários itinerantes, pacificaram as comunidades do interior e, por meio dos sacramentos, como o Matrimônio, pregaram a defesa da família e da condenação do amásio.

Em 1882, um ex-missionário, no Brasil, escrevia na *Annali-Francescani*, de Milão, Itália, que as missões tinham duas vertentes: os frades, que partiram para os lugares distantes, para atender aos índios, e os que ficavam para as missões de cidades e vilas habitadas por gente católica (ZAGONEL, 2001, p. 34).

Um grande nome, dentre os capuchinhos desse momento, é o Frei Caetano de Messina. Comissário Geral das Missões Capuchinhas, no Brasil, teve uma atuação significativa

na vida e formação do povo do Nordeste. Dentre as edificações que deixou estão açudes, cemitérios, igrejas, orfanatos, encanações e escolas. Em meio a suas obras mais destacadas está a fundação da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Bom Conselho, no ano de 1853. Essas religiosas dedicaram-se à criação de meninas órfãs e à educação de jovens moças. Gildson Oliveira, citando o Conselheiro Pires da Mota, que foi vice-presidente da Província de Pernambuco, afirma de Frei Caetano de Messina: “Só ele fez mais pela pacificação do interior de Pernambuco e Ceará do que poderia fazer um exército de 20 mil homens, com a devida circunstância de não ter derramado uma só gota de sangue” (OLIVEIRA, 1997, p. 34).

Mesmo com toda a ação evangelizadora, social e reconhecimento, por parte do povo, esses e tantos outros missionários capuchinhos foram acusados de enriquecimento, desobediência à Justiça e à Igreja local, adestramento dos índios para a guerra e a falta de comunicação e obediência à Corte. Tais acusações, juntamente com o alvará de 08 de maio de 1758, que acabava os aldeamentos, convertendo as missões em paróquias, decretaram, por assim dizer, a expulsão dos Capuchinhos. “No tempo de Pombal, em 1760, romperam-se as relações com a Santa Sé. O governo de Portugal usou de represálias que atingiram os religiosos capuchinhos italianos no Brasil. A maior parte dos capuchinhos foi expulsa do Brasil” (HOORNAERT, 2008, p. 221).

Nesse mesmo período há uma grande crise da vida religiosa no Brasil, causada pela oposição de Pombal aos religiosos em geral, especialmente aos jesuítas, cujo monopólio e estilo de educação não coadunavam com os ventos anticatólicos e iluministas da segunda metade do século XVIII. Ao mesmo tempo, a política de Portugal restringia cada vez a vida religiosa, por meio de leis e decretos, como numa luta de forças em vista do poderio econômico das ordens religiosas. Esse conjunto de fatores levou a um esvaziamento dos conventos que perdia religiosos de votos e já não recebia novas vocações. Acrescente-se a isso, o mundanismo, a ostentação, o relaxamento da disciplina e a busca de privilégios por parte das ordens religiosas o que gerava descrédito por parte do povo. Toda uma conjuntura na qual os capuchinhos estavam inseridos.

O ranço ‘anticlerical e antirreligioso’ do regente, Padre Diêgo Antônio Feijó, molestou também os Capuchinhos italianos, com o decreto de expulsão de Pernambuco e vetou a sagração episcopal de Frei José de Maceratta, capuchinho nomeado bispo de Cuiabá; admirável missionário, ‘pai dos índios’ e organizador da Igreja do Mato Grosso (ZAGONEL, 2001, p. 09).

Já em 02 de julho de 1824, durante a Confederação do Equador, “os Capuchinhos italianos encontraram a resistência do povo, que os confundia com agentes do governo, por serem estrangeiros” (ZAGONEL, 2001, p. 195). Situação que se agravou e, em 25 de agosto de

1824, sob o regime do Regente Feijó, os Capuchinhos, bem como os Beneditinos e Carmelitas, foram expulsos de Pernambuco. Desse modo, encerrava-se uma fase de 200 anos de Capuchinhos a embrenhar-se, na Missão, pelos mais recônditos lugares do Nordeste.

No século XIX, porém, começava a se estabelecer o binômio catequese e civilização, aceitando-se a tese de que a vida em sociedade (civilização) dependia da vivência religiosa (via catequese). No Brasil, esta mudança ocorreu, principalmente, após a ascensão de D. Pedro II à condição de Imperador, centralizando o poder na corte, em detrimento das províncias. É naquele contexto que se entende a vinda de missionários capuchinhos para o Brasil (GIRALDIN, 2002, p. 04).

Com a Proclamação da República Brasileira, em 1889, foi extinto o Comissariado Geral das Missões que, até então, distribuía os capuchinhos em território brasileiro. Quatro anos depois, foi instituída, pela Cúria Geral, a Secretaria das Missões Capuchinhas. “Essa Secretaria distribuiu, entre várias províncias da Ordem Capuchinha, na Europa, o imenso território brasileiro e coube à Província de Lucca, Itália, a missão no território de Pernambuco” (SOUSA NETO, 2011, p. 19). Aos 18 de dezembro de 1930, os religiosos luqueses chegaram ao Nordeste, para dar continuidade aos trabalhos desenvolvidos pelos seus antecessores; os napolitanos, cujo número escasso de quatro religiosos já não dava conta da manutenção dos conventos e, muito menos, da ação missionária, até então confiada aos mesmos. Documento dos arquivos da Província do Nordeste do Brasil atestou este fato:

N.B. Por decreto do Revmo. Definitório Geral da Ordem. No dia 02 de maio de 1931, a Missão de Pernambuco passou da província de Nápoles à província de Lucca. Portanto foi nomeado superior desta Missão O M. R. Fr. Félix de Olívola e tomou posse pelas mãos de Fr. Gregório de S. Marino, Superior na Bahia, delegado ad hoc, no dia 18 de junho de 1931, e conseguinte os poucos outros retiraram-se.²⁰

Segundo Lazzari (2003, p.156), no dia 30 de abril de 1930, Frei Félix de Olívola foi nomeado como superior da missão que estava sendo iniciada. “Chegando, aqui, tratou logo de aprender a língua portuguesa e contatar-se com as autoridades civis e religiosas, para consolidar com firmeza sua atividade missionária” (ZAGONEL, 2001, p. 196).

Seguida à vinda de Frei Félix de Olívola, no ano de 1931, chegaram ao Brasil os Freis Damião de Bozzano, Inácio de Carrara e Bento de Terrinca. Todos residindo no Convento da Penha, localizado no bairro de S. José, no Recife. Posteriormente, no ano de 1932, aportaram os Freis Antônio de Terrinca e Bartolomeu de Querceta. Com o retorno do Frei Inácio de Carrara à Itália, permaneceram seis religiosos na missão.

²⁰ Doc. 01. Mapa dos Missionários Capuchinhos desta Prefeitura – Documentos, p.22, f. 90. Arquivo Da PRONEB, OFMCap., Recife.

Esses seis primeiros Capuchinhos italianos tinham, diante de si, os estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte; uma extensão territorial maior que a Itália. Não havia estradas, a não ser os caminhos de barro; transportes, o lombo de animais. Clima tropical, sem ventiladores ou outros meios hodiernos e, com isso, podemos imaginar o peso do sacrifício suportado com coragem apostólica. Não obstante tudo isso, os Livros de Tombo registram uma atividade imensa na pregação de Missões populares, na substituição temporária de párocos, em retiros e desobrigas (ZAGONEL, 2001, p. 196).

Diante de toda a demanda que os Capuchinhos tinham em mãos, ainda se fazia necessário a agregação de mais religiosos, para dar conta da missão. Assim, em 1934, ajuntaram-se ao grupo dos seis primeiros, os Freis Teófilo de Virgoleta e Cipriano de Ponteccio. Entre 1935 e 1936, chegaram os Freis Roberto de Terrinca, Fidelis de Terrinca, Teodoro de Bargecchia e Otávio de Terrinca. Ao longo dos anos, ainda vieram os Freis Agatangelo de Cingoli; Egidio de Sarrok; Irineu, de Vinca; Jerônimo de Vinca; Jorge de Massa; Crispim de Massa; Bernardino de Virgoletta; Fernando Rossi, esse que auxiliou o Frei Damião até sua morte; Tito de Piegaio; Eduardo de Strettoia; Pedro de Arni; Joaquim de Massa Félix de Pomezzana; Gaudioso de Massa; Giocondo de Soliera; Paulo de Massa; José Maria del Gildice e André d'Alpe. O último desses frades a falecer, no Brasil, aos 07 de agosto de 2016, foi o Fr. José Maria del Gildice, cujo depoimento conseguimos nos seus últimos dias de vida e está inserido nesta tese.

1.3.1. O Brasil e a Igreja, na década de 1930, novas configurações para a missão

A década de 1930 foi marcada por um momento de reconfiguração no cenário nacional, caracterizado pela ordenação de uma identidade nacional, no Brasil. O Estado estava se aparelhando com órgãos federais, e aquela configuração agrária passava por uma urbanização e aumento da população. Interessante perceber que, no período de São Francisco de Assis, a experiência do *poverello* deu-se, justamente, em uma sociedade, “não mais como na antiguidade e na Idade Média, centros militares e administrativos, mas, antes de tudo, como núcleos econômicos, políticos e culturais” (LE GOFF, 2001, p. 25). O que nos leva a perceber que, no caso de Francisco de Assis e, naquele momento, no caso de Damião de Bozzano, existiu uma conjuntura social que possibilitou o fenômeno religioso de massa. Le Goff sustenta que, na Assis do século XIII, existem três setores em vias de “industrialização”: a construção, o curtume e o comércio de tecido, o que gera um “pré-proletariado manobrável”, sem defesa contra a subordinação do justo salário, tornando-se “um lugar de trocas que atrai ou suscita feiras e mercados alimentados pela retomada do comércio de longo e médio raio de ação, que

dá peso cada vez maior aos mercadores que dominam esse comércio” (LE GOFF, 2001, 25). No Nordeste dos anos 30, também, a característica de uma urbanização crescente, somada a uma crise nas indústrias açucareira, algodoeira e têxtil, aumentou o número de desempregados a vagar pelas ruas, gerando incertezas para a população diante de um Estado que rumava para novas configurações. A partir de 1930, com a ascensão do governo populista de Getúlio Vargas, o operariado brasileiro recebeu uma série de benefícios sociais. O Brasil estava sendo aberto para o capital estrangeiro e avançando do período rural para a industrialização e urbanização. O Governo de Getúlio Vargas delineou as diretrizes da modernização do Estado, amoldando as leis e a sociedade para esta nova fase e servindo de interveniente, apaziguador e controlador das lutas de classes.

A década de 1930 foi o ponto de partida para transformações do país, não apenas do ponto de vista político, mas também no que diz respeito às mudanças de estrutura da sociedade brasileira em todos os seus aspectos: crescimento populacional, urbanização, industrialização, evolução e democratização do ensino, melhoria do nível de vida, elevação da renda média do trabalhador e outros [...]. Entre 1930 e 1960 o Brasil passou por um processo de urbanização acelerada, ocasionando o deslocamento de grande contingente da população do campo para a cidade, geralmente para trabalhar na florescente indústria (AGGIO, 2002, p. 86).

Luís Werneck Vianna percebeu, nesse movimento, uma modernização conservadora, caracterizada pelo êxodo rural e pela explosão urbana.

A expansão da ordem burguesa e, com ela, seus personagens sociais da vida urbana, empresários, intelectuais, operários, os militares recrutados nas camadas médias cidadinas, vai tornar-se em caldo de cultura ideal para ativação do "fermento revolucionário" do liberalismo de que falava Florestan Fernandes, no contexto de uma sociedade ainda permeada pela ordem patrimonial [...]. As amplas demandas por modernização econômica e social são acolhidas por setores tradicionais das elites, sob a liderança dos estados de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul que, com o apoio de parte do tenentismo, das camadas médias e da vida popular, nos centros urbanos, iniciam, com a chamada Revolução de 1930, um novo andamento à revolução burguesa, já, agora, sob a chave clássica de uma modernização conservadora. Com o movimento político-militar de 1930, a Ibéria reconstrói-se, sem se desprender, contudo, das suas bases agrárias, de onde as elites tradicionais extraem recursos políticos e sociais para a sua conversão ao papel de elites modernas, vindo a dirigir o processo de industrialização [...]. Em sua nova configuração, a revolução passiva terá, como "fermento revolucionário", a questão social, a incorporação das massas urbanas ao mundo dos direitos e a modernização econômica como estratégia de criar novas oportunidades de vida para a grande maioria ainda retida, e sob relações de dependência pessoal, nos latifúndios (VIANNA, 1996).

Segundo Azzi (2008), nesse período, a hierarquia católica reafirmou seus princípios nos diversos setores da sociedade. Isso se deu, concretamente, com a ação da Igreja nas áreas

de assistência à saúde, na área da educação e da família, mas também com grupos específicos, como os indígenas, os negros e as mulheres. Houve uma busca de ressacralização da sociedade. Nesse momento, a relação da Igreja com a sociedade e a cosmovisão teológica da Igreja viveram, também, momentos de dificuldades.

1.3.2. A expansão dos Capuchinhos no Nordeste do Brasil, a partir de 1930

Os capuchinhos estão inseridos, nesse contexto de Brasil, dos anos 1930, onde a população, naquele período, segundo o IBGE, era de 30.838.201 de habitantes²¹. A expectativa de vida, segundo o Observatório sobre iniquidades de saúde²², era de 41,5 anos. O que, em comparação às décadas anteriores, já seria um progresso. O observatório afirma que, em 1800, a expectativa de vida no Brasil estaria nos 30 anos de idade. Desse modo, a população estava crescendo e os desafios aumentavam, inclusive para a Igreja. Esta configuração de um número expressivo de fiéis a ser atendido, diante da pequena quantidade de missionários, enviados pela Igreja Católica para as missões *ad gentes*, apresentou um quadro de carência que exigia, cada vez mais, a integração do clero religioso a serviço da Igreja local.

A quantidade de frades que chegara era insignificante perante o território a ser coberto para as atividades missionárias. Assim, como na fase napolitana, havia um número insuficiente de frades, também, na fase Lucchesi, houve insuficiência de religiosos, o que exigia um desdobramento daqueles que aqui estavam, para atender às necessidades na região, sob sua atuação, e atender, ainda, às solicitações de bispos da região, que sempre pediam pela presença dos missionários em suas paróquias (AGUIAR, 2015, p. 451).

No Nordeste, esses missionários partiam do Convento da Penha, para as mais diversas atividades. Fundaram várias fraternidades da Ordem Franciscana Secular (OFS)²³ ou, como é conhecida, Ordem Terceira de São Francisco. Por muitas cidades da região, ainda hoje, essas fraternidades resistem e chegam a mais de uma centena. Os frades também investiram em casas de formação, para novos religiosos, já que alguns jovens nativos apresentaram o desejo de juntar-se ao grupo de Italianos. De tal modo, em 1935, pelo convite e patrocínio financeiro

²¹ Estatísticas do século XX. Disponível em: <www.ibge.org.br>. Acesso: 22 dez. 2018.

²² Expectativa de vida ao nascer no Nordeste. Disponível em: <<http://dssbr.org/site/2013/07/expectativa-de-vida-ao-nascer-no-nordeste/>>. Acesso: 01 jun. 2019.

²³ A Ordem Franciscana Secular tem suas origens no século XIII, quando leigos manifestaram o desejo de seguir os passos de São Francisco de Assis, seu fundador e fonte de inspiração. No início de sua história vê-se reconhecida pela Igreja como irmãos e irmãs da penitência. O Papa Gregório IX em 20 de maio de 1221 aprova a primeira Regra *Memoriale Propositi* com a primeira denominação: Ordem da Penitência. Em 18 de agosto de 1289 o Papa franciscano Nicolau IV, com a Bula *Supra Montem* reconhecia São Francisco como fundador da Ordem da Penitência e a denominava de Ordem Terceira de São Francisco. Disponível em: <<http://www.ofs.org.br>>. Acesso: 19 mai. 2016.

do bispo D. Santino Coutinho, então bispo de Maceió, os Capuchinhos chegaram a Maceió, no dia 26 de junho, iniciando a construção do convento, até hoje, localizado no bairro do Farol. Menos de um ano depois, a 10 de março de 1936, os frades já recebiam o primeiro grupo de formandos no Convento que foi dedicado ao Sagrado Coração de Jesus.

No ano de 1937, o Definitório Provincial²⁴ de Lucca criou a Custódia²⁵ Provincial, em Pernambuco, tendo, como seu primeiro custódio, o Frei Teófilo de Virgoletta e, como seus conselheiros, os Freis Félix de Olívola e Damião de Bozzano (ZAGONEL, 2001, p. 198).

Na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, um antigo Colégio Marista tornou-se a casa dos Capuchinhos, a partir do dia 16 de dezembro de 1938; com uma Igreja contígua. Logo os frades adaptaram o antigo colégio às suas necessidades e, no ano seguinte, a fraternidade já contava com a presença de Frei Bento de Terrinca, Frei Bartolomeu e Frei Damião de Bozzano. Zagonel (2001, p. 200). Foi nesse período que Frei Damião de Bozzano assumiu o serviço de pregador de Missões Populares.

Desse modo, iniciaram um período de novas aquisições de terrenos, construções de conventos e outras obras, como o Seminário de Contendas, em Alagoas; o Convento de Bom Conselho, em Pernambuco, que também se tornou Seminário; a construção do atual Convento da Penha, nos anos de 1950; a construção do Convento de Caruaru e a ereção da paróquia do Coração Eucarístico de Jesus, sob os cuidados dos frades, desde os anos de 1950 e 1957, respectivamente; e, talvez, a obra mais faraônica, o Seminário Stella Maris, em João Pessoa, escolhido para ser construído no Cabo Branco, extremidade mais oriental das Américas. “Numa profecia, Frei Teodoro, embalado em sonho, via Cabo Branco transformado e o seminário construído no ponto geográfico mais próximo de Roma e do coração do Papa! Ali, se formariam religiosos, fiéis e devotos do sucessor de Pedro” (ZAGONEL, 2001, p. 204). Das obras desse período, justamente, o tão querido dos frades, o Convento do Cabo Branco, ao longo dos anos, foi vendido para a iniciativa privada e, atualmente, tornou-se um hotel, cujos mais de cem quartos, da época do convento, converteram-se em apartamentos para hóspedes. Da mesma forma, o seminário de Contendas foi repassado ao governo do Estado e tornou-se uma obra social governamental.

²⁴ Equivale ao que o Código de Direito Canônico chama de Conselho. Um grupo que auxilia o superior nas questões administrativas, financeiras e de organização da vida da comunidade religiosa (CDC n. 627 - § 1).

²⁵ Segundo o Glossário de Cultura Católica, “Custódia é uma circunscrição religiosa, dependente de uma província ou de um Superior Geral da Ordem, que agrupa diversos conventos ou casas religiosas” (FRANCO, 2010, p. 18).

1.4. Basílica da Penha, marco referencial para os missionários capuchinhos do Nordeste

Um capítulo particular, na história capuchinha do Nordeste, é a Basílica da Penha. Marco arquitetônico da presença dos Capuchinhos em Pernambuco, a Basílica e o Convento da Penha tornaram-se, ao mesmo tempo, parte da paisagem, da cultura e da memória afetiva do povo que, ao longo de todos esses anos, no fervilhar das ruas do bairro, de comércio popular, acostumou-se com a majestosa construção e com os inúmeros fiéis a entrarem e saírem, ao longo dos dias e, de um modo especial, nas sextas feiras, na concorrida bênção de S. Félix. A Basílica e o seu movimento dão uma visão marcante no cenário cultural e religioso do Recife, com suas filas de confissões e os pedintes que se espriam em suas escadarias; os rigorosos frades italianos e os formandos nativos, ao longo desses anos, acolheram as penúrias e as dores do povo, na sua ação pastoral, alimentando a religiosidade popular católica em consonância com Roma e, ao mesmo tempo, para além dos códigos eclesiásticos.

Por isso, ao buscarmos caminhos de compreensão para a religiosidade que circunda a prática missionária de um capuchinho, como Frei Damião de Bozzano, torna-se imprescindível compreender como se estabeleceu a Ordem Capuchinha em terras pernambucanas. De tal modo, percebemos que a presença das Ordens Religiosas católicas, nesta região, encontra suas bases em tempos longínquos. A história da Basílica da Penha e do Convento anexo confundem-se com a história dos Capuchinhos em Pernambuco.

Como vimos acima, já em 1643, sob decreto da Congregação para a Propagação da Fé, do dia 02 de janeiro, a Missão de Pernambuco foi entregue aos capuchinhos franceses. O registro desses primeiros mendicantes encontra-se no Instituto Histórico de Pernambuco, que guarda a pintura da batalha dos Guararapes, na qual está retratada a expulsão dos batavos das terras pernambucanas. Nela figuram dois capuchinhos entre os que lutaram, em 1648. Segundo o historiador português, Frei Francisco Leitão de Faria, baseado no fato da presença capuchinha na Restauração Pernambucana, a chegada dos capuchinhos data a 1642 e defenderia a tese de que o primeiro capuchinho nativo das terras brasileiras seria Frei José, de Pernambuco (ZAGONEL, 2001, p. 189).

Com o regresso de Maurício de Nassau à Holanda, em 1654, começou o período de atividades dos capuchinhos no Nordeste. No Recife, essa nova fase começa com a construção do Convento da Penha, em um terreno doado por Melchior Alves e sua esposa, Joana Bezerra (ZAGONEL, 2001, p. 190).

Entre dúvidas de datas precisas para a definição da chegada dos Capuchinhos a Pernambuco, um marco referencial é a própria Basílica da Penha que, ao longo desses mais de

360 anos, entre reformas e restaurações, desempenhou um valor efetivo e afetivo da ação missionária capuchinha no Nordeste brasileiro. Dos seus átrios, primeiramente, partiram os missionários ardorosos para catequizar, para pregar o evangelho e para administrar os sacramentos aos índios, ainda no firme propósito de purificar suas mentes e corações, pelo medo ou pela força. Assim, já em 1657, partindo da Penha, os capuchinhos haviam se adentrado 100 léguas pelo sertão (ZAGONEL, 2001, p. 191). A própria *Propaganda Fide* liberava esses missionários da tutela do Estado, o que lhes possibilitou um maior espaço de ação missionária apostólica.

Dessa forma, por quase um século, os capuchinhos franceses, que estavam ligados à Província Bretã, trabalharam no território de Pernambuco que, como a história atesta, era de uma extensão considerável, cujas distâncias ultrapassaram, em muito, seu território atual. O convento, contíguo à Igreja, tornou-se ponto de chegada, de repouso e de partida para os missionários.

1.4.1. Um Zimbório como marca capuchinha no Recife



Figura 01 – Basílica N. Sra. da Penha, Recife – PE.

Fonte: <http://proneb-capuchinhos.blogspot.com.br/p/nossa-historia.html>

A Basílica da Penha, localizada na Praça Dom Vital, 169, no bairro de São José, centro do Recife, é um templo que faz parte da paisagem cultural, artística e religiosa da cidade. As suas torres sineiras, altas e delgadas, juntamente com a enorme cúpula do transepto, nortearam a configuração urbana da religiosidade de um povo. Monumental em sua planta, no formato de cruz latina, em estilo românico, teve sua construção inicial como uma pequena capela, ainda com os frades franceses. Joaquim Guennes da Silva Melo afirma:

A 19 de abril desse ano de 1655 receberam eles a doação, que lhes fizeram Belchior Alves e sua mulher D. Joana Bezerra, de um terreno de 24 ½ braças de frente e 40 de fundo com a condição de erigirem um mosteiro sob a invocação do Espírito Santo; de cuja doação foi lavrada a competente escriptura no cartório de Domingos Dias Timbó representando como aceitantes os padres Frei Cyrilo de Mans, Frei Fabiano, Frei Jorge e Frei Antonio de Martyres. [...] anteriormente não existia capella alguma., por isso que foi a doação feita com a condição de levantarem eles uma Igreja sob a invocação do Divino Espírito Santo, ou, pelo menos, que se tal capella existia foi ella demolida, por quanto se ella tivesse de permanecer perdia sua razão de ser a causa da escriptura, e que foi a que de novo levantaram, que mais tarde teve sua invocação mudada para a de Nossa Senhora da Penha. (SILVA MELO, 1781, p. 50-51).

A doação constava de 40 braças de terra, de norte a sul, e de 24 de largura para a construção de novas instalações. A edificação primitiva fincava suas bases estruturais a 270 palmos da atual (5,94 metros). A localização antiga projetava a Igreja à frente, onde, hoje, está situada a Praça Dom Vital. Já, no século XVIII, destacava-se a sua majestosa cúpula.

O edifício da nova Igreja da Penha de Nossa Senhora da Penha tem 65 metros e 70 centímetros de comprimento, com a largura de 28 metros e 40 centímetros. A forma ou configuração do edifício é de uma cruz latina contendo três naves com um majestoso zimbório, cuja chave vem a ficar na altura de 42 metros, compreendendo-se nessa altura a elegante claraboia sobre a qual deve ser colocada a imagem colossal de Nossa Senhora da Penha. Por trás desse zimbório erguer-se-ão duas elegantes torres de 40 metros de altura e com uma forma quadrangular de 5 metros e 70 centímetros até à elevação de 20 metros, transformando-se o resto para a forma octogonal. Todo o edifício é de ordem corynthia (SILVA MELO, 1781, p. 166).

Ao lado da Igreja, mais aos fundos, situava-se o Convento dos Frades do qual, nos dias atuais, resta uma edificação locada a comerciantes da Rua de Santa Cecília. Na década de 1930, foi construído o atual convento que se projeta para a praça Dom Vital e o Mercado de São José.

Dentre os altares de importância, no templo, encontra-se o túmulo de D. Vital Maria de Pernambuco, nascido à época, em Itambé, Pernambuco, cujo território, hoje, pertence à Paraíba, atual cidade denominada Pedras de Fogo. Na adolescência, muito dedicado aos estudos, foi levado a estudar no Colégio Benfica, no Recife, onde teve seus primeiros contatos com os Capuchinhos. Como os religiosos não podiam receber seminaristas, nesse período, ingressou no seminário de Olinda. Em 1862, foi enviado por D. João da Purificação²⁶ para estudar filosofia em Paris. Aquela aproximação com os capuchinhos, todavia, fê-lo pedir ingresso no noviciado, em Versailles. Em 06 de junho de 1868, recebeu o diaconato e, aos 02 de agosto, daquele mesmo ano, foi ordenado sacerdote, na Igreja da Imaculada Conceição de

²⁶ Dom João da Purificação Marques Perdigão (1831-1864) foi o 17º Bispo da Diocese de Olinda.

Matabieau, por D. Desprez, então arcebispo de Toulouse. Em 1868, voltou ao Brasil, visitando a Basílica da Penha e destinando-se à docência em São Paulo. No ano de 1871, foi nomeado bispo de Olinda. Aos 27 anos, foi o primeiro bispo capuchinho do Brasil. Seu episcopado foi marcado por tensões com a maçonaria, na famosa Questão Religiosa²⁷. D. Vital acusava os maçons de financiarem o proselitismo protestante. A questão levou à crise da Igreja com o Império, envolvendo o Papa. Era o Brasil do segundo império, cujas nomeações episcopais passavam pelo imperador. Seus discursos e ações de proibição da pertença do clero à maçonaria e interdições nas Irmandades levou-o a ser acusado de afrontar às leis do país (VIEIRA, 1980, p. 286-288). Preso por um ano e meio, foi libertado por pressão de Roma. Em seguida, bastante adoentado, renunciou ao episcopado. Seu quadro de saúde agravou-se e, buscando tratamento em Paris, morreu em 17 de março de 1872. Seus restos mortais foram exumados, em 14 de junho de 1881, e depositados, no dia 05 de julho de 1881, na Basílica da Penha.

Na Basílica da Penha, desenvolveu-se, ao longo dos séculos, a devoção a São Félix de Cantalice, o santo Italiano do século XVI, que recebeu as “honras dos altares” pela sua simplicidade, como esmoler. A cada esmola recebida, sempre agradecia as ofertas com a expressão latina *Deo Gratias*. Ainda em vida, ficou conhecido como Frei *Deo Gratias*. De temperamento místico, acompanhou doentes, nos hospitais, e foi conselheiro da aristocracia de sua época. Falecido e sepultado em Roma, seu mausoléu logo se tornou lugar de peregrinação. Foi canonizado, pela Igreja, no ano de 1712.

A devoção a São Félix está na recepção da unção com óleo, cuja devoção remonta o período da morte do frade, quando, segundo a tradição, de sua sepultura passou a jorrar um óleo miraculoso. Tal fenômeno chegou aos ouvidos do Papa Sisto V, que pediu para que se recolhesse aquele óleo.

Diante do túmulo de São Félix, em Roma, na Igreja dos capuchinhos [...] arde uma lâmpada de azeite. Aquele óleo bento torna-se instrumento de numerosos milagres. O sinal da cruz é feito com fé sobre enfermo e com fé recebido – como fazia Félix – e, muitas vezes tem levado alívio e saúde (CORDOVANI, 2015, p. 62).

A bênção, com aquele líquido consagrado pelos Capuchinhos e a devoção ao santo, espalhou-se por diversas partes do mundo, onde se atribuiu, ao mesmo, muitos milagres. Logo os capuchinhos italianos introduziram esta devoção no Brasil, mais particularmente na Basílica da Penha, no Recife. Em dias atuais, milhares de devotos recebem, semanalmente, a unção e a

²⁷ A questão religiosa é sobretudo o conflito do estado com a Igreja do Estado. O Governo imperial pelo padroado régio transformara a religião católica numa espécie de Departamento do Estado. Por outra parte, os liberais afirmavam que a religião católica tinha transformado o Brasil num Estado de Igreja (HAUCK, 2008, p. 153).

aspersão com água benta, diante da imagem do santo, que se localiza logo à direita da entrada da Basílica e cujo altar destaca-se pela quantidade de fiéis que a ele dirige-se, diariamente, mas, especialmente, nas sextas-feiras, dia de sua devoção.

Dessa forma, a Basílica da Penha, residência dos Capuchinhos, desde o século XVII, permanece na memória do povo de Pernambuco e de outras regiões do país, como lugar de romaria e devoção popular. Sob a sua abóbada, a história do povo do Nordeste tem sido vivida e contada. No afeto aos religiosos de hábito, em forma de cruz, nas intermináveis filas de confissão e no perene incentivo à religião popular, por parte dos religiosos que lá habitam, fazendo de um prédio secular, marco da cultura do povo.

Essa mesma basílica também foi testemunha do desfecho da história, em vida, de Frei Damião, cujo velório, de quatro dias, selou os anos de missão e, dos seus pórticos, partiu o cortejo para a missa solene de corpo presente do religioso, no estádio José do Rego Maciel, conhecido como Estádio do Arruda.

1.5. O nascimento da Província Capuchinha do Nordeste

O período pré-conciliar, para os Capuchinhos do Nordeste, girou em torno da vida conventual e da atividade missionária, com seminários cheios e uma rotina muito ao estilo romano, nas questões litúrgicas, hierárquicas e doutrinárias. Os frades italianos impuseram uma forma de vida trazida de suas terras e de sua cultura. A alimentação, o hábito²⁸ para postulantes, sem o capuz; noviços com tonsuras; vida de seminário muito semelhante à europeia; seminários menores, com muitas crianças de 11 anos de idade em diante. Vida cadenciada pelos estudos, pelas atividades manuais na horta, pelo cuidado com os jardins, pela manutenção dos grandes conventos e de suas Igrejas, pela oração e com bastante obediência à hierarquia estabelecida.

Entre os Capuchinhos do Nordeste, nas décadas de 1950 a 1970, o número de 800 seminaristas não chegou a gerar um percentual significativo de novas vocações. As mudanças de época impactaram na vida conventual. Os capuchinhos do Nordeste também foram atingidos pelas mudanças da modernidade. Assim alguns conflitos de geração tornaram-se comuns. Os frades nativos e os italianos passaram a viver uma conflituosa relação, por conta das questões de nacionalidade e ideologia. Na prática, os frades italianos permaneceram com o estilo europeu, enquanto os nativos optaram, cada vez mais, por uma vida segundo os parâmetros

²⁸ Roupagem de frade ou freira [...] vestuário, indumentária [...] insígnia de ordem militar ou religiosa (FERREIRA, 2004, p. 1020).

culturais brasileiros. “O conflito assumiu proporções incontornáveis que tornaram a convivência impossível entre frades brasileiros e italianos” (ZAGONEL, 2001, p. 207).

Em 19 de abril de 1966, Frei Clemente de Vilssingen criou a Custódia Geral de Pernambuco que passou a depender, diretamente, da Cúria Geral, formada pelos frades brasileiros, enquanto os frades italianos permaneceram ligados à Província de Lucca.

No final da década de 1950 começou a se firmar entre nós uma tendência de isolamento entre frades italianos e brasileiros. Esse isolamento polarizou-se transformando-se em nacionalismo, discórdia geral, e chegou a tal ponto que a solução foi a separação jurídica entre brasileiros e italianos. Depois de muitas tentativas de solução e da vinda do definidor geral em visita oficial, a Cúria Geral optou pela separação e a criação de uma nova figura jurídica na região: para os frades brasileiros foi criada a Custódia Geral de Pernambuco; e para os frades italianos, a delegação de Lucca (ANNALECTA, n. 82, 1996, p. 382).

Dessa forma, a celeuma foi contornada, e os frades passaram a viver em conventos separados, salvo algumas exceções de religiosos italianos, que preferiram permanecer com os brasileiros, como foi o caso de Frei Bernardino de Virgoletta e Frei André italianos.

Nesse período, os frades brasileiros cuidaram de organizar as questões jurídicas das estruturas físicas e entidades mantidas pelos capuchinhos. O patrimônio foi sendo legalizado e tombado. Da mesma maneira, foram feitos ajustes na formação dos novos Babboni, que ficaram residindo no Convento do Coração Eucarístico, em Caruaru. Juntamente com o restante do grupo de italianos, Frei Damião de Bozzano permaneceu ligado à Província de Lucca, mesmo que não deixasse de, esporadicamente, visitar os conventos dos brasileiros, quando transitava de uma missão a outra.

Alguns desses conventos, colégios e seminários passaram às mãos dos brasileiros: o Convento de Sto. Antonio, de Natal, conhecido como a Igreja do Galo; o Convento São Fidélis, de Sigmaringa; o Colégio Frei Caetano, de Messina, além da Paróquia da Sagrada Família, em Bom Conselho; o Convento do Coração Eucarístico, em Maceió; a Paróquia de N. Sra. dos Remédios e o Colégio Técnico Dom Vital, em Catolé do Rocha. Também ficaram, até um certo período, o Convento e a Paróquia do Coração Eucarístico de Jesus, em Caruaru, com os italianos. Enquanto isso o Convento e a Paróquia da Penha, o Convento de São Félix, no Recife, o abrigo de idosas Santa Luzia, em Jaboatão dos Guararapes, além do Santuário Nossa Senhora da Conceição, no bairro de Tambauzinho, em João Pessoa, ficaram com os religiosos, com uma estrutura de Postulado, Noviciado, Filosofia e Teologia, aos moldes do que a Conferência dos Religiosos do Brasil²⁹ propunha. Os formadores foram, também, recebendo o

²⁹ Entidade que congrega as Ordens, Congregações e Institutos de Vida Consagrada do Brasil – CRB.

apoio da Conferência dos Capuchinhos do Brasil. Sob os novos ares conciliares do Vaticano II, a formação foi-se tornando mais inserida na vida do povo, sob a influência da Teologia da Libertação, aumentando, ainda mais, o fosso de separação entre os frades italianos e os brasileiros. Os frades brasileiros passaram a estudar no Instituto de Teologia do Recife (ITER), celeiro e laboratório da Teologia da Libertação³⁰, sob os auspícios de D. Hélder Câmara, que passou a influenciar essa nova geração, chegando a ordenar diáconos e sacerdotes a um bom número desses religiosos nativos.

Nesse mesmo período, o famoso convento da Penha tornou-se espaço de acolhida para pessoas em situação de rua. Alimentação, banho, cuidados médicos e uma constante assistência aos mais pobres deu-se nos cômodos do convento. Alguns frades jovens passaram a inserir-se em pequenas comunidades, nos bairros periféricos do Recife, como o Pina e a comunidade Beira Rio.

Em 29 de junho de 1983, depois de um trabalho dedicado de Custódios e Vice provinciais, os frades brasileiros constituíram-se como uma província com todos os direitos e deveres, em relação à Ordem Capuchinha, na pessoa jurídica da Cúria Geral. As celeumas foram acalmadas e, naturalmente, o processo de envelhecimento e morte dos religiosos italianos e dos primeiros nativos, juntamente com o surgimento de um novo grupo vigoroso e jovem, nos dias atuais, fez crescer, em número de membros e em atividades, nos mais diversos aspectos da vida eclesial e pastoral, a participação dos capuchinhos na vida da Igreja Católica do Nordeste.

³⁰ A conferência de Gustavo Gutiérrez em Chimbote, em julho de 1968, intitulada Para uma teologia da libertação, originou seu livro Teologia da libertação. Perspectivas (Lima 1971 e Salamanca 1972), traduzido para vários idiomas e com várias edições em castelhano. É a obra mais relevante, citada e traduzida de toda a produção teológica latino-americana. O romancista peruano José Maria Arguedas assistiu à conferência de Chimbote e definiu Gutiérrez como “o teólogo do Deus libertador” em oposição ao “cura do Deus inquisidor”, personagem do romance Todos os sangues, do próprio Arguedas. Em julho de 1967, Gustavo distinguiu três acepções do termo pobreza: a pobreza real ou material como um mal, a pobreza espiritual como entrega da vida à vontade de Deus e a pobreza como solidariedade com o pobre (GUTIÉRREZ, 2003, p. 10). Assim, a teologia Latino Americana recebeu o título de Teologia da Libertação.

1.5.1. Obras e ações dos Capuchinhos no Brasil

Podemos destacar, de Norte a Sul, inúmeras obras e centenas de fatos históricos cuja intervenção capuchinha foi determinante para a construção da nação. Apenas para exemplificar, apresentamos, a seguir, alguns desses feitos.

No Norte do país, foi dos capuchinhos a iniciativa do povoamento da região onde está situada Alenquer, no Pará. Nesta região, já no final do século XVII, os frades fundaram uma zona de catequese. No mesmo Estado, ainda, existe a cidade de Cameté, fundada pelo Frade Capuchinho Cristóvão José, às margens do rio Tocantins, onde habitavam os índios Camutás. Em Pernambuco, podemos exemplificar a cidade de Bom Conselho, no Agreste Meridional, que foi fundada por Frei Caetano de Messina, em 1860, onde foi construído o primeiro educandário de grande porte para a educação feminina no Nordeste. No estado do Rio de Janeiro, a cidade de São Fidélis foi fundada pelos missionários capuchinhos, Frei Ângelo de Lucca e Frei Vitório de Cambiasca (PALAZZOLO, 1963, p. 229-231). Um destaque especial podemos fazer da importância do papel dos Capuchinhos na formação cultural e religiosa da cidade do Rio de Janeiro. O marco de pedra da fundação da cidade, com o escudo português esculpido, a imagem original de São Sebastião, da Igreja antiga dos capuchinhos, e a lápide tumular de Estácio de Sá, fundador da cidade, estão na Basílica de São Sebastião, padroeiro da cidade, na Tijuca, para onde afluem milhares de devotos, todos os anos, tornando-se, assim, uma das maiores devoções ao santo no Brasil. Os Capuchinhos do Rio de Janeiro, além de todo trabalho pastoral, realizado na cidade, ainda mantém a Escola Superior São Francisco de Assis e uma rádio FM.

Em Minas Gerais, o Aldeamento de Imaculada Conceição, de Itambacuri, foi fundado no Vale do Mucuri, no ano de 1873, pelos frades capuchinhos Serafim de Gorizia e Ângelo de Sassoferrato (OLIVEIRA, 2014, p. 03-09). No Rio Grande do Sul, a Faculdade de Filosofia, de Ciências e Letras, de Ijuí, foi instituída em 1957, por iniciativa da Ordem dos freis Capuchinhos. Os religiosos mantêm, também, uma rede de rádios e TV, três editoras (EST, ESTEF e São Miguel), uma gráfica, três hotéis, uma vinícola e o Jornal Correio Riograndense (capuchinhos.org.br/riodejaneiro).

Em inúmeras cidades do país, cemitérios foram construídos pelas missões; açudes foram abertos, em regiões mais secas; vários orfanatos e abrigos para idosos, em todo o país; muitos desses, em nossos dias, são assistidos pelos Capuchinhos. Como citamos acima, em Jabotão dos Guararapes, Pernambuco, os frades mantêm o Abrigo Santa Luzia, para senhoras

idosas, que já não têm assistência das famílias, na Vila Sotave. Colégios foram construídos e administrados pelos frades, alguns desses entregues ao Estado, como é o caso do Colégio Dom Vital, de Caruaru, em Pernambuco; Colégio Técnico Dom Vital, de Catolé do Rocha, na Paraíba; Colégio Frei Caetano de Messina, em Bom Conselho, dentre tantos outros pelo país.

Dos milhares de frades nativos ou estrangeiros, que atuaram e atuam no país, muitos nomes destacaram-se nas artes, na política, na educação, na cultura e, especialmente, na ação pastoral, auxiliando bispos e padres em momentos fortes da vida das comunidades. Por mais que tenham se instalado em localidades burguesas, sua ação deu-se, marcadamente, nos agrestes e sertões, nos lugares mais pobres e no meio dos mais desvalidos. Muitos religiosos abandonaram a vida do claustro, ao longo dos anos, e ingressaram na vida pública. Tornaram-se profissionais liberais ou mesmo políticos. Ao longo de quase 400 anos, no Brasil, milhares de comunidades foram visitadas, centenas de Igrejas erguidas e, talvez, a marca mais expressiva da ação capuchinha, as Missões Populares, que permanecem no imaginário coletivo como um momento forte na vida do povo, especialmente, dos que professam a fé católica.

Atualmente, no Brasil, os capuchinhos encontram-se divididos em 10 províncias e duas custódias, assim circunscritas: Custódia da Amazônia e Roraima; Província do Maranhão, Pará e Amapá; Província do Ceará e Piauí; Província de Nossa Senhora da Penha do Nordeste; Província da Bahia e Sergipe; Província do Brasil Central; Custódia do Oeste do Brasil; Província das Minas Gerais; Província do Rio de Janeiro e Espírito Santo; Província de São Paulo; Província do Paraná e Santa Catarina e a Província do Rio Grande do Sul. A estatística da Cúria Geral Capuchinha, de dezembro de 2016, conta 201 fraternidades no Brasil, com 20 bispos capuchinhos, 688 padres, 01 diácono permanente, 157 irmãos leigos professos perpétuos (capuchinhos.org.br/onde-estamos).

Podemos afirmar que, ao longo desses anos de presença, em solo brasileiro, os capuchinhos exerceram a ação missionária, a princípio, em sintonia com a Igreja Católica e com os propósitos da Congregação para a Propagação da Fé, mas também se adequaram às realidades do povo sofrido do Nordeste e embarcaram nos novos modelos de eclesiologia local e ligados ao modelo latino americano, de opção pelos pobres, de forma crítica e engajada. Os Capuchinhos, hora vivenciaram uma religiosidade Tridentina, hora alinharam-se à Religiosidade Popular e, em momentos recentes, de forma mais crítica e antenados com as realidades e emergências atuais, baseados numa teologia pós-conciliar e numa consciência de pastoral inserida nas realidades mais desafiantes do mundo, buscaram viver um estilo de vida

característico de uma Igreja em saída³¹, como sugere o Papa Francisco, partindo das sacristias para ir às realidades do mundo.

1.6. Metodologia das Missões Capuchinhas no Nordeste

O Catolicismo Popular coaduna com o estilo de missão que vigorou, por séculos, no nosso país. Falar de missão em uma perspectiva católica é, de alguma forma, visitar as memórias de um catolicismo combativo e conquistador. A história já atestou que, entre os séculos VII e VIII, diante dos afundados impérios Romano e Persa, o mundo viu os árabes tornarem-se uma força militar nova. Por volta do século VII, Jerusalém foi tomada pelos muçulmanos. Nesse mesmo século, Palestina, Alexandria, Pérsia, Síria e Norte da África foram conquistados pelos árabes. Desde, então, instalou-se uma guerra santa, e os muçulmanos tornaram-se os grandes inimigos dos cristãos (KUNG, 2002, p. 98).

Entre os séculos XI e XII, a Igreja formou cruzadas, para retomar esses lugares, tidos como santos, com o intuito de unificar o mundo cristão, cujo cisma, com os orientais, aconteceu em 1054, no desejo de impedir as invasões bárbaras na Europa. Sob tais justificativas, essas guerras e retomadas de territórios tiveram, como alicerce, a questão religiosa, mesmo que, por trás, escondessem motivações políticas e econômicas (AZZI, 2004, p. 52). O espírito de conquista, de uma Igreja que parte em missões, foi percebido, de forma muito sistemática, no segundo milênio. Certamente, nessas investidas, estiveram as sementes do modelo que vigora, até os dias de hoje, na mentalidade das missões católicas.

Para Bosch (2002), as formas e os métodos de missão católica mudaram ao longo dos séculos. Diante de crises profundas, importantes mudanças de paradigmas marcando o fim de uma época e o início de outra, os missionários tiveram um papel significativo na reconstrução dos paradigmas por meio de suas concepções pessoais e eclesiais que, se concretizavam nas práticas dos missionários de cada momento. Ao mesmo tempo, Bosch reconhece que essa importância e prática missionária no processo de interpretação do mundo, não seria peculiar apenas ao cristianismo. Ele sustenta que, outras religiões e ideologias tem suas características missionárias, contudo, distingue a percepção religiosa da ideológica por meio do desvelamento da verdade última.

³¹ Neologismo do Papa Francisco, na Encíclica *Evangelii Gaudium*, afirmando que missão da Igreja lança olhos para fora de seus limites geográficos e humanos. Propõe a proatividade da Igreja Católica e a superação de uma pastoral de manutenção.

A fé cristã é intrinsecamente missionária. Ela não é a única persuasão que é missionária. Antes, compartilha essa com outras religiões, particularmente o islamismo e o budismo, e também com uma série de ideologias como o marxismo. Um elemento distintivo das religiões missionárias, em contraposição às ideologias missionárias, é que todas elas aderem a um grande ‘desvelamento’ da verdade última que creem ser significativamente universal. A fé cristã, por exemplo, vê todas as gerações da terra como objetos da vontade salvífica e do plano da salvação de Deus, ou, em termos neotestamentários, considera o reinado de Deus que veio em Jesus Cristo como destinado a toda a humanidade (BOSCH, 2002, p. 26).

Bosch ainda sustenta que, até o século XVI a palavra ‘missão’ era usada exclusivamente para referir-se à santíssima Trindade, ou seja, o envio do Filho pelo Pai e do Espírito pelo Filho. Durante a expansão colonial o Jesuítas teriam sido os primeiros a usar a palavra “missão” em termos da difusão da fé cristã entre as pessoas, incluindo protestantes, que não eram membros da Igreja Católica. “O termo missão pressupõe alguém que envia, uma pessoa ou pessoas enviadas por quem envia, as pessoas para as quais alguém é enviado e uma incumbência (BOSCH, 2002, p. 17). Desse modo, o mandato da Igreja conferindo a clérigos ou leigos um serviço, passou a ter o caráter de missão.

De acordo com Carmelo Conte Guglia, esse período viu surgir muitas congregações religiosas e muitos líderes criativos que possibilitaram a pregação mais incisiva do evangelho para além dos templos católicos. “As missões nasceram no século XVI e XVII, da evolução da pregação penitencial, para responder às necessidades da instrução religiosa e da reforma dos costumes, promovida pelo Concílio de Trento” (GUGLIA, 1992, p. 6). O surgimento do Protestantismo e, no século XVIII, os ventos do racionalismo apresentavam-se como grandes desafios à fé católica. Para combater essas ameaças à fé, nesse período, a missão se alicerçava numa lógica apologética e na inspiração e dom pessoal dos pregadores.

Ao mesmo tempo Bosch (2002, p. 27), defende que um dos pilares de sustentação da missão *ad gentes* estaria na “doutrina mística da água salgada”, com o seu “mito geográfico” de que a Europa não careceria de missão, e sim, os países que estavam fora desse continente, para os quais o mar seria a via de acesso. Esses territórios, além mar, seriam os verdadeiros lugares de missão e os missionários que se lançavam nesse empreendimento seriam os verdadeiros missionários.

Em 1528, o grupo liderado por Mateus de Bascio, encontrava-se sob esse clima de defesa e universalização da fé e no desejo de retornar às fontes originárias da vida religiosa franciscana, quando fez surgir a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, com a finalidade de retornar ao modo de vida primitivo de São Francisco de Assis, assinalou que a vida desse novo

grupo franciscano estaria alicerçada no binômio contemplação / missão (KARSBURG, 2015, p. 53).

O verdadeiro missionário, segundo a regra capuchinha, devia assim consagrar a maior parte de seu tempo à meditação, no silêncio, no retiro e no despojamento, e depois, era de novo impelido pelo espírito impetuoso, a descer da montanha para falar ao povo (CHATÉLIER, 1995, p. 22). Espalhando-se pela Europa, zelando por sua comunhão com o Papa, por uma vida austera e por uma atividade missionária à luz do célebre Concílio de Trento, os Capuchinhos logo ficaram conhecidos e estimados por toda a Europa. Na mentalidade dessa época estava a preocupação com o alcance da salvação aos povos. As terras colonizadas, nas quais o território brasileiro estava incluído, fé católica precisava ser implantada.

Desde o século XVII, quando chegaram ao Brasil, o Nordeste, pela sua importância na política e economia do país tornou-se lugar de permanência e ação dos capuchinhos, com sua metodologia de missão logo assimilada e até hoje reconhecida pelo povo em geral.

Karsburg (2015) salientou que o método missionário, utilizado pelos frades Capuchinhos, em território brasileiro, no século XIX, baseava-se em dois pressupostos principais: itinerância e pregação. Foram ouvidos por milhares de pessoas, de norte a sul do Brasil, buscando inculcar culpa e mudança urgente nos comportamentos, antes que o juízo do final dos tempos chegasse. A segunda vinda de Cristo era anunciada para breve, cabendo ao fiel seguir os ensinamentos dos frades, a fim de alcançar a salvação da alma. Segundo Hoornaert, “O método era visto como adequado para atingir o maior número de pessoas que, geralmente, encontravam-se espalhadas pelos sertões e não tinham o hábito de participar de celebrações religiosas” (HOORNAERT, 2008, p. 80).

Ligados diretamente à Santa Sé, por meio da *Propaganda Fide*, esses missionários tinham ordem para atuar no território brasileiro, de forma que não careciam se fixar em um território paroquial ou diocesano. Por isso Fragoso afirmou que “o apostolado dos frades tinha por característica o modelo itinerante de missão, ou seja, como missionários peregrinos os frades pregavam durante certo tempo e depois iam embora, não olhando para trás” (FRAGOSO, 2008, p. 231).

Essas missões tinham, regularmente, a duração de cinco dias. Pela madrugada, iniciavam, entoando benditos pelas ruas, convidando o povo para a Igreja. No templo, fazia-se a catequese, especialmente sobre os sacramentos. Durante o dia, havia o atendimento por grupos: mulheres, crianças, homens. Também celebravam matrimônios, batismos e crismas. À

noite, acontecia a grande pregação, que versava, especialmente, sobre os novíssimos³²: céu, inferno e purgatório.

Em vastas áreas do país, em virtude da escassez de clero, os fiéis não têm oportunidade de participar do culto litúrgico, senão algumas poucas vezes por ano, quando o vigário faz a sua desobriga ou quando tem lugar, na Igreja mais próxima, a “santa missão”. Essas “santas missões” repetem-se em cada freguesia do interior com intervalos que podem ir de um ano a cinco ou mais anos, por vários motivos, entre os quais o principal é a dificuldade de encontrar sacerdotes que possam aceitar convites para realizá-las, para não falar no problema das despesas (AZEVEDO, 2002, p. 44).

Se a regra original capuchinha orientava-os a consagrar a maior parte do tempo à meditação, e se somente quando “empurrados pelo espírito impetuoso deviam descer da montanha para falar ao povo” (CHATÊLIER, 1995, p. 22), no Brasil, alguns frades, na incessante busca das almas perdidas, lançaram-se à estrada, tornando-se peregrinos missionários em tempo integral. Uma das formas, encontradas pelos capuchinhos, para reavivar a fé nas pessoas e guiá-las na sã moral, era exortá-las a participar de obras, como a ereção de cruzeiros, a reforma ou construção de cemitérios, de capelas e de Igrejas. Incentivar e estar à frente dessas operações fazia parte do método dos frades italianos, tendo sido essas marcas de sua presença, no Brasil, que orientaram, não muitos anos depois, as ações de missionários, como o padre Ibiapina e beatos, como Antônio Conselheiro (KARSBURG, 2015, p. 55).

Por essa capacidade de mobilização e ordenação social, os capuchinhos foram recebidos, com grande simpatia, pelas lideranças das vilas. Muitas vezes, as autoridades locais pediam aos bispos que os frades se tornassem vigários das vilas (KARSBURG, 2015, p. 55).

As Santas Missões³³, segundo Cândido da Costa e Silva (1982, p. 37), caracterizaram-se pelo forte apelo dramático, gerando emoções, decisões intempestivas e comportamentos imprevisíveis. O anúncio de que frades se aproximavam, para dar início à missão, era uma boa nova que corria célere, de boca em boca, por léguas, em torno do local onde se realizaria o ato do missionário. “As missões populares prolongavam no Brasil uma linha pastoral muito desenvolvida na Europa após o Concílio de Trento, levou a experiências

³² Os Novíssimos estão ancorados na Escatologia Católica e refere-se às questões derradeiras da vida. Trata das questões de morte, juízo, céu, inferno e purgatório. O termo Novíssimos baseia-se na “reflexão sobre as últimas coisas - *de novissimis* -. Da patrística até o início do séc. XX, o enfoque das reflexões escatológicas permanece basicamente o mesmo: as últimas coisas do homem e do mundo, o destino último do homem como indivíduo, da humanidade, do mundo” (BLANCK, 1993, p. 21).

³³ Aqui usamos o termo Santas Missões, conforme o costume eclesial católico que, assim se refere às missões dos religiosos, por um tempo e em um local determinados, celebrando missa, confessando os fiéis e realizando evangelização nas casas, escolas e presídios, dentre outros locais.

de visitas esporádicas que igualmente tiveram consequências típicas significativas” (HOORNAERT, 2008, p. 126).

As pessoas viam-se absorvidas pela missão, que se iniciava no romper do dia e entrava, muitas vezes, noite adentro.

Todas as atividades eram realizadas com “motivação penitencial, expiatória, sendo o trabalho visualizado como pena, exercício de virtude” para afastar o ócio, o principal “inimigo da alma” (SILVA, 1982, p. 40).

Na realidade brasileira esta pedagogia evangelizadora realizou-se de diversas maneiras no decorrer dos três primeiros séculos de sua história, e pensamos que houve desde o início duas tendências: uma mais baseada na convivência, outra baseada na visita. O projeto missionário dos aldeamentos, que procurou distanciar um mundo indígena do mundo colonial, levou aos poucos a uma experiência de convivência que teve grandes consequências. O das “missões populares”, que prolongava no Brasil numa linha pastoral muito desenvolvida na Europa após o concílio de Trento, levou a experiências de visitas esporádicas que igualmente tiveram consequências típicas e significativas. [...] As santas missões, baseada na visita de um missionário a uma determinada comunidade humana (lugarejo, vila, fazenda, engenho), foi a forma que provou ser a mais realista e mais adaptada às condições concretas da evangelização no Brasil. [...] Do outro lado, os indígenas brasileiros pareciam aceitar bem estas visitas regulares, já que estas correspondiam a uma tradição ameríndia: a da chegada dos feiticeiros ou pajés “para fazer santidade”. [...] A estrutura básica destas “visitas” de “feiticeiros” é descrita por Nóbrega, é estranhamente parecida com a das “santas Missões” tipo Padre Ibiapina, no século XIX, no interior nordestino (HOORNAERT, 2008, p. 125-133).

Desde a segunda metade do século XVII, o Brasil só conheceu missionários ambulantes. Desse modo, a visita dos capuchinhos suscitou no povo um desejo de viver a fé na sua vida cotidiana de ofícios, de terços, de rezas protagonizadas por leigos, sem muita assistência da hierarquia. Essa certa autonomia da religiosidade do povo, incentivada pelos missionários Capuchinhos e, ao mesmo tempo, “o fascínio que a população sentia por aqueles ‘apóstolos do Evangelho’ minava o poder do pároco. Isso gerava queixas, por parte do clero secular” (KARSBURG, 2015, p. 56). Finda a ação missionária e, com os frades seguindo adiante, os devotos, de tal modo excitados pela pregação dos religiosos, lançaram-se a práticas que amalgamaram elementos de sua própria cultura com o que haviam interpretado dos ensinamentos dos religiosos.

Originários de regiões camponesas do sul da península, mendicantes e rudes, especialistas na “tradução” da “palavra de Deus” para as massas rurais, os capuchinhos penetraram fundo no espaço e – no dizer das fontes disponíveis, todas elas das próprias missões e da sua “central” romana, ou dos governos provinciais – no coração e na mente das comunidades de pobres livres do Nordeste, sobretudo em Pernambuco, uma espécie de “laboratório” virtual das suas ações pastorais (PALACIOS, 2012, p. 195).

O resultado dessa adaptação criativa foi o surgimento de movimentos populares espontâneos de vivência do sagrado, formas originais de religiosidade (HOORNAERT, 2008, p. 80). Um catolicismo popular que passou a ser um relato, uma experiência de uma longa duração, cujos fatos não se resumiam ao período vivido, mas carregavam a memória do que foi vivenciado antes e estruturado até o fato presente. As Santas Missões simbolizaram, a partir da perspectiva da longa duração de Fernand Braudel, a forma que a Igreja Católica encontrou para se fazer presente entre os povos dos lugares onde a assistência religiosa era ameaçada pela falta de padres. Esse fato, chamado Missão, mais que novo, na história da Igreja, teve suas raízes na própria ação evangélica do “Ide e evangelizai os povos” (Mc, 16,15). Como afirmou Braudel:

De fato, as durações que distinguimos são solidárias umas com as outras: não é a duração que é tanto assim criação de nosso espírito, mas as fragmentações dessa duração. Ora, esses fragmentos se reúnem ao termo de nosso trabalho. Longa duração, conjuntura, evento se encaixam sem dificuldade, pois todos se medem por uma mesma escala. Do mesmo modo, participar em espírito de um desses tempos, é participar de todos (Tradução nossa) (BRAUDEL, 1969, p. 76).³⁴

No método capuchinho de missões, pode-se afirmar a articulação de diferentes tempos históricos, como o da Igreja primitiva, no vigor *ad gentes*, na patrística e na escolástica das fundamentações teológicas da fé, nos tempos medievais sequiosos de conquista e expansão, nos tempos apologéticos tridentinos e de todos os desafios que se lhe impuseram. Na conjuntura do evento Missão Capuchinha, é possível superar a ideia de um acontecimento, para compreender as diversas velocidades com as quais o tempo histórico trafega.

1.7. Pio Gianotti: traços biográficos de Frei Damião de Bozzano

O trabalho ao qual nos propomos, como já assinalamos, não deseja ser uma biografia de Frei Damião de Bozzano, muito menos almeja ter, como âmagô, a pesquisa detalhada e crítica da vida, do pensamento, das ações da sua pessoa. Nossa busca é perceber a religiosidade que orbita em torno dessa figura que está plasmada no imaginário religioso católico do povo do Nordeste. Desse modo, precisamos de bases para compreender a fé do povo e, nesse aspecto, sem dúvidas, os traços principais de sua biografia tornam-se imprescindíveis para a compreensão de tal fenômeno histórico, político, social e religioso. O período do

³⁴ *En fait, les durées que nous distinguons sont solidaires les unes des autres: ce n'est pas la durée qui est tellement création de notre esprit, mais les morcellements de cette durée. Or, ces fragments se rejoignent au terme de notre travail. Longue durée, conjoncture, événement s'emboîtent sans difficulté, car tous se mesurent à une même échelle. Aussi bien, participer en esprit à l'un de ces temps, c'est participer à tous* (BRAUDEL, 1969, p. 76).

nascimento, a infância em Bozzano, as memórias que por lá deixou, a juventude e o seu ingresso na Ordem Capuchinha, os seus primeiros anos como religioso na Itália, os seus estudos e funções, assumidas na Itália, o seu envio para o Brasil, como missionário, suas funções na hierarquia da Ordem no Nordeste e a sua ação missionária, em terras nordestinas serão, a seguir, nosso objeto de apreciação para uma maior compreensão daquilo que o religioso significa no Catolicismo Popular.

1.7.1. A Itália do tempo de Frei Damião

Ao norte da Itália, a 460 km de Roma, uma cidade cercada por colinas, habitada desde os tempos antes de Cristo, nos tempos antigos, viu passar o caminho da Via Roma “que o sensor Emílio Scauro traçou, em 109 a.C., para ligar Pisa ao antigo Porto de Luni” (OLIVEIRA, 1997, p. 20). Desde esse tempo, essa região teve a presença de colonos que, ali, assentaram-se, por conta da proximidade da Via Roma. Os Ubaldi deram a Bozzano uma importância estratégica, no período medieval, quando dominavam toda a zona litorânea por cinco séculos.

As primeiras notícias de uma comunidade organizada em Bozzano datam de 1201, quando os habitantes reivindicaram direitos sobre os bosques e mangues. Bozzano viu-se então dotada de um estatuto que regulamentava a vida da comunidade. O surgimento do município rural foi acompanhado de melhorias nas condições de vida e contribuiu para o crescimento do vilarejo (OLIVEIRA, 1997, p. 21).

Já em 1300, a Igreja era o centro da vida do vilarejo, e as questões geográfico-canônicas fê-la pertencer a Pisa e, desde 1815, fazia parte da diocese de Lucca, quando foi construída uma Igreja nova. Segundo Oliveira (OLIVEIRA, 1997, p. 21), uma região de gente trabalhadora e de fé, que viu seus habitantes, no século XX, partirem para as Américas e, nos dias atuais, inseridos, como toda a Toscana, em uma escala industrial muito significativa.

A Itália do século XX trouxe, a reboque, ventos bastante agitados. A unificação tardia dos seus territórios, por conta das guerras que tinham durado entre 1859 e 1870, em uma concepção moderna de estados nacionais e, ao mesmo tempo, a partir de 1922, o fascismo de Benito Mussolini. A industrialização e a modernização da economia davam-se de forma lenta; as diferenças entre o Sul do país, agrícola e muito pobre, e o Norte, modernizado, eram gritantes, bloqueando a integração da economia. O campo estava em processo de esvaziamento, enquanto as cidades estavam inchando, por conta da industrialização. Mussolini havia encontrado um

terreno propício, diante de toda a crise socioeconômica do pós-guerra (FROHLICH, 1987, p.159).

Enquanto isso, internamente, a Igreja estava perdendo a credibilidade e, em 1870, o Concílio Vaticano I torna-se uma alternativa de soerguimento do Catolicismo.

Os católicos da segunda metade do século XIX e da primeira metade do século XX pareciam amarrados num meio confessional com sua própria visão de mundo. Mal notavam quão burocratizada e centralizada era a estrutura do ministério da Igreja. As formas de organização da Igreja se tornaram modernizadas e sacralizadas ao mesmo tempo, e o clero tornou-se mais disciplinado que nunca porque fora tão separado do ‘mundo’ quanto possível. O resultado foi um sistema fechado ideologicamente que legitimou, de um lado, uma distância do mundo moderno e, de outro, a pretensão de ter um monopólio de interpretações definitivas do mundo (KUNG, 202, p. 203).

Pio IX passou a ser inimigo ferrenho do Iluminismo e de toda tendência política e teológica que se opusesse à autonomia da Igreja, ao seu aparato, à doutrinação ultramontana e à sua centralização administrativa. Não aceitava, especialmente, a sua submissão ao rei da Itália. O Concílio Vaticano I perpetua, até hoje, aquele dogma que o caracterizou e afastou toda tentativa de ecumenismo com ortodoxos e protestantes: a infalibilidade papal³⁵.

- a) O papa tem uma primazia de jurisdição legalmente vinculante sobre cada Igreja nacional e cada cristão.
- b) O papa possui o dom da infalibilidade em suas decisões dogmáticas solenes. Estas decisões solenes (*ex cathedra*) são infalíveis com base no apoio especial do espírito Santo e são intrinsecamente imutáveis (irreformáveis), não em virtude da ausência da Igreja (KUNG, 2002, p. 209).

Sociedade em crise e transformação, uma Igreja autorreferencial e impositiva. É nesse contexto sociocultural que vemos nascer, ao mesmo tempo, o Pio Gianotti e o Frei Damião de Bozzano, religioso capuchinho, cuja mentalidade será marcada até sua morte, pelas bases culturais, nacionais e religiosas, nas quais nasceu e teve suas primeiras e tão marcantes bases de formação.

³⁵ O Código de Direito Canônico afirma: “Em virtude do seu cargo, o Sumo Pontífice goza de infalibilidade no magistério quando, como supremo Pastor e Doutor de todos os fiéis, a quem pertence confirmar na fé os seus irmãos, proclama por um ato definitivo que tem de ser aceite uma doutrina acerca da fé ou dos costumes” (Cân. 749 § 1). A Infalibilidade Papal foi sempre ensinada como uma doutrina católica e oficialmente declarada como um dogma pelo Concílio Vaticano I, em 1870, pelo papa Pio IX. Também, o colégio dos bispos, quando reunido, em concílio ecumênico, goza dessa infalibilidade (Cân. 749 § 2).

1.7.2. Infância e ingresso na vida religiosa capuchinha

Aos 05 de novembro de 1898, em Bozzano, Município de Massarosa, na região da Toscana, Itália, nascia Pio Giannotti. Nesse lugar, cuja pia batismal data de 1600, sob essa tradição católica, Félix e Maria Giannotti batizaram³⁶, logo no dia seguinte ao nascimento, o seu filho Pio, na Igreja dos Santos Catarina e Próspero. Segundo os registros paroquiais de Bozzano, foram seus padrinhos: Rettore Davini e Caterina Giannotti. Em 15 de junho de 1902, aos 10 anos, recebeu o Sacramento da Crisma, das mãos do Cardeal Benedetto Lorenzelli, Arcebispo de Lucca.

Abdalaziz de Moura situou-o como o “segundo e último filho do casal de agricultores, Pio e Maria Jannotti (sic) (MOURA, 1978, p. 35)”. Gomes, no entanto, afirmou que ele tinha seis irmãos: “César, Josefa, Elisa, Avéria, Lília (que se tornou freira das irmãs Zitinas) e Guilherme (que foi padre diocesano em Lucca)” (GOMES, 2013, p. 10). De sua infância, surgiram alguns fioretti³⁷ que contavam que, de vez em quando, ele sumia e, depois de horas, os pais encontravam-no em contemplação, sozinho, no sótão da casa onde moravam, na Via Viagi.

Dentre esses relatos, está o de que se divertia, ao circundar o vilarejo onde morava, de ponta cabeça, em um equilíbrio que a todos impressionava. E, descrevendo um encontro que teve com sua sobrinha, Nila, Oliveira contou que ele era visto chorando e olhando para um crucifixo: “minha mãe dizia que, desde menino, ele era diferente, muito caridoso. Certa vez, voltou a pé de Lucca (distante 30 quilômetros), porque havia dado a um mendigo o dinheiro de sua passagem de volta, no trem” (OLIVEIRA, 1997, p. 26). Seu nome Pio, do latim, piedoso, que herdou do pai, segundo relatos dos familiares mais próximos, já demonstrava a piedade e a destinação que aquela criança teria para sua vida religiosa.

Aos 12 anos, ingressou no Seminário Seráfico de Camigliano, onde fez seus estudos regulares. Em maio de 1914, aos 16 anos, no Convento de Vila Basílica, na região da Toscana, ingressou, oficialmente, no noviciado³⁸ da Ordem Capuchinha, chegando a receber o hábito

³⁶ Documento 02. Bozzano, 14 de março de 2000. - Atestado de Batismo de Pio, futuro Frei Damião de Bozzano, contendo o nome dos seus pais, avós e padrinhos e do oficiante, assinado pelo pároco Felice Sorbi. Bozzano, Arquivo da Paróquia dos Santos Catarina e Próspero, Livro dos Batizados de 1800 a 1901, n. 1818; Cópia Pública III, 686. Encontra-se em anexo no final dessa tese.

³⁷ Fioretti significa “florezinhas”. Foram escritos em italiano antigo do século XIV e eram histórias contadas, pelos seguidores de São Francisco de Assis. Os Fioretti não pretendem contar fatos históricos acontecidos. Eles refletem o modo de pensar dos frades daquela época e revelam certas verdades sobre São Francisco e Santa Clara. Neles existem lendas misturadas com fatos verídicos.

³⁸ O noviciado, com o qual se começa a vida no instituto, destina-se a que os noviços conheçam melhor a vocação divina, e mais precisamente a vocação própria do instituto, façam experiências do modo de viver do instituto,

religioso em 11 junho do mesmo ano. Após um ano, terminado o noviciado canônico, emitiu os votos de obediência, pobreza e castidade. Na oportunidade da solenidade dos votos religiosos, recebeu um novo nome, que significava uma nova missão. Esse costume de mudar o nome civil para um nome religioso perdurou até o Concílio Vaticano II. Assim sendo, Pio Giannotti passou a se chamar Frei Damião de Bozzano. O novo nome, que recebeu, teve um significado ainda mais importante em sua vida. Fazia a memória da Igreja em cujo espaço encontrava-se o crucifixo com que teria falado com São Francisco de Assis e que o despertou para a missão. Assim relatam os escritos franciscanos: pôs-se em fervorosa oração diante da imagem de um Crucifixo, o qual piedosa e benignamente lhe falou: “Francisco, não vês que a minha casa está em ruínas? Vai, pois, e a restaura para mim”. Trêmulo e atônito, disse: “Com muita boa vontade o farei, Senhor” (LEG. TRÊS COMPANHEIROS, 13).

O impacto daquele encontro de São Francisco com o crucifixo perpetuou, na história dos franciscanos, como uma imagem de envio. Certamente, a imposição do nome Damião, para aquele jovem, veio carregada de um significado sem tamanho. Segundo relatou Oliveira (1997), Pio teve esse encontro com o crucifixo no sótão de sua casa. O jovem de Bozzano, agora, carregava, por toda a vida, o nome de um dos ícones da vida franciscana, Damião, da igreja e do crucifixo do século XIII, agora ressignificados na vida do neoprofessor, Frei Damião de Bozzano.

Por sete anos, pouco se soube da vida de Frei Damião, enquanto estudante. Só que, no convento de Lucca, iniciou seus estudos filosóficos. Encontrava-se muito bem nos estudos, quando estourou a primeira Guerra Mundial. Uma convocação do Exército Italiano, já no último ano da I Guerra Mundial (1914-1918), levou-o por caminhos que não se encontravam em seu projeto de vida pessoal. Com 19 anos, foi convocado para o Serviço Militar, indo servir nas trincheiras. Mesmo depois de terminada a guerra, ainda permaneceu no Exército por 38 meses, acampado em Zara, zona disputada com a Iugoslávia.

Sobre sua atuação na guerra, pouco se soube. Moura afirmou que Frei Damião “mostrou-se sempre um soldado desajeitado, pois não havia nascido para matar, mas para uma missão mais nobre: pregar a Palavra de Cristo” (MOURA, 1978, p. 35). O próprio Frei Damião, em carta ao Frei Jorge de Massa, apresentou, mesmo que rápida e superficialmente, um pouco do que viveu no campo de guerra.

conformem com o espírito dele a mente e o coração e comprovem sua intenção de idoneidade (CDC, Cân. 651 - §1).

Revmo. Frei Jorge (...)

Nascido em 5 de novembro de 1898 no distrito de Bozzano, em Lucca; - alistou-se em setembro de 1917 no depósito do regimento 26 em Piacenza; - congelado em outubro de 1920 pelo Comando Militar e Distrito de Zadar (Dalmácia) – Servi na infantaria; - de Cotelengo (Piacenza) estava na frente em 25 de novembro de 1917; - Monte Grappa (pico Azolone) foi o lugar de onde fui assistido por ter os pés congelados; depois da minha convalescença, que passei em Alessandria (Piemonte) no Depósito de 37, fui novamente enviado ao fronte, mais ou menos em julho de 1918, ainda no Grappa, e permaneci até o armistício; Passei um pouco mais de tempo em Basaldella (Udine); e fui enviado para a Dalmácia - Zara; Zara velha. Sibenik (casa do escritor italiano Tomasec) e em Zara recebi a Licença, perti mais ou menos em 20 outubro, pertencendo naquele tempo à brigada 240 que tem o depósito em Bari.

Giannotti Pio³⁹

Todos os que escreveram, até o momento, sobre Frei Damião, bem como a documentação a que tivemos acesso, atestaram que a vivência da guerra tornou-se bastante significativa em sua vida. Frei Fernando Rossi costumava afirmar que sua fobia, em relação aos fogos que os fiéis soltavam nas missões, teria como causa a experiência da guerra. O próprio Francisco de Assis, cujos passos Frei Damião encetou, também fez a experiência de, ainda jovem, ir para a Cruzada e, adoecendo, ter que retornar a Assis. Do mesmo modo, carregou em si o desejo de levar todos aqueles, que a ele achegavam-se, a provar do Cristo que o arrebatou e levar esses mesmos fiéis a trilhar, por meio da penitência, o caminho da escatologia, o caminho do céu.

Passado esse período, ele retornou à vida religiosa, para dar continuidade aos estudos e à vida fraterna. O ano de 1921 foi de grande importância para a sua vida religiosa. Fez os votos perpétuos, em 30 de outubro, no mesmo ano em que iniciou seus estudos teológicos. Professo perpétuo, na Ordem dos Capuchinhos, foi enviado para completar seus estudos em Roma. Em 1922, no dia 19 de fevereiro, recebeu a tonsura,⁴⁰ na capela do Pontifício Seminário Maior, em Roma, em uma celebração presidida pelo Cardeal Basilio Pompili. No

³⁹ *Revmo. Frei Jorge (...)* Nato il 5 novembre di 1898 in Bozzano distretto di Lucca; - arruolato in data di settembre del 1917 presso il deposito del reggimento 26 in Piacenza; - congelato in Ottobre del 1920 dal Comando e Distretto militare di Zara (Dalmazia) - Ho servito infanteria; - di Cotelengo (Piacenza) fui al fronte il 25 di Novembre del 1917; - il monte Grappa (picco Azolone) fu il mio posto donde me ausentei por congelamento di piedi; dopo la convalescenza, che passai in Alessandria (Piemonte) nel Deposito del 37, fui inviato novamente al fronte, più o meno nel giuglio di 1918, sempre nel Grappa, ond e rimasi fino all'armistizio; passai ancora un poco di tempo in Basaldella (Udine); e fui inviato in Dalmazia - Zara; Zara vecchia. Sebenico (patria dello scrittore italiani Tomasec) e in Zara riccevi il Congedo, appartevi più o meno in Ottobre del 20, appartenendo in quel tempo alla brigata 240, che ha il deposito in Bari. Giannotti Pio. (LAZZARI, 2003, p. 21).

⁴⁰ [Do lat. *Tonsura*] S.f. *Rel.* Ato ou efeito de tonsurar. 2. Corte circular, rente, do cabelo, na parte mais alta e posterior da cabeça, que se faz nos clérigos; cercilho, coroa. Prima tonsura: Cerimônia religiosa em que o prelado, conferindo ao ordinário o primeiro grau de clericato, lhe dá a tonsura (FERREIRA, 2004, p. 1963).

mês seguinte, no 1º de março, recebeu as primeiras ordens Menores e Clericais, na Catedral de Roma, a Basílica de São João do Latrão. As últimas Ordens Menores foram recebidas no dia 15 daquele mesmo mês.

Foi promovido a subdiácono no dia 22 de dezembro de 1922 na Basílica de São João do Latrão, também pelo Cardeal Pompili. A ordenação diaconal aconteceu aos 31 de março de 1923 na Capela do Pontifício Seminário, pela imposição das mãos de Dom Giuseppe Palica, arcebispo de Filippopoli. Frei Damião foi ordenado presbítero no dia 05 de agosto de 1923, na Igreja de São Lourenço de Bríndisi, em Roma, juntamente com Frei Mário Vergemoli, pela imposição das mãos e oração consecratória do cardeal Basilio Pompili (GOMES, 2013, p. 12).

Depois de ordenado, voltou à sua terra natal, de onde havia saído menino. Terminada a visita à família, regressou ao convento (MOURA, 1978, p. 36). O curso, em Roma, habilitou-o com a titulação de Doutorado. Conforme Gomes (2013, p. 13), atestado pela Universidade Gregoriana de Roma⁴¹.

O curso, na Gregoriana, aproximou-o de grandes nomes da Teologia de sua época, período em que vigoravam as determinações do Concílio de Trento. Os parâmetros teológicos, que o acompanharam até o final da vida pessoal e de sua prática pastoral, contaram a partir desse momento.

de 1921 a 1925 estudou na Universidade Gregoriana de Roma onde foi aluno de Varnach em teologia fundamental, de Cazzarini, Billot em eclesiologia, Vermeersch em teologia moral, de Capello em direito e de Degrand em patrologia. Diplomou-se em filosofia, direito canônico e teologia dogmática (MOURA, 1978, p. 36).

Retornando ao Convento de Vila Basílica, assumiu a função de Vice Mestre e professor dos noviços. Em 1928, assumiu o cargo de Diretor dos estudantes da Província de Lucca. No mesmo período, ensinou Teologia no Seminário Episcopal de Massa.

1.7.3. Frei Damião no Brasil: breve itinerário de residências e funções.

O ano de 1930 foi decisivo para o que se tornou a grande e definitiva aventura de Frei Damião de Bozzano. Conforme citamos acima, aos 18 de dezembro, desse mesmo ano, o Definitório Geral da Ordem Capuchinha havia redistribuído as missões italianas no Brasil. Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte estariam sob a responsabilidade da Província de Lucca. O Frei Félix de Olívola já havia desembarcado e tomado posse do Convento da Penha. Os superiores, então, designaram o primeiro grupo de frades Luqueses para a missão

⁴¹ Anexo - Documento 03 - Diploma de Doutorado em Teologia de Pio Gianotti, Frei Damião de Bozzano, emitido pela Universidade Gregoriana de Roma. Encontra-se nos anexos dessa tese.

em Pernambuco. Dentre eles, o jovem professor Damião de Bozzano, que assumiu a missão, deixando sua Pátria, atravessando o Atlântico, em uma viagem que chegava a durar 30 dias.



Documento 04 - Carteira de Identidade do Reino d'Itália, contendo informações pessoais, inclusive dados sobre a estatura, cores dos olhos e dos cabelos

Fonte: Arquivo da Província de nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil.

Aos 28 de maio de 1931, partindo do porto de Gênova, em uma viagem de 20 dias, Frei Damião de Bozzano atracou no Porto do Recife. Da Itália até a Guanabara, atual Rio de Janeiro, havia viajado no Conte Rosso⁴². Com ele, desembarcaram os freis Inácio de Carrara e Bento de Terrinca. Nesse tempo, a paisagem urbana do Recife já se configurava pelos seus ares cosmopolitas, com prédios clássicos, no centro da cidade; a Basílica da Penha, com seu majestoso domo, destacava-se no Bairro de São José. Frei Bernardino de Virgoletta, falecido em 2016, certa vez, confidenciou que, para acolher os frades, provenientes da Itália, era comum servir um almoço especial, regado a massas, vinhos e sucos da terra: “Ao desembarcar no Recife

⁴² O navio Conte Rosso teve sua viagem inaugural em 22 de março de 1922, entre Gênova, Nápoles e Buenos Aires, via Rio de Janeiro e Santos. Até 1932 o transatlântico cobriu a linha para a América do Sul, fazendo cerca de 10 viagens redondas por ano, entre Gênova e Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/rossini/conteros.htm>>. Acesso em 02 mar. 2018.

fui acolhido pelos meus irmãos com um almoço e, naquele dia provei pela primeira vez suco de maracujá. O Brasil tem o gosto do suco de maracujá. Guardo até hoje o sabor daquela chegada”. Certamente, naquele dia, em que Frei Damião foi acolhido, no Convento da Penha, o ritual repetiu-se. Ali, no Hospício da Penha, como era chamado, no mesmo bairro de S. José, sua história, no Brasil, teve princípio e iria ter seu desfecho no solene velório, iniciado na madrugada do dia 1º de junho de 1997, para o qual milhares de pessoas acorreram, por quatro dias seguidos e ininterruptos, como gratidão e reverência, pelas décadas dedicadas a esse mesmo povo.

Os três primeiros meses de Frei Damião, no Brasil, foram de estudos e aproximação com a Língua Portuguesa, na vida conventual da Penha. Aos poucos, começava a pregar “decorando algumas práticas, porque não dominava a língua, o que levava as pessoas a dizerem que ele pregava melhor do que falava (MOURA, 1978, p. 36). Eduardo Hoornaert, referindo-se a Frei Damião, afirmou: “Era costume, entre os pregadores populares, anotar e decorar textos já traduzidos do italiano pelos próprios capuchinhos. Assim ainda trabalhou até bem pouco tempo atrás Frei Damião de Bozzano.” (HOORNAERT, 1997, p. 116).

Em 1937, Frei Damião e Frei Cipriano foram enviados a trabalhar na Paraíba e no Rio Grande do Norte, mesmo que, oficialmente, a sua residência fosse o Convento da Penha. Nesse mesmo período, o Definitório Provincial de Lucca criou a Custódia Provincial de Pernambuco e foram confirmados os superiores: Frei Teófilo de Virgoletta, como Custódio Provincial, e os Freis Félix de Olívola e Damião de Bozzano, como Conselheiros. Dois anos mais tarde, em janeiro de 1939, Frei Damião ficou no grupo dos capuchinhos residentes no Convento de Natal, uma antiga casa dos Irmãos Maristas, recém-entregue aos capuchinhos, onde residiu até 1944 (Id. p.200). Sobre esse período, de 1939 a 1945, Gildson Oliveira sustentou que:

Na época da Segunda Guerra Mundial, quando ficou impedido de sair para fazer pregações, para evitar possíveis transtornos por conta da sua origem italiana, teve que focar em Maceió (AL) por um período. Mas não deixava de insistir junto ao seu superior: - Por favor, Frei Otávio, me deixe sair! Seu pedido só pode ser atendido após o conflito (OLIVEIRA, 1997, p. 50).

Daí em diante, passou a ter novamente a Penha como residência. Em seguida, retornou a Natal, foi transferido para Maceió e, em 1983, fez parte da fraternidade do Convento da Penha, quando foi residir no Convento de São Félix, onde permaneceu incardinado até a sua morte. Todos esses conventos serviram, ao longo dos anos, como pouso e lugar de descanso das intermináveis missões que se sucediam, semana a semana, em uma cadência impressionante e com um vigor que espantava quem o acompanhava.

De acordo com Frei Jociel Gomes, “o convento para Frei Damião era o lugar do descanso depois da labuta missionária, ali ele repousava, refazia suas forças, reencontrava os frades e novamente partia para outras paragens, de acordo com sua agenda sempre lotada” (GOMES, 2013, p. 45).

II. AÇÃO E REPRESENTAÇÕES MISSIONÁRIAS DE FREI DAMIÃO DE BOZZANO NO NORDESTE DO BRASIL

2.1. Os primeiros anos de Frei Damião de Bozzano no Brasil

O Brasil, dos anos 1930, caracterizou-se por uma nação que buscava compreender-se, na perspectiva do Estado Novo. Foi a chamada Era Vargas que, inserida no macrocosmo mundial, recebeu os impactos da quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, de 1929, e toda a sua influência para o capitalismo de então. A política do Café com Leite estava sendo sucedida pelo governo populista de Vargas. Foi um período em que os desempregados perambulavam pelas cidades e pelos campos. A alimentação era exígua; tinha como base feijão, arroz, carne-seca (artigos alimentares baratos e abundantes nos mercados), café adoçado com mascavo e um pouco de farinha, pois o pão era artigo de luxo, bem como o leite, a carne, os condimentos e os legumes. A Imagem de Vargas, como pai dos pobres, passava a ser difundida entre o proletariado migrante do campo e pela propaganda feita pelo próprio governo. Nesse período, apenas Pernambuco e a Bahia não tinham um tenente como governador.

A chamada Doutrina de Ordem, onde o Estado apresentava-se no papel hierárquico de sustentáculo, para estabelecer a Ordem Nacional, levou, por sua vez, a Igreja a assumir também um papel, onde a hierarquia declarava-se como sendo um sustentáculo para estabelecer-se a Ordem Nacional. Os bispos, então, viram-se como detentores dos bons costumes. Em meados do século XIX, a Igreja já havia feito uma Reforma nos seus costumes e no modo como portar-se com a sociedade brasileira, de modo que a preocupação com a ordem religiosa e espiritual, em detrimento à sua relação com o Estado, ficou enfraquecida politicamente. Houve um afastamento e perda do poder eclesiástico, de forma considerável, junto às forças estatais, relegando a religião católica a mero instrumento de efeito devocional e piedoso.

Nesse contexto político e religioso, que teve impacto externo na ação da Igreja, houve, na virada do século XIX para o século XX, uma busca de retomar a posição eclesiástica junto ao Estado e à Sociedade Civil.

A entrada das congregações católicas trouxe ao Brasil religiosos qualificados, provenientes principalmente da França e da Itália, que passaram a atuar em escolas, hospitais e imprensa. Na primeira etapa, que se estendeu da década de 1890 até a década de 1950, a Igreja, comprometida com o processo de romanização e o ideário conservador, empregou esses novos recursos humanos principalmente em sua própria estruturação. Assim, o número de

dioceses, inferior a duas dezenas por ocasião da Proclamação da República, cresceu até chegar às 272 dioceses atuais (ARANTES, 2016, n.p.).

A Igreja aproveitou o momento, para insistir na unidade da fé, com os discursos apologéticos, em defesa da fé católica, infiltrando seus membros nos diversos setores da sociedade. Os sermões e discursos eclesiais alinharam-se ao discurso dos líderes civis, a partir de uma visão positivista, incentivando o progresso, o desenvolvimento moral, intelectual e econômico do país.

A contribuição benéfica da Igreja Católica na formação de nossa nacionalidade é uma verdade histórica de valor insofismável. A unidade estreita, que só o catolicismo pode conseguir, proporciona à pátria uma força indomável [...] diante disso, manter e estimular este laço de unidade religiosa e cívica será sempre obra patriótica, como missão inglória é dividir, desfibrar a família brasileira (AZZI, 1976, p. 56).

Tendo chegado ao Brasil, em 1931, residindo no Convento da Penha, aprendendo e falando a Língua Portuguesa, Frei Damião de Bozzano “empenhou-se de tal modo que, ainda quando escrevia seus sermões, quase os memorizava integralmente para melhor pronunciá-los” (SOUSA NETO, 2011, p. 21). Por sua disciplina e empenho, “aliado a uma memória prodigiosa, logo o tornaram orador apreciado e em bom português” (SOUSA NETO, 2011, p. 21). Souza Neto chega a atribuir o sucesso de sua atividade missionária, ao fato de ser zeloso e respeitoso na acurada preparação de seus sermões.

O religioso capuchinho logo alinhou seu discurso teológico à visão de nacionalidade brasileira. Encontramos, nos seus últimos sermões, em especial, no discurso dos seus 90 anos, gravado em áudio, um forte e vibrante: “Viva o Brasil” bradar de seu peito, como que reafirmando aquela fidelidade à construção do Estado Nacional de outrora, onde a moral, o progresso e a disciplina precisavam ser preservados.

De fato, os primeiros anos do religioso, no Brasil, foram de apropriação do idioma e dedicação ao atendimento do povo, na Basílica da Penha. Em carta de Frei Félix de Olívola, então superior de Frei Damião, no Brasil, informando ao seu provincial de Lucca, sobre a situação da missão no Nordeste do Brasil, afirmou que, “Frei Damião está bem, apesar de todas as dificuldades. Que Deus o conserve! Aqui ele prega muito em nossa Igreja da Penha com a presença numerosa do povo e com resultado consolador” (ZAGONEL, 2001, p. 197). Durante todo o ano, mais especialmente no mês de maio, ocorria grande número de fiéis para a Basílica da Penha, que sempre teve, na figura dos frades, a imagem dos pregadores para as massas e mantenedores das devoções mais enraizadas nos fiéis católicos da classe popular. Frei Damião, legatário dessa tradição capuchinha, deu os seus primeiros passos em solo brasileiro,

exatamente, no seio do povo simples do Recife, onde engendrou, mesmo que de passagem, as bases das pregações futuras.

2.1.1. A primeira missão no Brasil: Gravatá-PE

A primeira missão de Frei Damião, em chão nordestino, aconteceu na Fazenda Riacho do Mel, município de Gravatá - PE, a 83 quilômetros do Recife, entre 25 e 30 de setembro de 1931, por ocasião da festa de São Miguel Arcanjo. Essa missão tornou-se memorável para os seguidores de Frei Damião. Foi o povo gravataense que primeiro viu e ouviu o próprio religioso e, tantas outras vezes, acolheu-o como a um enviado de Deus. Não é sem razão que muitas das histórias, que se contam do Capuchinho, teriam acontecido nesta cidade do Agreste Setentrional 66 Pernambuco, de clima frio e com uma população extremamente católica, que chegaram a outorgar-lhe o título de cidade com o maior número de devotos fiéis do Capuchinho Missionário. Nos dias atuais, mesmo tendo a cidade se tornado principal destino, nos meses de inverno, para os mais abastados da região, no mês de setembro, uma multidão, formada pelo povo mais simples das cercanias, ainda acorre àquela capela, que permanece de pé e muito bem cuidada, para fazer as suas orações e benditos em louvor a Frei Damião. Em tempos atuais, os padres da Diocese de Caruaru, que assumem o território paroquial daquela capela, trazem, a cada ano, os frades capuchinhos, como forma de perpetuação da memória do frei italiano e, ao mesmo tempo, como fator agregador de fiéis, já que a figura do religioso, de barbas longas e hábito medieval, torna-se simbólica na celebração anual, que consta como um dos principais eventos religiosos da região.



Figura 02 – Capela e Casa no Riacho do Mel, Gravatá – PE.
Fonte: Frei Jociel Gomes, OFMCap.



Figura 03 - Lateral da casa do Riacho do Mel. Primeira foto de Frei Damião no Brasil.
Fonte: Arquivo da Província de Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil.

Da missão em Gravatá, desdobrou-se uma intensa ação missionária que o levou a percorrer o Nordeste, nos mais recônditos lugares e, diuturnamente, de forma incansável, assumindo o mandato de seus superiores como vontade do próprio Deus. Teve uma prática missionária expressiva, aos olhos do povo, gerando um fenômeno merecedor de aprofundamentos.

2.2. Um corpo franzino, um modo de falar diferente: biotipo de santo.

Uma característica bastante significativa dos missionários Capuchinhos foi o aspecto físico, especialmente dos italianos. “O povo deixou-se envolver pelas Missões e pelo aspecto das barbas grandes dos Missionários” (KARSBURG, 2015, p. 56), lembrando os profetas bíblicos e denotando o desprezo ao corpo e à pobreza material, “mas também pela coragem de enfrentar as asperezas do sertão vestindo sandálias e hábito rústico, levando existência de total despojamento e desconforto” (AZZI, 2001, p. 48). Os fiéis nordestinos, desde muito cedo, acorriam ao encontro desses capuchinhos, chamando-os de Padres Santos.

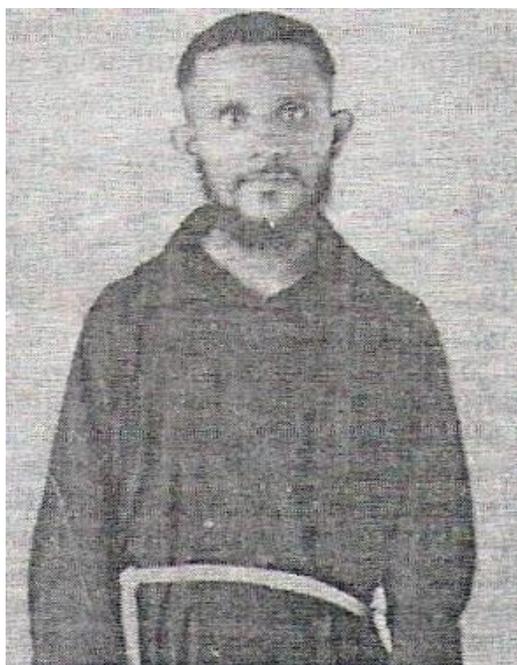


Figura 04 - Frei Damiano de partida para o Brasil em 193

Fonte: Arquivo da Província de nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil.

“Os frades se transmutaram em santos capazes de atender aos anseios e expectativas da população que, entusiasmada com essa angélica presença, abandonava seus afazeres para segui-los com o objetivo de aprender maneiras de levar uma vida santa e salvar a alma”. (KARSBURG, 2015, p.56). Talvez, não por sua baixa estatura, muito menos por traços de beleza física, da qual era um tanto desprovido para os padrões atuais, na atitude silente como se portava, o olhar profundo e sempre fixo demonstrava aquilo que, na teologia da espiritualidade, chama-se de *mística*⁴³. Não pelos trajés, muito menos pela desenvoltura de

⁴³ O termo *Mística*, como recorda Juan Martín Velasco, foi submetido a usos tão variado e utilizado em contextos tão diferentes que se torna polissêmico e ambíguo. Etimologicamente *mística* vem da palavra grega *mystikós*, associada com os mistérios iniciáticos e com o secreto. Deriva do verbo *myo*, que significa a ação de fechar a boca e os olhos (TAMAYO, 2009, p. 373).

comunicador, seu corpo franzino e sua postura um tanto tímida alcançava as multidões por onde passava, de forma que o que as atraía estava mais na questão simbólica.

A aparência de Frei Damião, o seu biotipo franzino, de algum modo, sempre foi elemento de ajuntamento do povo a si. Baixinho, como os nordestinos; franzino, como muitos dos agricultores que confessava; de fala mansa, como a fala dos sertanejos e de hábitos próximos aos dos agricultores. Acordava muito cedo, fazia intervalos nas horas sagradas das refeições, quase nunca aceitava lanches nos intervalos das refeições. Só contrastava com o agricultor na hora de repousar. Enquanto o sertanejo repousa com o cair da tarde, Frei Damião, no afã de confessar e converter fiéis, entrava noite a dentro, acolhendo, um a um, os fiéis que passavam, horas e horas, à espera do grande encontro com o seu confessor.

Nas caminhadas penitenciais, no início do dia, seguia à frente do povo. Costumava levar a cruz em uma mão e uma sineta na outra. Esse era o som do chamado e da condução dos fiéis que se aglomeravam perto dele. O cantor nordestino, Luís Gonzaga (1912-1989), na música intitulada Frei Damião, de autoria do médico caruaruense Janduhy Finizola, em 1974, cantou o que, para o romeiro, era anúncio da hora de encontrar-se com o Padrinho Frei Damião e, com ele, rezar: a campá - “lexia polissêmica que contém mais de um sentido (laje sepulcral, sineta ou grupo indígena que habita o sudoeste do Estado do Acre)” (SOUSA, 2017, p. 11) nesse contexto e cenário específicos, em consequência de seu uso, significa “sineta” ou pequeno “sino”: [...] Com a reza e a campá, desperta, canta. Já chegou o tempo, ninguém perca tempo vamos pras Missões [...].

De passos curtos e rápidos, confundia-se com os fiéis, merecendo destaque apenas seu hábito surrado, o cordão arrastando pelo chão e uma sandália de couro.

Do seu corpo curvado e cansado, emanavam ainda como forte atrativo, os veneráveis cabelos brancos, principalmente a barba, e aquilo que mais fascinava os fiéis: os profundos olhos azuis, com os quais transmitia toda a bondade e acolhida de um pai espiritual (SOUSA NETO, 2011, p. 69).

Uma imagem que permanece na memória dos fiéis, assim como para a pedagoga Tereza Neuma que, assim, escreveu recordando:

As lembranças que tenho dele é de uma pessoa da estatura baixa, olhinhos azuis, mãozinhas bem gordinhas, fofas e de dedos curtos e gordos. Barba comprida, cabelo bem aparado e com um coroinha (usada antigamente pelos padres) no meio da cabeça. Voz baixa e com sotaque italiano. A batina marrom e um cordão branco amarrado em sua cintura, lembro eu costumava ficar segurando a ponta do cordão, enquanto confessava. Recordo que mamãe me levou até ele e disse: ‘Frei Damião, queria que o senhor colocasse uma bênção nessa menina porque ela chora demais, não acho isso normal’. Ele, de cabeça baixa (não gostava de levantar a vista para as pessoas), disse: ‘Ela não tem nada, deixe ela chorar, não faz mal nenhum’ (GOMES, 2015, p. 57).

Ao relato acima, somamos a expressão de Câmara Cascudo, ao descrever: “Frei Damião risonho e sereno, com sua túnica franciscana, o cordão do vínculo, ouvido para a confissão, o gesto para a bênção” (GOMES, 2015, p. 18), que demonstram as características físicas e de personalidade que atraíam as pessoas e não se comunicavam pelos seus atributos plásticos ou estéticos. Era o ser humano na sua mais primária concepção de pessoa e das relações forjadas com os seus interlocutores.

Homem de estatura pequena, assombra a todos pela disposição para o trabalho. Dorme pouco, uma média de 4 horas diárias, alimenta-se de verduras, pão e carne. A sua sobriedade é famosa. Não tem mais o porte altaneiro das suas primeiras décadas de pregação, mas mesmo assim, cansado, idoso, de cabelos e barbas brancas, de voz rouca e corcunda arriada, continua o seu trabalho, que sempre começa às quatro da madrugada e vai até a noite. Sua voz atualmente não é fácil de ser percebida, mas mesmo assim, as pessoas a escutam como se estivessem hipnotizadas (MOURA, 1978, p. 36).

Seus gestos sempre contidos, não movia as mãos, não caminhava, enquanto pregava. Imóvel, em cima de um estrado de um altar ou de uma caminhonete, segurava-se na carroceria do caminhão, na mesa do altar ou em algum fiel com uma mão, para encontrar firmeza, ou mesmo deixava o braço junto ao corpo, enquanto, com a outra mão, segurava o microfone, que propagava a sua voz de sotaque italiano e quase incompreensível. Moura (1978, p. 37) afirma: “Não gesticula muito, a não ser quando admoesta as pessoas a se livrarem do inferno ou quando fala de casamentos ilegais e dos pecados contra a castidade. Geralmente apresenta muita calma”.

Frei Fernando Rossi lembrava “com saudades da convivência com o frade durante as missões, e falava de seu jeito calado e reservado, sempre entregue às orações” (OLIVEIRA, 1997, p. 49). Segundo Dom Severino Batista de França, Bispo Capuchinho Emérito de Nazaré da Mata:

A presença do Frei Damião era uma iluminação para mim, quando criança, que me fazia atrair àquele estilo de pessoa. Frei Damião não era um homem de uma comunicação grande, assim pessoal, de interagir com as pessoas [...] mas Frei Damião se comunicava pela presença [...] era aquela pessoa que estava rindo para as outras, não, ele era instrospecto, uma pessoa introspecta, mas que saía dele essa energia, essa força que curava as pessoas.⁴⁴

O seu corpo era tão franzino e, nos últimos anos de vida, ficou tão encurvado. Por mais de trinta anos, sofreu com problema de feridas e inchaços, nos pés e nas pernas. “Um edema crônico da pele e dos tecidos subcutâneos dos membros inferiores [...] que diminuía a

⁴⁴ Entrevista concedida por Dom Severino Batista de França. Entrevista II. [outubro de 2017]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2017. Arquivo mp3 (37:18seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

circulação venosa e a dos vasos linfáticos. Essa linfadenite antiga era causada por crises repetidas de erisipela” (TORRES, 2004, p. 09). Segundo Blancard Torres, esse quadro

apresentava-se desde a sua juventude e agravou-se com crises repetidas de maior comprometimento, chegando a necessitar de internamento hospitalar. Já tão conhecido pelos devotos fiéis, esses pés escurecidos e inchados foram declamados pelo poeta potiguar, Homero Homem da Silva, que escreveu o poema “Pés de Frei Damião”⁴⁵:

Em repouso, já fora das sandálias,
No estradinho com fronha e travesseiro
Os pés de Frei Damião são retirantes
Arranchados à sombra do ingazeiro.
Revestidos de pó e couro cru,
Palmilharam caatingas, arruados,
Serrotes do sertão, adros de fé,
Santas Missões de ex-votos e esconjuro.

Os pés de Frei Damião sem as palmilhas
São ilhas de repouso merecidas,
Varandas brancas, redes de dormir,
Alpendres sertanejos, velhos pousos. [...]

Despidos das sandálias, no banquinho
Os pés de Frei Damião, velhos vaqueiros
Conduziram rebanhos bem guardados
Pelas trilhas de aboio e cangaceiro. [...]

Já fora da bainha das sandálias
Os pés exaustos de Frei Damião
São ainda punhais, santas peixeiras
Cravadas no vazio do Bandalha. [...]
Os pés dormentes de Frei Damião
São velhos alquebrados; são os cacos
Das moringas, já secas, dos cassacos,
Espalhados e inúteis pelo chão. [...]
(GOMES, 2015, p.113-116).

Esses mesmos pés, bem como as mãos, moldados ainda em vida, e esculpidos em bronze ou mesmo no cimento, são objetos de devoção para os fiéis de Frei Damião, no Centro de Tradições Nordestinas, na cidade de São Paulo, ou mesmo em São Joaquim do Monte, em Pernambuco, para onde afluem milhares de fiéis, todos os anos, em romaria. Para Câmara Cascudo, a imagem física abarca os mistérios e concretiza gestos, pois “entre assombros, rugidos e terrores, atravessa Frei Damião risonho e sereno, com sua túnica franciscana, o cordão no vínculo, ouvido para a confissão, o gesto para a bênção” (GOMES 2015, p. 18).

⁴⁵ Gildson Oliveira, referindo-se às partes de seu livro *Frei Damião o Santo das Missões*, atribui a autoria do poema a Homero Homem e atrela-o à escrita de sua obra: “Em Açu (RN), onde fiz a foto dos capítulos que abre a primeira parte desse livro, e para a qual Homero Homem fez a poesia *Pés de Frei Damião*, a multidão está em estado de graça” (OLIVEIRA, 1997, p. 12).

Ainda em vida, suas mãos foram moldadas pelo Pe. Antônio Maria, em uma das idas do frade a São Paulo. Segundo seu relato, o próprio padre fez o gesso, moldou na mão de frei Damiano. Esse molde, que ainda está em posse do Pe. Antônio Maria, serviu de base para a mão em bronze que, hoje, encontra-se no Convento de São Félix. Ali, os milhares deromeiros fazem questão de colocar também as suas mãos e tocam-nas como se tocassem o sagrado. Do mesmo modo, em São Joaquim do Monte, onde há uma grande devoção ao capuchinho, junto à grande imagem, que se encontra em uma Serra, estão impressos, no cimento, em baixo relevo, os pés e as mãos do religioso, cuja ação do tempo e os milhares de toques aprofundam os sulcos que marcam o cimento, em forma de mãos e pés. Para os fiéis de Frei Damiano, qualquer representação, mesmo que de uma parte, do seu corpo. Aquilo que Durkheim define como representações, que podem ser até da fisionomia.

Cada povo representa seus heróis históricos ou lendários de determinada maneira variável segundo os tempos; essas representações são conceituais. Enfim, cada um de nós tem determinada noção dos indivíduos com os quais está em contato, do seu caráter, da sua fisionomia, dos traços distintos do seu temperamento físico e moral: essas noções são verdadeiros conceitos” (DURKHEIM, 1912, p. 511).

O significado da presença corpórea de Frei Damiano sempre foi muito forte para os fiéis que o acompanharam, por toda a sua vida, de forma que, ao veem um corpo encurvado de um velho senhor, enxergam um santo. Para além de toda a percepção dos católicos devotos, há um homem com características físicas que, segundo a medicina, necessita de cuidados médicos especiais.

O médico pneumologista Blancard Torres, a partir de 1989, tornou-se médico particular de Frei Damiano. Em seu livro, publicado em 2004, intitulado Frei Damiano: o santo e médico, dentre sua relação e percepções da vida e da missão do religioso, apresenta, clinicamente, suas patologias físicas. Relatando uma dificuldade de respirar, apresentada pelo frei, Torres escreve:

A grande deformidade torácica era também uma possibilidade, pois o frade tinha uma cifose – uma curvatura excessiva para frente – e uma escoliose – uma curvatura para o lado – ou seja, apresentava uma associação de cifose e escoliose – ‘cifo escoliose de convexidade para a direita’, que, ao evoluir, comprime os pulmões. Essas alterações da caixa torácica, portanto, são causa de influência respiratória aguda, geralmente exacerbada por uma infecção viral ou bacteriana ou mesmo tuberculosa (TORRES, 2004, p. 11).

No cotidiano, precisava de nebulizações, fisioterapia respiratória e uso de cateter respiratório nasal, além de todo o sofrimento com a dificuldade circulatória e com a deficiência do sistema venoso linfático. “O seu coração, apesar da idade, funcionava bem, e suas outras

funções orgânicas nada demonstravam de anormal” (TORRES, 2004, p. 11). A grande preocupação, segundo relato do próprio médico, nos últimos anos da vida do Capuchinho, estava no fato de o frade pouco se alimentar. Quando retornava das missões, de certa forma, sempre estava debilitado, com piora no estado de respiração e, em muitas ocasiões, “verdadeiras chagas se abriam nas suas pernas, as quais eram muito vulneráveis, devido ao déficit de sua circulação” (TORRES, 2004, p. 28). O quadro do inchaço das pernas, associado à desnutrição e à desidratação, fazia com que permanecesse abatido, por muitos dias, até voltar às suas missões.

2.3. O método das Santas Missões de Frei Damião

A Metodologia da Missão dos Capuchinhos, em especial os do Nordeste, já foi tratada no capítulo anterior desse trabalho. Desejamos, nesse momento, debruçar-nos no método e no roteiro das Missões Populares, vivenciadas ao longo de seis décadas, por Frei Damião de Bozzano, como exercício missionário contínuo e ininterrupto, para converter os corações à fé.

O capítulo V da clássica obra, Eduardo Hornaert, “História da Igreja no Brasil, primeira época – Período Colonial”, já citada nesse trabalho, debruça-se sobre a questão da Pedagogia da Evangelização no Brasil. Na sua compreensão, o projeto colonizador desenvolveu-se em duas bases totalizantes: a dos colonizadores e a dos colonizados. Esta última constitui a cultura ou religiosidade, ou mesmo o Catolicismo Popular de hoje, conforme já abordamos anteriormente. Interessa-nos, todavia, perceber que as missões populares, como foram vivenciadas, ao longo dos anos, por Frei Damião, estavam profundamente marcadas pelo esquema tridentino, mas que também assimilaram elementos novos. Para Hornaert, essa forma de fazer missão “prolongava no Brasil uma linha pastoral muito desenvolvida na Europa, após o Concílio de Trento, que levou a experiências de visitas esporádicas que, igualmente, tiveram consequências típicas e significativas” (HOORNAERT, 2008, p. 126).

Azzi apoia-se na tese de que o Brasil herdou o estilo de missão católica como herança do “espírito de conquista e guerra contra os inimigos da fé [...] que, na Península Ibérica, permaneceu mais arraigado [...]. Tanto Espanha como Portugal afirmaram-se como nações, a partir da luta pela Pátria e pela religião Católica” (AZZI, 2004, p. 52). Ao longo dos séculos, a Missão tornou-se uma prática pastoral comum no Brasil. Certamente, o novo mundo, conquistado pelos portugueses, prolongou as mentalidades das cruzadas, retomadas pelos lusos, ainda que seus principais interesses fossem políticos e econômicos.

No entendimento de Kasburg, a união das pessoas de uma determinada comunidade, com o objetivo de construir algo concreto pelo bem comum era, na verdade, parte do método de evangelização, cuja finalidade não era outra, senão pregar a conversão aos fiéis.

Desde que chegou ao Brasil, Frei Damião, com todo o afã de evangelizar, ao estilo ultramontano, reconhecendo-se enviado do Papa, para a missão que fora confiada pelos superiores, em um discurso anti-moderno, romanizado e fiel ao pontífice de então, Pio XI, permaneceu com os métodos dos missionários que o antecederam. A tônica de suas missões deteve-se na animação ao povo com palavras ardentes, arrebatadoras, além das confissões e realização dos sacramentos. Foram características significativas de seu estilo missionário as longas viagens, as visitas, o deslocamento para os sertões, as semanas intensas de atividades, as catequeses, as penitências públicas, os atendimentos, as desobrigas.

A palavra método, segundo Abbagnano (2007, p. 668), do grego, *methodos*, é composta de *metá* e de *hodos*, duas palavras bastante significativas. A primeira, que significa reflexão, raciocínio, verdade. A segunda, significa caminho, direção. Ambas ilustram bastante a ação missionária de Frei Damião, cujo trabalho estava alicerçado na pregação; no conselho; na fala, a partir de raciocínios; nas reflexões, que apresentavam uma verdade; na fé católica. Abbagnano afirma, ainda, que o método é um procedimento organizado e repetível que garante a obtenção de resultados válidos. Nesse sentido, o caminho percorrido para o convencimento dos fiéis e a sua mudança de vida, em relação ao pecado, sempre estava em direção à meta, Deus. Sua metodologia, com elementos tão tradicionais e intencionais, buscava apenas indicar e conduzir os fiéis a essa fé.

Os dois momentos mais fortes da alma religiosa do povo simples do Nordeste foram a Semana da Paixão e as Santas Missões. A experiência religiosa, que o homem do povo vivencia nessas duas ocasiões, corresponde a uma realidade profunda do íntimo do seu ser. Se, em ambas, há um traço comum, expressivo da religiosidade do nosso povo – uma religião penitencial -, no entanto, há nelas algo de mais abrangente e de mais complexo (FRAGOSO, 1985 p. 45).

Nos anos 60, as Missões entraram em crise e quase desapareceram da Pastoral Católica do Brasil. Frei Damião, porém, vivenciou esse período com o mesmo vigor dos antigos missionários, com a mesma metodologia e com o mesmo discurso de sempre. O seu método permaneceu inalterado desde a sua chegada.

2.3.1. O roteiro das santas Missões, um tempo de festa

Um refrão de domínio público, cantado nas missões, desde tempos longínquos, no Nordeste brasileiro, diz:

Só nas Santas Missões nós temos
Uma festa bonita assim:
Um começo de lá do Céu
Onde a festa não tem mais fim!⁴⁶

A chegada de Frei Damião sempre representou dias de mudanças significativas em qualquer cidade do Nordeste. Tudo se tornava uma grande festa. Um céu na terra, como afirmavam os nordestinos. Parecendo até alheio a toda efervescência ao seu redor, Frei Damião seguia o mesmo ritmo, em qualquer lugar que fizesse missão: pregação, confissão e missa. Sempre se hospedava em uma casa paroquial ou na residência de algum líder político local, de algum fazendeiro ou de algum fiel mais fervoroso.

Sobre a metodologia da missão do capuchinho, já nos anos 1950, escreveu Frei Urbano, de Sertânia, na Revista Dom Vital:

Despertar às 3 horas da manhã. Sair pelas ruas poeirentas, chamando os fiéis para a penitência. Celebrar em seguida e pregar. Distribuir a comunhão às multidões de fiéis. Tomar um café. Sentar-se no confessionário até o meio dia. Comer um nada ao almoço, descansar uma horinha e depois ao trabalho até meia-noite e mesmo 1 hora da outra manhã. Isso é a vida de Frei Damião. Há 20 anos não teve um só mês de férias. As missões se passam de paróquia à paróquia, muitas vezes sem intervalo de ao menos dois dias para descanso (SERTÂNIA, 1952, p. 07).

Segundo Frei Jociel Gomes, vice-postulador⁴⁷ da causa de beatificação e canonização de Frei Damião de Bozzano, “a missão dele, geralmente, começava na segunda-feira. Ao cair da tarde, o missionário era recebido à entrada da cidade e conduzido, em carreata, à Igreja Matriz. Ali dirigia as primeiras palavras à multidão que esperava, sedenta, para ouvir a voz do peregrino de Deus” (GOMES, 2013, p.18).

Abdalazis de Moura, professor do Instituto de Teologia do Recife (ITER), descrevendo uma missão de Frei Damião, que acompanhou, em vista de uma pesquisa, e que

⁴⁶ Refrão do Hino das Santas Missões, cuja autoria é anônima e é de domínio público.

⁴⁷ No processo de canonização o autor, no caso de Frei Damião, a Província de Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil, nome oficial da circunscrição capuchinha do Nordeste, constituiu um Vice-postulador para ficar à frente do processo na fase diocesana. O postulador é o representante do vaticano que atua diretamente na Congregação para a Causa dos Santos. Assim diz o Código de Direito canônico: “O autor, com um mandato redigido de acordo com o direito, nomeia um procurador, ou seja, o postulador para a fase diocesana ou eparquial da causa” (CDC, Art. 12 - § 1.). No caso de Frei Damião o atual Vice-postulador é o Frei Jociel Gomes, OFMCap.

teve início no dia 16 de julho de 1971, na cidade de São José de Piranhas, próximo a Cajazeiras – PB, narra a chegada de Frei Damião, de forma detalhada:

Às 14,30 horas, o alto-falante da Prefeitura anunciava fortemente a notícia que logo Frei Damião chegaria. Corre-corre, instalação de aparelho de som na Igreja, aprontamento de um púlpito recoberto de toalha enfeitada com flores. Dizem que jatobá recepcionou sempre bem o missionário. As músicas (do Carequinha, sacras, rezas recitadas) continuavam as mesmas até às cinco da tarde, quando arranjaram outras. De nada valiam os insistentes apelos do locutor: o povo não se aglomerava. O santo missionário, “que desta vez estava só passeando”, e o bispo que acompanhava Frei Damião não chegava. A cruzadinha já estava de branco com fitas amarelas para recebê-lo. Às seis da tarde, fogos no bairro de São Sebastião anunciando sua chegada. Rapidamente, a multidão se aglomera e a pedidos forma alas, enquanto a animação em corrente se espalha aumentada pela meninada barulhenta. É uma comitiva de carros, e ele na Kombi do bispo, sentado no banco da frente. “Vão tirar ele do carro”, comenta alguém, quando a multidão delirante, jogando flores, se precipita em sua direção, querendo tocá-lo. As maiores aclamações são para o “Santo do Nordeste”. Cada um dos visitantes diz alguma coisa, e não faltam as mútuas louvações (MOURA, 1978, p. 40-41).

E esse era seu ritmo: Despertar, oração da manhã, ato de fé, ângelus, oferecimento do dia, Santo Anjo, Pai Nosso, Ave Maria, “pelos pecadores que vão morrer hoje”, como dizia; Procissão de penitência, às 04h, e, em seguida, sermão e Missa. Era significativo esse momento, especialmente na vida do nordestino sertanejo, pois se assemelhava ao seu cotidiano. O agricultor é aquele cujo despertar é sempre cedo, com o nascer do sol. Na canção “Frei Damião”, já citada, de autoria de Janduhy Finizola e interpretada por Luís Gonzaga, os versos transcritos, a seguir, registram, de modo poético, esse momento:

Quando o galo canta na madrugada.
Já toda gente de pé se benze na procissão
Numa marcha santa dentro da alvorada
Vai na frente o homem, o quase santo Frei Damião.

Sandro Sousa, fazendo estudos sobre aspectos semânticos culturais na obra de Luís Gonzaga, debruça-se nos versos da canção, em homenagem a Frei Damião, percebendo que:

Nesta canção, o locutor reúne e divulga diversas lexias que expressam a devoção dos fiéis nordestinos à fé católica e a Frei Damião. O cantar do galo na madrugada evoca a metáfora funcional de “relógio dos pobres” a que se refere Cascudo (2012 [1979], p. 321), anunciando a proximidade da hora de levantar para os nordestinos das glebas rurais. A alvorada é a hora do crepúsculo matinal e, por processo metonímico, passou a designar qualquer manifestação ruidosa com música ou fogos de artifício ao alvorecer de um dia festivo, como é o caso das procissões, cortejos religiosos e solenes em que os padres são seguidos pelos fiéis (SOUSA, 2017, p. 210).

Uma pausa para o café, e as confissões estendiam-se até a hora do almoço. Enquanto isso, o padre da paróquia batizava as crianças. Ao estilo europeu, sob o sol causticante do

Nordeste, a hora da sesta sempre era sagrada; por uma hora, recobrava as forças para, logo em seguida, retornar às confissões, até a hora do jantar, por volta das 18h. Na parte da tarde, reservava um horário para as crismas, às centenas. “Muitas crianças ainda de colo eram crismadas” (SOUZA, 2017, p. 42).

Dependendo do tempo de duração das missões, grupos especiais eram contemplados em diferentes atividades: motoristas, fazendeiros, professores, idosos, crianças, jovens, etc. [...] a missão poderia ainda ser concluída com uma visita aos encarcerados, onde existisse prisão (SOUZA NETO, 2011, p. 24).

O terço, o rosário ou o ofício de Nossa Senhora, elementos da devoção Tridentina e Franciscana, era rezado com o povo, por volta das 19h. Após o terço, o famoso sermão da noite, certamente, o momento de maior aglomeração de pessoas naquele dia. Chegavam aos milhares, em caminhões, caminhonetes, a pé, de bicicleta. A missão sempre teve um aspecto de festa, atraindo vendedores ambulantes de comidas, de lembrancinhas, de relíquias, de imagens, de terços e dos mais diversos produtos. Nesse período, o povo chegava a dormir nos mercados, nas casas de parentes, na própria Igreja, que ficava a noite inteira aberta. E era à noite, depois desse grande sermão, que aconteciam as confissões dos homens, que se estendiam até à meia noite. O horário de repouso sempre estava atrelado à quantidade de penitentes, o que, muitas vezes, passava da 00h00.

À mesa, sempre estava cercado por beatas, políticos, homens de importância para a região, crianças e um batalhão de pessoas que cuidavam do alimento. Na residência em que se hospedava, um movimento de pessoas, entrando e saindo, algumas aglomeradas na porta ou nas janelas. Frei Damião sempre se alimentava daquilo que servissem. Adaptou-se ao modo de alimentar-se dos nordestinos. Segundo Frei Fernando Rossi, apenas não gostava de jerimum, o que lhe serviu de embaraço e de uma situação jocosa, segundo o relato do próprio Frei Fernando, em entrevista a Gildson Oliveira. “Fiz uma coisa que, depois, me arrependi”:

Os dois se hospedaram na residência de uma descendente de italianos, no lugarejo de Bom Jesus, próximo à cidade de Afogados da Ingazeira, sertão do Pajeú (PE). Quando a dona da casa perguntou o que devia servir a Frei Damião, Rossi sugeriu que ele gostava muito de jerimum (abóbora) com leite. Foram três dias de jerimum com leite, nas três refeições. Frei Damião comia sem reclamar. Depois, no caminho de volta, em meio à conversa descontraída, a certa altura Frei Fernando Rossi perguntou: - Como é, Frei Damião, gostou da comida? E ouviu logo a resposta, em tom de apelo: - Nunca mais faça isso, Fernando! [...]. Mas ele nunca reclamava de nada, só fazia rir (OLIVEIRA, 1997, p. 48).

Todos queriam desfrutar da presença mais íntima do Padrinho, como o chamavam. Sua atitude era sempre silente. Poucas palavras, um olhar tímido e profundo. Não travava

grandes diálogos, não puxava conversas. Respondia, às vezes, com um sorriso ou com um breve gracejo. Homem de poucas palavras, na intimidade do cotidiano, soltava o seu falar no púlpito.

Durante o período da missão, ainda era comum uma procissão com o Santíssimo Sacramento, seguida de bênção, com o momento dos conselhos e com as bênçãos dos mais diversos objetos, como imagens, terços, escapulários, chaves, fotos, garrafas d'água e tantos outros objetos pessoais ou de devoção. É muito comum, nos dias atuais, nos lugares mais distantes, encontrar muitas imagens, fitas, quadros, terços e outros objetos religiosos expostos, em paredes e oratórios, cuja bênção emanou das mãos de Frei Damião. Esses objetos são apresentados com afeto, com respeito e como amuleto contra o mal naquelas residências carentes.

O rito de partida não era menos tumultuado que o da acolhida. Moura afirma:

Às 15,00 horas, “o senhor das missões” foi ao Púlpito para a “recepção da despedida”, acompanhado dos visitantes. Muita gente cercava a casa do padre na hora da partida. Temiam que o levassem sem que pressentissem e vigiavam, por isso o movimento de entrada e saída dos carros, perto da casa do vigário. Ao sair da casa do vigário ele foi reconduzido mais uma vez ao púlpito e repetiu de novo os conselhos. Seguiram-se os vivas. Houve bênçãos pelos sacerdotes juntamente com o bispo. O frade pediu que levantassem os objetos para abençoar. Foi difícil para o carro do bispo sair. O povo queria impedir que o “servo de Deus” fosse embora (MOURA, 1978, p. 44).

Pela estrada a fora, dirigia-se a uma nova missão. Quando muito, um dia, uma noite, em algum convento dos Capuchinhos mais próximo, e tudo recomeçava no ritmo do povo e na cadência do missionário, que deixava, na memória do povo, a cada missão, a imagem do sagrado, o consolo da alma dilacerada pelas suas agruras, a escuta das suas mais íntimas fragilidades, a oferta do seu tudo, na esmola que deixava aos pés do santo. Nessas missões, o mito, o santo, o monumento, foi sendo erguido em uma jornada que parecia não ter mais fim.

Esse modelo, vivenciado por Frei Damião, ganhou nova roupagem, ao longo do tempo. Nos dias atuais, depois dos ventos do Concílio Vaticano II, as missões assumiram uma metodologia de participação dos leigos⁴⁸. No seu novo método, três momentos fundamentais: preparação, execução e continuidade, e o pós-missão. No esquema atual, clérigos e leigos buscam o protagonismo, na ação missionária contínua, e, em particular, nos momentos das

⁴⁸ Em 1973, um grupo de padres, religiosos, religiosas e leigos, impulsionados pelo Concílio Vaticano II, criou a Equipe Missionária do Nordeste. Apropriando-se da tradição antiga das Santas Missões, estruturando o trabalho a partir da novidade conciliar, teve como objetivo estimular o nascimento das comunidades eclesiais de base, fortalecer as comunidades existentes, apoiar as organizações populares, suscitando os valores da cultura popular. Posteriormente denominou-se AMINE – Associação de missionários e missionárias do Nordeste. Sobre o tema, “Equipe Missionária do Nordeste: Entre Trento e o Vaticano II, tradicionalismo, religiosidade popular e Teologia da Libertação” (SILVA, 2016).

Santas Missões, quando toda uma diocese, paróquia ou comunidade vivenciam, por um período, ações de visitas, celebrações litúrgicas, pregações e caminhadas. Uma ação de animação e incentivo às comunidades. O estilo de Frei Damiano não carregava essa perspectiva de Igreja. Tudo estava centrado no pedido de um pároco, para que Frei Damiano pudesse fazer a missão, por ocasião da festa de um padroeiro, como forma de arrecadar recursos para um determinado fim, como a reforma da Igreja, a construção de um salão ou de uma casa paroquial, já que o retorno financeiro estaria garantido com a visita do missionário.

2.3.2. O Caminho do Céu

Um subsídio, que tivemos em mãos, durante a pesquisa, foi o livreto “A Caminho do Céu”. O exemplar de nossos arquivos pessoais foi uma oferta do Frei Fernando Rossi ao Frei Severino José de Torres Neto, sacerdote capuchinho, falecido no dia 31 de agosto de 2011. Impresso pela Tipografia Maciel LTDA, em Arapiraca – AL, o livreto conta com 83 páginas e um formato de 10cm x 15cm. Este exemplar, possivelmente, é do ano de 1970, pelo fato de a impressão ainda ser em tipografia e pelo estado em que se encontra o livro, com páginas encardidas e grampos enferrujados. Não há data de impressão. Em sua contracapa consta: “Oferta do Frei Fernando ao Frei Severino Torres. Recife, 08/09/96”⁴⁹. No arquivo dos Frades Capuchinhos, no Convento da Penha, há um exemplar do mesmo livreto, do final do século XIX, que já atesta o uso desse material pelos próprios missionários Capuchinhos. Frei Damiano de Bozzano também se utilizou desse material impresso, para catequizar os fiéis, na piedade devocional.

⁴⁹ Livro Caminho do Céu, lembrança dos padres capuchinhos. Arquivo pessoal.

O livreto está estruturado em cinco capítulos. No primeiro, encontram-se as orações devocionais, como a Oração da Manhã, o Pai Nosso, a Ave Maria, o Glória ao Pai, o Credo, o Ato de Contrição, as orações antes e depois das refeições e antes de dormir. No mesmo capítulo, a Oração do Terço e a Ladainha de Nossa Senhora.

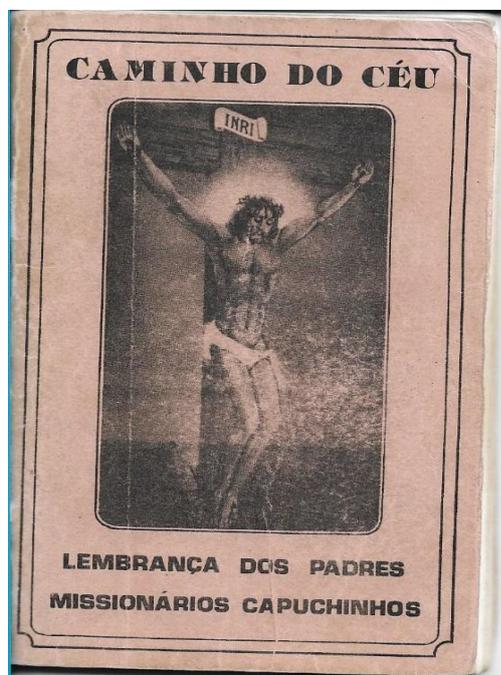


Figura 05 – Livro Caminho do Céu
Fonte: Arquivo pessoal – Aerton Carvalho

O segundo capítulo oferece a orientação para a Confissão, o Exame de Consciência, as orações antes de aproximar-se do confessional, o Ato de Contrição e as orações após a confissão. O capítulo seguinte apresenta as orientações para antes e depois da Comunhão. Para o momento após a comunhão, encontram-se os Atos de Adoração, de Esperança, de Humildade, de Caridade, de Desejo; o Agradecimento, o Oferecimento, a Oração de Súplica e a Oração Antiga, e muito usada pelos fiéis, chamada de Alma de Cristo.

A Liturgia da Missa está no capítulo quatro. Depois dos anos 60, os exemplares, aos quais tivemos acesso, já apresentavam o rito pós-conciliar, em língua vernáculo e na forma promulgada pelo Papa Paulo VI. No quinto capítulo, está a bênção do Santíssimo Sacramento, orações a Nossa Senhora da Penha, Padroeira dos Capuchinhos do Nordeste, a São Francisco e a Santo Antônio e o Ofício da Imaculada Conceição,

Em seguida, um capítulo com as Verdades da Fé Cristã: o Credo, Quem é Deus, explicação sobre a Santíssima Trindade, Quem é Jesus Cristo, O Decálogo, Os Sacramentos; apresenta o que é a Igreja e os seus Mandamentos. O livro ainda traz Cânticos para a Missa,

Cantos em Geral, para as missões, e Canções Marianas. Está inserido o Ofício das Benditas Almas do Purgatório e, por fim, os Conselhos dos Padres Capuchinhos.

As impressões ganharam fotos de Frei Damião, em seu interior, como lembrança das missões para os fiéis que os adquiriam e, assim, ajudavam economicamente na manutenção da própria missão, das obras mantidas por Frei Damião, como o Seminário Seráfico de Caruaru⁵⁰.

O livreto “Caminho do Céu” é uma fiel testemunha do conceito de Fé e de Igreja, presentes no discurso e na ação de Frei Damião. O seu estilo é doutrinário e catequético. Nele não estão reflexões teológicas mais aprofundadas ou elementos de uma teologia pós-conciliar. Seu conteúdo está inserido na concepção tridentina da fé e recheado de elementos da devoção popular, como as orações do ofício e das fórmulas de oração do povo. Sua leitura, seu manuseio, por parte dos fiéis, alimentou a religiosidade que se perpetuou, ao longo dos séculos, onde a presença do padre, tão escassa, carecia de manuais devocionais para o dia a dia das pessoas, das famílias e das comunidades e, ao mesmo tempo, como elemento de ligação à fé institucional.

Em 2001, uma nova versão do livreto foi editada, pelos frades da Província Capuchinha do Nordeste, com o *Nihil Obstat*⁵¹ do Ministro provincial de então, Frei Luís Vieira da Silva, OFM Cap. Seu lançamento foi no dia 31 de maio, Festa da Visitação e quarto ano da morte de Frei Damião. Essa impressão, revista e ampliada, tem 249 páginas. Está subdividida em duas partes. Na primeira, 77 páginas com as mais diversas orações. A segunda parte, bem mais extensa, com 172 páginas, que trazem cânticos para as missões e para as partes da Missa; trazem todo o ritual para as missas de Advento e do Natal; músicas para tempos litúrgicos; cantos marianos; canções para celebração com crianças; cantos franciscanos; refrãos meditativos; louvações; benditos e cânticos diversos. Nessa versão, em um formato de livro, bem mais volumoso, apresenta elementos da devoção de um Catolicismo Popular, juntamente com conselhos, orações, catequeses e cânticos outrora pregados e difundidos pelo missionário de Bozzano, já falecido. Na apresentação, o provincial escreve:

⁵⁰ No ano de 1954, começaram as tentativas para a construção de um convento em Caruaru, agreste pernambucano. Obtida a aprovação do bispo local, Dom Paulo Hipólito de Souza Libório, os frades, contando com a doação de um terreno por parte do senhor Luiz Bezerra, deram início aos trabalhos. Estavam à frente dos trabalhos os freis: Antônio de Terrinca e Antônio Inocência Tavares. Os frades recolhiam esmolas na feira, vendiam os donativos no local da construção e assim adquiriam o pagamento do operariado. Também as missões de frei Damião de Bozzano tornaram-se um manancial permanente para as despesas. Desde 1957, funciona, agregada ao Convento, a Paróquia coração Eucarístico de Jesus. [...] De 1983 a 2001 a casa funcionou como sede da Província. E, atualmente, é casa de formação para o pós-noviciado de Filosofia (ZAGONEL, 2011, p. 203).

⁵¹ *Nihil Obstat*. [lat. ‘nada obsta’.] Fórmula com que a censura eclesiástica autoriza a publicação dos livros que lhe são submetidos e contra os quais não existe objeção doutrinal (FERREIRA, 2004, p. 1402).

A presente cartilha com o título “A Caminho do céu”, tão largamente usada por frei Damiano de Bozzano, incansável missionário em todo o nordeste brasileiro, está sendo reeditada como forma de homenageá-lo e, ao mesmo tempo, animar as liturgias das Santas Missões Populares dos Frades Menores Capuchinhos da Província de Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil (PRONEB, 2001, p. 01).

De forma híbrida, vemos essa nova obra, apresentada pelos capuchinhos, como elemento que alimenta a fé popular, contudo, as novas inserções estão carregadas de uma outra visão eclesial. Desde os cânticos, que são de compositores e cantores ligados à ala mais progressista da Igreja, muitos da Teologia da Libertação, até as novas orações, precedidas de explicações teológicas e aplicações pastorais, inserem-se na perspectiva de contemplação e ação, frente às realidades mais atuais e urgentes da sociedade. A sua apresentação ilustra essa concepção:

As Santas Missões Populares, são uma evangelização de massa. Movimenta toda a comunidade eclesial para participar e viver na irmandade. É um retiro do povo de Deus feito através de devoções da religiosidade popular e exercícios espirituais como: caminhadas penitenciais, devoções a Nossa Senhora, escuta da palavra de Deus, da doutrina católica e, principalmente, são ministrados os sacramentos da Penitência e Eucaristia (PRONEB, 2001, p. 01).

Certamente, a formação dos novos religiosos tem, de algum modo, atualizado a prática da Missão, segundo a realidade atual da Igreja e da sociedade, mas, ao mesmo tempo, permanece alimentando o povo católico mais simples naquelas verdades tão antigas e tão arraigadas na vida desse mesmo povo.

2.3.3. Em Defesa da fé, um manual da fé Católica

Frei Damiano escreveu um único livro, intitulado “Em Defesa Da Fé”. A obra recebeu o *imprimatur*⁵² em 23 de agosto de 1953, do, então, custódio provincial, Frei Otávio de Terrinca. O livro chegou até a quarta edição, em 1958. Com mais de 120 mil exemplares vendidos, foi comercializado, como lembrancinha das missões, em todo o Nordeste.

OS fiéis que participam de uma missão popular ou romaria portam tradicionalmente uma lembrancinha para si, para os familiares e amigos. No Nordeste de um tempo, além de medalhas, rosários e imagens, era muito comum portar livretos, principalmente devocionais e de cordel, para que pudessem ser lidos incontáveis vezes, chegando ao ponto de quem não sabia ler, decorar tudo ou parte do conteúdo de atos, rezas, cantos, apenas escutando (SOUSA NETO, 2011, p. 50)

⁵² *Imprimatur*. [Do lat. *Imprimatur*, ‘imprima-se’] s.m. Permissão de autoridade religiosa para imprimir texto que foi submetido à censura (FERREIRA, 2004, p. 1081).



Figura 06 – Livro original Em defesa da Fé

Fonte: Arquivo pessoal em PNG (.png) – Tamanhos 5,76 MB / 9,02 MB

A obra está dividida em 26 capítulos, com as seguintes temáticas: I A verdadeira regra de fé; II Regra de fé protestante; III A verdadeira Igreja; IV Perpetuidade do primado; V Infalibilidade do Papa; VI Os Sacramentos; VII O Batismo; VIII Confirmação ou Crisma; IX A Eucaristia (Palavras da promessa); X A Eucaristia (Palavras da instituição); XI A Eucaristia e a tradição; XII A comunhão sob as duas espécies; XIII O santo sacrifício da missa; XIV Confissão (Palavras da instituição); XV Confissão (sua instituição divina provada pela tradição e pela razão); XVI Extrema Unção; XVII Ordem; XVIII O Sacramento do Matrimônio; XIX Indissolubilidade do matrimônio à luz da fé; XX Indissolubilidade do matrimônio à luz da razão; XXI O culto de Deus, dos santos e das imagens; XXII Intercessão da Virgem Santíssima e santos; XXIII Divina maternidade de Maria; XXIV Virgindade de Nossa Senhora; XXV A Imaculada; XXVI O Purgatório.

Nas 190 páginas, estão explícitas as temáticas da Teologia Pré-conciliar, uma Teologia Tridentina. Segundo Riolando Azzi (2004, p.56), nesse aspecto, “a atuação missionária, portanto se realiza como um discurso em tom de monólogo no qual se exclui qualquer diálogo com a cultura dos povos autóctones”. Importava ao religioso, comunicar aquilo a que se tinha proposto, ao dar o sim aos superiores, ainda em terras italianas, como vontade de Deus. Levar os fiéis a amar e obedecer ao que a Igreja os instrui, lutar contra o

pecado e buscar a salvação da alma. Sobre o livro “Em Defesa da Fé”, Sousa Neto (2011, p. 53) afirma:

O multiplicar-se a si mesmo, no livro, de que fala o superior de Frei Damiano, foi naturalmente uma válida tentativa de atingir muito mais pessoas que as costumeiras multidões a seguirem-no por toda parte, mas era importante, num mundo em mudança, fazer com que os sermões não fossem levados pelos ventos do esquecimento, e permanecessem num manual a ser consultado pelo seu povo, qual cartilha da fé, mesmo quando ele não estivesse fisicamente perto (SOUSA NETO, 2011, p. 53).

Dessa forma, seus discursos tiveram uma incidência consolidada no escrito como extensão, para além do tempo e do lugar, da missão temporária em cada localidade. Sousa Neto, em sua dissertação de mestrado, na Pontifícia Universidade Lateranense, em Roma, intitulada Frei Damiano, o Missionário e a Comunicação, defendeu a tese de que a estratégia da impressão do livro “Em Defesa da Fé” é, na verdade, uma das formas que o Frei Damiano, comunicador de massas, encontrou de levar a sua concepção de fé e de Igreja para um maior número de fiéis.

É certo que a temática que perpassa todo o livro é de Teologia Dogmática, aquela que apresenta as verdades irrefutáveis da fé. De configuração apologética, compreendemos qual a preocupação da hierarquia, no período anterior ao Concílio Vaticano II, em que a ordenação da vida civil precisava, aos olhos dos missionários católicos, pautar-se nas normas católicas. Desse modo, os temas, como Igreja, Batismo, Eucaristia, Matrimônio, Confissão, Novíssimos são tratados como parâmetros de justiça para os fiéis que, até então, eram compreendidos como parte natural e inalienável da Igreja. Neste aspecto, todo movimento, congregação ou religião, que não fossem católicos, tornavam-se falsos e tinham que ser expurgados.

2.3.4. Defesa da fé católica, acusação aos protestantes

Ao falar sobre a Igreja, no início do século XX, Riolando Azzi sustenta que, com a Proclamação da República, a liberdade de culto anunciada possibilitou, progressivamente, a chegada de várias denominações protestantes, mesmo que a Igreja Católica permanecesse defendendo, ardorosamente, a sua ortodoxia (AZZI, 1976, p. 95 a 130). Na região Nordeste, dos anos 1930, o Protestantismo estava em expansão, com a instalação de vários grupos pelas cidades interioranas.

Com uma estrutura catequética de perguntas e respostas, o livro “Em Defesa da Fé” é emblemático, na perspectiva apologética, quando se trata da relação com os protestantes, com os espíritas e com a modernidade. A sugestão do título já corrobora o seu conceito de Igreja.

Assim, no seu texto, encontra-se explicitado, em 30 citações, a concepção de protestantismo e a sua relação prática com o mesmo.

Em sua obra, Frei Damiano parte da questão da regra de fé e percebe os protestantes como aqueles que defendem que as bases da fé encontram-se apenas na Bíblia, enquanto, para a Igreja Católica, os fundamentos também estão no Magistério e na Tradição. Assim escreveu:

Os protestantes dizem, em primeiro lugar, que o meio, pelo qual podemos conhecer a doutrina de Nosso Senhor é tão somente a Bíblia. Respondo: Se assim fosse, dever-se-ia encontrar na Bíblia essa verdade, visto como seria de suma importância conhecê-la. Ora, pelo contrário, ninguém até hoje encontrou nem jamais encontrará, porque na Bíblia não figura. É, pois, esta uma afirmação gratuita dos protestantes. — Se Nosso Senhor pretendesse nos deixar a Bíblia como Regra de fé, isto é, como meio para conhecermos a sua doutrina, deveria ter dito aos Apóstolos: Ide, escrevei Bíblias para todas as nações; pelo contrário disse: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura". (Mc 16,15). Não foi, pois, sua intenção deixar-nos a Bíblia como Regra de fé. E confirmou-o também com exemplo (BOZZANO, 1955, p. 16).

Ainda apresenta, doutrinariamente, a tese que a única interpretação da Bíblia pertence à Igreja, confrontando a máxima protestante da livre interpretação das Escrituras.

No terceiro Capítulo de sua obra, ao defender que a Igreja Católica é a verdadeira e única Igreja de Cristo, afirma: “vimos que, para conhecer a doutrina de Jesus Cristo, devemos ouvir a sua Igreja, e não simplesmente folhear a Bíblia, interpretando-a livremente, como pretendem os protestantes” (BOZZANO, 1955, p. 25).

Seu próximo argumento, claramente tridentino, contra os protestantes, vai no caminho da sucessão apostólica e do primado de Pedro, conseqüentemente do Papa. Assim afirma, textualmente, Frei Damiano:

Dizem os protestantes, Jesus quis apenas substituir a Pedro o privilégio de Apóstolo que tinha perdido pela sua tríplice negação na casa de Caifás. Resp. — Onde se encontra que Pedro, negando a Jesus, perdeu o privilégio de Apóstolo? No evangelho não figura. Todavia, mesmo admitindo esta suposição gratuita dos protestantes, respondemos que Pedro já tinha sido reintegrado no apostolado antes que recebesse o encargo de apascentar o rebanho de Jesus, visto que a Ele também no dia da ressurreição, Nosso Senhor dirigiu estas palavras: "Como o Pai me enviou a mim, assim também eu vos envio a vós". (Jo 20, 21). — Mas, afinal, insistem ainda os protestantes, quando Nosso Senhor disse a S. Pedro: "Apascenta os meus cordeiros, apascenta as minhas ovelhas", quis lhes dizer: "apascenta o meu rebanho, ensinando-lhe a minha doutrina (BOZZANO, 1955, p. 30).

Por fim, faz a defesa dos Sacramentos da Igreja, sustenta, desde a sua procedência do próprio Cristo até sua autenticidade e validade para os dias atuais. Para a Teologia Católica Escolástica, e reafirmada no Concílio de Trento, no desejo de combater as práticas mágicas

medievais e a reforma protestante, a Eucaristia tem caráter sacrificial e, na Missa, as espécies do pão e do vinho são transformadas em sua essência, ao que se denomina Transubstanciação. O próprio concílio afirma, de forma apologética:

Quem nega que o sacramento da Santíssima Eucaristia estão contidos verdadeira, real e substancialmente (*vere, realiter, e substantialiter*) o corpo, o sangue, juntamente com a alma e com a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e, conseqüentemente, todo o Cristo, e afirma que ele estaria nele apenas como um sinal, na imagem ou na eficiência, seja anátema (SCHNEIDER, 2001, p. 261)

Para as Igrejas da Reforma, o interesse encontra-se na restauração do caráter de ceia em oposição à missa romana, como sacrifício, do mesmo modo referente à presença real de Cristo no pão e no vinho. Os Protestantes celebram a ceia como lembrança ou recordação, pois “todos os reformadores são unânimes: ‘a repetição do sacrifício da cruz’ estaria em contradição com o ‘uma vez por todas’, enfatizado na Epístola aos Hebreus (7,27; 9,12; 10,10), a ‘oferta do sacrifício da missa’ seria expressão de uma justificação por obras, que esvaziaria a obra de Cristo” (SCHNEIDER, 2001, p. 259).

Um dos temas mais caros de Frei Damião, a Eucaristia, defendida e distribuída às milhares de fiéis, apresentou-se como um ponto crucial na relação com os protestantes. A sua intenção foi tão clara, na defesa da fé Católica que, na questão da graça santificante do sacramento, pela qual aquilo que o sacramento significa, realiza-se na ação sacramental, Frei Damião afirmou:

Erram, pois os protestantes, quando ensinam que os Sacramentos são meras cerimônias exteriores, testemunhando que a graça está na alma, sem o poder de infundi-la. Não, além de sinais, são causas que por sua própria virtude produzem a graça independentemente dos méritos de quem os administra e das disposições de quem o recebe (BOZZANO, 1955, p. 51).

O zelo com o qual defendeu a Igreja, fê-lo lutar nas trincheiras da fé contra os que se opuseram às verdades por ela pregada e auto-afirmada. Do início de sua pregação, nos idos de 1936, até o dia 31 de maio de 1997, em nada o missionário mudou no seu discurso, na sua prática e no seu estilo de vida. Caminhando pelos sertões e pelas cidades, pregou o Evangelho no mesmo tom, atendeu aos fiéis na mesma paciência, caminhou no mesmo caminho do povo simples. Tornou-se, no entanto, a cada dia, mais aferrado às suas convicções. Os amancebados, os espíritas, os protestantes continuavam a viver no erro, e sua missão era fazer retornarem ao caminho da mãe Igreja, os que haviam se extraviado.

A expressão “Cruzada”, mesmo em nossos dias, é bastante emblemática, ao afirmar uma ação de conquista missionária ou um movimento de evangelização que se caracteriza por um certo radicalismo. E como “cruzado”, defensor da fé católica, encontram-se relatos de que,

nas cidades paraibanas de Catolé do Rocha e Patos, Frei Damião teria até induzido o povo a destruir templos protestantes, aos quais chamava de bodes e de novas seitas. Uma guerra travada no discurso e na prática de sua ação fidelíssima à tradição, onde fora forjado.

A guerra é fundamentalmente a negação do pluralismo humano em termos políticos, econômicos, culturais e religiosos. A guerra é o esforço por eliminar tensão e conflito proveniente dos entrelaçamentos dos interesses humanos, mediante a destruição dos opositores (AZZI, 2004, p. 127).

No Nordeste brasileiro, na virada do milênio, o zelo e a fidelidade de um dos últimos e autênticos representantes da linhagem dos conselheiros e dos confessores, e fiel representante da Igreja institucional, fincou um marco de história e de uma guerra silenciosa entre o santo canonizado pelo povo e os fiéis protestantes, que professam a fé no mesmo Cristo, só que em outra barca. Frei Damião protagonizou e alimentou uma representação religiosa para a cultura popular nordestina que, em seus cruzamentos, colaborou para uma intransigência para com os protestantes situados em seu tempo. Sob o lema da defesa da fé, as premissas do Concílio Vaticano II (1962-1965), de ecumenismo e diálogo inter-religioso, foram ignoradas por uma ala da Igreja, na qual estava inserido o capuchinho missionário, cuja máxima de sua pregação estava na salvação das almas e na defesa da fé católica.

2.4. Ações e discursos: o missionário coerente.

Jaques Le Goff, tratando da pessoa de São Francisco de Assis, em sua obra homônima, afirma que “o santo, em sua humildade, não trata de si próprio. Não se pode, portanto, esperar de sua obra nenhuma informação precisa sobre a sua vida. Nela só acharemos alusões a alguns de seus comportamentos que ele passa a seus irmãos como exemplo” (LE GOFF, 2001, p. 45). Buscar encontrar descrições de Frei Damião, em seus escassos escritos, certamente, é correr o risco já alertado por Le Goff. Frei Damião não deixou um testamento ou uma autobiografia, onde pudéssemos encontrar elementos determinantes para uma leitura sobre sua personalidade, a fim de reconhecer a unidade de seus pensamentos e ações. O caminho para a compreensão desse missionário faz-se, de modo especial, pelos seus discursos, pelas suas ações e pelo testemunho dos fiéis que o acompanharam por mais de seis décadas.

Investigando suas ações e seus discursos, buscamos as informações mais imediatas daqueles que, de alguma forma, conviveram com Frei Damião. Alguns, de forma anônima;

outros, no exercício de suas funções eclesiais ou no seu labor. Possivelmente, apontam-nos para fatos e momentos, a partir dos quais desejamos alinhar o tecido da percepção do catolicismo do Nordeste.

A tradição Capuchinha de pregação, com a influência tridentina tão impregnada em Frei Damião, já havia chegado pelos seus antecessores italianos, citados na obra de Cândido da Costa e Silva, “Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia”, ao relatar a ação dos capuchinhos. Afirma que, uma vez, reunidos no templo, fazia-se a prática, também chamada de catecismo ou instrução, onde se falava sobre os sacramentos; na celebração da missa, o povo cantava ofícios a Nossa Senhora. Findo o ritual, e para preencher o tempo restante,

Realizavam-se atividades distintas, como o atendimento às mulheres em confissão, batismos, crismas, casamentos e catequese das crianças. No turno da tarde havia cursos para os homens e, a seguir, a principal pregação do dia, em que os missionários proferiam discursos sobre os mandamentos e sobre os Novíssimos do Homem (COSTA E SILVA, 1982, p. 39-40).

O historiador Eduardo Hoornaert revela ter tido três encontros com Frei Damião. Duas vezes, por ocasião das Santas Missões, na Paraíba, na década de 1970; e uma outra, no Instituto de Teologia do Recife (ITER). Do seu contato, nas missões em Solânea, no estado da Paraíba, momento em que chegou a ter um contato mais próximo com o Frei, a cada manhã, enquanto juntos tomavam café, diz ter guardado dessas ocasiões as seguintes impressões:

Era uma pessoa inteira, sem farisaísmo. O que ele dizia vinha de sua convicção, não era imposto por conveniências, sejam elas políticas ou eclesiais. Dizia o que tinha de dizer [...] Sua coerência repercutia positivamente sobre quem dele se aproximava e igualmente sobre o povo em geral. Frei Damião era inteligente e compreensivo (HOORNAERT, 1997, p. 670).

Em entrevista, dada em seus últimos dias de vida, no Convento de São Félix, onde vivia, Frei José Maria Del Giudice, perguntado sobre as principais características da pessoa de Frei Damião, afirmou:

Não era fingido, era de verdade, era humilde, era serviçal, era devoto, homem de oração, de doação total, de paciência sem limites, homem de Deus. Homem que vivia primeiro e falava aquilo que queria, que acreditava. Embora os tempos, talvez, tenham sido contrários[...] Por que não se vivia sempre aquela fé, aquelas verdades tradicionais que se costumava viver. Um tempo de crise na Igreja, ‘num’ é? Num período de crise [...] ele teve que suportar, superar o julgamento negativo. Era proibido de pregar (em algumas dioceses)⁵³.

⁵³ Entrevista concedida por Frei José Maria Del Giudice. Entrevista I. [maio 2016]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2016. Arquivo mp3 (1:32min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta tese.

O historiador jesuíta, Michel de Certeau, em sua obra, “A invenção do Cotidiano”, ao falar de culturas populares, cita sua vinda ao Recife e de como, ao analisar a linguagem dos lavradores de Pernambuco, percebeu a importância, por parte do povo, dada “às gestas de Frei Damião, herói carismático da região”. E, deixando de lado as questões de discurso e poder cita:

Por outro lado, distinto desse espaço *polemológico* e que representa a perspicácia dos lavradores uma rede inumerável de conflitos, escondida sob o manto da língua falada, havia um espaço *utópico* onde se afirmava, em relatos religiosos, um possível por definição milagroso: Frei Damião era o seu centro quase imóvel sem cessar qualificado pelas histórias sucessivas dos castigos do céu que tingiam seus inimigos (CERTEAU, 2014, p. 72).

Além do carisma que, desde cedo, atraiu centenas de fiéis a si, um destaque faz-se, afora sua aptidão missionária: o seu talento de oratória. Pe. Antonio Maria⁵⁴, que acompanhou o frade por alguns anos, no Nordeste e no Sudeste, recorda que, “muitas vezes, ao ouvir seus sermões, decorava algumas partes e era capaz de repetir trechos completos que se repetiam a cada missão a depender do tema da pregação”⁵⁵. Ao escutar o seu discurso, o povo, acima de tudo, encontrava uma resposta para o que considerava digno de ser ouvido. Mesmo que, aos ouvidos mais apurados e críticos de uma teologia pós-conciliar, tivesse o ressoar da tradição tridentina ou medieval.

Um missionário teologicamente preparado e doutrinariamente idôneo, é verdade, porém não é isso que mais agradava ao povo, fascinado com sua presença, mais que com suas palavras. Preparava, acurado, os sermões e zeloso celebrava os sacramentos, porém comunicava mais conteúdos com menos aparatos e pretensão que muitos outros (SOUSA NETO, 2011, p. 39).

Qual estrutura estaria por trás de seus sermões? Qual o conteúdo da sua mensagem? O que e como concretamente falava? O tópico, a seguir, deseja abordar essas questões, a partir da coerência entre a sua doutrina e o seu viver.

2.4.1. O sermão, a forma clássica de seu discurso e a coesão doutrinal

Já refletimos, anteriormente, que Frei Damião era uma pessoa silente, tímida e ressaltada. Falamos, também, de como se agigantava na hora do sermão. Certamente, uma de

⁵⁴ Padre Antonio Maria, de batismo, Antônio Moreira Borges, nascido no Rio de Janeiro a 17 de agosto de 1945. Destacou-se no cenário nacional pela aproximação ao meio artístico por meio de suas canções católicas e parcerias com cantores seculares. Teve uma relação muito próxima aos Freis Damião e Fernando Rossi.

⁵⁵ Entrevista concedida por Pe Antonio Maria. Entrevista XIII. [agosto 2018] Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Nazaré da Mata, 2018. Arquivo mp3 (30:40 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta tese.

suas marcas. Sua formação clássica em Filosofia, Direito Canônico e Teologia Moral levou-o, desde muito cedo, a preparar, cuidadosamente, os seus sermões.

O seu discurso assumiu uma forma escolástica. Frei Damião baseava-se nas Escrituras, na Tradição dos pais da Igreja e na Filosofia. Segundo Silva, “as constantes citações dos autores cristãos, como Santo Tomás de Aquino e Santo Agostinho, testemunhavam que para ele não era válido improvisar” (SILVA, 1997, p. 11).

A prática missionária de Frei Damião contribuiu para a consolidação de um *habitus* católico entre parte da população que recebia suas pregações. A intenção de engendrar um *habitus* orientado pela ortodoxia em detrimento das práticas e dos usos familiarizados entre o povo era um objeto de preocupação do frade bem como de todos os missionários da época. Em suas prédicas e missões podemos observar uma construção mental que tem por base o Concílio de Trento e as renovações tridentinas da Igreja Católica, emitidas quando do Concílio Vaticano I (AZZI, 1976, p. 95).

No ano de 1972, o jornalista Ricardo Noblat gravou um sermão de Frei Damião, na cidade de Gravatá. Nele, percebemos as características que se repetiram, a cada dia, nos discursos do religioso. Esse discurso, que está na obra de Gildson Oliveira, que transcrevemos a seguir, ilustra, de forma significativa, o que apresentamos:

É grande a alegria que experimentais ao receberdes a minha visita. Eu vos asseguro que não menor é a que eu experimento ao chegar ao meio de vós, porque bem vejo que aqui há um povo que ama Nosso Senhor e a sua religião. Eu não sou nobre, não sou rico, não sou político, nem sequer tenho a honra de ter nascido neste país. E, contudo, acabais de receber-me com tantas homenagens. É porque, com os olhos da fé, reconheceis em mim um ministro de Nosso Senhor e em minha humilde pessoa quereis honrar a Ele mesmo. Nosso Senhor recompense a todos vós, recompense o bom povo de Bezerros que quis me acompanhar até aqui, estenda suas mãos sobre vós e vos abençoe, abençoe as vossas famílias, abençoe os vossos negócios, abençoe os vossos trabalhos. Ele vos dê saúde e prosperidade e, sobretudo, a perseverança no bem. E, um dia, nos reúna a todos, no Santo Paraíso, é o que desejo para todos vós. Meus irmãos, por vosso bem, para o bem de vossas famílias, para a prosperidade da Pátria, conservai sempre em vós este espírito religioso que vos anima. Digo para o vosso bem e para a prosperidade da Pátria, porque a religião não somente é útil para os indivíduos e para as famílias, mas também para a sociedade. A história aí está para demonstrá-lo, a primeira pedra de qualquer sociedade sempre foi a religião. E quando esta pedra foi derrubada, também a sociedade caiu em ruínas. Repito, pois: conservai sempre em vós este espírito religioso que vos anima e prestareis ao Brasil o maior serviço que podeis prestar. Desça sobre vós a bênção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, e permaneça para sempre. Amém. [...] (OLIVEIRA, 1007, p. 59).

A primeira parte do seu sermão é uma saudação aos romeiros que vieram de toda a região. Ele cita a cidade de Bezerros, situada a, aproximadamente, 110 km do Recife, e muito próxima a Gravatá, a cidade de sua primeira missão. No início do seu sermão, alude à numerosa

multidão que a ele ocorre. No estilo da simplicidade e humildade franciscanas, leva os fiéis a reconhecerem que buscam a Deus e, nele, veem um sinal do sagrado. Sua fala, no início, deseja ser próxima, com sinais de bênçãos, de conselhos e de amor à pátria e à família. Dessa forma, passa ao seu estilo silogista de pregar. Estrutura proposições ou premissas das quais, no final, desejará tirar conclusões. Seguindo o sermão, passa à parte doutrinária mais profunda:

[...] Neste instante, que vos diria? Vivemos neste exílio como se eterna devesse ser a nossa morada sobre a terra. Que outra coisa faz a maior parte de nós, senão o que já deplorava Sêneca dos homens dos seus dias? Grande parte da vida, dizia esse sábio, emprega-se em fazer o mal; outra grande parte, em nada fazer; e toda ela, em fazer aquilo que não se deveria fazer. E assim mesmo, meus irmãos! Empregamos grande parte da vida em fazer o mal, em pecados, prazeres sinistros, desonestidades. Outra grande parte, em nada fazer, em conversas inúteis, visitas supérfluas, danças, jogos, divertimentos. E os que não desperdiçam tão mal o tempo de sua vida, em que o empregam senão em cometer pecados, todavia, empregam em praticar as virtudes e em adquirir méritos para o céu. Qual é o motivo de tão grande desordem? Se não erramos, é porque perdemos o sentido, assim, para que fomos criados? E damos a entender também que estamos neste mundo para satisfazer nossos caprichos. Por isso, assim como o navio que se desvia da sua rota corre à mercê das vagas até bater nos entalhos e afundar-se, assim também se nós não estamos sendo mais dirigidos pelo que Cristo nos marcou, corremos atrás dos bens terrenos até merecermos a condenação eterna. Vamos, pois, relembrar a nós mesmos o fim nobilíssimo para que estamos sobre a terra e a suma importância de alcançá-lo. Dois pontos que constituirão o assunto da minha prática que chama a vossa atenção.

Tudo é feito para um fim. O sol é feito para iluminar e aquecer, a terra para habitar o relógio para marcar as horas, uma difusora para ampliar a voz. E assim também nós fomos feitos para um fim. Qual é o nosso fim sobre a terra? É criar gado, enriquecer, satisfazer nossos caprichos? Não! O catecismo nos diz: nós fomos criados para amar, conhecer e glorificar a Deus e assim gozar dele um dia no Santo Paraíso. Eis a ideia fixa na mente de Deus desde toda a eternidade. Eis o termo estabelecido para nossa vida sobre a terra. Poderia haver outro mais nobre, mais sublime? Deus, marcando-nos esse fim, igualou-nos de certa maneira aos anjos, à Virgem Santíssima e a Si mesmo. Para que são feitos os anjos? Não ao foram criados com esse fim de conhecer, amar e glorificar a Deus? E com esse mesmo fim não foi criada também a Rainha dos Anjos e dos Homens, a Virgem Santíssima? E tudo o que Deus tem feito e ainda vai fazer no mundo não é tudo para sua glória? Portanto, também nós destinamo-nos a glorificar a Deus, nós somos mistos dos anjos, da Virgem Santíssima e do próprio Deus: E que honra é pois a nossa? Neste mundo julga-se honrado quem goza da melhor vida de príncipe e pode prestar-lhe algum serviço. Mas o que é ter a relação, mesmo a mais íntima, com o maior personagem deste mundo em comparação daquela relação que é nosso último fim e que devemos ter com Deus nesta e na outra vida? Ora sim, meus irmãos, paremos um instante e perguntemos a nós mesmos: O que é que nós temos feito da honra altíssima que recebemos de Deus pelo nosso fim? Como lhe temos correspondido? Entregamos nossa mente para conhecê-lo? O nosso coração para amá-lo? A nossa alma, o nosso corpo para servi-lo? Nos nossos pensamentos, nas nossas palavras, nas nossas ações, tivemos sempre em mira

aquele paraíso que Deus nos quer dar por toda a eternidade? Que respostas poderemos dar a essas perguntas?

Ah! Talvez devamos aplicar-nos aquelas palavras de David: o homem que foi levado a grande honra, à honra altíssima de conhecer, amar e glorificar a Deus, mas não compreendeu isto, considerou-se igual aos animais brutos e se tornou semelhante a eles. Examinemos como é feita a nossa consciência e veremos como tantas vezes, em lugar de usar a nossa mente para conhecer a Deus, a sua lei, a sua religião, usamos dela para aprender a malícia, para pensar naquilo que não presta. Veremos como tantas vezes, em lugar de amar a Deus sobre todas as coisas, temos preferido o bem passageiro. Veremos como tantas vezes, em lugar de servir a Deus, temos lhe desobedecido calcando aos pés a sua lei. Dessa maneira renunciamos ao nosso verdadeiro fim, que era Deus no Paraíso, para fazermos nosso fim a vaidade, que loucura, que insensatez! [...] (OLIVEIRA, 1007, p. 60).

As alegorias ou parábolas aparecem como forma de o fiel gravar, de forma mais simples, toda a sua propositura. No seu discurso, o religioso buscou adesão à doutrina e, ao mesmo tempo, procurou persuadir o fiel a não cometer pecado. Frei Damião, por meio de um raciocínio apodíctico, apresenta a verdade da fé católica. Interessa-lhe, filosoficamente, demonstrar sua tese, de forma que não haja contestação aos seus argumentos. Se Deus não fala, já que é uma realidade espiritual, quem fala, em seu nome, não é o dono do discurso: em última análise o pregador é, apenas, veículo, porta-voz, no máximo, intérprete da palavra de Deus. Frei Damião, no entanto, sempre com palavras imperativas, encarnava, aos olhos do povo, com seu discurso, a imagem do sagrado.

Uso do imperativo, o que revela a ideia de coisa pronta, acabada; O vocativo subjacente (creio), que afirma o chamamento ao sujeito; A função emotiva (afinal eu devo acreditar, ter fé) O problema da salvação está comigo, o Senhor é o exemplo a ser seguido); O uso de metáforas que acentuam o ciframento do discurso religioso: a mansão dos mortos e o ressuscitamento de todos só criam um jogo simbólico acerca do inusitado do dogma; Uso intenso de parábolas e da paráfrase; de um lado, a evocação alegórica, e, de outro, a presença do texto bíblico. Uso de estereótipos e chavões que possuem a força daquilo que Umberto Eco chama de sintagmas cristalizados: “Oh! Senhor”, “todo poderoso”, “criador”, “nosso Senhor” etc (CITELLI, 2007, p. 65).

Esse conteúdo, predominantemente persuasivo, contido no discurso religioso, adicionado ao conceito de onipotência e onipresença de Deus, torna-o um discurso altamente convincente, sem questionamentos, o que dá ao pregador poderes religiosos, possibilitando-lhe direcionar seus fiéis, de acordo com seu objetivo e sua ideologia.

Quando alguém fala, põe em movimento todo o sistema de diferenças que constituem a língua e das quais depende o sentido proferido; alude a significações passadas e vindouras numa constelação significativa essencial para o sentido presente; relaciona-se com outrem, de cuja escuta e resposta dependem seu próprio investimento como sujeito falante; corporifica seu pensamento à medida que vai dizendo (CHAUÍ, 2002, p. 17).

No trecho do sermão de Gravatá, que segue a forma parabólica de pregação, apresentam-se três histórias: a do Menino, a da Rainha Isabel e a do Senhor Rico. Em todos os três, uma lição a ser tirada, em relação à vida de fé, aos castigos, por conta da desobediência e à fidelidade ao projeto de Deus.

[...] Um menino que se achava em país distante devia voltar para sua pátria. Um dia se levanta de madrugada e toma da sua bagagem, põe-se a caminho. Mas, percorrendo ele uma estrada que passava no meio de campos e prados, eis que vê uma belíssima borboleta esvoaçando. Aquelas lindas cores enamorando e logo esquecido do seu fim se põe a correr atrás da borboleta. Esta, porém, perseguida, fugia, fugia. Às vezes, como para zombar do menino, pousava sobre alguma flor, mas quando o menino devagar aproximava a mão e, apertando o punho iria apanhá-la, a borboleta já tinha despregado para longe o seu vôo. Excitado, o menino, correndo pelos campos e pelos prados, se tinha afastado muito do seu caminho. Estava cansado e suado. E pensou em tomar um pouco de descanso à sombra de uma árvore, mas eis que vê sobre ela magnífico fruto. Oh! por que, disse ele, não posso comer alguns desses frutos para restaurar as minhas forças? Assim fez. E, depois de ter comido muitos deles, lançou-se no chão e adormeceu. Entretanto, o dia chegou ao término. Quando acordou, já começava a anoitecer. Oh! que fim! exclamou ele, então. Cheio de Deus e de arrependimento, por uma borboleta, por dois frutos, esqueci a felicidade da minha pátria. Pobre de mim, pobre de mim. Mas ficou que lhe serviu a sua atenção nas coisas de Deus, porque enquanto procurava o caminho, os assassinos se precipitaram sobre ele e o mataram. É a história, meus irmãos, de nossa vida. Aquele menino somos todos nós, saídos e renegados nesse lugar de exílio. Voltamos para nossa verdadeira pátria que é o céu e nos desviamos do caminho que ali nos conduz. Por uma borboleta, por dois frutos, por mil cruzeiros, por amor de uma criatura cometemos o pecado mortal. Felizes de nós. Oremos porque ainda não chegou a noite de nossa vida. Felizes de nós que ainda podemos encontrar o caminho reto. Até o presente, temos seguido uma estrada errada. Se até o presente nos temos deixado atrair pelos bens deste mundo até esquecermos os bens celestes, comecemos seriamente, para o futuro, a caminhar pela estrada da virtude e da santidade. E a não amar senão as coisas celestes e de Deus. E tanto mais devemos cuidar disso com solicitude porque o alcançarmos o nosso último fim é também o nosso negócio mais importante.

Com efeito, quando costumamos dizer que um negócio é importante, é quando do êxito dele se derivam grandes consequências. Mas que consequências mais funestas podemos imaginar do que as que derivam do êxito infeliz do nosso último fim? Nem todos compreendem o que quer dizer sermos privados do nosso último fim. Mas, se vós quiserdes ter uma pequena ideia, imaginai que exista um homem que tenha mãos, pés, olhos, ouvidos em perfeito estado, a inteligência e a vontade desenvolvidas e prontas, e que, todavia, nunca possa dar um passo, nunca ver um objeto, nunca ouvir um som, nunca compreender uma verdade, nunca amar um bem — que desgraça seria a sua, que dor experimentaria, e por quê? Porque todas aquelas faculdades nunca poderiam conseguir o seu fim. Que será, pois, sermos privados do fim para o qual fomos criados? Fazemos mal a uma coisa impedindo-lhe o fim para que foi feita. Esse é o pior mal que lhe possamos fazer. Por exemplo, o pior mal que possamos fazer aos olhos é tirar-lhes a vista, aos ouvidos é fazer com que não ouçam mais, ao relógio, torná-lo imprestável para marcar as horas. E por quê? Justamente porque os olhos foram feitos para ver, os ouvidos para ouvir, o

relógio para marcar as horas. Eis, portanto, o que será sermos privados do nosso último fim, será o nosso pior mal, a nossa desgraça suprema. Porém, o que mais espanta é que essa perda será irreparável. Costuma-se dizer, no mundo, que para todos os males há um remédio, e isso geralmente é verdade. Embora sejam grandes os nossos males, sempre podemos aliviá-los. Mas para uma só coisa não há remédio algum: para a perda de nossa alma, para a falta de nosso último fim. Ainda que tivéssemos adquirido a sabedoria dos mais ilustres filósofos, ainda que tivéssemos alcançado as honras dos maiores vencedores de guerra, ainda que tivéssemos ganho, mesmo, o mundo inteiro, tudo isto de nada nos serviria se depois perdêssemos a nossa alma. Ouvi o que se conta de Isabel, rainha da Inglaterra, e famosa por sua impiedade e vida mundana. Ela tinha dito: Dê-me o Senhor quarenta anos de reinado, e eu já sei o que fazer desse paraíso. Pois bem, Deus concedeu àquela infeliz mais do que pedia, deixando-a reinar 44 anos, sempre temida e honrada por todos. Mas, depois da sua morte, foi vista a sua sombra funesta sobre as margens do Tâmis. E foi erguido este triste lamento: — Quarenta anos de reinado e uma eternidade no inferno, dando dessa maneira testemunha Jesus Cristo, que dissera: — De nada serve ao homem ganhar o mundo inteiro e depois se perder [...].

É assim mesmo, meus irmãos, se não conseguimos o nosso último fim, se não salvamos a nossa alma só podemos esperar que Deus, com a força da sua onipotência, nos reduza a nada. E ninguém diga amanhã, porque o amanhã não existe e, de um momento para outro, nos pode alcançar a noite, aquela noite em que ninguém pode mais esperar, noite de espera e desejos e de muitos arrependimentos. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo! (OLIVEIRA, 1997, p. 62).

O seu sermão sempre esteve estruturado da seguinte forma: uma motivação, em seguida, a tese que deseja defender; apresenta algumas objeções, algumas provas racionais, embasamentos bíblicos, expõe o que diz a tradição da Igreja, terminando com um apelo à conversão, além de aplicações práticas para a vida dos fiéis.

O discurso acima, que tomamos como exemplo, na nossa pesquisa, torna-se expressivo por ter sido repetido de cor, com as mesmas ilustrações, entonações, pausas, muitas vezes, para pedir silêncio aos que, porventura, atrapalhavam-no com conversas. Há, no mesmo discurso, representações culturais importantes, enquanto destinam-se a certos padrões de caráter social, viabilizando um repertório linguístico e comunicativo, que foi se tornando muito expressivo para a vida em sociedade, no Nordeste do Brasil. O sujeito que crê, fá-lo a partir das representações e valoração das imagens e dos discursos, aos quais tem acesso e vivencia essas representações no campo do imaginário e do simbólico.

O Imaginário como um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas. De acordo com esta definição, existe uma interface possível do imaginário não apenas com o campo das “representações”, mas também com o âmbito dos símbolos (BARROS, 2004, p. 93).

De alguma maneira, a representação do discurso substitui a realidade que representa. Desse modo, cria-se um paralelo de sinais vivenciados pelas pessoas. Esses sinais, na esfera pessoal ou coletiva, são interpretados como reais. O discurso de Frei Damião, como um discurso religioso, passa a ter uma força nas relações de poder entre os membros da comunidade que o escutam. Passa a residir, no imaginário simbólico dos fiéis que valorizam tais representações. O Imaginário pertence ao campo da representação, mas ocupa nele a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transposta em imagem do espírito, mas criadora; poética, no sentido etimológico da palavra (LE GOFF, 1980, p. 12).

Não é sem motivos que, ao escutarem os sermões de Frei Damião, os romeiros sempre criaram um universo paralelo de sinais que, no imaginário popular, tornaram-se reais. Não só o capuchinho tem esse papel representativo. A própria religião católica, por meio do discurso de seus representantes, contribuiu para a construção da história social, política e religiosa do Nordeste. Sabemos que a religião católica, como pertencente ao campo do sagrado, deve ser também considerada um instrumento capaz de produzir um campo simbólico de relações de forças, até mesmo de força política, que se configura em diversos tipos de representações. Além do mais, traz em si, o conjunto de doutrinas e estruturas que foram, ao longo dos séculos, oferecendo instrumentos para a integração social.

A estrutura das relações entre o campo religioso e o campo do poder comanda, em cada conjuntura, a configuração da estrutura das relações constitutivas do campo religioso que cumpre uma função externa de legitimação da ordem estabelecida na medida em que a manutenção da ordem simbólica contribui diretamente para a manutenção da ordem política, ao passo que a subversão simbólica da ordem simbólica só consegue afetar a ordem política quando se faz acompanhar por uma subversão política desta ordem (BOURDIEU, 1992, p. 69).

Neste sentido, a integração da ordem moral, em uma sociedade dos anos 1930, cuja tentativa de coesão, como estado, coincide com o desejo eclesial de disciplinamento, na perspectiva tridentina, possibilita a cadência de concretizações legais e pastorais muito próximas, em seus objetivos social e religioso, enquanto Nação e Igreja. O religioso, o missionário, o capuchinho, o tridentino, proferem um discurso que traz, em si, as ideologias de poder, construindo representações e, ao mesmo tempo, organizando as já existentes.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de

outros, por elas menosprezados, a legitimizar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação (CHARTIER, 2002, p. 17).

Para os estudiosos da história, na interseção com a cultura, os sistemas religiosos estão inseridos na realidade social, com um repertório linguístico próprio, e padrões que desembocam em relações de domínio e poder. Segundo Barros (2004, p. 82), na busca de compreender a realidade, a sociedade cria representações. Percebemos, então, que, na estrutura do discurso de Frei Damião, revelava-se a inteligência de um homem culto que guardou aquilo que aprendeu na academia e repetiu por anos a fio. Segundo Souza Neto, (2011, p. 37) “ninguém duvidava ou questionava a sua reta intenção de fazer o bem, reconhecendo inclusive os adversários de seu modo considerado retrógrado e ultrapassado para os tempos modernos, que se tratava de um homem santo”.

2.4.2. O Conteúdo do seu discurso ou do seu sermão

Segundo relatos e registros, se havia algo que transtornava o missionário de formação tridentina, era a ideia do pecado, na sua concepção mais tradicional. Os relatos, que encontramos, são exatamente de que seus momentos mais ásperos e fortes davam-se diante do pecado, como matéria de confissão, ou enquanto exortava os fiéis à conversão, nos sermões. Muitas são as citações a respeito desse tema. Abdalaziz Moura, no capítulo IV de sua obra, descrevendo entrevistas com devotos do frade, pergunta: o que você lembra do que aprendeu de Frei Damião? Ao que obteve como resposta: “Quem pecou não peque mais. As pessoas que furtam vão para as profundezas do inferno” (MOURA, 1978, p. 19).

O discurso que está por trás dos sermões possibilitaram uma concordância acerca das relações sociais, tornando possível a reprodução e a manutenção da ordem. Cada sermão foi construindo o instrumento de coesão social e religioso, nos 60 anos de sua vida de missionário. Assim cumpriu um papel, através de seus sermões, que haveremos de estudar, mais aprofundadamente, na compreensão da tessitura da religiosidade popular no Nordeste e nas memórias que persistem em seu povo.

A pregação de Frei Damião tinha um conteúdo preciso e fiel às suas convicções. É fato que nunca, para agradar alguém, ou mesmo por questões do que, hoje, chamamos de politicamente correto, o religioso omitiu seu pensamento. Mesmo nos momentos mais tensos,

com as oposições dentro da própria Igreja, como veremos a seguir, o capuchinho preferia não criar polêmicas, evitando ir aonde não aspiravam sua presença, continuando seus sermões tridentinos nordeste afora. É certo que as suas pregações tinham uma grande consequência na vida das pessoas, pelo fato de serem proferidas por um homem que os devotos consideravam um santo.

Dom Costa, bispo de Caruaru, de 1993 a 2002, ano do seu falecimento, afirmou que:

O italiano continua sendo o missionário que prega pelo testemunho. Chego mesmo a pensar que Frei Damião teve influência na minha vocação, apesar de nunca ter pensado em ser missionário. O que me encantava em Damião de Bozzano era a sua pregação. Eu dizia: vou ser padre como ele (OLIVEIRA, 1997, p. 86).

Qual o conteúdo principal de sua pregação? Para essa pergunta, existe uma resposta clara que está no sermão de Gravatá, já citado nesse trabalho: Tudo é feito para um fim. E, também nós, somos feitos para um fim. Criado para amar a Deus, o ser humano deveria evitar o pecado, na sua concepção, em especial, a impureza, e praticar a virtude. Assim o homem evitaria o inferno e iria para o céu.

O seu tom inflamado e o caráter apocalíptico do seu sermão sempre lembraram os missionários antigos. O mesmo pregador, que ameaçava nos sermões, era o que acolhia e confortava, com palavras de esperança, no confessionário. De alguma forma, recorda o estilo de pregação que os capuchinhos transmitiram no Brasil, no século XIX, no livro “Missão Abreviada”, do Pe Manoel Gonsalves Couto, escrito em Portugal, com sua primeira edição em 1859, cujo conteúdo deseja sintetizar a teologia doutrinal da Igreja nos mais variados campos do agir humano. Aí está a questão do jogo, da embriaguez, do purgatório, do amor de Deus e da oração. Por isso o tema mais incisivo é o do pecado, da penitência, da conversão, dos sete pecados capitais; o amor e a obediência à Igreja, a devoção aos santos. A pregação, a partir da Missão Abreviada, tinha como principal tema a ideia do temor, do medo causado pelos castigos divinos.

Se observamos, atentamente, o índice do livro “Missão Abreviada”, vamos observar que o conteúdo, em muito, assemelha-se ao livro escrito por Frei Damião, “Em Defesa da Fé”. Característicos de uma época em que as cartilhas e manuais tomavam o lugar da Bíblia, guardam a memória dos principais temas de pregação dos missionários. Frei Damião, em seu tempo, não fugiu à regra e, quando a Igreja renovou seu discurso, permaneceu pregando as missões no Nordeste com o mesmo conteúdo e forma que aprendera aos moldes tridentinos.

Seus sermões tinham os conteúdos fidedignos e que passamos a elencar:

- a) O amor de Deus como finalidade última do ser humano;
- b) O pecado como tentação para desviar o ser humano do caminho;
- c) A existência do demônio a desviar o ser humano do caminho de Deus;
- d) A Igreja como detentora da graça restauradora por meio dos sacramentos;
- e) O sacramento da confissão, juntamente com a ascese e a penitência como meios de reconciliação;
- f) O sacramento da comunhão, na frequência à missa, como elemento restaurador da vida espiritual ferida pelo pecado;
- g) A intercessão dos santos no processo de fidelidade e permanência na vida da graça. Em especial Nossa Senhora.
- h) O desprezo pela vida material (vaidade, bens, status social, intelectualidade) em vista da vida espiritual.



INDICE.		264 INDICE.	
	Pag.		Pag.
PRÁTICA 1.ª	Sobre a vocação de Deos . . . 5	PRÁTICA 28.ª	Do comer e beber com excessão, ou regalo . . . 106
2.ª	Sobre a misericórdia de Deos, e um caso . . . 9	29.ª	Sobre a inveja . . . 110
3.ª	Sobre o apreço da divina graça . . . 13	30.ª	Sobre a preguiça . . . 112
4.ª	A maior parte da gente não tem fé na salvação . . . 17	31.ª	Sobre a língua . . . 116
5.ª	Desprezar a misericórdia de Deos é irritar sua justiça cada vez mais . . . 20	32.ª	Sobre os peccados de omissão . . . 119
6.ª	O quanto devemos estimar a nossa alma e a salvação . . . 23	33.ª	Sobre o peccado venial . . . 123
7.ª	Sobre a firmeza do proposito de nunca mais peccar . . . 28	34.ª	Tambem sobre peccados veniaes . . . 126
8.ª	Peccado calado na confissão . . . 31	35.ª	Sobre o jejum . . . 130
9.ª	Tambem sobre o peccado calado . . . 35	36.ª	Sobre a esmola . . . 133
10.ª	Sobre a demora da couversão . . . 38	37.ª	Sobre a oração . . . 137
11.ª	Sobre a mesma . . . 42	38.ª	Sobre a virtude da mortificação . . . 140
12.ª	Sobre a penitencia da hora da morte . . . 45	39.ª	Sobre a virtude da paciencia . . . 143
13.ª	Sobre a mesma . . . 50	40.ª	Sobre a virtude da humildade . . . 146
14.ª	Sobre o desprezo dos divinos avisos . . . 54	41.ª	Sobre a verdadeira e falsa devoção . . . 150
15.ª	Quem na vida se não quer converter, na morte desespera . . . 58	42.ª	Do mundo, e seus dicitérios contra as pessoas devotas . . . 154
16.ª	Sobre os talentos do Evangelho . . . 62	43.ª	Sobre as más companhias . . . 158
17.ª	Sobre as virgens loucas . . . 66	44.ª	Sobre a devoção ao Anjo da guarda . . . 162
18.ª	Sobre a parábola da vide . . . 70	45.ª	A vida de S. João Baptista . . . 165
19.ª	Sobre as perseguições . . . 73	46.ª	A vida de S. Pedro Apostolo . . . 169
20.ª	Sobre a imitação de Jesus Christo . . . 77	47.ª	A vida de S. Gil . . . 173
21.ª	Sobre os falsos prophetas . . . 81	48.ª	A vida de Santa Thais . . . 177
22.ª	Sobre os excessos do amor divino . . . 85	49.ª	Para o dia de Natal . . . 181
23.ª	Sobre a soberba . . . 90	50.ª	Para o dia de Reis . . . 185
24.ª	Sobre a avareza . . . 93	51.ª	Para o dia da Resurreição . . . 190
25.ª	Sobre a luxuria, com um caso . . . 96	52.ª	Para o dia da Ascensão do Senhor . . . 194
26.ª	Um dos remedios da luxuria . . . 100	53.ª	Para o dia da vinda do Espirito Santo . . . 199
27.ª	Sobre a paciencia e ira . . . 103	54.ª	Para o dia da Assumpção de Maria . . . 203
		55.ª	Para o dia do Nascimento de Maria . . . 207
		56.ª	Para o dia das Dóres de Maria . . . 211
		57.ª	Para o dia de todos os Santos . . . 216
		58.ª	Para o dia da Conceição de Maria . . . 220
		59.ª	Sobre a virgindade, pureza e castidade . . . 225
		60.ª	Sobre o juizo final . . . 229
		Directorio Espiritual para as pessoas que não tem direcção . . . 236	
		Via-Sacra abreviada . . . 238	
		Modo de socorrer os moribundos . . . 245	
		Oração pela Igreja e pelo Papa . . . 256	
		Alguns versos . . . 257	

Figura 07 – Livro Missão Abreviada do Pe Manoel José Gonçalves Couto
Fonte: Arquivo pessoal – Arquivo CRDOWNLOAD (75,6 MB)

Os fiéis de Frei Damião reconheciam bem a sua fala e a perfilhava na memória dos antigos missionários. O centro da sua pregação estava no anúncio do céu e o horror ao inferno. Afirmava, de forma dantesca: “No inferno só há sofrimento. Lá, o calor é bilhões de vezes pior do que no Nordeste, no tempo da seca. As labaredas sobem e queimam sem parar o corpo dos adúlteros, das prostitutas, dos afeminados, dos criminosos. Lá é o lugar onde vive o demônio” (Idem, p.83). Já que o demônio, de quem os fiéis deveriam ter horror, estava na pregação, em muitas delas, assim afirmava em voz alta: “O demônio existe, estão ouvindo? Ele existe! Em Mirandiba, Sertão de Pernambuco, entrei em uma casa abandonada e ele me jogou sete pedras” (Idem, p.82). O melhor caminho seria a vida da fé. O seu discurso está na memória do nordestino, a tal ponto que, ainda hoje, atribui-se ao religioso a famosa frase que está na boca do povo e nos adesivos de carro: “Um domingo sem missa é uma semana sem Deus.”

Um tópico sempre presente estava ligado ao sexto mandamento: Não pecar contra a castidade. Em outras palavras, manter a pureza, naquela perspectiva puritana e dualista, onde o corpo é a porta de entrada do mal, e a sexualidade vista como pecaminosa. Quase a totalidade dos sermões traz a temática.

O adultério é um pecado tão nefasto que os povos sempre o puniram com os mais tremendos castigos. Os hebreus do Velho Testamento apedrejavam os adúlteros; os egípcios decejavam o nariz da mulher adúltera; os árabes

decapitavam os culpados; os filhos adúlteros tinham os olhos arrancados. Entre os antigos germanos, o castigo do adultério da mulher era reservado, também, aos maridos: eram presos e as mulheres expulsas de casa, depois de terem os cabelos cortados e despojadas de suas vestes; em seguida, levadas a chicotadas pela aldeia. E como se pune o adultério depois da morte? Com o inferno! Homem que mantém relações com uma "coruja" fora de casa, aos infernos! (OLIVEIRA, 1997, p. 81).

Pregando sobre o Sacramento do Matrimônio afirmava: “Viver com uma mulher sem ser casado com ela na Igreja, está errado. O casamento na justiça não é o bastante. Deus não confirma essa união, ela não existe. Estão ouvindo? Têm que casar na Igreja” (OLIVEIRA, 1997, p. 81) e arrematava:

A fidelidade consiste em manter os compromissos tomados na hora do casamento. Casando-se, os esposos entregam-se mutuamente, definitivamente, a própria vida, a própria pessoa, a própria liberdade, o próprio coração. Essa fidelidade é quebrada quando os esposos, geralmente os maridos, se entregam às imundícies da carne e quando procuram pessoas estranhas para satisfazer os baixos instintos, pecado esse que se chama adultério (OLIVEIRA, 1997, p. 81).

E, tratando do concubinato, afirmava: “Uma pessoa que vive com outra sem casar, também vai mergulhar fundo no inferno, de cabeça para baixo” (OLIVEIRA, 1997, p. 82). Toda a defesa do matrimônio e da fidelidade conjugal, por parte de Frei Damião, no Brasil, fez eco a uma pastoral eclesial que enfrentava mudanças significativas. Pedro Ribeiro de Oliveira afirma que, a partir de 1920, “a família é objeto de atenção especial dos bispos do Brasil” (RIBEIRO, 1985, p. 303), a tal ponto que foram inúmeras as cartas dos bispos brasileiros em defesa da família tradicional patriarcal. Toda essa crise da família tradicional teria como principal agente a urbanização que trouxe transformações radicais. E, para acentuar mais a crise, é nesse período que se “começou também a encontrar mais aceitação à ideia de separação do casal, através do divórcio ou do desquite legalizado” (AZZI, 2008, p. 142).

Esse conteúdo do seu sermão revelou, claramente, sua cosmovisão tridentina. O que podemos melhor reconhecer na sua prática missionária inserida na perspectiva, ao mesmo tempo, do Catolicismo Popular, como abordamos a seguir.

2.5. Aspectos Tridentinos em Frei Damião de Bozano.

O catolicismo popular do Nordeste não pode ser estudado, se abrirmos mão da compreensão do que seja o aspecto Tridentino da Religião Católica. Esse é um tema que vai interferir, diretamente, na ação missionária eclesial, nas relações da Igreja com o povo e do

povo com a Igreja, nas relações sociais, familiares, na questão da política e do poder no Nordeste.

A expressão Tridentina vem da ação eclesial de arrumação interna diante de uma sociedade em mudanças. No século XVI, a Reforma Protestante mexeu com a concepção de Igreja, até então, envolta em uma redoma de dogmas, sustentados por uma teologia eclesiológica aos moldes medievais. Para reformadores, como Lutero, Calvino e outros, o critério principal, no fim, não seria a teologia católica escolástica e o aristotelismo, mas as escrituras, o Evangelho.

Os anseios de reforma, porém, já estavam em um beco sem saída. A Reforma, no século XVI, tinha que significar a saída de arcabouços medievais, dos quais o mundo estava abdicando e dos quais, por razões muito profundas, a Igreja estava incapacitada de sair.

O clamor da Reforma, já desde o século XV, não era somente contra os abusos na Igreja, mas contra o próprio sistema que estava na base de tais abusos. Ninguém pretendia com isso dividir a Igreja, mas o fracasso dessa reforma na cabeça e nos membros produziu a excisão; assim, a reforma protestante seria a resposta revolucionária para a frustração da reforma católica nos séculos XIV e XV (VELASCO, 1995, p. 206).

Lutero enfatizou a primazia da Escritura; só ela explica a fé - *Sola Scriptura*; enfatizou o Cristo, no lugar dos santos intercessores - *Solo Christo*; enfatizou que basta a fé, diante de tantas exigências da Igreja para os seus fiéis alcançarem a salvação - *Sola Fide*; ressaltou a Reforma do Papado e o fim das suas explorações; questionou a Base Doutrinal Sacramental, especialmente as concepções de Batismo, da Eucaristia e da Penitência e a questão do Sacramento do Matrimônio.

Segundo Hans Kung, o que Inocêncio III tinha de habilidade, para trabalhar com as questões emergentes e os ventos novos de reforma que Francisco de Assis apresentou-lhe, no sonho de reconstruir a Igreja medieval, faltou a Leão X, diante do desejo de Lutero de *volta* ao Evangelho de Jesus Cristo. Na prática, exigiu mais submissão à Igreja, colocando, no mesmo patamar, o Evangelho, o Papado e a própria Igreja.

A invenção da Imprensa, por Gutenberg, no século anterior, cuja influência “quando a cópia manuscrita deixa de ser o único recurso disponível para assegurar a multiplicação e a circulação dos textos” (CHARTIER, 1994, p. 185); as navegações, com uso da bússola; uma sociedade cuja nova classe social burguesa passou a desempenhar um papel importante, levam à grande crise moderna da Igreja. Keller (20012, p. 36) apresenta, como aspectos fundamentais dessa crise, a queda da autoridade da Igreja, desde o cativo de Avinhão, cujo período de 39 anos, reivindicando legitimidades entre Roma e França, deixaram

marcas profundas negativas; além do mais, a insistência na questão da *Plenitude Potestatis*, quando a sociedade e a política civil caminhavam rumo ao Absolutismo; a Igreja viveu a grande crise moral com o nepotismo, a mundanidade e um clero com formação precária e ausente da vida pastoral. Esse quadro levou a uma religiosidade descentrada do clero, centralizada nas devoções, nas peregrinações e na busca por relíquias, uma atmosfera supersticiosa e obcecada pelo pecado e pela condenação eterna.

Como reação, o papado ficou na defensiva, criando, em 1542, o Santo Ofício, pelo Cardeal Carofa, que viria a ser o papa Paulo IV. A Igreja embarcou em uma contrarreforma, no desejo de reestabelecer a teocracia medieval. As tentativas desse restabelecimento chegaram ao seu ápice com o Concílio de Trento.

Desde o início, os italianos simpatizantes de mudanças pouco tinham a dizer no concílio, que finalmente se reuniu em Trento, no norte da Itália, de 1545 a 1563. Em contraste com os concílios anteriores, verdadeiramente ecumênicos, e em contraste com o Concílio de Constança, este foi mais uma vez um concílio papal, como os sínodos gerais medievais. A princípio, essencialmente, somente prelados italianos e espanhóis participaram; os protestantes, compreensivelmente, recusaram-se a participar (KUNG, 2002, p. 174)

Apesar de não falar na reforma do papado, definiu, positivamente, a doutrina católica, a partir de então, nos seguintes pontos, segundo Keller (2012, p. 38-39): sobre o dogma, definiu que as fontes da Revelação são a Escritura Sagrada e a Tradição; a hierarquia deveria estar empenhada na cura das almas, enquanto o bispo seria colocado no centro da diocese e ligado à Santa Sé Apostólica, ficando sob sua tutela a formação do clero. A Idade Média termina política e religiosamente como cristandade. Torna-se clássica, no capítulo sete, que é o texto central do concílio, onde a justificação é definida como afirmação conciliar:

Uma transformação profunda graças à qual o homem, enriquecido pelo dom de Deus e por aceitação voluntária da graça e dos dons, torna-se justo, amigo de Deus, herdeiro da vida eterna. Ele é justificado não por imputação extrínseca dos méritos de Cristo, mas por justiça que lhe é própria e que o espírito Santo infunde nos corações, segundo o seu beneplácito e segundo a disposição e colaboração de cada um. Essa justiça permanece nesse como princípio permanente, e implica a presença das três virtudes sobrenaturais da fé, esperança e caridade. Sem a esperança e a caridade, a fé sozinha não pode justificar o homem nem fazer dele membro vivo de Cristo' (ALBERIGO, 1995, p. 343).

Trento oferece bases para a permanência de uma Cúria Romana centralizada, e a estrutura eclesial hierárquica permanece apoiada no regime jurídico. “A Igreja vai aparecer como sociedade perfeita, auto-suficiente; está organizada com o papa no seu vértice, assistido pelas congregações romanas, os cardeais e os núncios” (Idem, p.39). A Igreja vai ser mais

instituição do que comunhão. Trento vai ser mais uma contrarreforma do que uma mudança interna de reconciliação e “uma reestruturação do catolicismo identificado com uma autoridade, que era, na prática, a autoridade papal” (VELASCO, 1995, p. 218)). Para Kung, Trento foi “o concílio confessional particular da Contrarreforma e agora estava a serviço da recatolização da Europa” (KUNG, 2002, p. 176).

2.5.1. Frei Damião, um missionário de imagens e representações tridentinas

Na tentativa de aproximar a Igreja do povo, o Concílio de Trento estabeleceu que os bispos deveriam fazer as chamadas visitas pastorais. O próprio Concílio, entretanto, ciente da impossibilidade de os ordinários locais darem conta de tantas comunidades, encontrou um jeito de levar suas mudanças aos lugares mais remotos. Assim sendo, criou a figura de uma delegação religiosa da Igreja para, por meio de missões, levar a teologia e a pastoral conciliar às regiões distantes. No Brasil, nos primeiros dois séculos de colonização, esse decreto não foi executado, por interferência dos jesuítas, que haviam implantado o método da convivência nas aldeias e, assim, entraram em conflito com os interesses tridentinos dos bispos.

Os primeiros bispos no Brasil tentaram realmente seguir as orientações tridentinas, o que não deixou de provocar rapidamente um conflito com os padres jesuítas que tinham optado por uma pedagogia pela convivência nos aldeamentos. Os padres se reuniram, na Bahia, e publicaram o ‘postulado da Bahia’ do dia 13 de julho de 1613, opondo-se com dignidade e coragem às visitas pastorais segundo os ditames do Concílio de Trento: Nunca o decreto tridentino se executou no Brasil, havendo muitas cisões disso. Parece, portanto, *ab-rogado per non usum* (HORNAERT, 2008, p. 135).

No Brasil, nesse primeiro período em que, nos interiores, a missão estava nas mãos dos religiosos, o decreto conciliar não vigorou, ficando apenas as visitas dos bispos aos engenhos ou fazendas. Junte-se a isso a perseguição pombalina, a partir da segunda metade do século XVIII, quando os aldeamentos deixam de existir, “não há mais convivência com os pobres, de sorte que a pastoral se torna alheia às verdadeiras necessidades do povo, simplesmente por desconhecimento destes problemas” (idem, p.135). Sobre a organização eclesial no Brasil, Gilberto Freyre acentua subserviência do clero local aos senhores de engenho, mais que aos bispos.

No Brasil, a catedral ou a Igreja mais poderosa que o próprio rei seria substituída pela casa-grande de engenho. Nossa formação social, tanto quanto a portuguesa, fez-se pela solidariedade de ideal ou de fé religiosa, que nos supriu a lassidão de nexos político ou de mística ou consciência de raça. Mas a Igreja que age na formação brasileira, articulando-a, não é a catedral com o seu bispo a que se vão queixar os desenganados da justiça secular; nem a Igreja

isolada e só, ou de mosteiro ou abadia, onde se vão açoiar criminosos e prover-se de pão e restos de comidas mendigos e desamparados. É a capela de engenho. Não chega a haver clericalismo no Brasil. Esboçou-se o dos padres da Companhia para esvair-se logo, vencido pelo oligarquismo e pelo nepotismo dos grandes senhores de terras e escravos (FREYRE, 2003, p. 271).

E, enquanto os jesuítas travavam uma rivalidade com os senhores de engenho:

Os outros clérigos e até mesmo frades acomodaram-se, gordos e moles, às funções de capelães, de padres-mestres, de tios-padres, de padrinhos de meninos; à confortável situação de pessoas da família, de gente de casa, de aliados e aderentes do sistema patriarcal, no século XVIII, muitos deles morando nas próprias casas-grandes (FREYRE, 2003, p. 272).

Se, no Brasil, o panorama eclesial conformou-se dessa forma, por outro lado, tanto aqui, como em qualquer parte do mundo, a vida da Igreja Tridentina passou a revestir-se, cada vez mais, dos dogmas e das rubricas. Como ícone desse momento, podemos destacar a Missa Medieval, que havia sido restabelecida por Trento. Na visão de Hans Kung:

Havia sido liberada apenas de suas excecências mais monstruosas, e agora era controlada até a última palavra e a última posição do dedo do padre por ‘rubricas’ (instruções de cena impressas em vermelho). Essa liturgia clerical totalmente regulada, então celebrada com frequência à moda barroca da época, continuaria sendo básica na liturgia católica até o Concílio Vaticano II – ao lado das sempre mais numerosas devoções, das bastantes animadas devoções populares de procissões e peregrinações e da intensificada veneração a Maria (KUNG, 2002, p. 176).

A partir de Trento, todo esforço da Igreja esteve em alinhar as suas fileiras na defesa da fé. Diante dos ventos da modernidade, da expansão protestante, por meio das navegações, da disseminação das ideias modernas, por meio da imprensa e de uma concepção de mundo mais antropocêntrica, os fiéis escudeiros da fé embarcaram em navios, embrenharam-se nos sertões e levaram o discurso afinado com Roma: Viva Deus, viva o Papa, viva a Nação!

O catolicismo luso-brasileiro mantém uma continuidade parcial com padrões medievais de religiosidade por ter sido subtraído das reformas católicas estabelecidas pelo Concílio de Trento graças ao regime de padroado, que regulava as relações entre Igreja e Estado no Brasil colonial. Este regime baseava-se em um acordo entre o papado e os reis de Portugal, que garantia, a estes últimos, autonomia na nomeação de bispos e na estruturação da Igreja Católica em seu país e em suas colônias, em troca da difusão e da defesa da fé católica em todo o mundo. O regime de padroado teria garantido a permanência no catolicismo português, e conseqüentemente no luso-brasileiro, de práticas culturais tradicionais como as romarias, o culto aos santos com suas promessas e ex-votos, a construção espontânea de cruzeiros, capelas e ermidas, o agrupamento em irmandades e ordens terceiras, que se responsabilizavam por festas e procissões de caráter dramático e espetacular, etc; práticas que teriam desaparecido dos demais países europeus. O catolicismo luso-brasileiro caracterizar-se-ia pela forte presença dos leigos na condução da religião, por seu peso na vida familiar e social, por sua íntima ligação com a cultura brasileira e pela manutenção de um padrão burlesco nas

comemorações, tornando nublados os limites entre sagrado e profano (SOUZA, 2012, p. 292).

Segundo Hornaert, o discurso tridentino ecoa entre os capuchinhos, já que os mesmos são os grandes propagandistas da teologia de Trento, desde o século XVIII ao século XX: “os capuchinhos [...] italianos trouxeram de sua terra um método de fazer missão, baseado na teologia e na pastoral do Concílio de Trento, que fez sucesso no Brasil após a reviravolta dos métodos missionários no Brasil causada pelo governo de pombal (HORNART, 2008, p. 65). Frei Damião, fiel às tradições de sua Igreja e de sua Ordem, tornou-se propagador da cosmovisão teológica tridentina, como marca fundamental de sua ação missionária. É o que veremos a seguir:

2.5.2. Discurso Tridentino de Frei Damião

De acordo com Gianfranco Lazzari, entre os anos de 1926 e 1928, Frei Damião de Bozzano assumiu a função de professor, no convento de Lucca, onde ensinou Teologia e foi diretor dos estudantes (2003, p. 28). Qual teologia lecionou Frei Damião? A Teologia Tridentina, na qual se havia se formado. Frei Damião lecionava, exatamente, o que o Concílio de Trento ensinou e, quando desembarcou, no Brasil, desde a sua primeira missão, em Gravatá – PE, no período em que a Igreja vivenciava a influência do Concílio de Trento, continuou com o mesmo discurso, a partir das mesmas premissas. Sua formação, na Universidade Gregoriana de Roma, feita a partir dos manuais tridentinos, sua experiência de docência e o tempo como formador dos capuchinhos estudantes, fizeram-no transpor de seu italiano natal à língua portuguesa de sua nova pátria, a matéria e a forma da sua fala e dos seus gestos. D. Henrique Soares, bispo de Palmares, escrevendo para a Revista Frei Damião, descreve seu estilo de pregação e o conteúdo da mesma, revelando o tradicional e tridentino de seu apostolado.

Nas festas litúrgicas e, independente delas, nos ajuntamentos de povo, provocados pelas missões, o capuchinho aproveitava para falar de Jesus Deus e homem, da Trindade Santa, da Virgem Santíssima, do céu, do inferno, do Juízo Final, da Igreja com seus sacramentos e sua estrutura visível [...]. Mas também falava sobre a usura, a inveja, a concupiscência, a castidade, a oração, a vida familiar, os votos religiosos, o sincero arrependimento, a honestidade, a fidelidade à palavra empenhada e a contrição sincera diante de Deus [...]. Era todo catecismo que Frei Damião ia percorrendo com a palavra enquanto percorria com os pés o agreste e o sertão de nossa terra [...]. O santo frade não era um pregador exaltado, de ideias mirabolantes [...]. Com um raciocínio bem lógico, citando até filósofos e escritores clássicos, ensinava de modo sóbrio, firme e articulado os mistérios e exigências práticas da fé e da vida do cristão [...]. Interessante descobrir o quanto frei Damião não era original [...]. Sua preocupação não era consigo mesmo, não era brilhar, pregavam o que os

outros pregavam [...]. O que atraíam nele eram a convicção, dedicação, ardor e coerência de vida [...]. Quanto ao estilo parecia o de Jesus, cheio de ‘causos’ e parábolas como exemplos tirados da vida, do dia a dia, que encantavam e deliciavam a alma nordestina (REVISTA FREI DAMIÃO, n°2, 2007, p. 25).

Souza Neto recorda que os sermões de Frei Damião tinham uma coesão doutrinal e uma lógica de raciocínio, ainda que os temas fossem variados. Sempre os escrevia à mão e decorava-os, para serem mais dialogais e dinâmicos. O estilo de perguntas e respostas, com citações bíblicas e dos santos e com um arremate doutrinal, espalhavam-se nas difusoras de todo o Nordeste. A seguir, apresentamos um trecho de um sermão sobre a obediência, cuja data e local desconhecemos, mas que retrata seu estilo de pregador tridentino.

O evangelista são Lucas, narrando a vida de Jesus até os trinta anos, compendiou-a nestas palavras: "estava o menino Jesus sujeito a Maria e José, obedecendo em tudo o que lhe mandavam" (Lc 2:51). Devemos ponderar: a) quem obedece? O próprio Deus eterno e infinito. b) a quem? A uma virgem e a um pobre artista, o Criador enfim às criaturas, o Senhor aos servos, o Rei aos vassallos. c) em que lhes obedece? Nas coisas que se costumam fazer em casa de um carpinteiro, servindo nelas como costuma fazer o filho ao pobre pai. Grande coisa deve ser, pois, a obediência, porquanto foi tão amada por Nosso Senhor Jesus Cristo! (...) E são Tomás o prova com evidente razão: de muitos bens -diz ele- nos tem enriquecido a Divina Providência. Uns são bens de fortuna que exteriormente concorrem para a nossa felicidade temporal; tais como as riquezas, os haveres, as honras. Outros são bens da natureza, que interiormente concorrem para a nossa felicidade; tais como, quanto ao corpo à saúde, à robustez, à beleza, aos prazeres dos sentidos; e quanto à alma, à memória, à inteligência e à vontade. Ora, entre todos esses bens os mais estimáveis são os da alma, sendo os mais próprios do homem; entre os bens da alma ocupa o primeiro lugar a vontade, pois domina em nós como rainha e é por meio dela que usamos e gozamos de todos os outros bens, de que somos capazes. Portanto, a obediência é o melhor dom que podemos fazer a Deus, visto que, por meio dela, entregamos a Deus a nossa vontade, que é o mais precioso bem que possuímos [...] (REVISTA FREI DAMIÃO, n°2, página 25).

Se tomamos como base o seu livro, já citado, intitulado “Em Defesa da Fé”, os temas elencados formam uma lista daquilo que Trento determinou como normas de fé. O conteúdo desenvolvido apresenta a defesa de que a verdadeira regra de fé, em resposta à reforma protestante, é a fé Católica. Frei Damião viveu o espírito da Igreja desde sua chegada ao Nordeste “dando destaque à vida sacramental, à retidão moral e a um tipo de pregação apologeticamente ferrenha e combativa contra o inimigo por antonomásia a ser combatido implacavelmente: o protestantismo” (SOUZA NETO, 2011, p. 34).

O primeiro tópico do seu livro, que tem como tema A Verdadeira Regra de Fé, comparada à Regra de fé protestante, como já nos detivemos acima, tem sua principal intenção demarcar as fronteiras da religião Católica em relação a outras religiões, ao que se acrescenta, em especial, a sua aversão ao Espiritismo. Silvana Brandão afirma que “em suas pregações a

condenação dos pecados, a preocupação com a doutrina católica, o combate ao protestantismo e ao espiritismo, nas primeiras décadas de atividade, tornaram-no conhecido entre o povo. Paradigma de medo e carisma, carisma e fé fervorosa” (AGUIAR, 2015, p. 459).

Um outro aspecto tridentino, em seu discurso, é o tema da Infallibilidade Papal e as constantes louvações que ele faz, ao fim de suas pregações, associando sempre a autoridade eclesial à autoridade papal:

Vimos que, para conhecer a doutrina de Jesus Cristo, devemos ouvir a sua Igreja, e não simplesmente folhear a Bíblia, interpretando-a livremente, como pretendem os protestantes. Mas qual a verdadeira Igreja fundada por Nosso Senhor? A nossa, isto é, a Igreja governada por Pedro sempre vivente nos seus legítimos sucessores, que são os Papas. Para que apareça claramente esta verdade, é necessário provar três pontos: I - Que Jesus Cristo fundou a sua Igreja e entregou o seu governo a Pedro. II - Que foi vontade de Jesus que Pedro transmitisse o governo da Igreja aos seus sucessores. III- Que os sucessores de Pedro são os Papas (BOZZANO, 1955, p. 25).

Os Sacramentos vêm como um dos destaques de sua pregação e de sua obra. Quinze capítulos do seu livro são dedicados aos Sacramentos⁵⁶. Desde o Batismo, Confirmação, Eucaristia, Confissão, Extrema Unção, Ordem, chegando a um dos temas mais referenciados durante sua vida, o Matrimônio, a sua indissolubilidade à luz da fé e da razão.

Especialmente, sobre o Matrimônio, assim escreveu:

Inúmeros são os abusos que devemos deplorar com relação ao matrimônio. Um dos principais o não querer considerá-lo como um sacramento instituído por Nosso Senhor; pelo que não é raro se encontrarem uniões ilícitas também entre os católicos. Procurarei combater este abuso demonstrando que o matrimônio entre os cristãos é um sacramento. O matrimônio mostra-se sagrado desde a sua primeira instituição (BOZZANO, 1955, p. 125).

E, depois de passar por fundamentações bíblicas, como Efésios 5, 32, que, falando sobre o matrimônio diz: “Este é um mistério profundo; refiro-me, porém, a Cristo e à Igreja”, discorre sua defesa, passando pelos Santos Padres da Igreja, como Santo Agostinho, Santo Ambrósio, Santo Irineu e Santo Inácio de Antioquia. E, apelando ao Concílio, diz: “Com muita razão, pois, o Concílio de Trento declara que é herege e excomungado quem se atreve a negar que o matrimônio é um dos sete sacramentos instituído por Nosso Senhor” (Id p. 132). Assim, no seu sermão, usando um linguajar nordestino e simples, sempre condenava os amancebados⁵⁷. Um dos entrevistados de Abdalazis Moura afirmou: “Ele sempre dizia [...] Não desprezar sua esposa por outra mulher [...] aconselhou os casais que vivem juntos a se separarem, porque se

⁵⁶ Os manuais recentes da Igreja, baseados no Concílio Vaticano II nomeiam alguns sacramentos com outro título. São os casos: Confirmação ou Crisma, Penitência ou Confissão, Extrema unção ou Unção dos Enfermos.

⁵⁷ Amancebado. [Part. De amancebar-se.] *Adj.* 1. Que vive em mancebia; amigado, amasiado. *S. m.* 2. Amásio, amante (FERREIRA, 2004, p. 111).

não o fizerem, ao morrer, irão para o inferno [...] o amancebado está no inferno [...] o casamento é divino e conserva a família unida (MOURA, 1978, p. 20).

Quem pecou não peque mais; quem roubou, não roube mais. As pessoas que furtam vão para as profundezas do inferno [...] O Matrimônio só é quebrado por morte ou do esposo ou da esposa. Quem deixa o casamento religioso pra se casar com outro no civil está no inferno de cabeça para baixo (MOURA, 1978, p. 19).

Outro tópico bastante importante e que atesta seu tridentinismo é a questão do culto a Deus, aos Santos e às imagens; a intercessão da Virgem Santíssima, bem como a virgindade de Maria e a sua Imaculada Conceição, que se encontram dos capítulos 21 ao 25. Os seus gestos já apontavam a sua devoção a Maria. As milhares de fotos e imagens que adornam paredes e oratórios das casas mais humildes do Nordeste e que circulam na Internet, sempre registram o religioso conduzindo um terço. Mesmo durante as confissões, nas procissões, ou quando se locomovia de um canto a outro, a pé ou de automóvel, estava debulhando o terço, como dizem os nordestinos. No final de sua vida, quando os romeiros dirigiam-se ao Convento de São Félix, o primeiro convite que o religioso fazia era a recitação do terço, e o último conselho que dava era que rezassem, diariamente, o terço.

No livro, “Em Defesa da Fé”, cita 61 vezes o nome Maria, referindo-se à mãe de Jesus. Sempre na justificação de sua santidade, de sua virgindade, da sua concepção virginal e do título atribuído pelo Papa Pio XII, em 1950, *Theotókos*⁵⁸. Diante das acusações dos protestantes de que os católicos adoravam os santos e a Virgem Maria, sempre se mostrava incisivo na defesa da fé, em seus sermões, o que registrou no seu livro: “Os santos e Maria Santíssima não devem ser adorados. E de fato na Igreja ninguém jamais adorou os santos ou a Maria, porque mesmo o mais atrasado católico sabe que os santos e Maria não são Deus (BOZZANO, 1955, p. 10). E arremata, apologeticamente: “nós católicos, além de dirigirmos as nossas orações a Jesus Cristo, recorremos também à intercessão da Virgem Maria e dos Santos. Podemos fazê-lo! Os protestantes negam. A Igreja, pelo contrário, nos responde que podemos fazê-lo e com muito proveito” (BOZZANO, 1955, p. 158).

No livreto “Caminho do Céu”, as devoções a Nossa Senhora estavam nas orações da Ave Maria, nos Mistérios do Terço, na Oração a Nossa Senhora da Penha, no Ofício da

⁵⁸ “O Concílio de Éfeso (431) reúne o tesouro incalculável desse mistério e declara Maria, expressamente, *Theotokos*, mãe de Deus. [...] Reconhecer Maria como mãe de Deus significa de fato professar que Jesus, o carpinteiro de Nazaré, o crucificado, filho de Maria segundo a geração humana é filho de Deus. [...] Portanto, se não se pode separar, em Jesus Cristo, a humanidade e a divindade (c.f. Concílio de Calcedônia, 451), também não se pode separar, em Maria, a mulher simples de Nazaré e aquela a quem a Igreja venera e presta culto como mãe de Deus” (TAMAYO, 2009, p. 340).

Imaculada Conceição e nos cânticos ali registrados e entoados, diuturnamente, nas missões, puxados pelo próprio frei: Neste dia, ó Maria; Sois Nossa Senhora; A treze de Maio; Ó Virgem Senhora; Ó, Maria, como tu és bela; Com minha mãe estarei e tantos outros que estão no cancionário popular da religião católica do Nordeste e do Brasil. De seus lábios, dentre tantos louvores a Maria, os romeiros ouviram, muitas vezes, jaculatórias como: “Ó, maria concebida sem pecado”, ao que respondiam: “Rogai por nós que recorreremos a vós”. E, depois de um “Viva Nossa Senhora!”, entoava, com os romeiros, o cântico a Maria Santíssima Imaculada:

Ó Maria mais bela que a aurora
Teus fulgores alegam a terra
E entre os astros que o céu encerra
Não há estrela mais bela que tu

Mais que o sol formoso
Branca como a lua,
E as estrelas mais belas
Não são belas como tu

Tua coroa é formada de estrelas
Brilha o sol no teu branco vestido
E teu manto de luz é tecido
A lua branca se curva aos teus pés⁵⁹

E o capuchinho, filho de Francisco de Assis, ao mesmo tempo tridentino e piedoso, ao longo de sua vida, alimentou a religiosidade maternal de Maria, mãe dos mais pobres e esquecidos do Nordeste do Brasil.

Certamente, o elemento mais tradicional e mais comum de ser reconhecido em Frei Damião é o seu apreço pelos Novíssimos. Sua vida pessoal, suas relações e seu apostolado parecem ter assumido a missão da qual não abria mão: levar os seus fiéis para o céu; gerar, em cada um, o horror pelo pecado que os levaria ao inferno. Com concepções ainda dantescas, com imagens do céu, do inferno e do purgatório quase geográficas, insistia na decisão humana, a partir da liberdade e da inteligência, aquilo que Santo Agostinho de Hipona chamou de livre arbítrio: buscar a santidade e apartar-se do pecado.

Percebe-se, então, que o conteúdo tridentino da sua pregação estava ligado com temas como a salvação individual da pessoa, a promessa da vida eterna, o abandono do pecado, sobretudo o pecado contra a castidade, os Novíssimos – morte, céu, inferno e purgatório e os vícios que escravizam o homem.

⁵⁹ **Aurora**, é uma música italiana dedicada a Maria, composta por Francesco Saverio M. D'Aria sj (1889-1976) e musicada por Don Luigi Guida (1883-1951). Fonte: <https://www.acannone.it/index.php/canti/130-dellaurora-tu-sorgi-piu-bella>. Acesso em 22 mai. 2018. No Brasil tornou-se popular nas missões e no canto litúrgico católico.

Na pregação, que tomamos como exemplo acima, a palavra céu aparece em dois momentos. No primeiro, salientando a dicotomia do mundo real e do mundo espiritual; e expondo o papel da religião católica, como opção determinante para tal acesso, ele afirma: “E os que não desperdiçam tão mal o tempo de sua vida, em que o empregam senão em cometer pecados, todavia, empregam em praticar as virtudes e em adquirir méritos para o céu” (OLIVEIRA, 1997, p. 59-64). E, em um segundo momento, contando a parábola do menino que, retornando para a sua pátria, distrai-se com as tentações do mundo que o circunda, postergando, assim, o regresso à pátria, ele afirma: “Aquele menino somos todos nós, saídos e renegados nesse lugar de exílio. Voltamos para nossa verdadeira pátria que é o céu e nos desviamos do caminho que ali nos conduz (OLIVEIRA, 1997, p. 59-64).

Uma expressão sinônima para céu é a palavra paraíso que, na referida homilia, aparece quatro vezes. Atentemos que, no seu discurso da maturidade, aquele que ficou gravado em áudio, reproduzido em livros e escrito na lápide de seu túmulo, a palavra paraíso vai aparecer como uma constante substituta de céu: “Sempre rezei por vós, e também depois da morte se Deus me conceder uma morada no céu, continuarei a rezar por vós, pedindo a Deus que vos proteja de todos os males e um dia vos reúna comigo no paraíso” (OLIVEIRA, 1997, p. 138).

No mesmo sermão, a palavra inferno aparece uma vez, quando conta a história da Rainha Isabel e dos anos mal vividos de seu reinado, cuja consequência é que “depois da sua morte, foi vista a sua sombra funesta sobre as margens do Tâmis. E foi erguido este triste lamento: — Quarenta anos de reinado e uma eternidade no inferno, dando dessa maneira testemunho de Jesus Cristo, que dissera: — De nada serve ao homem ganhar o mundo inteiro e depois se perder” (Idem, p. 59-64). As referências ao mal são feitas dez vezes, sempre associando a opção humana à luta contínua entre o bem e o mal.

Observe-se que tempo, espaço, dor, alegria, nos casos acima mencionados, mesmo que sejam empregados em sentido metafórico, na voz do pregador, torna-se realidade. Muitos dos seus romeiros alimentaram, e ainda alimentam, estas concepções características de um catolicismo tridentino e popular. Desse modo, as representações tridentinas da cosmovisão de Frei Damião apresentam-se como elementos da construção da religiosidade nordestina, já que seu discurso repercutiu no imaginário do povo, por 60 anos, nesta região.

O imaginário diferencia-se da simples imaginação ou ilusão. Construído e expresso por símbolos, é parte integrante do ser humano. Não se trata de uma transposição através de imagens de uma realidade externa, mas de uma construção interpretativa desta. Nunca apreendemos a realidade em sua forma pura. A imagem que fazemos de um objeto, pessoa ou relação nunca é a coisa em si e sim uma faceta do que sabemos sobre essa exterioridade. Claro que

ela independe de nossa existência ou de nosso conhecimento acerca dela: no entanto, ela só existe para nós na medida em que a percebemos e interpretamos. O real é o fruto da interpretação dos humanos sobre a realidade exterior. É esse real que importa, pois é ele que efetivamente chega até nós. O imaginário está comprometido com o real e não com a realidade. O imaginário é o espaço da liberdade, em que novas relações e interpretações são criadas a cada momento, transformando esse real já interpretado (GUERREIRO, 2008, p. 99-100).

Frei Damião comunica, aos seus fiéis, uma verdade tridentina que se transpõe para a década de 1930 e vai até as vésperas do ano 2000. Há quem veja como anacronismo, como manipulação, como discurso desorientado ou outra forma de interpretação que, apenas, superficialmente, ofereça uma pecha à ação de um missionário tridentino. Há, no entanto, que se ampliar as formas de interpretar tais discursos, pois a crença, na concepção de Guerreiro, é o elemento formador de valores e de classificação entre as coisas e os acontecimentos que autoriza a apropriação humana do mundo exterior. E, bem mais que representativo, simbólico!

Consideraremos o Imaginário como um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos diversificados e atuando na construção de representações diversas. De acordo com esta definição, existe uma interface possível do imaginário não apenas com o campo das “representações”, mas também com o âmbito dos símbolos (BARROS, 2004, p. 93).

O sujeito, que crê, torna a realidade vivida. Assim o tridentino torna-se nordestino, os teoremas teológicos encarnam-se na vida e na experiência do povo. Um clérigo, que é fiel à Igreja e ao povo, ao qual dedicou a sua vida, na coerência do seu estilo de vida, sem luxos, sem férias, sem roupas refinadas, sem exaltações a si mesmo; austero e pobre, obediente e silente. Um religioso de um estilo de Igreja entre o ascetismo, a mendicância e a missão. Para Frei Damião, o que importava era dar conta da missão à qual foi confiado, mesmo que, assim, tivesse que percorrer léguas e léguas, para anunciar aquilo que, para ele, era a verdade, a única verdade.

Quando de sua chegada, em um tempo em que o Brasil passava por crises e mudanças, e a Igreja não tinha sacerdotes suficientes para atender aos fiéis, a presença do missionário foi imprescindível, para animar e confirmar o povo na fé católica. Não foi um período fácil, e o povo era muito necessitado da catequese e dos sacramentos que pudessem fortalecer os na caminhada. E assim o foi, por toda a sua vida. Fiel à Igreja, permanecia, utilizando uma linguagem simples, apresentando um conteúdo moral-apologético, objetivando a formação do povo, diante das investidas da modernidade, de outros grupos e credos religiosos.

2.6. Localização e Itinerário das missões de Frei Damião de Bozzano no Nordeste brasileiro (1931 a 1997).

Como já vimos, a região adotada por Frei Damião, em suas missões, compreendeu o Nordeste do Brasil, mais especificamente os estados de Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte, região que abrange o Regional Nordeste II,⁶⁰ da CNBB. Trata-se do espaço geográfico da Província Capuchinha do Nordeste, solo de sua diuturna missão. Também existem algumas raras incursões do frei nos estados da Bahia, Ceará, Sergipe, São Paulo e Piauí.

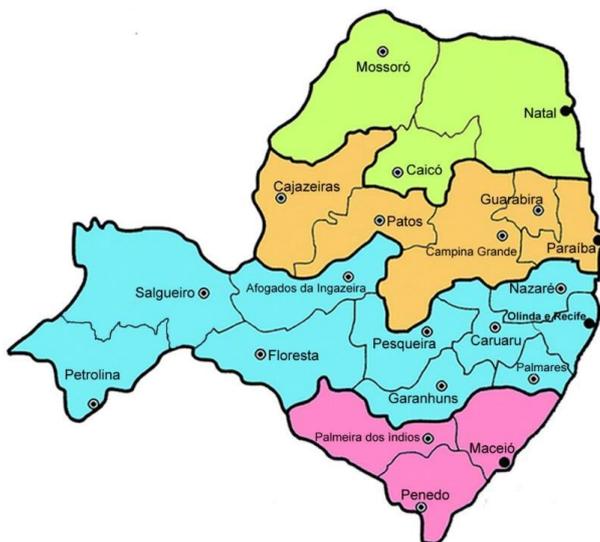


Figura 08 – Mapa do Regional Nordeste II da CNBB
Fonte: CNBB – Nordeste II⁶¹

⁶⁰ É órgão regional da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, que congrega os membros da CNBB canonicamente domiciliados nas circunscrições eclesiais dos estados de Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

⁶¹ Mapa do Regional Nordeste II. Disponível em: <<https://cnbbne2.org.br/mapa/>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

Tendo tomado o ano de 1930 como ponto de partida de nossa pesquisa, a partir de aspectos sociais, antropológicos, econômicos, culturais, geográficos e, especialmente, religiosos, com seus desafios e perspectivas de interpretações e registros, que possibilitaram o reconhecimento e a afirmação da sua importância no cenário nacional, encontramos, nesse momento tão peculiar dessa região, a ação de Frei Damião de Bozzano que, por mais de 60 anos de missão, no que despontaria como Nordeste, seria um dos fatores relevantes de afirmação da religiosidade do povo. Tanto quanto a concepção geográfica, que carece de constantes interpretações e registros para a memória local da sociedade, em vista de sua compreensão em uma esfera mais ampla, o aprofundamento sobre a importância de figuras religiosas, como Frei Damião e a religiosidade que daí decorre, demonstram que, por mais que fatos históricos sejam vivenciados, em um ambiente restrito de uma região, não deixam de receber influências externas, nem, tão pouco, são isolados do mundo, ao ponto de não se projetarem para além de suas fronteiras.

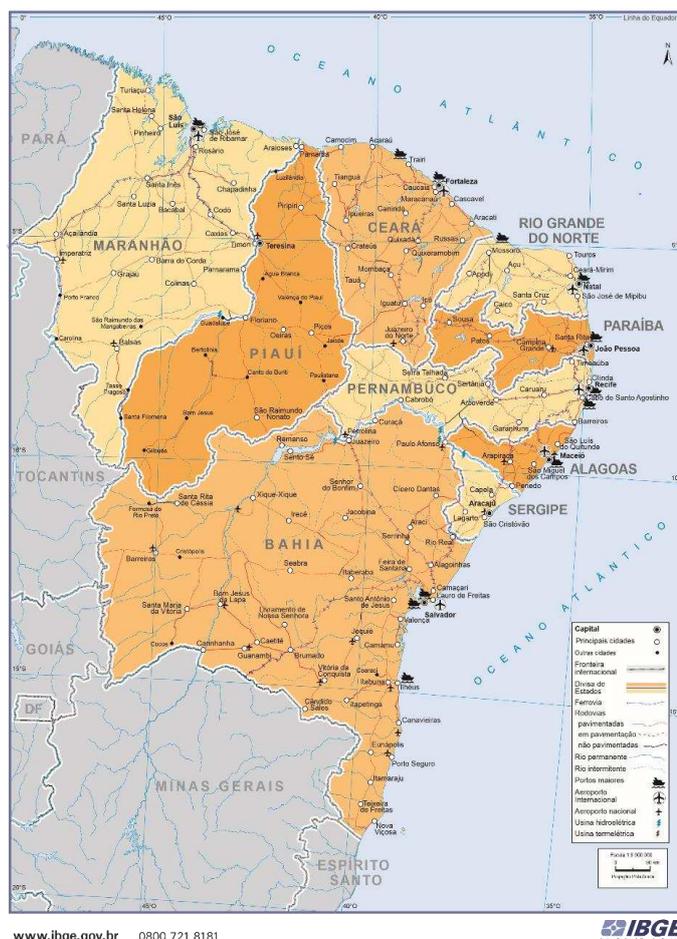


Figura 09 – Mapa do Nordeste do Brasil
Fonte: IBGE⁶²

⁶² Mapa Político da Região Nordeste. Disponível em: <<https://portaldemapas.ibge.gov.br/portal.php#205477>>
 Acesso em: 23 mai. de 2018.

Segundo dados do IBGE, no ano de 1930, não aconteceu (IBGE - censo, o que é?) o censo que é realizado a cada 10 anos. Os dados obtidos são de 1940, quando o Nordeste contava 14.434.080 (IBGE – Grandes Regiões) habitantes e a expectativa de vida, conforme já citamos, não passava dos 30 anos. Na década de 1990, últimos anos de vida de Frei Damião, o Nordeste já figurava numa nova perspectiva nacional. O censo de 1991 apresentou uma população de 42.470.225 (IBGE) de habitantes nessa região cujas modificações sociais, políticas, econômicas e geográficas haviam acompanhado a modernização do país e aprofundado desigualdades seculares. Atualmente, a região Nordeste é a terceira maior região do Brasil em extensão territorial, com mais de 1.500.000 km². Está constituída por nove estados: Alagoas (AL), Bahia (BA), Ceará (CE), Maranhão (MA), Paraíba (PB), Pernambuco (PE), Piauí (PI), Rio Grande do Norte (RN) e Sergipe (SE). Segundo dados do IBGE, a região tem uma população de 57.254.159 (IBGE - Estimativa), com expectativa de vida em torno dos 65,5 anos de idade e taxa de mortalidade infantil de 52,8 por cada mil habitantes. Estudos do IBGE, de dezembro de 2017, indicam que 43,5% da população enquadra-se na situação de pobreza, e que 12,8 está abaixo da linha de pobreza. Questões, como o clima quente e seco, com temperatura em torno dos 30°, com um relevo formado basicamente pelo litoral e pelo planalto da Borborema (IBGE – População, de uma hidrografia cuja centralidade está no rio São Francisco e nas chuvas escassas, possui duas estações bem definidas, o inverno, período chuvoso, e o verão. Os longos períodos de estiagem, no sertão, certamente, é o que há de mais emblemático, quando se fala do Nordeste.

2.6.1. Nordeste, territorialidade, simbolismos e sacralidade.

A análise da abrangência espaço-temporal de uma manifestação religiosa, como a que gravita em torno de Frei Damião, impulsiona-nos a compreender os seus deslocamentos como fator simbólico na vida dos seus fiéis devotos. Se sua carta à família já revela a busca dos fiéis e o movimento dos mesmos em direção ao já milagreiro Frei Damião, ao mesmo tempo, o percurso de ida, ao encontro dos fiéis, foi significativo e perene, por parte do missionário.

Abordando essa temática, faz-se necessário definir o conceito de território que adotamos neste trabalho. Enquanto um dos conceitos fundantes da geografia, a territorialidade, possui diversas abordagens teórico-metodológicas, aqui compreendemos o método de estudo, enquanto enfatiza, principalmente, a dimensão simbólica e cultural do território, tendo como

objetivo analisar o processo de gestão e controle do mesmo, por atores diversos, como a religião, a política e o próprio povo.

A apreensão do território como categoria privilegiada de análise da religião encerra a possibilidade de uma conexão pertinente entre as estruturas dos sistemas simbólicos e as estruturas do sistema territorial, o território é o objeto (restrição do espaço), o sistema territorial a lógica desse conjunto estrutural e a territorialidade o atributo de determinado fato social onde o poder é imanente (GIL FILHO, 1999, p. 116).

Para Merleau-Ponty, o espaço sempre está revestido e ordenado pela possibilidade da linguagem como significado para determinada cultura. No seu pensamento, o espaço não é um meio apenas contextual, real e lógico sobre o qual as coisas estão colocadas, mas, sim, onde as coisas estão dispostas. O espaço é lugar de conexões. O que implica a fenomenologia do espaço é uma análise da experiência espacial, centrada no sujeito subjetivo que se comunica. Deste modo, é a percepção do indivíduo que edifica o conhecimento do espaço, pois "o pequeno mundo privado de cada um não se justapõe àquele de todos os outros, mas é por ele envolvido, colhido dele, constituindo todos juntos" (MERLEAU-PONTY, 2005, p. 138). Este filósofo tenta romper com a ideia de um espaço único e absoluto, propondo um espaço como superfície da existência, apreendido por meio da experiência perceptível. Geertz corrobora essa visão, quando afirma que:

Um sistema simbólico que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p. 104).

Ao nos referirmos ao Nordeste, como espaço geográfico, referimo-nos à territorialidade que comporta uma marca expressiva da religiosidade popular. No centro, está o povo nordestino com sua percepção, sua experiência, sua sensibilidade e outras afecções somáticas. Esta paisagem do Nordeste "é o plano da percepção sensível pelo qual se inicia e se fecha todo processo analítico em geografia" (MOREIRA, 2002, p. 22). As "relações políticas, simbólicas, ambientais, econômicas, dentre outras, os compartimentos espaciais subjacentes a cada conjunto de relações se delinearão, portanto, na forma do território, do lugar, da região e daí por diante conforme o caráter da relação constituída" (LIMA, 2007, p. 69). Assim "o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" (LIMA, 2007, p. 69).

Documentos conservados, nos arquivos da Província de Nossa Senhora da Penha, do Nordeste do Brasil, livros de tomo e arquivos da Província de Lucca, aos quais tivemos acesso, por meio do Frei Jociel Gomes, Vice-postulador da causa de beatificação de Frei

Damião, listam, quase que em um script, o itinerário das missões. Elas deram-se em um espaço geográfico que, em última análise, subsiste como superfície da existência, apreendido por meio da experiência perceptível. Assim, fazendo a leitura geográfica do espaço, percebemos as relações do romeiro com o santo.

A chegada de Frei Damião dá-se em um período importante na história do Brasil. É a época do integralismo anticomunista, antiliberal e anti-imperialista.

A fase de ‘reconciliação’ entre Igreja Católica e Estado ocorreu na década de 1930, sob o governo de Getúlio Vargas (1930-1945), amigo de Dom Sebastião Leme, nomeado arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro e da capital da República em 1921. A boa relação existente entre essas duas renomadas figuras públicas ‘solidificou uma aliança que aproximaria novamente a Igreja ao Estado, mas numa modalidade diferenciada à traumática experiência imperial’ (ESQUIVEL, 2003, p. 09).

Nesse período, ainda estão vivos o Padre Cícero Romão, que faleceu em 1934, e Lampião, que morreu em 1938. A respeito desses dois personagens da história sociopolítica e religiosa da região, não encontramos qualquer registro de encontro de Frei Damião com os mesmos. Foi justamente nessa região e nesse momento, em que essas duas figuras ainda estão ativas e, ao mesmo tempo, na memória do povo, que o capuchinho inseriu-se. Além do mais, foi nos sertões mais distantes e de uma dificuldade de locomoção extrema e de qualidade de vida difícilimas, que o frei acentuou sua ação missionária. Regiões profundamente marcadas pelas secas e pelo descaso dos poderes públicos. Aconteceu que, quando no período de sua chegada, essa região alarga-se, na zona da mata; os engenhos e usinas reproduzem, no bagaço da cana, a exploração dos menos favorecidos. Da praia ao sertão, das matas à terra seca, um povo profundamente marcado pelo descaso dos políticos, pela exploração do trabalho, pela manutenção dos privilégios de alguns, em detrimento da miséria de uma imensa maioria. De sua chegada até sua morte, o cenário apenas se tornará mais urbano, enquanto a geografia humana sempre caminhará para um fosso bem mais profundo, entre as classes sociais: os ricos sempre mais ricos e os pobres sempre mais pobres.

2.6.2. Itinerário das missões a partir de anotações e livros de tombo⁶³.

A primeira missão de Frei Damião, em solo brasileiro, como já nos referimos, deu-se em Gravatá, Pernambuco, nos dias 22, 23, 24 e 25 de setembro. Gildson Oliveira atesta: “Ainda em Gravatá, por ocasião da festa de São Miguel, em setembro de 1931, o frade passou

⁶³ Livros conservados nos arquivos das províncias capuchinhas do Nordeste do Brasil e de Lucca, Itália.

três dias ininterruptos confessando fiéis na capela, em Riacho do Mel, distante quatro quilômetros da sede do município” (OLIVEIRA, 1997, p. 38). No mês seguinte, atestou-se uma missão em Quipapá. Do dia 22 de outubro a 03 de novembro, aconteceu uma missão em São Benedito. Pela aproximação das datas, já tínhamos indícios de que uma missão terminava, e outra começava imediatamente. De 22 a 26 de novembro, Frei Damião retornava a Gravatá, em uma segunda missão e, assim, nos seus primeiros meses de Brasil, já contabilizava quatro missões e 18 dias no meio do povo.

No ano de 1932, do dia 28 de janeiro ao dia 31 de dezembro, Frei Damião fez 12 missões: Bebedouro, Bezerros, Caruaru, Sairé, Itabaiana, Brejo da Madre de Deus, Belo Jardim, Sanharó, Genipapo, Correntes, Pannels, Escada, Amaragi e Alto Bonito.

Em dezembro de 1932, Frei Damião escreveu aos seus pais, relatando sua dedicação à pregação, seu estado de saúde e que era acolhido com festa pelo povo.

Queridos pais,

Eu deixei para escrever para vocês nas festas de Natal porque nestes últimos meses eu passei muito tempo fora do convento para pregar e foi um pouco ruim para escrever. Por outro lado, vocês já sabem que eu sou muito preguiçoso para escrever e, portanto, não se preocupem.

Estou muito bem. Guglielmo disse que sabiam – me acompanha - que eu estava doente há dois dias. Nenche para dizer-lhe estas coisas! Mas desde que o Pe. Felice também escreveu isto, eu lhe direi que foi minha doença que a mesma indisposição estomacal que tive em Bozzano quando vim pregar para a visita do bispo. Coisas que não podem ser chamadas absolutamente de doença.

Guglielmo me diz novamente que vocês estão pedindo livros: é melhor se você não fizer isso para não faltar às minhas regras.

Reze por mim. Cumprimente-me tanto com Peter e sua família e todos os parentes (Tradução nossa)⁶⁴.

Em 1933 foram 15 missões, todas em Pernambuco: Bonito, São Lourenço da Mata, Cabo, Jaboatão, Vitória, Beberibe, Itamaracá, Bom Jardim, Pau d’Alho, Glória de Goitá, Itabaiana, Serinhaém, Mulungú, Araruna, Limoeiro, Usina Santo André, em Rio Formoso. Nesse mesmo ano, os registros evidenciam que, no mês de maio, Frei Damião esteve no Convento da Penha, no Recife, para as celebrações marianas e que, no mês de junho, pregou

⁶⁴ *Carissimi genitori, Ho lasciato di scrivervi per le feste del Natale perché in questi ultimi mesi sono stato molto tempo fuori di convento a predicare e mi tornava un poco male scrivere. Del resto voi altri già lo sapete de vecchio che sono molto pigro a scrivere e perciò non istarete in pensiero. Sto molto bene. Guglielmo dice che seppe dalla - Squilla - che io ero stato malato due giorni. Nenche a dirle queste cose! Ma giacché il P. Felice scrisse anche questo, vi dirò che fu la mia malattia fu quella medesima indisposizione di stomaco che ebbi a Bozzano, quando venni a predicare per la visita del vescovo. Cose queste che non si possano chiamare assolutamente malattia. Mi dice ancora Guglielmo che domandi libri: é meglio però che non lo faccia per non mancare alle mie regole. Pregate per me. Salutatemmi tanto Pietro e sua famiglia e tutti i parenti. Vostro affmo. Figlio Fr. Damião. Recife 20-12-32. Domani l'altro parto novamente. Se vedeste che accoglienze farmo! In Italia un vescovo non è accolto con più festa. Lucca, Arquivo da Província dos Frades Capuchinhos; Cópia Pública III, 711.*

retiro para o Seminário de Olinda. No mês de dezembro, pregou retiro para as Filhas de Maria, da Basílica da Penha, na Estância.

As solicitações tornaram-se mais frequentes e, no ano de 1934, Frei Damião realizou 30 missões: Água Preta, Paulista, Santo Amaro, em Serinhaém, Usina Cucaú, Pirpirituba (março), Surubim, Beberibe, Barreiros, Bonfim (Usina), Matapiruma (Barão de Suassuna), Bezerros, Pau d'Alho, Paulista, Pirpirituba (junho), Brejo da Madre de Deus, Belo Jardim, Rio Branco, Colégio Eucarístico, João Pessoa, Itambé, Alagoa Nova, Caicó, Araruna, Arruda, Panelas. Começa a destacar-se, também, o frei Damião pregador de retiros. Dos dias 22 a 26 de maio, em Ponte d' Uchoa - Recife, pregou retiro para as internas das Damas Cristãs; de 24 a 29 de junho, pregou retiro para as presidiárias do Bom Pastor e, de 02 a 06 de julho, nas Graças, pregou aos agregados do Sagrado Coração. Nesse mesmo ano, ainda pregou retiro às Filhas de Maria, Casa Forte. Em setembro, pregou em uma festa da Madre de Deus e, em outubro, conduziu o retiro no Colégio Pompeia. Todos os convites e a agenda triplicando em compromissos já demonstravam que, três anos após sua chegada, já tinha se tornado bastante conhecido, nos estados de Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Em 1935, um ano após a morte do Pe Cícero, do Juazeiro, Frei Damião chegou ao Crato, no início do mês de dezembro, onde permaneceu até o mês de fevereiro de 1936. Ainda no ano de 1935, pregou retiro para as religiosas Franciscanas do Bom Conselho, congregação fundada por Frei Caetano de Messina, em Palmares e na cidade de Bom Conselho. Além das missões em Bonito, no bairro do Farol, em Maceió, onde os capuchinhos têm residência, Palmeira dos Índios, Santa Ana, Mata Grande, Itabaiana, Esperança, Gurinhem, Terra da Raiz, Alagoa Grande, Caiçara, Itambé, Catende, Diocese de Pesqueira, Chã Grande, Piqui, Itabaiana e João Pessoa.

No mês de março de 1936, retornou do Crato para as missões e, dali, partiu para Pirpirituba, Nova Cruz, Esperança, Cajazeiras, Sapé, Santa Ana, Pão de Açúcar, Palmeira dos Índios, Afonso Pena, Cedro, Várzea Alegre, Juazeiro, Diocese de Cajazeiras, Macau, João Pessoa, Bananeiras, Alagoinha e Cabedelo. Da missão de Cajazeiras, provavelmente, temos a foto abaixo, cuja escrita está datada do dia 17 de setembro de 1936. A referida missão, segundo atesta a documentação, consultada nos arquivos da Província capuchinha do Nordeste, teria ocorrido dos dias 11 de setembro ao dia 30 de outubro de 1936, em toda a região da diocese de Cajazeiras, no sertão paraibano.

De Patos, aos 27 de outubro de 1936, Frei Damião escreveu uma carta aos seus pais, relatando, brevemente, seu estado de saúde, sua ocupação cotidiana com as santas Missões e pedindo as suas orações.

Queridos pais,

Estou muito saudável. Escrevo pouco, porque estou ocupado dia e noite. As pessoas andam 50 e 60 km a pé para vir me ouvir. Hoje termino minhas missões no estado da Parahyba e amanhã vou a Macau perto de Natal.

Reze por mim; Eu também me lembro de vocês sempre ao Senhor. Muitas saudações à família de Pietro.

Afetuosamente.

Frei Damião.

Patos 27-10-36

P. S. Retorno ao Convento depois da Páscoa (Tradução nossa).⁶⁵



Figura 10 – Frei Damião no meio do povo em 17 de setembro de 1936.

Fonte: Arquivo pessoal – Frei Jociel Gomes

O mesmo ritmo continua em 1937, quando visitou e pregou nas cidades de Gurinhem, Santa Rita, Espírito Santo, Nova Cruz, Araçá, Macaíba, Araruna, Guarabira, Araçagi, Santa Ana, Penedo, Piaçabuçu, Igreja Nova, Bom Conselho, Cabrobó, Bodocó,

⁶⁵ *Carissimi Genitori, Sto molto bene di salute. Scrivo poco, perché sono occupato giorno e notte. Il popolo cammina a piedi 50 e 60 km. per venire a udirmi. Oggi termino le mie missioni nello stato di Parahyba e domani vado a Macau vicino a Natal. Pregate per me; io pure vi ricordo sempre al Signore. Tanti saluti alla famiglia de Pietro. Affmo. Frei Damião. Patos 27-10-36. P. S. Ritorno in Convento dopo Pasqua. Anexos, documento 12.*

Serrinha, Serra Branca, São Gonçalo, Barra de São Pedro, Petrolina, Lagoa Seca, Campina Grande, Queimadas Bananeiras, Moreno, Maceió, Santa Terezinha, Rocas, Alecrim, Baixa Verde, Taipú, Touros, Extremoz, Ceará-Mirim e Pureza.

Em 1938, suas missões foram em São Romão, Angicos, Afonso Bezerra, Epitácio Pessoa, Sacramentos, São Rafael, Santa Ana de Matos, Lages, Pedra Preta, Jardim de Angicos, São Tomé, Barcelona. De 08 a 25 de fevereiro, mesmo não sendo território da Vice Província de Lucca, Frei Damião pregou em Fortaleza, cuja região pertence à Província do Ceará / Piauí. Ainda pregou em São José de Mipibu, Nova Cruz, Araruna, Pilões, Serraria, Santa Rita, Usina União e Indústria, Garanhuns, Bezerras, Soledade, Itabaiana, Belo Jardim, Vila Nova de Sergipe, Calçado, Rio Branco, Gurinhem, Umbuzeiro e na Diocese de Cajazeiras, onde fez missão em 16 freguesias.

Em 1939, as anotações foram feitas até o dia 17 de maio. As cidades e povoados visitados já somavam 24 missões. São José, Santo Antônio, Goianinha, Flores, São Vicente, Acari, Cruzeta, Carnaúba, São José de Seridó, Jardim do Seridó, Ouro Branco, Parelhas Paudalho, Santa Ana de Paudalho, Equador, São José de Mipibu, Santo Antônio, Monte Alegre, Vilanova, Lagoa da Montanha, Parari, Santa Rita, Pirpirituba, Pesqueira.

Em 04 de março de 1940, registramos uma carta de Frei Damião à sua mãe, contando que prega ininterruptamente e que muitas pessoas peregrinam quilômetros, para ouvi-lo.

Querida Mãe

Pregando continuamente, quase me esqueci de lhe desejar boas festas.

Estou nesta cidade, a 300 km de Natal. Há milhares e milhares de pessoas participando da pregação: muitos já percorreram quilômetros por vir. Para contar uma, outro dia apareceu uma mulher de 80 anos, que caminhou 60 km para confessar-se, o que sempre acontece com muita frequência.

Reze por mim. Cumprimente Pietro, Beppa e os netos. Muitas saudações a Guilherme quando ele chegar em casa.

Seu filho

Frei Damião (Tradução nossa)⁶⁶.

Na Revista Dom Vital, editada pelos Frades Capuchinhos, desde o ano de 1937, em outubro de 1942, encontramos um perfil de sua ação missionária, havia 11 anos de sua chegada

⁶⁶ *Carissima Mamma, Predicando continuamente, quasi mi dimenticavo di augurarvi le buone feste. Mi trovo in questa città, distante un 300 km di Natal. Sono migliaia e migliaia di persone che assistono alla predicazione: molte hanno fatto parecchi chilometri per venire. Per contarvene una, l'altro giorno si presentò una vecchia di 80 anni che fece a piedi 60 km per confessarsi con me cose queste accadono molto frequentemente. Pregate per me. Salutatemmi Pietro, Beppa e i nipoti. Molti saluti a Guglielmo quando capitarà a casa. Vostro figlio. Frei Damião. Sta. Rita 9-12-50. (Lucca, Arquivo da Província dos Frades Capuchinhos; Cópia Pública III, 715).*

ao Nordeste brasileiro. Depreende-se desse texto a importância de suas missões e da capilaridade atingida pelo seu peregrinar, em toda a região Nordeste, pois o estilo de missão, trazida pelo italiano, no século XIX, encontrava continuidade na sua ação missionária.

Apóstolo de grande estilo, frei Damião é um homem de uma só e única ideia: a da evangelização. Apesar de sua saúde aparentemente precária, há longos anos que sem interrupção, ativa-se na ação pacificadora do apostolado missionário, ganhando para a fé e a unidade católica os vastos campos da catequese com palavra ardente, zelo inflamado, exemplo de virtudes que o distinguem e que merecidamente lhes lucram o prestígio que goza as mais largas simpatias tanto nas cidades como nos povoados. O seu nome corre de boca a boca, exercendo um verdadeiro fascínio sobre todos que tiveram a felicidade de conhecê-lo de perto. As multidões afluem compactas e pressurosas a sua passagem, desejosas de vê-lo, de ouvir-lhe a palavra perpassada de amor seráfico, a palavra da fé, da união, da paz (REVISTA MENSAL DOS PP. CAPUCHINHOS SET/OUT, 1942).

Em outra carta escrita ao irmão, em 1948, falou do seu trabalho continuamente em missões, mesmo que, naquele ano, os dias de descanso tivessem sido raros, apenas nos dias de viagem de um lugar para outro, mas que estava muito satisfeito com esta vida, e a saúde, graças a Deus, sempre o auxiliava:

Trabalho continuamente nas missões: mesmo este ano os dias de descanso foram e serão apenas os dias de viagem de um lugar para outro. Estou muito satisfeito com esta vida e saúde, graças a Deus, sempre me ajuda [...] ⁶⁷

Daí em diante os relatórios tornam-se mais escassos, mas não afirmamos a ausência das anotações das missões. Elas são encontradas nos livros de tombo ⁶⁸ do Convento da Penha, do Convento do Coração Eucarístico, de Caruaru, do Convento de Santo Antônio, de Natal, do Convento do Cabo Branco, em João Pessoa e na Revista Dom Vital. Esse é, contudo, o maior e mais detalhado relato das andanças de Frei Damião, como missionário, aos quais tivemos acesso. Dos 860 municípios nordestinos, Frei Damião percorreu quase a sua totalidade.

Uma reportagem do programa de TV, da Rede Globo, no ano de 1987, já revelava, dez anos antes de sua morte, a distância percorrida pelo capuchinho, em terras nordestinas:

Ele está no Brasil há quase 60 anos e já percorreu a pé, de carro ou em lombo de burro mais de 950 mil quilômetros, o que significa 23 voltas ao mundo, é Frei Damião, um fenômeno de vitalidade, ele vai fazer 90 anos e consegue

⁶⁷ *Lavoro continuamente in missioni: anche quest'anno i giorni di riposo furono e saranno soltanto i giorni di viaggio di un luogo all'altro. Sono molto soddisfatto con questa vita e la salute, grazie a Dio, sempre mi assiste.* (Lucca, Arquivo dos Frades Capuchinhos; Cópia Pública III, 724).

⁶⁸ Recife, Arquivo da Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil, *Libro della Cronaca del Convento de Santo Antonio* (1938-1969); *Cronaca do Convento de Nossa Senhora da Penha do Recife* (1956-1970); Livro de Crônica do Convento Coração Eucarístico (1950-1982) e Livro de Tombo João Pessoa "Cabo Branco" (1957-1985), Cópia Pública IV, 1021-1045.

arranjar força e energia para continuar a sua pregação pelo Nordeste brasileiro⁶⁹

Foi expressiva a sua presença nos mais longínquos lugares do Nordeste. Locomoveu-se pelos braços dos fiéis, nas subidas e descidas de caminhões, que se transformavam em palanques, no lombo de um animal, a pé ou de carro.

Outro tipo de transporte, a sopa como era conhecida, consistia em um pequeno ônibus coletivo que ligava algumas localidades. O termo sopa, adotado para definir o auto-ônibus que passava a transportar passageiros entre cidades, devia-se ao fato de que neste ônibus o preço das passagens era muito inferior àqueles praticados nos trens da *Great Western*, companhia inglesa instalada em Pernambuco, na segunda metade do século XIX e que ligou, a capital pernambucana a algumas cidades do interior (AGUIAR, 2015, p. 456).

Frei Fernando Rossi, em entrevista a Lêda Cristina Correia e Silva, referindo-se aos meios de transporte que usaram, durante o tempo das missões, afirmou:

Naquele tempo tinha misto, tinha sopa. Misto que era? Misto era um caminhão com três boleias na frente. Era misto, três boleias de passageiro e atrás a carga. E mais o ônibus. Sopa. Uma espécie de ônibus que se chamava sopa. E na diocese às vezes a gente arrumava um carro, que não tinha como, um carro velho e nós viajávamos de uma cidade para outra⁷⁰ (AGUIAR, 2015, p. 457).

Silvana Brandão Aguiar, referindo-se às locomoções do Capuchinho, ainda registra que:

No início do século XX, a *Great Western of Brazil Railway Company* atuava de Alagoas até o Rio Grande do Norte. Partindo de Recife se chegava a vários pontos do Nordeste: sertão do Cariri, no Ceará; Campina Grande, na Paraíba; margens do Rio São Francisco, em Alagoas. Na década de 1950 viria a constituir a Rede Ferroviária Nacional (RFN). Era através desse tipo de transporte que Frei Damião se locomovia para dar cabo de suas inúmeras missões (AGUIAR, 2015, p. 456).

Aos poucos, o desenvolvimento, que chegou ao Nordeste, com a ampliação e qualificação da malha viária, na década de 1960, possibilitou um deslocamento mais rápido e confortável para Frei Damião. A partir desse período, Frei Fernando Rossi comprou carros próprios e não mais dependeu de ônibus, de trens ou dos párocos, com carros alugados ou particulares de terceiros, para os seus deslocamentos, como acontecera até então. O próprio Frei Damião escreveu, em carta, no ano de 1949, ao seu irmão, dizendo que viajava em Jipe colocado à sua disposição.

Escrevo-te pouco, porque eu não sei o que te dizer. As missões continuam o ano inteiro. Pregar não é muito cansativo porque eu tenho o alto-falante e eu

⁶⁹ Documentário do programa Fantástico da Rede Globo exibido em 1987. Arquivo pessoal em MP4 (.mp4) 12,2 MB.

⁷⁰ ROSSI, Fernando (OFM.Cap). Entrevista concedida a Lêda Cristina Correia da Silva, em Quebrangulo – Alagoas, aos dias 03 jun. 2009.

posso muito bem dominar a multidão. Também as viagens são facilitadas, porque tenho a carroça (jipe) à minha disposição e me transporto de um lugar para outro, sempre que eu quiser. O engenheiro é o outro missionário que me acompanha, pregando uma missão, se reúnem milhares de pessoas com facilidade, porque todas elas vão: elas vêm a pé, a cavalo, de ônibus. Na missão que pregamos estes dias, todas as noites foram de 18 a 20 caminhões cheios de pessoas que vieram (Tradução nossa)⁷¹.

No ano seguinte, estando no Rio Grande do Norte, mais precisamente na cidade de Santa Rita, aos 09 de dezembro de 1950, enviou outra carta, informando que continua pregando missões, que suas pregações são ouvidas por milhares de pessoas e evidencia a disposição sempre de partir de um lugar a outro.

Caro Irmão

Eu estou aqui pregando missões. Ontem festa da Imaculada, fiz o encerramento. Na grande praça da igreja havia pelo menos 15.000 pessoas. Foi um espetáculo impressionante quando todas as velas foram acesas (aqui é costume abençoar as velas após o fim da missa).

Esta manhã fui plantar uma cruz numa rua com vista para a cidade.

Agora estamos nos preparando para começar em outra cidade, a uma distância de 40 quilômetros. É com o nosso jipe que fazemos a jornada; nos deixa muito confortáveis para transportar o amplificador.

Boas festas. Reze por mim.

Seu irmão

Frei Damião

Sta. Rita 9-12-50 (Tradução nossa)⁷².

Dentre tantos registros de sua presença em cidades, vilas, povoados de toda a região, encontramos o registro da Fundação Osvaldo Cruz (FIOCRUZ), do ano de 1969, no estado da Paraíba, quando, em plena missão, Frei Damião, ao ser vacinado, posou para foto. Os arquivos da fundação atestam a importância de Frei Damião, sendo vacinado, diante do povo, e do papel educativo dessa exposição, em um período cuja resistência aos métodos de imunização e a carência de políticas públicas incisivas para a assistência à saúde dava-se de forma ainda precária e rústica.

⁷¹ *Ti screvo poco, perché non só quel che dirti. Le missioni continuano l'anno intiero. La predicazione non è più tanto faticosa perché ci ho l'alto parlante e posso molto bene dominare la moltitudine. Anche i viaggi sono facilitati, perché ci ho il carro (jeep) a mia disposizione e mi trasporto da un luogo all'altro, quando voglio. Il motorista è l'altro missionario che mi accompagna predicando una missione, se riuniscono con tutta facilitá migliaia di persone, perché accorrono di tutte le parte: vengono a piedi, a cavallo, de onnibus. Nella missione che predicammo questi giorni, tutte le notti erano 18 a 20 camioni pieni di genti che venivano. Ceará-Mirim 12-12-49. (lugar onde predico presentemente). (Lucca, Arquivo da Província dos Frades Capuchinhos; Cópia Pública III, 726).*

⁷² *Carissimo Fratello, Sono qui predicando missioni. Ieri festa dell'Immacolata, feci la chiusura. Nella grande piazza della chiesa c'erano, per lo meno, una 15000 di persone. Fu imponente lo spettacolo quando tutti al cero le candele (qui é costume fare la benedizione delle candele, dopo il discorso di chiusura). Stamatina sono andato a impiantare una croce in un calle che domina la città. Ora ci stiamo preparando per andare a incominciare in altra città, distante un 40 chilometri. É col nostro jeep che facciamo il viaggio; ci fa molto commodo per trasportare la amplificadora. Buone feste. Prega per me. Tuo affmo. Fratello Frei Damião Sta. Rita 9-12-50. Lucca, Arquivo da Província dos Frades Capuchinhos; Cópia Pública III, 728*



Figura 11 – Frei Damiano sendo vacinado na Paraíba
Fonte: Acervo histórico da Fiocruz

Contudo, esses interesses que orbitavam em torno da sua pessoa, não se limitava à sua influência diante do povo nordestino capaz de imitar seus gestos de cunho humanitário, nem somente o uso da sua imagem para a cooptação de votos para à política partidária.



Figura 12 – Frei Damiano chegando em Taquaritinga do Norte – PE

Fonte: <http://www.blogjaniarruda.blogspot.com/2012/05/frei-damiao-de-bozzano-em-taquaritinga.html>

As missões, o contato com o povo, a sua penetração nos lugarejos, vilas e cidades, a sua fama, o resultado das missões, em tempos de exposição midiática, levou o capuchinho, tido como pobre e humilde, a um outro patamar, o reconhecimento como figura pública. A foto, acima, é emblemática. A caminhonete adesivada com a marca de refrigerante, talvez seja, um

dos sinais desse entroncamento da tradição e da modernidade, da memória e do fugidio, da fé e do capital, do carisma e do marketing. Tudo numa grande bricolagem ao sabor das diversas motivações e dos diversos interesses. Frei Damião parecia alheio ou indiferente ao capital que girava em torno de si. Não se tem notícias de que estava preocupado com as questões financeiras.

Frei Damião, que dá nome a ruas, bairros, hospitais, cemitérios e presídios, também, virou marca de empresas de ônibus, de velas e de gêneros alimentícios; as imagens do religioso, em gesso; os terços; os livretos; as medalhas, com seu rosto; os santinhos, com sua foto; os objetos religiosos, vendidos aos milhares nas igrejas, feiras e santuários; as camisetas, bonés, fitas, comercializados como adorno e devoção são exemplos da ramificação da devoção ao religioso.

Mesmo envelhecido era capaz de aglomerar multidões, por isso, o interesse de lucro no uso da sua imagem, que se expunha a cada dia na mídia e no comércio. Ao mesmo tempo o seu corpo já não suportava o mesmo ritmo e as mesmas penas de outrora. Lentamente, toda a sua maratona de missões e exposições, em público, foi tomando um outro ritmo, especialmente por conta do seu estado de saúde e das suas internações. Nos últimos anos de vida, Frei Damião ainda fez algumas missões, acompanhado do Frei Fernando Rossi. Registrou-se, em 1990, uma grande missão, juntamente com o então bispo carmelita de Petrolina, Dom Paulo Cardoso, nas cidades de Araripina, Trindade e Ipubi, todas em Pernambuco. Outras, no entanto, não se encontram anotadas. O testemunho de sua intensa atividade missionária, nos últimos anos de vida, atestou-se no testemunho dos romeiros, dos frades capuchinhos e, certamente, nos livros de tomo das paróquias do Nordeste. Por fim, de 1991 a 1997, encontramos as seguintes cidades, visitadas por Frei Damião: Caririaçu, Palmeira dos Índios, Mimoso, Dona Inês, Guarabira e, no ano de sua morte, a missão de Capoeiras.

O itinerário, percorrido pelo missionário, autenticou o seu ingresso no coração dos nordestinos, dos lugares mais recônditos e remotos, ali, onde a Igreja Institucional, ou o Clero Diocesano, não conseguiu chegar, ao menos uma vez na vida. Em clima de festa e de profunda devoção, os mais pobres sentiam-se visitados pela figura carismática, austera e temida do homem de estatura pequena e passos acelerados, que se fazia um, no modo simples de ser, de vestir-se, de alimentar-se e de viver a vida. De algum modo, a aproximação ao sagrado acontecia nessas visitas tão cheias de simbolismo e esperança para o povo sofrido do Nordeste.

A pergunta feita, na canção de Finizola, eternizada na voz de Luiz Gonzaga, ilustra as andanças de Frei Damião, pelo Nordeste, e a certeza de que o missionário nunca se instalaria

em um convento onde o povo não pudesse dirigir-se até ele. Pelo contrário, fazia o caminho de saída em direção ao povo, ali, onde o povo estava. Somente nos últimos anos de sua vida, no Convento de São Félix, instalou-se, por vários dias e meses, até sua morte.

2.6.3. A última residência de Frei Damião

O Convento de São Félix, no bairro do Pina, em Recife, cuja edificação é de 1969, pelo então Vice-provincial Frei Urbano de Sertânia, recebeu uma construção anexa, nos anos 1990, que ficou conhecida como a casa de Frei Damião. O espaço foi adaptado, para que o frade pudesse, em seus últimos anos, levar uma vida confortável e, ao mesmo tempo, recebesse os romeiros que, até lá, dirigiam-se. Alicerçando nossa reflexão, no pensamento de Mircea Eliade, que percebe o homem como ser religioso, que se percebe como centro do mundo e lugar de onde se diferencia dos demais, percebemos que o ponto fixo, onde Frei Damião instalou-se, nos últimos anos, nesse caso, o convento do bairro do Areinha, passou a ser o local da irradiação do sagrado, a exercer esse papel de revelá-lo para os que se sentissem feridos pela vida. O Convento de São Félix, residência e claustro dos frades capuchinhos mais idosos, aqueles últimos italianos vivos, logo se tornou um lugar de peregrinação.

As instalações da casa remetem à estrutura conventual, com um grande terraço, voltado para o jardim do prédio mais antigo. Contíguos, dois quartos, um dos quais onde residia Frei Fernando Rossi, e um outro, para a enfermeira que cuidava do frade. Ao longo de um corredor, uma pequena capela, na qual o religioso celebrava a missa diária de preceito⁷³. Logo a seguir, o refeitório amplo e, junto, uma cozinha. Nesse mesmo espaço, a peculiaridade da casa: a porta de acesso ao quarto de Frei Damião. Um espaço com banheiro adaptado, uma grande janela e uma grande porta que dá acesso ao pátio onde se encontra a Igreja de São Félix e a Capela de nossa Senhora das Graças.

Esse quarto foi seu último púlpito onde, diariamente, recebia fiéis, em busca de bênçãos, de orações e do consolo do capuchinho. Nos dias atuais, parte dessa casa transformou-se em museu, onde estão a cama do hospital português, na qual o frade faleceu, a poltrona, onde passava o dia recebendo os romeiros, alguns dos poucos objetos pessoais, como o hábito, a

⁷³ O Código de Direito Canônico recomenda: “Lembrando-se sempre que no mistério do Sacrifício eucarístico se exerce continuamente a obra da redenção, os sacerdotes celebrem frequentemente; e mais, recomenda-se com insistência a celebração cotidiana, a qual, mesmo não se podendo ter presença de fiéis, é um ato de Cristo e da Igreja, em cuja realização os sacerdotes desempenham seu múnus principal” (CDC Cân.904).

túnica, as sandálias, o cordão e a cruz. No ambiente do antigo refeitório, uma mostra de fotos da trajetória do religioso, desde a infância até a partida, em maio de 1997.



Figura 13 – Frei Damião recebe frades brasileiros em seu quarto no Convento do Pina

Fonte: Arquivo pessoal - Aerton Carvalho

A Capela de Nossa Senhora das Graças, construída em 1991 e inaugurada em 1992, foi construída com a intenção de ser o mausoléu de Frei Damião⁷⁴. Em formato heptagonal, teve um túmulo arquitetado no centro que, ao longo dos anos, ficou escondido pelo piso cerâmico. Por ocasião da morte do religioso, foram retiradas as pedras cerâmicas e as lajotas sobre o referido espaço e, no dia do sepultamento, a capela não tinha sofrido nenhuma intervenção, a não ser nessa parte do piso. Em dissertação de mestrado, sobre as práticas e representações hagiológicas, na devoção a Frei Damião, Lêda Cristina Correia da Silva refere-se ao Convento de São Félix e à capela de Nossa Senhora das Graças afirmando que:

Para além de ser um lugar da vida religiosa, o convento passou por um novo significado nos últimos anos, uma resignificação dada pelos devotos. Com a presença dos romeiros de Frei Damião ao convento tornou-se um lugar de peregrinação. O ponto fixo é a capela dedicada a Nossa Senhora das Graças, construída para servir de túmulo ao frade e que a partir de 1997 se transforma em Santuário de Frei Damião de Bozzano e lugar de peregrinação constante (SILVA, 2009, p. 84).

⁷⁴ Em entrevista ao jornal do Brasil, Frei Fernando Rossi apresentou a obra da capela de Nossa Senhora das Graças afirmando: “o número de romeiros que passará por aqui será maior que em Juazeiro [...] daqui há 10, 15 anos, será uma coisa nunca vista em Pernambuco” (BURLE, Sílvio. Mausoléu para Frei Damião. **Jornal do Brasil**. Brasília, 28 ago. 1992, Edição 00139)

Posteriormente, foi edificada uma base, acima do piso, em granito preto, onde se encontra parte do seu sermão escrito: “Sempre rezei por vós e também depois da morte, se Deus me conceder uma morada no céu continuarei a rezar por vós, pedindo a Ele que vos proteja e vos livre de todos os males e um dia vos unireis comigo no paraíso”.



Figura 14 – Túmulo de Frei Damião com ícone de Cláudio Pastro Convento de São Félix – Recife – PE
Fonte: Arquivo pessoal – Aerton Carvalho

Na parede, por trás do altar, foi pintado um ícone, pelo artista plástico Cláudio Pastro, que tem, no centro, a figura do Cristo, à esquerda; acima, o Mosteiro de São Damião, da cidade de Assis – Itália; acima, à direita, as palavras “Paz e Bem”, tão proferidas e, ao mesmo tempo, lema de vida de Francisco de Assis. À esquerda, junto à cruz, Maria e João, tendo como fundo elementos da caatinga e o irmão sol e, logo abaixo, os objetos de uso pessoal de Frei Damião: sandálias, terço, campa, relógio de algibeira e o livro do Evangelho. À direita, São Francisco e Santa Clara; ao fundo; a irmã Lua e, logo abaixo, Frei Damião, vestido com seu burel, cinturado pelo terço e empunhando o Crucifixo. À direita de Frei Damião, uma paisagem de casas do Nordeste do Brasil, pobres, junto a coqueiros do litoral e árvores do sertão.

III. HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UM CONFESSOR E CONSELHEIRO RECONHECIDO COMO SANTO PELO POVO E OS SEUS IMPASSES COM A RELIGIÃO PÓS-CONCILIAR.

3.5.Frei Damião Confessor e Conselheiro

Certamente, uma das características mais tangíveis, na ação missionária de Frei Damião Bozzano, foi a questão da sua incansável determinação em confessar o maior número de penitentes possível. Formado, a partir do legalismo canônico, onde o pecado precisava ser confessado e onde à confissão havia que ser imposta uma penitência, Frei Damião ressignificou o ato de confessar, ao acolher, no abraço sacramental, os seus fiéis. Fez do confessionário um lugar de encontro mais íntimo com o seu povo, e o povo, por sua vez, encontrava, nesse lugar privilegiado, a oportunidade de falar, tocar e sentir-se único diante do seu padrinho.

No presente tópico, a conceituação de confessor dar-se-á, em relação ao sacerdote, no exercício do seu ministério de cura das almas, na administração do Sacramento da Penitência ou, como é mais conhecido no meio popular, na Confissão. Desse modo, buscaremos reconhecer a atuação missionária de Frei Damião de Bozzano, a partir de ações e discursos de aspectos tridentinos e do catolicismo popular, na perspectiva do romeiro que o reconhece como conselheiro e santo, fiel à igreja e ao povo.

O Cristianismo embasa-se em uma perspectiva teológica, na qual o Cristo “é aquele que salva seu povo de seus pecados” (Mt 1,21). Em variados textos bíblicos, do Novo Testamento, encontram-se cenas em que Jesus perdoa em nome de Deus. Os Evangelhos de Marcos e Mateus atestam, em Cafarnaum, um desses instantes em que Jesus perdoa o paralítico (Mc 2,1-12; Mt 9,2). A Igreja primitiva, interpretando a passagem em que Jesus dirige-se aos apóstolos e diz: "Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados" (Jo 20,23), põe em prática, a partir dessa ordem de Cristo, o exercício da confissão pública dos pecados. Assim, no início da Igreja, aquele que cometia homicídio, adultério ou apostasia era excluído, publicamente, da comunhão eclesial e eucarística. O penitente precisava passar por um período de purificação, por meio de rigorosos exercícios penitenciais e, só assim, era readmitido, solenemente, à comunhão da Igreja. Nesse período, a confissão tornou-se a tábua de salvação para os que, pelo batismo, haviam sido perdoados dos pecados, mas que, pela sua humanidade, continuavam a pecar.

Os padres da Igreja gostavam de chamar o processo penitencial da Igreja de ‘segunda tábua de salvação depois do naufrágio’: depois do primeiro

salvamento do dilúvio da desgraça (pelo batismo), existe uma nova chance na penitência pós-batismal. Essa poderia ser a conotação com lugar que o sacramento da penitência ocupa depois dos sacramentos de iniciação batismo, eucaristia e crisma (SCHNEIDER, 2000, p. 274).

Essa prática da Igreja Antiga vigorou até o século VI. Daí em diante, passou-se a postergar o processo penitencial para quando o penitente estivesse em idade avançada, ou seja, para a hora da morte. Assim sendo, aquelas exigências penitenciais, do início da igreja, em vista da conversão do pecador, transformaram-se em um Sacramento de Extrema Unção (SCHNEIDER, p. 282-283). A partir de então, a reconciliação dava-se na quinta-feira Santa, ao término de uma quaresma que, por si só, já seria um exercício penitencial. Lentamente, a prática da penitência desapareceu e, por um longo período, a Igreja passou a negar a confissão frequente, para que não houvesse a banalização do sacramento. Por volta do ano 800, a penitência privativa passava a valer para pecados privativos e a penitência pública, para pecados públicos.

O século XIII, como já vimos, foi um século de reformas internas na Igreja. Havia a necessidade de dar novas formulações doutrinárias às novas práticas religiosas de uma população de características urbanas. Nesse período, questões teológicas, da doutrina do pecado e dos sacramentos, geraram a necessidade de revisão do Sacramento da Penitência. É com o Concílio de Latrão, em 1215, que vem a imposição a todos os fiéis de confessar-se, ao menos uma vez por ano. Nesse momento, deveriam ser confessados, especialmente, os pecados mortais.

Teólogos [...] elaboram uma doutrina voluntarista do pecado, que vai buscar-lhe as fontes na consciência. O essencial a partir de agora está na intenção. Essa busca da intenção alimentou uma nova prática de confissão. A antiga confissão pública estava em decadência e, tanto quanto se possa saber, entre essa velha prática e as novas formas de confissão individual instalara-se um vazio. A tendência era preenchê-lo com formas individuais ou coletivas. A impressão que se tem é que, no século XII, a tendência penitencial tradicional se orienta, ao lado das manifestações coletivas, para a confissão individual auricular. Essa evolução será sancionada, tornando-se obrigatória, com o cânon *Omnis utriusque sexus* do quarto Concílio de Latrão (1215) que exige de todos os fiéis dos dois sexos o mínimo de uma confissão individual por ano. A partir desse momento, é basicamente na confissão que se baseia a sanção penitencial e se abre nas consciências uma frente pioneira, a do exame de consciência (LE GOFF, 2001, p. 31).

O papel da comunidade passava a ser secundário, e a função do sacerdote passava para o primeiro plano. A teologia do concílio de Latrão perdurou por 330 anos, até 1545, quando o Concílio de Trento reagiu aos reformadores protestantes, com as seguintes determinações:

- a) A Penitência é um sacramento instituído por Cristo. Essa instituição é fundamentada com JO 20,22s (Cân 1 e 2).

- b) Para a absolvição ‘plena e completa’ dos pecadores são necessários *arrependimento, confissão e satisfação*. A esses três elementos o Concílio chama de ‘partes da Penitência’, ‘como que a matéria do sacramento da penitência’ (Cân 4)
- c) A confissão sacramental é ‘instituída por direito divino e necessária para a salvação’, ‘a forma da confissão secreta dos pecados somente perante o sacerdote que a Igreja observou sempre, desde o início, e ainda observa’ corresponde à ordem e à instituição de Jesus Cristo. Esse dever é mais uma vez sublinhado e precisado com o cânone subsequente: ‘Quem afirma que para o perdão dos pecados não seria necessário de direito divino, confessar, no sacramento da penitência, um a um, todos os mortais, dos quais nos lembramos depois da devida e meticulosa consideração, (...) bem como as circunstâncias que mudam a espécie do pecado, (...), seja anátema’ (can. 6s).
- d) A absolvição do sacerdote é entendida como ‘ato judicial’. Para que o sacerdote possa absolver, é necessária a confissão dos pecados. O poder da absolvição não depende da santidade ou pecaminosidade pessoal do sacerdote. Ele é fundamentado com Mt 18,18 e Jo 20,23 (SCHNEIDER, 2000, p.288)

Os padres conciliares de Trento estavam mais preocupados com a defesa da prática tradicional contra os ataques reformatórios do protestantismo do que com a sistematização de uma teologia da penitência completa. A mentalidade vigente atrelava à defesa da fé, a exclusão dos que não estivessem dispostos à moral proposta pela Igreja, o que levou ao desenvolvimento e fortalecimento da famosa fórmula de condenação *anátema sit*⁷⁵.

Na Irlanda, na Inglaterra e, depois, em toda a Europa, passou-se a utilizar “listas de penitência de acordo com a gravidade das faltas cometidas” (MARTIMORT, 1991, p. 102). Nessas listas, encontramos o esboço dos famosos manuais dos confessores, cuja influência europeia, por meio dos portugueses, trouxe, para o Brasil, os referidos manuais em versão lusitana. Maria de Lurdes Fernandes, pesquisando sobre o Sacramento da Penitência e os manuais, em Portugal, afirma:

Na segunda metade do século XVI e também entre nós, da elaboração ou da tradução, em castelhano ou em português, não só de sumas de casos de consciência — que, tradicionalmente, preferiam o latim —, mas também de diversos tipos de manuais de confissão, mais diretamente orientados para confissões concretas, confirmava e reafirmava essa preocupação já manifestada desde os finais do século XV, tentando diversos meios para a tornar mais eficaz (FERNANDES, 1995, p. 49).

E, tratando dos manuais de confessores e dos guias de penitentes, além das orientações e caminhos da confissão, surgidos nesse período, assegura-se que os mesmos nasceram no Portugal pós-Trento.

O autor anônimo do primeiro Manual de Confessores e Penitentes (1549) também lembrara, a propósito do modo como o confessor devia “instruir” o penitente referia-se ao momento da confissão —, a importância de este ‘*examinar sua consciencia, mayormente se ha de confessar de muytos annos atras*’. Mas a tônica estava centrada, fundamentalmente — e continuando

⁷⁵ Em tradução livre: seja excomungado ou seja afastado a comunhão da Igreja

uma tradição medieval —, no confessor, a quem recomendou uma especial, mas discreta, perspicácia para o fazer confessar-se de todos os pecados (FERNANDES, 1995, p. 57).

As determinações de Trento expandiram-se e permearam a memória da sociedade ocidental, enquanto, internamente, a Igreja seguia fixando os dogmas tridentinos. Os manuais, para confessores, multiplicaram-se, na Península Ibérica e, por conseguinte, em terras conquistadas, como forma de corrigir erros dos confessores de algum desvio do objetivo primário que era investigar sobre os pecados do penitente.

Por exemplo, o Confessionário, ou interrogatório breve para os confessores perguntarem aos penitentes, ordenado por D. João Soares, editado em 1557 e reeditado, em 1573, com o título ainda mais sugestivo de Interrogatório brevíssimo para todos os confessores perguntarem aos penitentes — e que se resumia, literalmente, a um interrogatório e às Lembranças para avisar de alguns erros e descuidos em que muitas vezes caem os confessores (FERNANDES, 1995, p. 57).

Segundo Hornaert, a Igreja, do século XIII em diante, pôs em marcha um projeto de moralização individual, em detrimento da consciência coletiva. A ideia de um Pai Nosso deu lugar à experiência intimista do Meu Deus, e o lugar privilegiado de incutir essa mentalidade não era apropriado, senão o confessionário. A confissão passou a ser um sacramento individual e individualizante.

A imposição da confissão auricular ao sacerdote na pastoral ocidental, consequência da clericalização da Igreja ocidental a partir sobretudo do século XIII, trouxe consigo importantes transformações na moral vivida pelos cristãos ocidentais, eliminando os temas da moral social para fixar-se nos da moral individual. Nas igrejas da Europa Ocidental, a imagem do juízo final, tão frequente no primeiro milênio do cristianismo, é substituída pelo confessionário, símbolo de uma interiorização e individualização da vivência moral (HOORNAERT, 2008, p. 311-312).

Além dos manuais para os confessores, a Ação Pastoral da Igreja, em termos de confissão, permaneceu baseada na lei canônica. O Papa Pio X, em 1904, havia ordenado a codificação formal do código de direito canônico em vigor, que só viria a ser completada pelo seu sucessor, o Papa Bento XV, em 1917. Daí em diante, vigoraria um código que ainda precisava de atualizações e reformas. Em 1964, o Papa Paulo VI, ao suceder a João XXIII, durante o Concílio Vaticano II, ordenou que o desejo de seu antecessor, de completar, no Código, os ordenamentos jurídicos pendentes e emergentes da modernidade, fossem estudados por uma comissão, nomeada no ano de 1964 (JOÃO PAULO II, 1997, p. 07-20). Daí em diante, os estudos e aprofundamentos seguiram até o dia 25 de janeiro de 1983, no pontificado de João Paulo II, quando foi revogado o código de 1917 e promulgado o Código de Direito Canônico atual. Em 1983, quando o novo código foi entregue aos sacerdotes e fiéis, o Concílio Vaticano

II já havia reformado, na liturgia, na pastoral e na prática, quase vinte anos depois, muito do que o código tornaria lei.

No Brasil, desde o período colonial, o Sacramento da Penitência teve o seu lugar preservado. Comparável a uma Europa, sem a frequência, por parte dos fiéis, e com um número exíguo de padres, as confissões, nestas terras, careciam das desobrigas, para que fossem realizadas. Mesmo com essa carência de sacerdotes, a confissão não entrou em desuso, nesse período. Descrevendo uma visita pastoral de Dom Macedo Costa, à localidade de Abaeté, no interior do Pará, em 1876, o periódico “A Boa Nova” apresentou dados surpreendentes para o Sacramento da Confissão: “os padres confessavam desde as quatro horas da madrugada até às 8, e das 4 da tarde até às 10 horas da noite” (HENRIQUE, 2005, p. 287).

O sacramento da confissão parece ter sido, no Brasil português, tão fundamental e central como o batismo. Na tradição da confissão auricular a instituição eclesiástica seguiu e até perpetuou uma orientação da Igreja medieval europeia após o famoso concílio de Latrão IV (1215), que fez da confissão “ao pé do sacerdote” a prática penitencial por excelência. No Brasil antigo, a grande ocupação dos padres era confessar. Na sua primeira carta escrita a partir do Brasil no dia 10 de abril de 1549, Nóbrega relata: confessa-se toda a gente da armada, digo a que vinha nos outros navios, porque os nossos determinamos de os confessar na nau (HOORNAERT, 2008, p. 307).

As Constituições Eclesiásticas do Brasil, em sua Nova Edição de 1915, legislam e detalham a questão da *cura animarum* e do zelo que o clero deve ter incentivando o povo a confessar-se.

247. Como dêste (*Sic*) sacramento, devidamente administrado, e recebido com disposições necessárias, depende a regeneração dos povos ensinam sempre os Res. Párcos, que há obrigação rigorosa de se confessar o cristão ao menos uma vez no ano (*Sic*) e em perigo de morte; e exortem frequentemente aos fiéis a fazê-lo, com as devidas disposições, muitas vêzes no ano (*Sic*), sobretudo quando começarem uma grande empresa, ou tiverem caído em pecado mortal, para não se exporem ao gravíssimo perigo da condenação eterna, por uma morte repentina, sendo tão precária a vida humana (c.906 – CPB. 238).

Referindo-se ao local de confissão, o Código de 1917 dizia que: “O lugar próprio para ouvir confissões é a igreja ou oratório” (Cân. 964 § 1 - 1917), norma que permanece até os dias atuais. Os incisos complementares, por conseguinte, afirmavam em 1917:

§ 2. Quanto ao confessor, estabeleçam-se normas pela Conferência dos Bispos, cuidando-se, porém, que haja sempre em lugar visível para os confessores com grades fixas entre o penitente e o confessor, dos quais possam usar livremente os fiéis que o desejarem. § 3. Não se ouçam confissões fora do confessor, a não ser por justa causa.

A edição das Constituições Eclesiásticas do Brasil, editada em 1950, dos números 301 a 307, também apresentava as normas para a confissão, no confessionário.

302. sejam **confessionários** (*Sic*) fabricados segundo a prescrição do can. 909 § 2, isto é, com grade fixa, levemente perfurada, de metal ou de outra matéria, e procurem os Revs. Párocos que haja sempre uma cruz ou imagem do Crucifixo ou da SS. Virgem do lado do penitente, acima da grade (CPB, 245).

O Código de 1983 continua afirmando, no mesmo Cânon 964 § 1, que “o lugar próprio para ouvir confissões é a igreja ou oratório”. Dentro do templo, todavia, o local de confissão fica a cargo da conferência episcopal de cada região. Ao mesmo tempo em que permanece a norma de se “evitar a confissão fora do confessionário, a não ser por justa causa” (Cân 964 § 3), abole-se a exigência de grades entre o penitente e o sacerdote.

No Brasil, 40 anos após o Concílio Vaticano II, a Conferência Nacional dos Bispos, no Documento 90, intitulado Legislação Complementar ao Código de Direito Canônico para o Brasil, apresenta o texto complementar ao Cânon 964 § 1, com a seguinte afirmação:

O lugar próprio para ouvir confissões sacramentais é a igreja ou o oratório (cân. 964, § 1), deixando, porém, claro que razões de ordem pastoral podem justificar as celebrações do Sacramento em outros lugares (MD 9, a, com referência ao cân. 964, § 3) (CNBB, 2009, p. 14).

A Legislação, para o Brasil, também apresenta os complementos ao Cânon 964 § 2:

1. O local apropriado para ouvir confissões seja normalmente o confessionário tradicional, ou outro recinto conveniente expressamente preparado para essa finalidade.
2. Haja também local apropriado, discreto, claramente indicado e de fácil acesso, de modo que os fiéis se sintam convidados à prática do sacramento da penitência (CNBB, 2009, p. 14).

É comum encontrar, nos dias atuais, em muitas igrejas, esses confessionários, na maioria das vezes, apenas como adorno. Há casos em que encontramos, em uma mesma igreja, confessores exercendo o seu ofício em confessionários e, ao mesmo tempo, outros confessando fora deles. Na Basílica da Penha, centro do Recife, a cada sexta-feira, centenas de fiéis formam enormes filas, para serem atendidos em confissão. Alguns dos religiosos capuchinhos alternam-se, em atendimentos, nos antiquíssimos confessionários de madeira, com grade entre o penitente e o confessor. Outros religiosos ficam em cadeiras, espalhadas, nas partes mais ventiladas do templo, onde, sentados, com os penitentes *tête-à-tête*, realizam, na forma sacramental tridentina, a *cura animarum*. Cumprem o que o catecismo atual continua afirmando, como herança de Trento: “Segundo o mandamento da Igreja, todo o fiel que tenha atingido a idade da

discrição, está obrigado a confessar fielmente os pecados graves, ao menos uma vez ao ano” (CIC n.50).

3.1.2. Frei Damião, Confessor Tridentino?

No dia 05 de agosto de 1923, após ser ordenado sacerdote e feito o juramento antimodernista de São Pio X, Frei Damião estava apto a confessar e já havia decorado a forma da absolvição, as penitências, a maneira de confessar e as normas do lugar de confissão, segundo a tradição tridentina, que prosseguiu por 400 anos. No século do seu nascimento, mais precisamente aos 18 de dezembro de 1864, o Papa Pio IX, havia publicado a Encíclica *Quanta Cura*, que apresentava, o *Syllabus errorum*, 80 proposições, com os erros filosófico-religiosos modernos condenados, pela fé católica. Assim dispôs em 09 artigos:

- § I. Panteísmo, Naturalismo e Racionalismo Absoluto;
- § II. Racionalismo Moderado;
- § III. Indiferentismo, Latitudinarismo;
- § IV. Socialismo, Comunismo, Sociedades Secretas, Sociedades Bíblicas, Sociedades Clérigo-Liberais;
- § V. Erros Sobre a Igreja e os Seus Direitos;
- § VI. Erros de Sociedade Civil, tanto Considerada em Si, como nas Suas Relações com a Igreja;
- § VII. Erros acerca da Moral Natural e a Moral Cristã;
- § VIII. Erros Acerca do Matrimônio Cristão;
- § IX. Erros acerca do Principado Civil do Pontífice Romano;
- § X. Erros referentes ao liberalismo de hoje (Pio IX, Carta Encíclica *Quanta Cura*, 1864).

Frei Damião iniciou seu ministério de escuta aos moldes do Concílio de Trento, de um Direito Canônico tradicional e, acima de tudo, de uma perspectiva legalista da fé. Assim, para o sacerdote de sua época, ao tratar da confissão, estavam claros alguns conceitos, como o local, a forma, a matéria e a penitência a ser cumprida pelo fiel, como satisfação pelo pecado cometido. Como vimos, desde o IV Concílio de Latrão, no início do século XIII, estava instituída a confissão auricular, mas, ao mesmo tempo, a norma da distância do penitente e do confessor.

O distanciamento em relação à comunidade é ilustrado especialmente pelo confessor. Ele se desenvolveu a partir de um lugar no coro da igreja, que na Idade Média ainda era público. Desde o Concílio Tridentino, com o fito de evitar confidencialidades indesejadas, um biombo separa confessando e confessor. Na época moderna, a necessidade de discrição levou a formas cada

vez mais reservadas, por fim, sacerdote e confessando não podiam mais ver um ao outro (SCHNEIDER, 2001, p. 291).

Em 1931, ao chegar ao Brasil, tendo um pouco do domínio do idioma, Frei Damião passou a confessar na Igreja da Penha, certamente, nos mesmos confessionários onde os fiéis de hoje são atendidos. Em seu doutoramento, em direito canônico, na Universidade Gregoriana de Roma, havia estudado, com profundidade, o Código de 1917 e a teologia de Trento. Trazia a consciência de que todo católico deveria fazer a confissão auricular, uma vez ao ano, quando recebia penitência e a absolvição dos seus pecados, estritamente do sacerdote.

No Brasil, os momentos de romarias, festas de padroeiro, desobrigas e missões sempre foram momentos fortes para o povo aproximar-se da fé e cumprir os preceitos. As constituições Eclesiásticas do Brasil, de 1915, no número 248, ordenava aos párocos que, “para estimular e facilitar a frequência do confessionário, promovessem, em suas paróquias, missões e outros exercícios de piedade” (CEB, 1950, p. 76). Dentre as tarefas, a serem cumpridas nesses momentos, grande valor sempre se deu à confissão. Assim atesta uma das grandes autoridades em Catolicismo Popular no Brasil, Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira:

As romarias são um momento forte e privilegiado de contato entre o devoto e o santo, mas são também uma oportunidade de contato entre oromeiro com a instituição religiosa. Oromeiro aproveita a ocasião para confessar-se e comungar e por vezes aproveita para batizar os filhos ou para casar-se, colocando-se assim sob a proteção do santo padroeiro nesses momentos marcantes de sua vida familiar. Os santuários geralmente tinham assistência de um padre, contratado pela irmandade que tomava conta dele, ou vindo da matriz paroquial para prestar assistência aosromeiros (OLIVEIRA, 1985, p. 138-139).

No capítulo anterior deste trabalho, fizemos um itinerário das missões de Frei Damião, ao longo dos seus 60 anos, no Nordeste do Brasil e, eventualmente, até o Sudeste. Ainda poderíamos perguntar: qual o lugar onde as pessoas poderiam, de forma mais acertada, encontrar, em vida, Frei Damião? Na cela⁷⁶ de um claustro? Em um parlatório de convento? Em uma casa paroquial? Na secretaria de uma paróquia? A célebre pergunta da canção de Janduhy Finizola: “Frei Damião, onde andarรก Frei Damião?” Poderia não ter resposta imediata, em relação à sua localização geográfica, quanto ao estado da Federação ou à cidade do Nordeste onde se encontrava o missionário. No entanto, em qualquer lugar por onde estivesse, o seu espaço preferido seria o confessionário.

⁷⁶ **Cela.** [Do lat. *cella*] s.f. 1. Pequena alcova ou quarto de dormir 2. Aposento de frades ou de freiras, nos conventos 3. Aposento de condenado em penitenciária 4. *Zool.* Cada uma das cavidades do favo (FERREIRA, 2004, p. 435). Nesse caso Cela refere-se ao quarto do monge, no mosteiro ou do religioso, no convento. A Cela é o seu céu, em latim: *coelum*, o seu lugar de descanso.

Muitos nordestinos costumam afirmar que sua primeira confissão foi feita com Frei Damião e dele recebeu, da mesma forma, a primeira comunhão. A grande marca do religioso foi, portanto, o fato de ser confessor, no sentido restrito de administrar o sacramento da Confissão. E essa marca está impressa, por conta de toda a sua história, mas, sobretudo, abalizada pela causa que abraçou, ao embarcar para o Brasil. Seu maior intuito foi propagar a fé e a moral Católicas, converter e doutrinar aqueles que, por ventura, estivessem longe do seio da mãe Igreja, ao mesmo tempo em que estava em curso um projeto eclesial de reordenamento, a partir das questões tridentinas que pudessem superar a prática vigente de devoções populares laicas.

Frei Damião,
Meu bom Frei Damião
O seu perdão numa confissão
Faz um bom cristão

Gildson Oliveira, referindo-se à missão do capuchinho, de comunicar a misericórdia de Deus ao pecador, nos confessionários das matrizes e capelas nordestinas, recorda que, em seus sermões, o religioso sempre afirmava:

Confessai vossos pecados. Não adianta me pedirem, que eu não sou médico. Confessai vossos pecados! Se não tiverdes os pecados graves, confessai os leves. Se ainda não os tiverdes, confessai então os pecados já confessados. O que não pode haver é confissão sem pecados” (OLIVEIRA, 1997, p. 83).

Um teólogo mais zeloso, certamente chamaria a atenção quanto à orientação ao fiel de confessar um pecado já absolvido. O que para a Igreja, em suas normas canônicas e teológicas, não precisa de nova confissão, salvo a reincidência na mesma matéria. A citação acima demonstra o cuidado do religioso com a cura da alma e a criação do hábito da confissão nos penitentes, mas, acima de tudo, o cuidado para que as almas não se perdessem. Souza Neto, falando do confessor incansável de paciência admirável, de escuta ilimitada e de atenção inteira, afirma:

Confessava como pregava, ou seja, em qualquer lugar, desde o tradicional confessionário na igreja ao seu leito de dor quando, adoentado, recebia seus romeiros. E tal como nos sermões, mais importante era a forma como ele confessava. São inúmeras e impressionantes as imagens que se registram de Frei Damião confessando. Sua expressão e a dos penitentes em perfeita harmonia. Até mesmo quando parece dormir de cansaço, o modo como se apoia para receber quem lhe fala é de absoluto respeito (SOUSA NETO, 2011, p. 55).

Seu hábito de confessar as mulheres e alguns homens, durante o dia, e confessar somente homens, à noite, certamente se justificava pela questão desses últimos encontrarem-se no trabalho, durante o dia, o que facilitaria a presença maciça masculina, nas confissões

noturnas. Não obstante há que se recordar que as normas vigentes das Constituições Eclesiásticas do Brasil traziam definições de local e até luminosidade para o atendimento de confissão. Se Frei Damião e o clero de então conheciam as normas eclesiais, é bem possível que uniam a necessidade, em vista do labor masculino, às normas eclesiais.

Cinco pontos sobre a distinção de confissões de homens e de mulheres nessas constituições corroboram a visibilidade da confissão feminina e da insistência na confissão masculina.

301. Os confessionários destinados às confissões de mulheres (*Sic*), tanto nas matrizes como nas outras igrejas ou oratórios públicos e semi-públicos, sejam colocados em lugar patente, à vista de todos, e nunca em outros lugares retirados ou escuros (grifo nosso) (c.909). Para as mulheres surdas, poderão ser colocados em lugares afastados, de forma a não serem ouvidas pelos circunstantes, mas à vista de todos (CEB, 244).

303. As confissões dos homens (*Sic*) podem ser a qualquer hora, na igreja ou na sacristia, em lugar apropriado, e ainda em casas particulares ou outros lugares decentes, havendo causa justa. Quando as confissões dos homens se fazem nas igrejas, sirvam-se possivelmente de confessionário (c. 910 § CPB 245).

Os romeiros, aos quais entrevistamos, sempre apresentam uma significativa emoção ao referir-se a Frei Damião, enquanto confessor. D. Honorina, natural da cidade de São Caetano em Pernambuco, trajando roupa azul de romeira, rosário no pescoço, terço na mão, fala da sua ansiedade em confessar-se com o frei.

Eu era louca pra me confessar com ele. Eu garota, 9, 10 anos, já tinha feito a primeira Eucaristia, ensinava catequese. Eu comecei a ensinar catequese com 8 anos de idade. Me crismei com 8 anos de idade e eu queria me confessar com ele, mas era muita gente. Ele começava a confessar, posso falar? ele começava a confessar lá em São Caetano, o dia todo, e era aquela agonia sem ter sossego. [...] E as minhas amigas disse “eu tenho tanta vontade de me confessar com frei Damião, mas diz que ele adivinha e eu tenho medo”; eu digo “apois, é o meu sonho me confessar com ele, agora me diz uma coisa: vocês faz coisa errada e vocês têm medo que ele descubra é?” “não é porque...”, “apois, é o meu sonho”.

E eu fiquei na fila pra me confessar com ele, mas como o padre da freguesia que nesse momento eu não sei qual foi, não me lembro, foram muitos. Ai eu escutei meu coração, ai eu corri pra fila do Frei Fernando. Só que eu como criança, menina jovem, fiquei bem atrás da fila, que era pra não dar tempo de me confessar, Frei Damião ir desocupando pra eu ir lá conversar com ele. Agora meu querido irmão, filho de Deus, como é que ele adivinhou que eu tava ali, mas queria me confessar com ele. E eu fiquei lá na última pessoa que era pra eu ver se dava tempo de confessar com ele. E olhando pra ele. Ele sentadinho no confessionário, cheio, muita gente, de um lado e outro. E eu medonha, olhando pra ele. Aí ele fez com a mão (chamando-a), ai eu fiz assim (apontando para si); quando eu fiz assim (tocando no peito), ele com a mão novamente, ai eu fiz assim, ai ele fez (apontando) que era eu.

Meu irmão tava falando e eu dizendo “meu Deus, Frei Damião já nasceu com a graça de ser cheio de graça diante do Senhor”. Veja só. Aí eu corri pra lá. Ele já estava confessando uma senhora assim da minha idade nessa época e na frente do confessor, ele abriu a portinha do confessor, eu me atirei nos pés dele. Isso aqui meu (colo) ficou assim no joelho dele e eu me confessei com ele, veja só, se não é força de Deus, a graça do senhor⁷⁷.

O relato de D. Honorina revela um fato corriqueiro. Diante do número de fiéis, para confessar-se, não adiantava que outros padres buscassem ajudar nas confissões, pois a confissão nas missões, com Frei Damião, tinha que ser com o próprio padrinho. Como revela a romeira: “Aí o padre da Freguesia disse ‘minha gente’ e o Frei Fernando com ele. O senhor sabe né? ‘Vocês não têm dó do Frei Damião não? O Frei Fernando está ali, é a mesma confissão’ e a fila lá do lado de frei Damião estava cheio do lado do confessor”. Essas famosas filas para as confissões, já tão presentes nas memórias do povo brasileiro, formavam-se em direção a Frei Damião que, apresentava-se como elo de ligação da vida moral de cada indivíduo, à necessidade pastoral de levá-los à inserir-se na vida de uma sociedade que, mesmo secularizada, ainda insistia em ser compreendida pela hierarquia da Igreja como passiva de cristianização.

Outro fenômeno típico ligado à confissão individual: As famosas filas do confessor, tão mencionadas nos relatos sobretudo de missões populares pregadas por capuchinhos. Os missionários normalmente foram coadjuvados por todos os padres que estavam à disposição para atender às filas por vezes enormes e intermináveis de penitentes que esperavam a sua vez para fazer a confissão, pois a confissão era o ponto culminante da santa missão, o ato que consagrava e confirmava a autoridade moral do sacerdote sobre o povo pecador, o ato de aceitação por excelência do predomínio clerical sobre a Igreja (HOORNAERT, 2008, p. 311).

Frei Urbano, de Sertânia, após acompanhar Frei Damião, nas santas Missões, por 08 anos, escreve em artigo da Revista Dom Vital, no ano de 1957, quando se celebravam os 25 anos do religioso no Brasil, detalhando o esquema diário do missionário e apresentando, em números, o que a missão atingia naquele momento.

E, se atendermos à gente, ao povo que o cerca em assembleias, que sobem dos cinco aos 50 mil, num suspiro incontido de “queremos Cristo, queremos Deus”, então nós podemos afirmar: “Aqui está o dedo de Deus”. Se fôssemos fazer um cômputo geral de número, seguindo os poucos dados que temos em mão, encontraríamos em 25 anos de Missões: 8.127,900 comunhões distribuídas para uma assistência de 13.125.000 almas. – 375.000 crismas ministradas. – 5.418.600 confissões ouvidas (incluindo as dos outros padres), - 21.600 comunhões de enfermos. 12.250 catecismos. – 14.500 procissões de penitência. – 6.500 conversões de hereges (abjurações) (SERTÂNIA, 1957, p. 05).

⁷⁷ Entrevista concedida por D. Honorina saturnina Miguel. Entrevista V. [maio de 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Caruaru, 2018. Arquivo M4A (.m4a) (23:57seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

Observe-se, aqui, o número 5.418.600 de confissões em 25 anos de missão. Frei Gianfranco Lazzari, capuchinho italiano de Lucca, em tese defendida na Universidade Gregoriana de Roma, intitulada *Padre Damiano, un apostolo della Riconciliazione e Maestro di Vita Spirituale: Il Padre Pio del Brasile*, exhibe, a partir dos números enviados, ao longo dos anos, para a Cúria Geral dos Capuchinhos, em Roma, e para a Província Capuchinha de Lucca, os dados dos sacramentos administrados por Frei Damião e o seu papel apostólico no Nordeste do Brasil.

De um cálculo aproximativo, consta que Frei Damião, em 75 anos de vida sacerdotal, confessou cerca de dois milhões e meio de pessoas, o dobro de Padre Pio de Pietrelcina, no ritmo de cem pessoas por dia [...]. Para se confessar com o Padre Pio era necessário agendar, com Frei Damião era preciso esperar horas e mais horas na fila [...] o mais impressionante era a maneira como o missionário escutava as confissões: o tempo que gastava com cada pessoa, mesmo sabendo de quantas estavam á espera de confessar-se. Suscitou grande admiração, a atenção que dava a cada uma [...]. Neste seu trabalho priorizava a qualidade e nunca se queixava de cansaço, mesmo se em jornada dedicava de 12 a 15 horas ás confissões, começando ainda de madrugada e seguindo por todo dia [...] Sabe-se, porém, que chegava a sacrificar as poucas horas de repouso e confessava ás escondidas. Quando descoberto e repreendido, justificava-se: “Tinham tanta necessidade e a mim não custava nada” (LAZZARI, 2003, p. 41-45).

O Frei Damião ortodoxo quebrou, silenciosamente, alguns paradigmas; Lazzari já o comparou a Padre Pio e ressaltou o dobro de fiéis que ele confessou. Mas também na forma de confessar, diferenciava-se. Enquanto Padre Pio e a grande maioria dos sacerdotes confessavam no confessionário, desde muito cedo, junto com os ventos conciliares, Frei Damião adotou a confissão auricular, sentado em uma cadeira e mais próximo do penitente.

Foi especialmente a sua disponibilidade para com cada pessoa que caracterizou sua relação com o povo [...] enquanto as grandes celebrações da missão eram realizadas ao ar livre, menos em caso de chuva, as confissões aconteciam na igreja, mesmo fora do confessionário, para facilitar a escuta. Frei Damião aproximando-se ao ouvido do penitente fazia várias perguntas [...] escutava as confissões sentado em uma cadeira, estendendo os pés sobre um travesseiro para repousar as pernas doentes de erisipela. Não obstante o grande número de penitentes, Frei Damião não tinha pressa [...] quando exausto pelo cansaço mostrava seu heroísmo confessando em pé [...] (LAZZARI, 2003, p. 41-45).

Também encontramos Frei Damião infringindo a norma de confessar mulheres apenas no confessionário, conforme as Constituições Eclesiásticas do Brasil em vigor, pelo menos durante os seus 30 primeiros anos de Brasil.

304. As confissões de mulheres sejam sempre na igreja e á vista de outras pessoas, devendo-se, contudo, evitar cuidadosamente a mínima proximidade destas ao confessionário.

305. Proibimos, pois, severamente que se confessem mulheres fora da igreja e das grades do confessionário, nos corredores, sacristias, tribunas e coro. Nos lugares distantes de qualquer igreja ou oratório público, em caso de necessidade, ouçam-se as confissões das mulheres nas casas particulares, com portas abertas e à vista. Nos lugares distantes de qualquer igreja ou oratório público, em caso de necessidade, ouçam-se as confissões das mulheres nas casas particulares, com portas abertas e a vista de todos, n[mas haja sempre a grade, ou coisa que a supra, entre o penitente e o confessor (CEB n. 244)

O número 306 das constituições é bem mais explícito, quando fala de confissão a mulheres enfermas em seus aposentos, caso em que as portas deveriam permanecer entreabertas, de modo que todos pudessem ver, mas não ouvir o confessor e a doente. Salienta-se, em qualquer circunstância, a proibição de confessar mulheres à noite: “Lembramos que é proibido ouvir confissões de mulheres antes da aurora e depois do pôr do sol, sem necessidade e sem ser a igreja e o confessionário suficientemente iluminados” (CEB n. 242).

Desde muito cedo, encontramos imagens e relatos de Frei Damião confessando mulheres, em cadeiras e genuflexórios. Considere-se que o penitente, homem ou mulher, sempre estava de joelhos perante o frade confessor, o mais próximo possível. Especialmente, nos últimos anos de vida, os penitentes chegavam a recostar a cabeça no ombro do religioso, enquanto o frei acolhia com a mão, tocando-lhes a cabeça.

Sua preocupação mais significativa era o atendimento às confissões, mas, além dos pecados, ouvia as dores e as angústias do povo sofrido e mais empobrecido. Segundo Frei Jociel Gomes (2013, p. 21), “o frade gostava de confessar, próximo das pessoas, não era muito afeito aos tradicionais confessionários”. Muitas vezes, era-lhe solicitado que fosse confessar algum enfermo nas casas ou hospitais, o que fazia sem murmúrios. Tantos outros momentos, na programação da missão, visitava cadeias públicas ou presídios onde, por horas, confessava, sob o olhar dos detentos e dos carcereiros, aos que tinham nele a certeza do perdão de seus delitos. Para Silvana Brandão Aguiar, escuta e consolo foram características de Frei Damião, no contato com o povo.

Duas condições se destacam na prática missionária dos Capuchinhos: o saber escutar e o saber consolar. Aspectos que se tornaram característicos na pessoa de Frei Damião, sendo um dos distintivos com relação a outros religiosos. Frei Damião possuía o dom da escuta; passava horas no confessionário ouvindo fiéis. Para aqueles que seguiam as missões do capuchinho, ele representava aquele que os escutava, aquele que os aconselhava e perdoava (AGUIAR, 2015, p. 461).

Essa sutil quebra de paradigmas, certamente, fê-lo se aproximar mais do povo que, conservando as lembranças dos confessores capuchinhos, nele encontrou o elo para a renovação da fé e do sentido da vida perante os desafios de uma região tão maltratada pelas condições

climáticas, políticas e econômicas. Nos últimos anos de sua vida, reclinado em uma poltrona, com os pés repousando em um apoio elevado, passava o dia confessando e rezando com os romeiros, com aquela consciência que o acompanhou por toda a vida e que deixou registrado em seu livro: “Devemos, pois, concluir que enquanto dava Jesus aos seus ministros o poder de perdoar e de reter os pecados, ao mesmo tempo impunha aos fiéis a obrigação de confessá-los aos sacerdotes, a fim de que eles pudessem com justiça exercer este sublime ministério” (BOZZANO, 1954, p. 130).

3.2. Frei Damião, o último Conselheiro dos pobres do Nordeste

Na pluralidade do campo religioso brasileiro, as experiências de feições messiânicas e milenaristas estão inseridas em uma realidade multiétnica e de cosmovisões multifacetadas. Ainda que, em dias atuais, essas manifestações já não tenham a mesma vitalidade de tempos dos conselheiros clássicos do Nordeste, suas nuances e representações ainda se dão no catolicismo sertanejo e em outras realidades país a fora.

Como base para nossa interpretação do conselheiro Frei Damião de Bozzano, na trilha dos conselheiros do Nordeste, há que se levar em consideração esse conceito, a partir das imagens de messianismo e milenarismo. Rodrigo F. de Souza, em artigo intitulado O Desenvolvimento Histórico do Messianismo, no Judaísmo Antigo, Diversidade e Coerência, define:

O termo “messias” deriva do grego *messias* que, por sua vez, deriva do aramaico *mashiha* e do hebraico *mashiach* (ungido). O termo grego aparece no evangelho de João de forma a indicar que, no período da escrita do Novo Testamento, já se inseria no contexto de um discurso com o qual pelo menos uma parcela da população judaica estava familiarizada.

O conceito de “ungido de Javé” já havia sofrido transformações significativas no fim do período do Antigo Testamento e a descrição abreviada “ungido” (*mashiach*) passou a ser aplicada não só ao rei – como o governante devidamente aprovado – mas também ao sumo sacerdote e adquiriu uma conotação progressivamente voltada para o futuro. No século II a.C. o uso persistente dessa forma já seria uma indicação de que o conceito era familiar e dispensaria explicações especiais (PEREIRA, 2015, p. 15).

Desse modo, as memórias messiânicas do povo do Nordeste podem ser compreendidas a partir de uma cosmovisão herdada da cultura judaica, por meio do Cristianismo Católico que, na alma popular, teria essa visão empírica da “crença em um salvador, o próprio Deus ou seu emissário, e à expectativa de sua chegada, que porá fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era de virtude e justiça [...]

visando a concretizar a nova ordem ansiada, sob a condução de um líder de virtudes carismáticas” (PEREIRA, 2015, P. 49). Segundo Lísias Nogueira Negrão:

O Brasil tem sido especialmente pródigo na geração de movimentos messiânicos. Desde o primeiro século colonial, índios guarani puseram-se em busca da “terra sem males” e indígenas destribalizados constituíram os chamados “movimentos de santidade”. Mas a maioria deles, ou pelo menos aqueles sobre os quais se tem maior documentação, transcorreu entre populações sertanejas, do nordeste ao sul do país, no período de pouco mais de um século, a partir de cerca de 1820. Maria Isaura Pereira de Queiroz levantou a existência de nove movimentos documentados no período (NEGRÃO, 2001, p. 51).

O Catolicismo Popular, no Nordeste, de algum modo, apresenta-se como desejoso de uma certa autonomia, em relação à igreja institucional, que sempre esteve ressabiada com o misticismo desses movimentos, dos quais sempre lhes fugiu o controle e colocando-se como potenciais movimentos cismáticos. Em obras, como “Os Anjos de Canudos”, de Eduardo Hornaert⁷⁸, “Os Sertões”, de Euclides da Cunha e, a partir de uma perspectiva historiográfica, fazendo observação das mentalidades populares nordestinas, percebemos, a partir de uma etnografia de base, considerando a perspectiva do sertanejo devoto, “radiações cristãs antiquíssimas, exclusão social, síntese de religião popular e oficial” (MATA, 1998, p. 355). Hornaert defende que “toda e qualquer teoria social só é válida na medida em que corresponde ao efetivamente vivido e consegue explicar sem recorrer a postulado” (HORNAERT, 1997, p.105), assim, conforme Sérgio da Mata, há que se rejeitar uma certa análise de “filiação weberiana, demasiado centrada na figura do líder carismático, para mostrar em que medida a religião popular nordestina que ele tipifica como ‘catolicismo rústico’ foi negligenciada pelos estudiosos enquanto substrato do fenômeno” (MATA, 1998, p. 356).

Hornaert toma o partido da escola fenomenológica iniciada por Rudolf Otto (O sagrado, Imprensa Metodista, 1985), considerando-a “mais consistente”. Trata-se de uma opção legítima do autor, uma vez que não são compatíveis os pressupostos da *religionswissenschaftliche Schule* com os das ciências sociais. Para a primeira o sagrado é uma categoria a priori, os fenômenos religiosos devem ser analisados na sua lógica interna, e não a partir de uma outra que lhes determinaria ‘de fora’ (desde que se tome este ‘fora’, é claro, por “social” e/ou “psíquico”). Esta tomada de posição obviamente se coaduna com sua proposta de entender o catolicismo rústico nos seus próprios termos. Mas se não há como saber se a verdade da fenomenologia é “mais consistente” que a verdade antropocêntrica das ciências sociais, qualquer consideração no sentido de sobrepor uma à outra inevitavelmente reduz as possibilidades de

⁷⁸ Eduardo Hoornaert é historiador católico, e uma das principais figuras do CEHILA (Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina), cuja epistemologia funda-se no desafio de escrever uma história eclesiástica a partir dos pobres.

estreitar o diálogo entre estas duas tradições. Hierarquizar, aqui, implica necessariamente excluir.” (MATA, p. 356).

Partindo da perspectiva das Ciências da Religião, percebemos que o Nordeste brasileiro vivenciou, ao longo dos séculos, um Catolicismo Popular, ou rústico, que se caracteriza por ser um conjunto de representações e práticas religiosas, ligando o ser humano ao sobrenatural, pela intercessão dos santos independentemente da ingerência dos religiosos institucionais. O termo popular busca distinguir cultural e socialmente um povo e também um comportamento religioso que se diferencia do oficial. No Brasil, o Catolicismo Popular revela-se por atos concretos ligados ao cotidiano, tais como rezar, para pedir chuva; benzer uma pessoa doente. Junto a isso, destaca-se o culto aos santos, procurando uma resposta positiva para os seus problemas e reinterpretando os preceitos do catolicismo oficial.

Os crentes rurais desfazem assim a fatalidade da ordem estabelecida. E o fazem utilizando um quadro de referência que, também ele, vem de um poder externo (a religião imposta pelos missionários). Reempregam um sistema que, muito longe de lhes ser próprio, foi construído e propagado por outros, e marcam esse "reemprego por "superações", excrescências do miraculoso que as autoridades civis e religiosas sempre olharam com suspeita, e com razão, de contestar às hierarquias do poder e do saber a sua "razão". Um uso ("popular") da religião modifica-lhe o funcionamento. Uma maneira de falar essa linguagem recebida a transforma em um canto de resistência, sem que essa metamorfose interna comprometa a sinceridade com a qual possa ser acreditada, nem a lucidez com a qual, aliás, se vêem as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida (CERTEAU, 2014, p. 78).

A ação missionária de Frei Damião dá-se em um movimento de Catolicismo Popular Sertanejo, que é a forma nordestina do Catolicismo Popular. Um catolicismo predominantemente vivenciado no meio dos mais pobres, afastado dos grandes centros urbanos, de algum modo, de características familiares.

O sertanejo nordestino vive imerso num mundo referencial bíblico e cristão, reconhece os símbolos, sabe interpretar as figuras. É herdeiro de uma longa e bonita tradição teológica, sendo ele mesmo teólogo. Teólogo sofrido, de mãos calejadas, mas teólogo. Embora não acostumado ao mundo das letras, produz versos, poesias e textos que não são de forma nenhuma simplórios, mas carregados daquela sabedoria sofrida típica do povo da terra, feita de desencanto, mas também de uma esperança indestrutível. Sertanejo-teólogo, cioso em descobrir o sentido mais profundo das coisas, concentrado em encontrar uma leitura teológica dos fatos que presencia. Não cartesiano no sentido de se operar uma rígida separação entre a racionalidade e a emotividade, entre os conceitos claros e as imagens, entre o experimentado e o sonhado. Mas um curioso das coisas de Deus, atrás do sentido último. Sua teologia é mística e escatológica, espera um tempo bom após tanto sofrimento. Com o dizia Câmara Cascudo: o sertanejo é teólogo “antes, durante e depois dos concílios ecumênicos e dos Santos Padres” (HOORNAERT, 1997, p. 63-64).

Se, para Euclides da Cunha, “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”, na perspectiva das Ciências da Religião e da história, partindo da perspectiva dos mais pobres, o sertanejo é, antes de tudo, um místico, que faz religião com sua própria vida e vive o que, depois, tornar-se-á postulado teológico, antropológico e elemento para as mais diversas áreas de concentração das ciências sociais. A sucessão dos fatos pessoais, familiares e da memória dos seus antepassados, contados nos alpendres e terreiros bem varridos das casas sertanejas, ao pé de uma cerca, ou no clarão da noite, sob o luar magnífico de um céu limpo, permanece como memória presentificada nas gerações futuras. Desse modo, surgem, também, as histórias dos conselheiros como Ibiapina, Antônio Conselheiro, Pe Cícero Romão e Frei Damião de Bozzano, que, ao longo dos séculos, orientaram e tornaram-se monumentos vivos entre e para além do Catolicismo Popular Sertanejo.

3.2.1. Na trilha dos conselheiros: Padre Ibiapina, Beato Antônio Conselheiro e Padre Cícero.

João Everton Cruz, em dissertação,⁷⁹ apresentada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, sob orientação do Prof. Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira, uma das maiores autoridades em Catolicismo Popular, no Brasil, apresenta Frei Damião de Bozzano, na estirpe dos conselheiros, como Padre Ibiapina, Beato Antônio Conselheiro e Padre Cícero que “são três figuras religiosas nordestinas que por assim dizer caracterizam a religião do sertão na segunda parte do século XIX e primeira do século XX” (HOORNAERT, 1997, p. 95). Certamente, a única pesquisa acadêmica, até então, que se debruça, reconhecendo o capuchinho Damião de Bozzano sob esse prisma. Em seu trabalho, no qual reuniu a escassa bibliografia sobre o tema, onde figurava o Capuchinho, além de folhetos de cordel e das entrevistas com romeiros que frequentam o Convento de São Félix, apresentou a atuação missionária de Frei Damião, cujo intuito foi moldar o catolicismo dos nordestinos conforme o esquema do catolicismo oficial.

Sua pesquisa parte dos antecessores de Frei Damião, tais como o Padre Ibiapina, nascido José Pereira Ibiapina a 5 de agosto de 1806, em Sobral (CE), fez o curso de Direito no Mosteiro de Olinda, onde funcionou a primeira faculdade de Direito do Brasil, e fez seus estudos seminarísticos no seminário de Olinda. Deixando o seminário tornou-se juiz de direito

⁷⁹ João Everton da Cruz. **Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do Nordeste brasileiro.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Mestrado. Orientador: Pedro de Assis Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte, 2010.

no Ceará e, em seguida, não aceitando ser governador de Pernambuco (Presidente da Província), passou a exercer a advocacia no Recife, já com fama de defensor dos pobres. A partir de 1850, abandona tudo e passa a viver recluso no Sítio Caxangá, onde dedicou-se ao estudo da filosofia e da teologia, vivendo uma vida de reclusão. Ordenado padre, em 1851, por D. João da Purificação Perdigão, passou a percorrer os estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí, fazendo “missões, organizou o povo, conciliou velhas intrigas, levantou e restaurou capelas e igrejas, fundou hospitais, construiu açudes, cacimbas, poços, barragens em mutirão, com a comunidade pobre e sofrida do sertão, sem nenhum apoio e ajuda oficial” (LOPES, 2004, p.37).

Padre Ibiapina ficou famoso pelas Casas de Caridade que fundou, além das Beatas da Caridade que cuidavam dos órfãos, como se fossem religiosas reconhecidas pela Igreja, essas mulheres viviam os conselhos evangélicos na sua mais primitiva forma de pobreza e serviço aos mais necessitados. Também ficou conhecido no Nordeste como grande pregador e conselheiro do povo. “Dotado de palavra fácil, dominando perfeitamente as regras da oratória, embevecia os ouvintes com os apelos à conversão e, principalmente, com o ensino de que são capazes de assumir a solução dos próprios problemas. Admirável era sua capacidade de saber convencer” (ARAÚJO, 1996, p. 356). Faleceu em 1883, em Santa Fé, na Paraíba, e tem a sua causa de beatificação em tramitação na santa Sé. Menezes apresenta-o de forma determinante:

Ibiapina, essa matriz geradora de uma estirpe de conselheiros do povo (Antônio Vicente Mendes Maciel, Padre Cícero, Beato Lourenço etc), instituindo nos sertões nordestinos da segunda metade do século XIX uma grande escuta dos anseios e aflições de larga massa de excluídos, e inaugurando uma forma de organização que a nossa civilização litorânea dominante teimará em não aceitar e até em hostilizar ou destruir sistematicamente quase todas as suas manifestações? (MENEZES, 1996, p. 2).

Contemporâneo ao Padre Ibiapina, encontramos o Beato Antônio Conselheiro, Antônio Vicente Mendes Maciel, também cearense de Quixeramobim, nasceu em 1828, em pleno exercício jurídico e missionário de Ibiapina (HOORNAERT, 1997, p. 114). De uma vida familiar conturbada, após o falecimento da mãe, tornou-se escrivão de juiz, casou-se e, após ser abandonado pela mulher, embrenhou-se sertão adentro, percorrendo as terras secas a pé, na qualidade de beato. A onda mística do século XIX e a ausência da Igreja, nos recônditos lugarejos e sítios nos sertões, abriu espaço a homens e mulheres que vivenciavam uma religiosidade de hábitos familiares, moral rígida, promessas de redenção e reconciliação, como forma de enfrentar tempos sociais e políticos republicanos tidos como modernos.

A sua partida pelos sertões como pregador, acompanhado por alguns fiéis, construindo e reformando capelas, igrejas e cemitérios tornou-se épica por conta da obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões* que, segundo alguns críticos, faz uma caricatura do conselheiro. A história oficial, certamente, não reconheceu essa história real de uma dinâmica tensa e violenta, mas utópica.

Criticado pela Igreja, fixou-se com os seus seguidores em uma fazenda abandonada, próximo ao rio Vaza Barris, no interior da Bahia, local conhecido como Canudos, onde fundaram o arraial de Belo Monte. Criando animais, fazendo artesanato, tiravam o sustento de todos e comercializavam o que excedia. Em um lugar onde idosos e doentes eram amparados, havia escolas, oficinas e uma administração centralizada. Viviam, como expressou o historiador Eduardo Bueno, uma utopia evangélica. Era o confronto entre o Brasil das elites, o Brasil urbano, contra um Brasil de pobres e miseráveis, que tinham deixado de ser pobres e miseráveis, pois haviam encontrado uma forma de sobreviver nas situações inóspitas do Nordeste, em um Brasil alternativo. Seus seguidores passaram a viver em casas construídas em regime de mutirão e partilhando os frutos da terra. Acreditavam que Antônio Conselheiro seria um enviado divino, trazendo paz, fartura e felicidade. O Conselheiro havia liderado uma das expressões mais autênticas da organização popular brasileira para onde acorriam muitas pessoas, chegando a contar 30.000 habitantes no arraial, que viviam sob a escudo do misticismo.

Havia dois ofícios diários, à madrugada e à noitinha ou fim da tarde, e periodicamente os conselhos com data marcada, para os quais acorria gente até de longe, ansiosa por ouvir a palavra do Peregrino. Canudos assim tornou-se um centro de romaria, atraindo crentes que ali chegavam para pedir audiência e fazer doações (GALVÃO, 2001, p.45).

Para os fazendeiros, o governo e a Igreja tratavam-se de comunidades rebeldes cujo poder estava nas mãos do Conselheiro. Entre 1896 e 1897, quatro expedições foram enviadas à região, para prender Antônio Conselheiro e acabar com a comunidade de Canudos. Os governos estadual e federal envidaram esforços para a derrota do Movimento Messiânico de Conselheiro. O General Artur Oscar de Andrade Guimarães lidera 7000 soldados e leva 18 canhões para tomar Canudos. Em seguida, o ministro da guerra, Carlos Machado Bitencourt seguiu com mais 3000 soldados. Em 22 de setembro de 1897, o Arraial foi invadido e Antônio Conselheiro foi morto. Após dias de guerra, aos 05 de outubro de 1897, foi terminada a batalha, deixando a vila arrasada. O corpo de Antônio Conselheiro foi exumado, e a cabeça decepada no dia 06 de outubro. Estima-se que morreram em torno de 25.000 pessoas, na Guerra de Canudos. Assim se encerrava uma das mais trágicas e terríveis histórias do Brasil.

O Nordeste, de um solo fecundo para tragédias humanitárias e para guerras, como o contestado, diante de um período sombrio de decadência dos engenhos, de negros libertos, perambulando pelas ruas, viveu, em 1878, quando ainda era reconhecido nacionalmente como Norte, uma terrível seca, que matou milhares de pessoas. Registros cartográficos do Engenheiro André Rebouças, provam que, no final do Brasil império, já se cogitava um olhar regionalizado para essa região cuja, importância, nesse momento, se dá, como nesse caso, pela questão humanitária, diante das secas.

O mapa a seguir tornou-se clássico para esses estudos.



Figura 18 - Mapa da região atingida pela seca de 1877⁸⁰
Fonte: Biblioteca Nacional⁸¹

⁸⁰ O *Mapa da região flagelada pela seca de 1877*, impresso pela Litografia Imperial, sob a responsabilidade de Alexandre Speltz, [...], incorpora o projeto de transformação do território. No caso, o projeto das estradas de ferro de socorro, elaborado pelo engenheiro André Rebouças. As linhas tracejadas em vermelho articulam uma trama de lógica ortogonal, aqui adaptada às linhas topográficas da costa do setentrião brasileiro e, a partir delas, estabelece linhas transversais que configuram, por fim, uma malha que teria grande acessibilidade regional, [...] do ponto de vista político e das disputas pela formulação dos imaginários e imaginações sobre a Nação. Ao delimitar a região assolada pelas secas, se evidencia pela grande mancha de cor amarelada na qual o mapa expressa e materializa, assim, um dos primeiros, se não o primeiro, documento a sobrepor diretamente à definição dessa região específica dentro do Império, marcada pelo fenômeno das secas. O vazio pode ainda se encontrar impreciso, mas, agora, se enquadra ao menos em uma clara delimitação e diferenciação regional – que seria desenvolvida ao longo das décadas seguintes (Ferreira, 2012).

⁸¹ Mapa da região flagelada pela seca de 1877. Fonte: Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart540446/cart540446.jpg>. Acesso: em 12 dez. 2018.

Na figura do Beato Conselheiro, uma nova ordem social e religiosa esperava-se, por parte dos mais pobres e marginalizados pela lei e pela fé. A Igreja, do século XIX, não deu conta de atender aos seus fiéis, ao mesmo tempo em que a figura de um Conselheiro transportava as memórias religiosas que, personificada em um homem, cumpriria papéis para além dos ditames eclesiásticos ou políticos. Conforme João Éverton Cruz:

A missão de Antônio Conselheiro no Arraial de Canudos alia-se ao trabalho desenvolvido por Padre Ibiapina nas terras dos sertões. O beato Antônio Conselheiro tinha a mesma aptidão e imagem performática de missionários dos antigos capuchinhos que andavam pregando as santas Missões pelas cidades e lugarejos do Nordeste; vivia como um deles: a barba grande, o hábito desbotado, sempre de sandálias; a coragem diária, o costume das missões sem nenhum conforto.

O terceiro nome a compor o quadro histórico e as memórias do povo do Nordeste, em relação ao Conselheirismo foi o do Padre Cícero Romão Batista. Tanto quanto seus antecessores, há uma vasta obra de pesquisa em torno das suas ações e representações para a cultura do Nordeste. Padre Cícero tem um papel preponderante na concepção nordestina e reconhecimento à figura de Frei Damião de Bozzano, como conselheiro.

Como afirma Nuvens, a figura do Padrinho Cícero marcou o Nordeste, por habitar o repositório das raízes antigas do povo, em relação à sua fama de conselheiro:

O costume de tomar conselhos vem dos índios que consultavam o Paj (sic) em qualquer oportunidade, quer se tratasse de saúde, de segurança social ou de cunho religioso. O Pajé (Sic) não era só um macumbeiro, um curandeiro, um mágico. Representava ele também o repositório institucional da sabedoria de vida no âmbito da tradição dos índios. Ele, o Pjé, era sobretudo o conselheiro aquele que tinha o tirocínio e o conhecimento, no sentido da vasta sabedoria de vida. E nossas raízes indígenas colocam na figura do Padre Cícero a auréola do grande conselheiro tanto a nível individual como a nível social (NUVENS, 1994, p. 28).

Padre Cícero Romão (LOURENÇO FILHO, 2002), conterrâneo de Ibiapina e de Antônio Conselheiro, nasceu na cidade do Crato, no Sertão do Cariri cearense, no dia 24 de março de 1844. Depois de seus estudos seminarísticos, no Seminário da Prainha, em Fortaleza, retornou para sua terra, como padre, em 08 de janeiro de 1871, após sua Ordenação Sacerdotal. Na pequena Vila do Juazeiro, lugarejo de quase 2000 pessoas, para onde foi enviado em abril de 1872 passou a atender o povo, catequizar e fazer procissões. Sua ação expande-se e supera os limites da religião, exercendo influência na vida social. Sua primeira marca é a de moralizador e incentivador dos bons costumes da época, quando o Juazeiro caracterizava-se por ser um local de prostituição, de jogatina e de bebedeira. Sua influência passou à ordem social com determinações de comportamento para a sociedade civil, o que logo o levou ao crédito de orientador do povo.

Desenvolvendo seus trabalhos religiosos, à luz do grande missionário padre Ibiapina, Padre Cícero também recebeu o auxílio das beatas, dentre as quais estava Maria de Araújo, com quem se deu o grande milagre a alavancar a devoção do povo. Foi no ano de 1889, quando a beata Maria de Araújo recebeu, das mãos do religioso, uma hóstia que teria se convertido em sangue. Daí em diante a crença na santidade e na ação miraculosa do padre difundiu-se pelos quatro cantos do Nordeste. “A exemplo dos pajés das antigas nações cariris, cujo sangue lhe corria nas veias misturado aos dos ancestrais portugueses, Cícero passou a acumular as funções de conselheiro, benzedor e curandeiro” (NETO, 2009, p.281). Daí em diante, o povoado tornou-se lugar de grande peregrinação. Os ensinamentos e as ações do Padre Cícero que, até então, eram respeitados pelo clero, após a repercussão da história da Beata Maria de Araújo, passou a ter sérias restrições em relação ao padre. Em 05 de agosto de 1892, o padre Cícero foi proibido de pregar, confessar e orientar os fiéis e foi suspenso de ordem, após uma comissão de padres investigar a situação. Roma o reabilitou às funções eclesiásticas, contudo, o bispo do Crato não admitiu sua ação na diocese. Juazeiro passou a ser percebido como um centro de fanatismo religioso, e o Padrinho seguiu sua vida na localidade que crescia e tornava-se um importante centro político e econômico para o Cariri.

Proibido de exercer suas funções sacerdotais, munido de todo capital simbólico e político que havia adquirido, o religioso ingressou na vida política e, em 22 de julho de 1911, foi eleito prefeito do Juazeiro e, posteriormente, chegou a ser vice-presidente do Ceará. Consolidado politicamente, juntamente com o Dr Floro Bartolomeu da Costa, passou a ditar as normas da política da região, já que outros políticos do Estado procuravam o religioso para pedir apoio. Acolhendo as pessoas a quem dava abrigo e trabalho, passou a ser pacificador, médico, padrinho, amigo e conselheiro do povo do Nordeste.

Padre Cícero, impedido de exercer uma ação pastoral meramente sacramentaria, uma vez que estava suspenso do uso das suas ordens sacras, teve que realizar um trabalho que identificou com a ação de Ibiapina, realizando uma ação de conselheiro e padrinho lá onde se estrangulavam os angustiantes problemas da população. Há necessidade de solucionar os conflitos, de apaziguar os ânimos, de acolher tantos retirantes, de colocar jovens e adultos no campo do trabalho. Tudo isto é problema do cotidiano e as soluções devem começar aqui e não apenas na eternidade ditosa. E a estratégia de fazer de Juazeiro um lugar de oração e trabalho, fez de Juazeiro um lugar sagrado, onde se manifesta o poder de Deus não apenas nos fatos miraculosos, então, proibidos e censurados. Mas através de uma ação de aconselhamento que vê no trabalho a possibilidade de encaminhamento de muitas e muitas pessoas para uma vida mais decente, base futura de uma realidade mais abrangente. A palavra do Padre Cícero era a palavra da misericórdia de Deus: “quem matou não mate mais, quem roubou não roube mais, quem pecou não peque mais” (NUVENS, 1994, p. 29-30).

A residência do Padrinho passou a ser o local de atendimento até a sua morte. Aconselhava desde as questões pessoais, amorosas, de trabalho, ensinando mezinhas, resolvia litígios, orientava sobre questões econômicas e de natureza, no sentido de preservar o meio ambiente. Suas palavras, ensinamentos e aconselhamentos penetraram, desde as casas dos políticos e coronéis, até os casebres de taipa, tão comuns no sertão pobre do Cariri. Tornou-se uma autoridade paternal, um padrinho, no contexto nordestino, ligado às tradições populares de compadrio.

Quando alguém usa a expressão “meu padrinho”, é porque identifica nesta pessoa a capacidade muito pronunciada de se responsabilizar por seus afilhados. [...] Quando alguém se dirige a outro com a expressão “meu padrinho”, está-lhe rendendo ao mesmo tempo gratidão, oferecendo-lhe fidelidade, tudo isso com o significado de um título que é também de orientador, aquele que merece respeito, enfim, é um símbolo de prestação de obediência, é a escolha espontânea de alguém que merece, por sua conduta, a confiança de dirigir e aconselhar suas próprias opções de vida (BARROS, 1988, p. 173).

Relegado pela Igreja, acolhido e intitulado pelo povo, o padrinho e conselheiro, o Padre Cícero, do Juazeiro, faleceu no dia 20 de julho de 1934, aos 90 anos. Seu funeral e os dias que se seguiram foram de intensas romarias.

Nos tempos atuais, as romarias do padre Cícero não perdem seu vigor e resistem às mudanças de época. Milhões de romeiros nordestinos guardam, na memória o padrinho que, em 2017, foi reabilitado pela Igreja, levando os romeiros à expectativa da abertura do seu processo de beatificação. Segundo Manoel Bergström Lourenço Filho, do Padre Cícero guarda-se a frase citada em seu testamento: “Esses conselhos que sempre dei em minha vida não me canso de repeti-los aqui para que, depois da minha morte, fiquem bem gravados na lembrança deste povo, cuja felicidade e salvação sempre foram o objeto da minha maior preocupação.” (FILHO, 2002, p. 157).

3.2.2. O último dos Conselheiro dos Pobres do Nordeste, Padrinho Frei Damião

Líderes conselheiros dos últimos séculos, algumas das personagens acima citadas, chegaram a se conhecer ou, pelo menos, tomar conhecimento da existência do outro, já que sempre viveram no Nordeste brasileiro e em um período de tempo muito próximo. O Padre Ibiapina e o Beato Antônio Conselheiro nasceram e morreram no século XIX, o Padre Cícero Romão Batista e Frei Damião de Bozzano nasceram no século XIX e morreram no século XX. João Éverton Cruz afirma:

São todos nascidos em anos mais ou menos subsequentes, foram contemporâneos. Até mesmo chegaram a se cruzar pelos mesmos caminhos de suas vidas e missões populares pelos estados nordestinos. Houve momentos em que ocorreram encontros de Padre Ibiapina com Antônio Conselheiro e com Cícero Romão Batista. Com Antônio Conselheiro, certamente, ocorreu um primeiro encontro quando foi Juiz de Direito em Quixeramobim (CE). Ali, ainda menino, de nome Antônio Vicente Mendes Maciel, deve ter observado por diversas vezes aquele famoso magistrado que pretendeu pacificar o conflito entre a família dos Maciéis e a dos Araújo. Houve um tempo em que Antônio Maciel chegou a acompanhar Padre Ibiapina em suas missões populares. Já o encontro de Padre Ibiapina com Cícero se deu por volta de 1865, na missão popular do Cariri. O jovem Cícero Romão Batista se fez presente na inauguração da primeira Casa de Caridade da região. Provavelmente as pregações e o exemplo de Padre Ibiapina também tenham influenciado na vocação do futuro Padre Cícero Romão Batista (CRUZ, 2010, p. 28).

No Catolicismo Sertanejo, a figura do Conselheiro fez-se necessária, em virtude de, no seu contexto sociológico, sempre carecer de um guia, que orientasse o povo simples e sofrido, e de um representante, que pudesse defender e ser presença em suas emoções, indignações, dores e crises. O conselheiro, como alguém que apontaria valores, como bondade e mansidão, indicaria uma das principais representações no Nordeste, e Frei Damião, um dos seus missionários em destaque, sempre foi um mantenedor de conselheiros nos sertões. Também a hierarquia católica forneceu conselheiros. Dos últimos conselheiros clássicos citados, dois pertenciam à hierarquia da Igreja, eram os padres, Ibiapina e Cícero.

Mesmo que, no ano da chegada de Frei Damião ao Brasil, o Padre Cícero ainda estivesse vivo e, nesse período, a peregrinação ao Juazeiro, para visitar o Padrinho dos nordestinos, fosse forte, Frei Damião de Bozzano já se dedicava ao seu trabalho no meio do povo. Frei Damião, de algum modo, assumiu na consciência dos romeiros nordestinos a função de novo padrinho e conselheiro.

Se a insígnia de conselheiro aproximava o Padre Cícero de Frei Damião, a inércia e o deslocamento os distinguiam. Enquanto os romeiros deslocavam-se para encontrar o Padre Cícero, em sua casa, no Juazeiro do Norte, Frei Damião de Bozzano dirigia-se aos mais afastados lugares, para encontrar o povo, nas suas cidades, nos seus povoados, nos seus sítios e nas suas casas. Enquanto havia burocracia, para ingressar na concorrida casa do Padre Cícero, Frei Damião entrava em qualquer casa, dormia em qualquer cama e alimentava-se em qualquer mesa, passando dias, semanas ou meses, no meio do povo. Pouco ou nada se sabia da residência fixa de Frei Damião. Se muito, alguns referiam-se ao Recife, como lugar de pouso do Capuchinho. No entanto, para o povo, não interessavam essas distinções. Enquanto a herança, deixada pelo Padre Cícero, ainda é objeto de litígio, nos dias atuais, Frei Damião apenas possuía

o hábito e alguns pertences de uso pessoal. Para o povo, contudo, Frei Damião seria o continuador da obra do “Padrinho Ciço”, e isso sempre foi o que importou. Os dois tinham pontos comuns como a sensibilidade para com os pobres, com os quais se comunicavam por meio de uma linguagem simples. Ambos combatiam os vícios, os jogos, arbitravam contendas de terras e outros problemas da comunidade. Nesse sentido, a função dos dois conselheiros convergia.

O povo do nordeste tem uma facilidade significativa de mistificar personagens da vida pública, política e, principalmente, religiosa. E, no caso de Frei Damião, deu-se por sua forma coerente de viver, por sua fidelidade ao Evangelho, por sua opção e por vivência radical da pobreza, por sua austeridade, por sua firmeza contra o pecado, por sua doçura no contato mais próximo ao rosto de cada penitente, por sua fidelidade a um modelo de igreja tradicional, por ser tridentino, o que possibilitou seu ingresso nas memórias mais profundas das pessoas, das famílias, e das comunidades nordestinas. Assim os devotos do Padrinho Cícero, logo transferiram seus afetos e suas percepções místicas para aquele que se tornou seu sucessor. Frei Hermínio Oliveira, em artigo do Jornal Diário do Nordeste, falando da aproximação das duas figuras carismáticas, afirma:

Ele esteve pela primeira vez em Juazeiro do Norte, em 1936, e desde esse tempo alguns devotos o identificaram com o religioso cearense. Esse fato está registrado no livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora das Dores, folha 32 v. “Viram muitos na pessoa de Frei Damião algo de mistério e nele encarnaram o Padre Cícero Romão Batista”. E a partir daí começou a sua popularidade (OLIVEIRA, 2006, n.p.).

Em entrevista a Gildson Oliveira, o comerciante José Vieira Filho de 71 anos, residente no Juazeiro do Norte há 59 anos, afirmava acreditar que o Padre Cícero e o Frei Damião de Bozzano seriam o mesmo santo: “A seu ver o espírito do primeiro se encarnou em Damião, após a morte do Padim Romão Batista, porque os dois sempre fizeram as mesmas coisas. Deus é o Pai Eterno, Deus Filho é o “Padim Ciço” e Deus espírito Santo é o Frei Damião de Bozzano” (OLIVEIRA, 1997, p. 74). Na simplicidade do romeiro, questões teológicas profundas e dogmáticas são ignoradas, o que importa é a sua experiência com o sagrado, que se dá na encruzilhada dos representantes mais próximos, mais sagrados e mais balizados para serem quem são. Neste e em outros testemunhos, a memória e o sentido de pertença, que o catolicismo popular do Nordeste oferece à figura de Frei Damião, como pertencente à estirpe de seus antecessores, qualifica-o para assumir o posto vacante, deixado pelo Padre Cícero Romão.

Frei Damião como conselheiro torna-se o legítimo defensor do patrimônio cultural do povo sertanejo, pois ele veio para se unir ao povo e valorizar seus costumes e assisti-lo em suas necessidades. As pessoas gostavam de tomar conselhos com Frei Damião, pois este pensava da forma que pensa o povo. Ele convivia com o povo e o aceitava; ouvia em confissões para depois introduzir seus ensinamentos. Os conselhos do capuchinho podiam variar, fosse um problema familiar, um casamento, uma viagem a fazer, um negócio a estabelecer (CRUZ, 2010, p. 12).

Chegamos à conclusão de que os conselhos de Frei Damião estão presentes na memória dos devotos e romeiros do Nordeste e incorporados à cultura local. Ele foi interpretado, pelo povo, como uma figura tradicional do conselheiro, constatado por meio dos relatos das pessoas. Cruz, em seu trabalho de pesquisa, afirma: “Quando perguntamos às pessoas, o que você se lembra do que aprendeu com Frei Damião? a resposta é que aprenderam com seus conselhos sobre o bem, a fidelidade, os perigos do inferno e outros” (CRUZ, 2010, p. 64). Frei Damião dava uma resposta para os problemas e aflições do povo sofrido, que acolhia seus conselhos como sobrenaturais, mas, ao mesmo tempo, povoados das memórias familiares e dos códigos morais próprios da tradição cristã católica, arraigada na vida dos que vivem nos sertões. Não era sem razão que as pessoas percorriam léguas a pé, a cavalo, em caminhões ou transportes mais diversos para, na confissão, aconselhar-se com o frei que, depois de ouvir a confissão do penitente, introduzia, individualmente, os seus ensinamentos de acordo com a doutrina católica.

O costume da confissão no catolicismo sertanejo reforça o Conselheirismo; se o confessor é excelente, bom, ele pode tornar-se um apto conselheiro. Nesse caso podemos dizer que Frei Damião se tornou um grande conselheiro e construtor do povo nordestino porque era um exímio confessor e consolador, e os sertanejos necessitavam resolver as dificuldades, os impasses do cotidiano; indo ao pé do confessor ou ouvindo suas pregações eles recebiam os almejados conselhos (CRUZ, 2010, p. 87).

Abdalaziz de Moura (1978, p.53-54), citando a fala de um romeiro, afirma: “O que ele representa, realiza e aconselha, se deve à sua santidade. Se não fosse santo, um homem de Deus, não seria o que é, nem teria o significado que tem. Ele é diferente dos outros, porque é bem mais calmo que os outros, parece um santo e é só nele que eu acredito”. Esse modelo sereno de santo em vida, tão próprio dos conselheiros, com olhar, gestos e palavras carregados de sentidos, alimentaram, no povo, a necessidade de encontrar sucessores para os seus guias espirituais, o que se deu de forma natural, com a morte do padre Cícero e a eleição natural, por parte do povo, de um legatário para o padre Cícero, desde que trouxesse um código de acesso do antecessor para o sucessor, e esse código foi a alcunha de conselheiro.

No catolicismo popular o conselheiro ensina as mesmas coisas que o pai ensina ao filho, os ensinamentos são os que passam de geração a geração. E

Frei Damião segue essa mesma linha pedagógica de Padre Cícero. Muitos dos conselhos atribuídos a Frei Damião, a cultura popular nordestina já atribuía ao Padre Cícero, modificando a geografia e o tempo, como, “quem matou, não mate mais; quem roubou, não roube mais. As pessoas que furtam vão para as profundezas do inferno” (CRUZ, 2010, p. 62).

Remontando as memórias do Catolicismo Popular Brasileiro, encontramos fios que compõem a trama desse tecido cultural, em diversas etapas e substratos sociológicos, étnicos, antropológicos, geográficos, psicológicos e, sobretudo, religiosos, o que denota a importância da religião e do religioso, ligado à hierarquia como agente imprescindível na construção dessa trama. O padre conselheiro desempenha um papel fundamental para a construção do Catolicismo e da cultura do nordeste. As representações de Frei Damião, para o povo, giram em torno desse viés.

Nesta visão do padre como medianeiro entre o céu e a terra se enquadra a função do padre como “conselheiro”, provavelmente enraizada em estruturas ameríndias. Interessante observar como os padres da história nordestina que até os dias de hoje tiveram mais ascendência sobre o povo – os membros da famosa “dinastia”: Padre Ibiapina, Padre Cícero, Frei Damião – são apreciados antes de tudo como conselheiros, não como pregadores ou milagreiros (HOORNAERT, 1969, p. 592).

Desde as comunidades mais primitivas de cosmovisão patriarcal, o desejo de encontrar segurança na figura de um líder, que aconselha e conduz, é significativa para a formação e perpetuação dos códigos morais e representações hierárquicas e religiosas. No entendimento de Hornaert, pela confissão, arraiga-se a imagem performática do *cura*, no esquema mental dos seguidores do catolicismo popular sertanejo, pois o relacionamento paternal que a confissão requer só é benquisto, quando o padre é bom conselheiro.

Segundo Fiorin (1980), os conselhos dados pelos conselheiros obedecem a uma ordem ética que está estreitamente ligada à ortodoxia católica e possui dupla dimensão: a do pecado contra Deus e a do pecado contra o próximo. Na perspectiva dos conselheiros, a questão não repousa, necessariamente, no que concerne à solidariedade com o próximo, mas, em primeiro lugar, o temor a um Deus que castiga o pecador, que destina ao inferno aquele que não cumpre os preceitos morais. A norma de vida correta, portanto, é não transgredir a lei de Deus e não se sujeitar à carne, no sentido de viver uma vida desregrada moralmente. O caminho proposto pelo conselheiro é sempre de obediência aos mandamentos e imitação de Cristo, para alcançar a salvação, o céu. Para Fiorin, as normas de conduta, pregadas pelo Conselheiro, baseiam-se, primeiro, no respeito à autoridade constituída por Deus; segundo, ao direito de propriedade; terceiro, à manutenção da família tal como está constituída. Nessa concepção, o conselheiro não subverte a ordem social. A autoridade nunca é questionada, o rico permanece

provedor, o pobre depende da generosidade do rico, as funções familiares são bem determinadas, segundo os parâmetros tradicionais da religião católica. Assim o substrato da pregação e do aconselhamento dos conselheiros não eram tanto a mudança das estruturas sociais senão a manutenção das forças dominantes, especialmente, do poder e da ideologia da Igreja Católica.

Dentro desse contexto de uma ética conselheirista, tradicionalmente difundida pelos velhos, padres e beatos, presentes na cultura popular, Frei Damião insere-se. O testemunho de Frei José Maria, frade italiano que, por anos, viveu com Frei Damião, corrobora tal argumentação.

Os padres pós-conciliares eram tremendos, viu. Nos anos 70, foi quando muitos padres também saíram e ele não, não largou a sua fé, e a fé no povo o estimulou, o povo também não o largou não. E conservou aquela forma, que conservou o tesouro da fé. Se o povo tivesse de ser instruído, discutir teses, aí iria entrar na onda. Exatamente esta percepção, esta sintonia com a fé simples que o tornou aceito pelo povo, mesmo quando ele dava umas broncas, né. O povo gostava disso, preferia a bronca de Frei Damião do que de outros... Quanto a isso seria muito interessante ver... Ele não foi... antiquado, sim, de alguma forma, mas ele era mais, bem mais sabido, inteligente, mais sóbrio do que esses novos teólogos, esta nova igreja que queria excluir, eliminar, deixar pra trás, a igreja anterior, né? o progressista. E foi ele quem salvou a fé do povo nordestino, a conservou, a preservou, deu solidez, deu segurança, porque o povo se perdia e não tinha mais onde se confessar. Então o povo só se confessava com Frei Damião. Ele é o baluarte da fé do povo, para continuar acreditando. Uma palavra de Frei Damião era tudo, ele acreditava.⁸²

Tanto para os leigos, quanto para os clérigos de todas as linhas pastorais, o Conselheirismo de Frei Damião foi determinante para o seu ingresso no imaginário coletivo do Nordeste como santo. Frei Enoque, Frade Franciscano Menor, missionário em todo o Nordeste e residente em Sergipe, onde ingressou na vida política, fiel representante do catolicismo popular, alinhado com a Teologia da Libertação afirma:

Olhe, eu fico assim à vontade, porque estive com ele, inclusive convocado pela comissão que está estudando a beatificação dele, para dar alguns depoimentos. Na verdade, Frei Damião era visto pelo povo como aquele que tem intimidade com Deus e, portanto, pedindo a ele ou pedindo a Deus, as coisas aconteciam. Então muitos milagres, mesmo aqueles que não eram milagres, eram vistos naquele sentido. Então os seus conselhos são dentro desse contexto todo. Que você deve entender os tipos de conselho. Uma vez eu vi aqui, em Canindé do São Francisco, um senhor perguntando. Meu padrinho, eu quero ir pra São Paulo, eu vou me dar bem? Ele parou, pensou. Tem dinheiro? Tem dinheiro da passagem? Tem família lá? Tenho, meu padrinho. Tem parente que já me arrumou emprego lá. Então vá, vá. Quer

⁸² Entrevista concedida por Frei José Maria Del Giudice. Entrevista I. [maio 2016]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2016. Arquivo mp3 (1:32min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta tese.

dizer, ele fazia as pessoas refletirem sobre a possibilidade. Se você tem parente lá, tem o dinheiro da passagem e se você já vai com um parente tem tudo pra dar certo. Quer dizer, era um homem assim muito conselheiro e às vezes muito carinhoso, chamava as pessoas pra junto dele e às vezes também muito severo. Então ele não tinha tempo de fazer pastoral, pastoral assim como a gente entende hoje. A pastoral dele era a catequese, os 10 mandamentos, o céu, o inferno, o céu e o purgatório, eram as verdades fundamentais da Igreja. A relação dele com os evangélicos era péssima. Ele tinha inclusive um livro, "Em Defesa da Fé" em que é pra refutar e rebater tudo, pra mostrar os erros dos evangélicos. Mas ele mesmo depois do Vaticano II ele não atacava mais os evangélicos, crenças, mas guardava pra si aquela fidelidade com a Igreja. O diálogo era a conversão. Ele achava que a salvação dos evangélicos estava na conversão a Igreja Católica, na Virgem Maria, nos santos. E os evangélicos achavam que a conversão dos católicos estava exatamente na negação disso. Então talvez essa posição, que não é nova, vem do Concílio de Trento, veio basicamente para isso⁸³.

Frei Jociel Gomes, perguntado pelo motivo por que as pessoas tomaram Frei Damião como santo, afirma que a aproximação e os conselhos do religioso, nas confissões, levaram-no a ser conhecido como Santo Conselheiro.

Creio que na sua simplicidade, as pessoas, elas conseguiam enxergar em Frei Damião este santo por causa da sua prática virtuosa. Aquilo que ele dizia, aquilo que ele pregava, ele também praticava. E é uma coisa marcante na vida missionário de Frei Damião e que o faz ser um santo do povo, é justamente está no meio dessa gente. Se deixar tocar por ela. A sua atenção constante às pessoas por meio do dom da escuta, né? E aquilo que eu costumo dizer. Ele não só escutava os pecados, mas também a partilha da vida das pessoas com suas alegrias e com suas dores. Tantas pessoas que procuravam Frei Damião para um conselho. Mas isso tudo as pessoas não iriam procurá-lo se não percebessem nele esses sinais de santidade por uma prática de vida.⁸⁴

Dessa forma, os depoimentos atestam que a memória passada, de geração em geração, nutre e cristaliza a imagem dos conselheiros, no Nordeste Brasileiro, e que Frei Damião de Bozzano representa essa linhagem, como o último e decisivo, até então, nesses moldes de um Catolicismo Popular Sertanejo, onde a figura do conselheiro tem lugar de relevo.

3.2.3. Os Conselhos de Frei Damião

Durante uma das últimas missões realizadas, no ano de 1994, na cidade de Araripina, alto sertão de Pernambuco, auxiliado por Dom Paulo Cardoso, então bispo de

⁸³ Entrevista concedida por Frei Enoque Salvador de Melo, a João Éverton Cruz, Poço Redondo-SE, em 15 jul. 2008.

⁸⁴ Entrevista concedida por Frei Jociel Gomes. Entrevista III. [fevereiro 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Caruaru, 2018. Arquivo mp3 (17:44seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta tese.

Petrolina, Frei Damião publicou, em um folheto, os 10 conselhos para os seus devotos. Em sua introdução, estava escrito:

O Pai do céu amou tanto a gente que nos enviou o seu filho Jesus. Quem nele crê e pratica a sua palavra, tem a vida” (Cf. Jo 3,16). Jesus é o maior presente que o Pai nos deu. Crer em seu Nome e anunciar o seu Evangelho, esta é a nossa missão. A missão não termina nunca! Ela deve continuar: na sua vida pessoal, na sua família, na Igreja. Como lembrança das “Santas Missões”, guarde, pratique e ensine aos outros os "Dez Conselhos de Frei Damião".

Em seguida, estavam elencados os seguintes conselhos:

Um bom filho de Deus, um bom cristão e um bom católico:

1º - Respeita as Pessoas

- tratando sempre bem os outros
- resolvendo os problemas sem violência
- não desassossegando a família alheia

2º - Respeita a Vida

- não andando armado
- não guardando ódio, não alimentando vingança nem praticando crime
- não matando as criancinhas antes de nascerem, pois o aborto é um crime covarde que clama aos céus!

3º - Vive para a Família

- trabalha para sustentar e educar os filhos
- não bota filhos no mundo para os outros criarem
- é fiel à esposa e ao sacramento do matrimônio

4º - Não vive na imoralidade

- dá-se ao respeito
- respeita as mulheres e as moças como criaturas de Deus
- não vive na cachaça, nem na droga e nem no jogo

5º - É honesto nos negócios

- não explorando nem enganando ninguém
- não querendo ficar rico às custas dos outros
- cumprindo a palavra dada

6º - Pratica a Justiça e a Caridade

- dando a cada um que lhe pertence
- socorrendo os necessitados
- não guardando com usura
- estando do lado dos pequenos e pobres

7º - Respeita a Natureza que Deus criou

- defende a terra de Deus que é terra dos irmãos
- não mata os animais nem destrói as plantas sem necessidade

8º - Participa da vida da Igreja

- é fiel à sua religião e não troca a sua fé por outra fé
- ouve e pratica a Palavra de Deus
- respeita o domingo, o dia do Senhor
- participa com frequência dos sacramentos

9º - Procura conhecer bem a sua religião

- valoriza o sacramento do matrimônio e se prepara para recebê-lo
- prepara-se para batizar os filhos
- ensina os filhos a rezar e envia-os para o catecismo
- interessa-se pelo estudo da religião, na Escola da Bíblia, na catequese de jovens e adultos etc.

10º - Participa da vida da Comunidade

- toma parte em grupos e movimentos que defendem e promovem a vida e os direitos humanos (grupos de casais, de jovens, de saúde, movimento popular, mutirões etc.)
Para quem vive e pratica esses Conselhos, peço uma grande bênção de Deus e de nossa mãe santíssima!⁸⁵

A presente relação dos 10 conselhos de Frei Damião, seguramente, é fruto da intervenção de algum agente externo, senão da própria composição de outra pessoa atribuída ao religioso. Alguns conselhos trazem uma concepção eclesial caracteristicamente pós-conciliar, o que não faz parte do discurso e da prática de um Frei Damião Tridentino. É o caso dos mandamentos 8, 9 e 10. Atentemo-nos aos destaques em negrito:

Participa da vida da Igreja

- é fiel à sua religião e **não troca a sua fé por outra fé** (grifo nosso)
- ouve e pratica a Palavra de Deus
- respeita o domingo, o dia do Senhor
- participa com frequência dos sacramentos

9º - Procura conhecer bem a sua religião

- valoriza o sacramento do matrimônio e **se prepara para recebê-lo** (grifo nosso)

- **prepara-se para batizar os filhos** (grifo nosso)

- ensina os filhos a rezar e envia-os para o catecismo

- **interessa-se pelo estudo da religião, na Escola da Bíblia, na catequese de jovens e adultos etc** (grifo nosso).

10º - Participa da vida da Comunidade

- **toma parte em grupos e movimentos que defendem e promovem a vida e os direitos humanos (grupos de casais, de jovens, de saúde, movimento popular, mutirões etc.).** (grifo nosso)

As características, por nós grifadas, denunciam alguma criação ou intervenção nos escritos, visto que, no elenco das preocupações de Frei Damião, não está a troca de fé por outra fé e, sim, a preocupação com os protestantes e espíritas. No seu discurso e na sua escrita do livro, “Em Defesa da Fé”, suas citações são bastante incisivas e claras a esses grupos religiosos. Também não está, na preocupação do religioso, a preparação para o recebimento do Matrimônio nem do Batismo. Essas são exigências pastorais bem posteriores à sua chegada ao Brasil. Esses incentivos pastorais preparatórios para os sacramentos dão-se em um contexto de Igreja inserida e formadora de novos agentes de pastoral.

O mandamento, de número nove, que diz: interessar-se pelo Estudo da Religião, na Escola da Bíblia, na Catequese de jovens e adultos etc., é um outro ponto claro de sua

⁸⁵ Araripina - PE, 1990. - Conselhos de Frei Damião, elaborados por ele, publicados e distribuídos em forma de folheto ao povo em 1990, durante as missões realizadas em Araripina, na diocese de Petrolina, em Pernambuco (Recife, Arquivo da Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil, AFD, Escritos, Cx. 2). Esses "Conselhos de Frei Damião" também foram publicados no boletim informativo "O Servo de Deus", ano II, n. 3, janeiro-março de 2012, 1.

impassibilidade: a questão do estudo da Bíblia e da formação permanente de jovens e adultos na fé. A sua pastoral é de manutenção, enquanto esses temas são característicos de uma chamada Igreja em saída⁸⁶, com elementos que defendem e promovem a vida e os direitos humanos (grupos de casais, de jovens, de saúde, movimento popular, mutirões etc.)”. Atentemos, mais uma vez, aos termos “defendem e promovem a vida e os direitos humanos”, “grupos de casais, de jovens, de saúde”, mas o que é mais significativo, nesse aspecto, são as expressões “movimento popular” e “mutirões”, ambos muito comuns ao repertório da ala da Igreja, adepta da Teologia da Libertação, com suas reivindicações de cunho social.

3.2.4. Frei Damião na Literatura de Cordel

A poesia de tradição oral, no Nordeste Brasileiro, pendurada em cordas, nas feiras livres e, de forma tão espontânea, divulgada nos interiores, como forma lúdica de informação e entretenimento, sempre abordou os mais variados temas e popularizou-se, nessa região, criando uma marca própria e de uma autenticidade que sempre chamou a atenção de pesquisadores das mais diversas áreas. A vasta citação e o uso dos cordéis, em obras literárias, nas artes cênicas, na discografia, na pintura, na xilogravura, e de tantas outras formas, patenteiam esse estilo de escrita a ser um dos representantes mais autênticos e significativos da cultura nordestina. Por mais que, imediatamente, sejam associados ao estilo de escrita e divulgação, no Nordeste, pela e para as classes populares, é inegável que suas raízes remontam à Europa do século XVIII.

A tradição dessas publicações populares, geralmente em versos, vem da Europa. No século XVIII, já era comum entre os portugueses a expressão literatura de cego, por causa da lei promulgada por Dom João V, em 1789, permitindo à Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa negociar com esse tipo de publicação. Esse tipo de literatura não existe apenas no Brasil, mas, também, na Sicília (Itália), na Espanha, no México e em Portugal. Na Espanha é chamada de pliego de cordel e pliegos sueltos (folhas soltas). Em todos esses locais há literatura popular em versos (GASPAR, 2003, n.p.).

A religião, por sua vez, sempre cumpriu um papel de fornecedora de temas, dos mais variados e infindáveis, para a Literatura de Cordel. Dela, emergiram situações concretas que deram lastro para a criação de tipos e personagens, que ficaram marcados na memória do povo. De certo modo, Religião e Cordel cumprem um papel social significativo, viajando nas memórias e permanecendo na base mais densa do caldo cultural nordestino.

⁸⁶ Sobre o tema de pastoral de manutenção e igreja em saída, um bom número de documentos da CNBB e do CELAM, especialmente o Documento de Aparecida, bem como, as encíclicas e discursos do Papa Francisco, especialmente, a *Evangelii Gaudium*.

Das conversas de boca de noite, nas pequenas cidades interioranas, na farmácia ou na barbearia; da troca de impressão provocada pelas notícias trazidas pelo chofer de caminhão, pelo representante comercial ou pelo “bicheiro”, ou, ainda, pelos versos do poeta distante, impressos no folheto que se compra na feira, pelos “martelos” do cantador ambulante; pelos inflamados artigos do jornalista matuto ou pelas severas admoestações dos missionários; do raciocínio do homem solitário no seu trabalho na floresta, na caatinga ou na coxilha - é que surgem, vão tomando forma, cristalizando-se as idéias-motrices, capazes de, em dado instante e sob certo estímulo levar aquela massa aparentemente dissociada e apática a uma ação uniforme e eficaz (BELTRÃO, 1980, p. 24).

Na cultura popular, a produção e a circulação da comunicação dão-se por meio de agentes sociais da comunicação. São produtores da cultura popular, longe dos grandes centros urbanos, inseridos em uma realidade precária de acesso à educação formal, os quais, muitas vezes, são pouco escolarizados, onde o analfabetismo é alto e a predominância é de agricultores que, em sua maioria, tiram o sustento da família por meio de uma agricultura familiar tradicional. Essa cultura de transmissão oral expressa-se nas mais variadas formas, contudo, formando, por vezes, pensamentos, gestos e construções uniformizadas o que gera formas culturais de longa duração.

Desde as cantorias, até os folhetos impressos, o cordel vem evoluindo e se firmando como literatura de reconhecida identidade. Sua multiplicidade temática, aliada à função social, tem feito dessa poesia de folhetos um mapa para os corações e mentes de um povo e de lugar, daí sua permanência (LIMA, 2008, p. 9).

No entender de Osvaldo Trigueiro, são interconexões de informação que circulam no “cruzamento dos fluxos interativos entre indivíduos, de uma sociedade, realizados cara a cara” (TRIGUEIRO, 2006, p. 05). Na sua mais primária forma, a comunicação nordestina sertaneja afirmou-se como oral, espontânea, lúdica, criativa e crível para os ouvintes e interlocutores, o que foi transmitido, fidedignamente, de geração em geração. Nesse sentido, literatura de cordel sempre foi, para o nordestino, uma plataforma de acesso aos seus valores familiares, sociais, políticos e religiosos, bem como para a interação com o mundo de fora.

A revista italiana de Ciências Sociais, publicada pelo Instituto Luigi Sturzo, de Roma, publicou, em parceria com a Revista de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, em 1977, um artigo de Rejane Vasconcelos Accioly Carvalho, intitulado a “Ideologia dos Romeiros Nordestinos na Literatura de Cordel”. A publicação, a nível internacional, apresenta-nos sinais da importância dessa forma de literatura e corrobora a importância da pesquisa do universo sócio-religioso que orbita em torno da figura do padre Cícero e, no nosso caso mais específico, de Frei Damião de Bozano. Para a pesquisadora, as relações sociais são determinadas pelas posições que os indivíduos assumem no sistema de produção das condições

materiais de existência. Assim buscou compreender a lógica de uma forma de consciência ainda vigente nas “camadas rurais dos pobres do Nordeste e que se caracteriza pela mobilização em torno de um líder, que é percebido ou se anuncia como um redentor, e cujos poderes e recursos evocados para a transformação profetizada são de ordem sobrenatural” (CARVALHO, 1977, p.108). Dessa forma, Carvalho analisou os movimentos em torno do Padre Cícero e de Frei Damião, a partir da literatura de cordel, percebendo esses líderes como mantenedores da cultura coronelista vigente, no Nordeste, com “esquemas de ação que tendem a confirmar o próprio sistema de dominação sem nenhuma proposta de ação direta contra os agentes da opressão” (CARVALHO, 1977, p.108). Ao mesmo tempo, ressalta a importância do Conselheirismo, da Assistência Espiritual e do Papel Social que os mesmos cumpriram em suas épocas. Os folhetos transformaram-se em fontes fidedignas, a oferecer subsídios para a pesquisa mencionada. Dentre os cordéis estudados, observa-se os que fazem referência, aos dois representantes da religião católica nordestina, ao discurso e às atitudes que levam a uma vinculação entre o natural e o sobrenatural, Deus e o diabo, céu e inferno, salvação e perdição. Segundo o cordelista, que apresenta a fé dos pobres do nordeste, Frei Damião já teria nascido predestinado a ser salvador do povo. Desse modo, o cordel exhibe:

Lá no país da Itália
na cidade de Bozano
de um casal de agricultores
por ordem do soberano
nascia Frei Damião
nosso conselheiro humano [...]

No sonho ele ouvia
a virgem assim lhe dizer
- diga a esta humanidade
que cuide de se arrepender
que o crime vai ser punido
pra isso Deus tem poder

Todo mundo sabe disso
que o padrinho Cícero Romão
no ano de trinta e quatro
fez uma separação
mas entregou seus romeiros
nas mãos de Frei Damião

No ano de 34
meu padrinho se separou
e com três anos depois
Frei Damião aqui chegou
mostrando de meu padrinho

ele é o sucessor⁸⁷

Frei Damião é reconhecido, no cordel, como salvador, por ser investido de capacidades extraordinárias, como visões e sonhos em que Maria, mãe de Deus, e os anjos anunciam a sua própria predestinação. No entendimento do cordelista, escritor e divulgador da religiosidade popular, Frei Damião foi transposto da Itália para o Brasil, e como Salvador assumiu a realidade do Nordeste Brasileiro com o qual se identificou, a partir dos valores e do modo de vida, do sofrimento e da pobreza por que passavam o povo nordestino. Assim os milagres e castigos estão salientados como prova do poder que o religioso capuchinho detinha de abrigar e salvar esse povo, para o qual veio com a missão celestial de protegê-lo das ameaças.

No cordel que segue, percebemos a descrição da atuação do missionário, a sua pertença à linhagem do conselheiro Padre Cícero e com o próprio Cristo, as suas andanças, sertão adentro, seus sinais de identificação com os pobres, desde o modo de vestir; as perseguições que sofreu, por seu modo de viver e pregar e a sua identificação final onde, no parecer do cordelista, o frei torna-se tão autêntico que se mistura com os pobres, situa-se no meio da multidão e embrenha-se pelo sertão. São elementos concretos e, na tradição católica popular, demonstram o papel de um pai, padrinho, conselheiro e salvador que sente, de perto, o que o povo sente, passa pelo que o povo passa e compreende, na própria pele, as suas dores.

Nos Estados nordestinos
da Bahia ao Maranhão
de sempre em sempre aparece
fazendo SANTA MISSÃO
um frade já bem velhinho
seguindo o mesmo caminho
do padre Cícero Romão
trata-se de Frei Damião
de porte simples, sereno
com uma batina velha
de estatura pequeno
pelas cidades pregando
ao povo anunciando
como Jesus Nazareno

Quando surge um emissário
do criador destemido
pregando a verdade ao povo
começa a ser perseguido
sofreu Cícero Romão
Assim o Frei Damião
É também muito atingido

Me mostrem um padre que

⁸⁷ João Fernandes de Oliveira. "O Sonho de Frei Damião Profetizando o Futuro", Cordel.

faz igual Frei Damião
se mistura com a pobreza
no meio da multidão
andando nas brenhas secas
do mais profundo sertão?⁸⁸

Logo após a morte de Frei Damião, em 1998, o potiguar, Gutemberg Costa, publicou o livro “A presença de Frei Damião na Literatura de Cordel”, onde sustenta a tese de que “Frei Damião é a terceira figura de relevo de preferência dos poetas populares e também dos leitores dos folhetos de cordéis, Perdendo somente para Lampião, o Rei do Cangaço, e o Padre Cícero Romão, que tiveram uma incalculável tiragem de folhetos” (COSTA, 1998, p. 17). As imagens dos poetas entrecruzam-se com a imagem do povo simples, que percebe o religioso como um santo, ainda em vida, que traz esperanças ao povo e que deseja levar todos para o céu, de tal forma, que sua pregação gera sempre, nos fiéis que o seguem, o horror pelo inferno em vista da garantia do céu.

Desejo focalizar
Nestes pobres versos meus
O nome de um santo vivo,
De um grande servo de Deus,
Chamado Frei Damião,
A sublime vocação
De servir aos irmãos seus

Seu viver de plenitude
Sua grande resistência
O Santo frei Damião
Só pode ser um milagre
De Cristo Nosso senhor
Frei Damião resistir
Assim a tanto labor,
Pouco dorme, pouco come
Sua vida se consome
pelo bem do pecador [...]

E para falar do sentimento medonho do sertanejo, em relação ao inferno, o poeta arremata:

Se o inferno não existe isso
A Bíblia estaria errada
Dele vinte e quatro vezes
Fala Escritura Sagrada
Por isso Frei Damião
Luta pela salvação
Da ovelha extraviada.⁸⁹

⁸⁸ Rodolfo Coelho Cavalcante. "Frei Damião - O Missionário do Nordeste". Cordel.

⁸⁹ Adolfo Paulino. A verdadeira Biografia do Profeta do Nordeste. Cordel.

Nesse mesmo período. Mário Souto Maior publicou, pela Fundação Joaquim Nabuco, o artigo, “Os folhetos”, provas incontestes da popularidade de Frei Damião, no Nordeste, onde catalogou, pelo menos, 77 cordéis, em cuja temática central estava a pessoa do capuchinho. Segundo Osvaldo Meira Trigueiro, no artigo “Agonia e morte de Frei Damião: dos jornais para a boca do povo”, publicado na Revista Online de Ciências da Comunicação, da Universidade Fluminense e da Unisinos, as publicações de cordéis já passariam de 100, apresentando o religioso como santo, profeta, milagreiro, conselheiro e como uma das principais figuras do sertão nordestino. Nos acervos da Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, disponíveis online, a ocorrência do nome de Frei Damião, em folhetos de cordel catalogados na Cordelteca⁹⁰, soma o número expressivo de 556 ocorrências. Mais uma vez, demonstrando o seu significado para a formação cultural e folclórica não só do Nordeste, mas como do Brasil.

João Éverton Cruz dedicou uma parte da sua dissertação de mestrado à análise dos folhetos de cordel, sob a ótica do Conselheiro, com o objetivo de perceber, nas poesias escritas, ao longo dos anos, essa característica já citada no tópico anterior. Destacam-se, sobre esse tema, os cordéis “Conselhos e Sermão de Frei Damião”, “Conselhos de Frei Damião em favor da humanidade”, “A voz de Frei Damião” e “O Verdadeiro aviso de Frei Damião”. Com várias tiragens, por todo o Nordeste, esses cordéis encontram-se catalogados pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular no Catete, Rio de Janeiro, que é uma Instituição Pública Federal que desenvolve e executa programas e projetos de estudo, de pesquisa, de documentação, de difusão e de fomento de expressões dos saberes e fazeres do povo brasileiro.

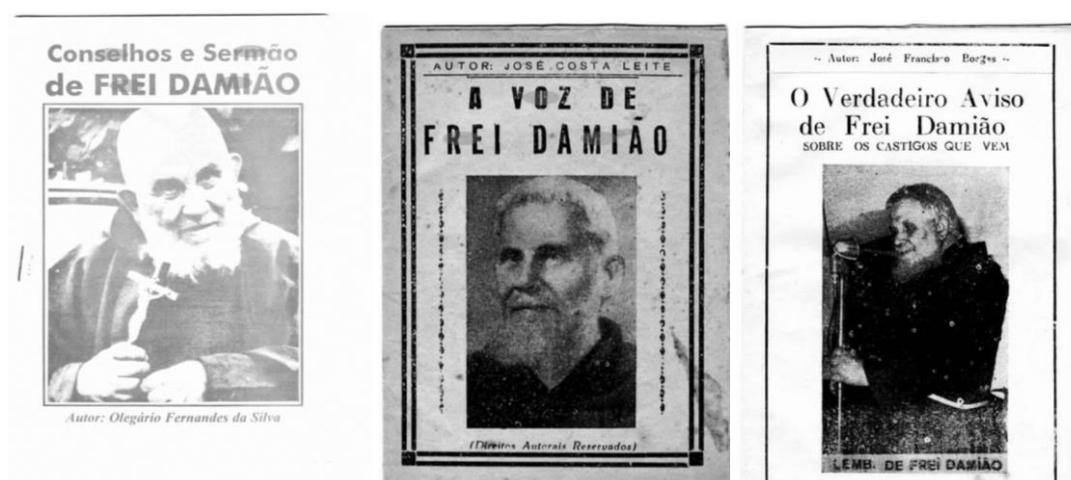


Figura 16 – Cordéis sobre Frei Damião
Fonte: Centro Nacional de Cultura Popular

⁹⁰ Centro nacional de Folclore e Cultura Popular. Cordelteca. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cordel&pagfis=65817>>. Acesso em: 22 de jun. 2018.

A primeira versão de “O Verdadeiro Aviso de Frei Damião”, cuja autoria do poema e da xilogravura é do famoso artista pernambucano J. Borges, é um dos clássicos cordéis a circular entre os nordestinos e é, hoje, uma referência para a compreensão da poesia cordelista e do movimento cultural no Nordeste.



Figura 17 – Cordel de J. Borges
Fonte: Centro Nacional de Cultura Popular

O seu folheto apresenta Frei Damião, a partir da Matriz Religiosa, que é o Padre Cícero, e da tradição do Juazeiro do Norte. Frei Damião é percebido na ótica do Conselheirismo e de uma visão apocalíptica, na qual o religioso é o profeta anunciador.

Fui ao Juazeiro e lá
falei com Frei Damião
fui a igreja do horto lá
assisti um sermão
sai de lá com saudade
trouxe esta novidade
vou ler e quero atenção
Meus católicos romanos
daqui e de mais além
leia este divino aviso
que a todos nós convém
me preste bem atenção
quem manda é Frei Damião
o conselheiro do bem
Pra cada país do
deixou ele um conselheiro
e para a nação Brasileira
que está no feminino,
veio ao Santo Juazeiro
Padre Cícero Romão morreu

e Frei Damião assumiu bem prazenteiro

Este reconhecimento do Capuchinho, como um profeta que adivinha o futuro e os pecados do povo, cujos berros na pregação, a vestimenta marrom, cinturada por uma corda, e a barba longa, povoa a imaginação e as histórias contadas, de geração em geração, em cujo centro está o religioso andarilho, protótipo do homem de fé que aconselha, mas, castiga. Enraizado na vida do povo mais simples, já foi referido por Câmara Cascudo.

No Brasil retirando um raro Frei Caneca, e o presbítero de São Pedro o solidário intelectual e mártir de revoluções eloquências liberais. Deles parte uma mística de ação, imposta pela personalidade irresistível, Padre Ibiapina, Padre Cícero, Padre João Maria. O frade não se tornou íntimo porque o homem-do-interior não os conheceu pastoreando a freguesia, mas tempestuosos e ameaçadores nas Santas missas, bradados pelos apocalípticos capuchinhos. Serão, para o povo os videntes, profetas natos, sabedores do futuro, Frei Vital de Frascarolo e Frei Serafim de Catania, adivinhando pecados e “obrando milagres (CASCUDO, 1974, p. 17).

No folheto de J. Borges, além de profeta conselheiro, essa face do castigador aparece nítida:

Ai daquele que zombar
Dessa minha profecia
Receberá o castigo
E quando chegar o dia
Arrependido dirá
Bem que meu padrinho dizia

Os devotos influenciam o poeta, ao oferecer-lhe uma infinidade de interpretações e possibilidades de colocar, no folheto, o que representa o padrinho. Mas, além das representações, o poeta colhe, no concreto da fala e dos gestos do religioso, os elementos que compõem seus versos. Próprios dos folhetos de cordel, as referências aos sermões, aos milagres e profecias são significativos. Muitos títulos são sugestivos e até jocosos, dentre os quais podemos citar⁹¹:

O Verdadeiro aviso de Frei Damião (José Francisco Borges)
Um milagre de Frei Damião na Paraíba (Crispim Café da Silva)
O Invicto Frei Damião (Trovador Contiguiba)
Sermão de Frei Damião: Dia do Juízo (Manoel Camilo dos Santos)
O Sermão Profético de frei Damião (Arthur Alves de Oliveira)
A moça que virou cachorro porque deu banana ao Padre Frei Damião (J.J. Andrade)
Frei Damião: O apóstolo do Nordeste (Luís Gonzaga de Lima)
Biografia e Conselhos de Frei Damião (Raimundo Bezerra de Moura)
A voz de Frei Damião (José Costa Leite)

⁹¹ Os cordéis citados encontram-se em: COSTA (1898); MARANHÃO (2015).

Os cordéis, com temáticas sobre Frei Damião, seguem uma lógica muito própria e próxima. Em todos, alguns elementos são comuns, tais como Frei Damião ser tratado como santo, como profeta, como conselheiro, como milagreiro, como apóstolo do Nordeste, como padrinho. Nos cordéis, cuja temática central está a figura de Frei Damião, as questões de visão eclesial progressista, as questões sociais de exploração dos mais pobres, as questões políticas e seus conchavos, em detrimento do bem comum, as fórmulas teológicas rebuscadas não são contempladas. Apenas o *mudus vivendi* dos nordestinos, sua religiosidade e a visão de uma religiosidade popular e tradicional sobressai-se. Dessa forma, o cordel aparece como mais um contributo para a cristalização da memória de Frei Damião, como ícone e mito para o povo nordestino e para a religiosidade de um Catolicismo Popular Sertanejo.

3.3. Santuários e imagens, elementos da romaria e da iconografia.

Que Frei Damião já tinha fama de santo em vida, está claro e dito pelos próprios devotos. Seus discursos e gestos revelaram e ainda revelam a certeza de que conheceram um santo em vida e que, após sua morte, têm um intercessor no céu. É importante salientar que o encontro desse santo com os seus devotos deu-se em um lugar geográfico muito peculiar, o Nordeste. Terreno fecundo para devoções, histórias mirabolantes e cultura característica, sempre teve, nas representações figurativas de imagens de argila ou madeira talhada, pinturas de traços simples ou rebuscados, gestos e memórias das suas devoções e crenças mais íntimas. A busca e o encontro desse povo nordestino com o sagrado deram-se sempre da mesma forma com que tentou sobreviver dos anos de estiagem e da ausência do poder público. Muita perseverança e uma incansável esperança. Na perspectiva religiosa não foi diferente. Relegado pela hierarquia católica, cuja hegemonia fez-se patente, desde os primórdios do Império e, em seguida, com a República, esse povo encontrou formas de exercitar sua religiosidade, aos moldes daquilo que a igreja institucional, muitas vezes, interpretava, como mais primitivos e mais peculiares.

As casas dos sertanejos sempre guardaram e, ainda guardam, santuários em seus recantos. As paredes das salas estão repletas de quadros de santos, textos bíblicos, folhinha do Coração de Jesus, calendários e lembranças de missões. Pela ausência de padres, caminham léguas para assistir à missa ou batizar um filho. É um povo em êxodo. Por isso é tão comum que os sertanejos cumpram seus votos, indo às romarias e aos santuários. Dentre essas romarias, a partir do momento em que Frei Damião de Bozzano envelheceu e adoeceu, ao ponto de

estabelecer-se, mesmo que forçadamente no Recife, intensificaram-se as romarias ao Convento de São Félix, no bairro do Pina, zona sul da cidade.

Ao mesmo tempo, santuários com a imagem do religioso multiplicaram-se Nordeste a fora. Na perspectiva de Flores Filho, na devoção a Frei Damião de Bozzano destacam-se “sobretudo valores motivacionais que levam peregrinos, romeiros e turistas [...] à construção colossal e gigantesca que são os santuários de Frei Damião” (FLORES FILHO, 2012), reconhecendo-o como herói religioso e padrinho do povo nordestino, pois é sobre esta figura e ícone da devoção popular do Nordeste que se sobressaem elementos valorativos “constitutivos da figura do mito, do santo, do herói e conseqüentemente da edificação de uma espécie de panteão católico em forma de santuário local” (FLORES FILHO, 2012). O cenário nordestino, de uma vez por todas, encontra-se marcado pela maior e mais significativa aproximação dos fiéis a Frei Damião, nos dias atuais. Primeiramente, na peregrinação até o seu túmulo e, depois, não com menos importância de valor, às imagens de sua pessoa, que foram replicadas em escalas estratosféricas ou às centenas, possíveis de serem colocadas em santuários domésticos. Mesmo quando o Capuchinho ainda estava vivo, os romeiros dirigiam-se à imagem, pedindo uma bênção.

3.3.1. Romarias, Santuários e locais de peregrinação e devoção a Frei Damião de Bozzano

Os Santuários⁹² de Frei Damião já estão inseridos na paisagem geográfica e compõem o calendário festivo, turístico e religioso do Nordeste. Em nossa pesquisa, catalogamos os santuários, as praças e as imagens de grande porte que, até o momento, foram edificadas e tornaram-se centros constantes ou mensais de romaria. Em todos os lugares, onde a devoção a Frei Damião está instalada, o dia trinta e um de cada mês, dia de sua morte, tornou-se o dia de celebração da memória do religioso. Nesses lugares, acontecem missas, bênçãos, foguetórios, louvações dos romeiros devotos que acorrem a estes espaços, especialmente, para agradecer ou fazer algum pedido ao Padrinho. Essas devoções locais, muitas vezes, surgem de forma espontânea, por parte dos devotos, como cumprimento de alguma promessa, ou mesmo,

⁹² Partimos da concepção eclesial Católica que compreende o santuário “antes de tudo, lugar da memória da ação poderosa de Deus na história, que está na origem do povo da aliança e da fé de cada um dos crentes” (Conselho Pontifício para a pastoral dos migrantes e itinerantes. O Santuário Memória, Presença e Profecia do Deus vivo. Cidade do Vaticano, 1999. I,4). E o Código de Direito Canônico (n.1230) que afirma: “Sob o nome de santuário, entende-se a igreja ou outro lugar sagrado, aonde os fiéis em grande número, por algum motivo especial de piedade, fazem peregrinações, com a aprovação do Ordinário local”.

para apenas celebrar a memória do Capuchinho. Reverenciar o religioso, a cada mês, na data da sua morte, recorda a devoção ao Padre Cícero, a quem se dedica o dia vinte de cada mês, data de sua morte. No caso do padre Cícero, as beatas, ainda nos dias atuais, usam roupas na cor preta, a cada dia 20, em memória do luto e como forma de externar o sentimento interior de perda e de saudade do Padrinho do Juazeiro. Já, em relação a Frei Damião, é muito comum encontrar devotos, nessas celebrações mensais, vestidos com hábito marrom e corda na cintura, para assemelharem-se ao religioso ou pagarem promessas.

Os espaços, onde se celebram a memória de Frei Damião, compõe um território sagrado que reflete uma identidade de fé e um sentimento de pertença do povo. Usando conceito de Bakhtin (1987, p.360-374), que reconhece o caráter festivo na antiquíssima tradição de culto às relíquias, reconhecemos, nas réplicas de sua imagem em cimento armado e de suas mãos feitas em bronze, nos hábitos e sandálias de seu uso pessoal, nas agendas que guardam sua caligrafia, nos terços que estiveram em suas mãos, nos museus em sua memória, a devoção a Frei Damião como esse caráter festivo. A grande prova desse culto festivo são as festas de Frei Damião que se multiplicam, a cada ano, nos mais diversos locais do Nordeste.

Nas festas e no culto a Frei Damião, configura-se uma teia de símbolos e de valores católicos tradicionais, marcadamente vivos na região nordeste do Brasil. Assim afirma Faustino Teixeira, falando sobre as faces do Catolicismo no Brasil:

O fato da região Nordeste do Brasil despontar no Censo de 2000 como a mais católica revela algo da força e presença da tradição do catolicismo santorial. Importantes estudos na área de antropologia mostraram com vigor e coerência, complexidade e diversidade desse catolicismo, que vem animado por impressionante poder de penetração e reprodução nos meios populares e não pode ser apressadamente identificado como um aglomerado de superstições ou crendices. No caso específico do Nordeste, há sem dúvida o influxo da presença de figuras do clero popular, como padre Cícero e frei Damião (PEREIRA, 2012, p. 28).

No mapa abaixo, localizamos as devoções mais significativas a Frei Damião, no Nordeste. Atentemos que, exceto o Convento de São Félix, onde foi sepultado, todos os memoriais e santuários estão localizados entre o agreste e o sertão. No mapa, também percebemos, nitidamente, que os lugares de maior devoção estão na região leste do nordeste, não por acaso, são os estados que compreendem a Região Provincial Capuchinha, denominada Província de Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil.

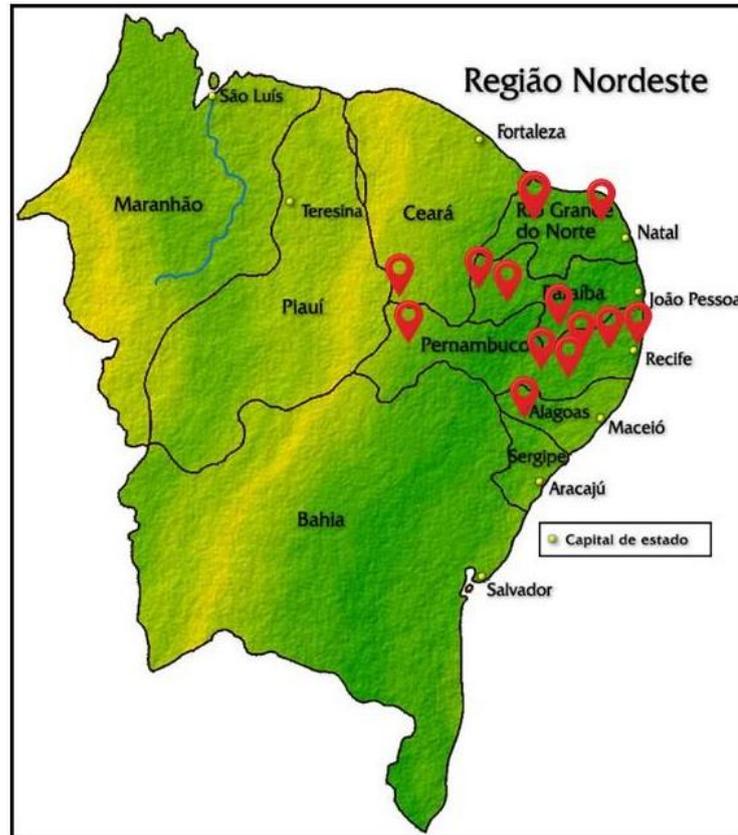


Figura. 18 - Mapa do Nordeste localizando Locais de Santuários dedicados a Frei Damiano
Fonte: <<http://www.nordestebrasileiro.com.br/regiao-nordeste/mapa-do-nordeste/>>.

Sobre o tema das romarias e festas de Frei Damiano, no Nordeste Brasileiro, no ano de 2013, Nadjairo Francisco Chaves dissertou, pelo Mestrado, em Ciência da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, sobre os impactos do processo de beatificação de Frei Damiano, no Nordeste, percebendo a importância desse movimento para o turismo religioso e as oportunidades mercadológicas geradas pelo fluxo de romeiros. Ao mesmo tempo, destacou os desafios para os órgãos públicos, na gestão e na possibilidade de crescimento, a partir dessa demanda, como um importante atrativo para o crescimento do turismo religioso do Nordeste (CHAVES, 2013)⁹³.

Sabemos que a temática de espaço e da sacralidade remonta a tempos longínquos. Para delimitar nosso espaço de percepção, retornamos à Idade Média, período em que a peregrinação à Terra Santa apresentava-se como marco referencial na vida de uma pessoa. Segundo Carvalho (1995, p. 41), “De regresso, orgulhosos das relíquias que transportavam no bernal, eram olhados com respeito e acolhidos como seres privilegiados em quem a proximidade do sagrado tinha deixado marcas indeléveis”. Ir à Terra Santa conferia uma nova

⁹³ Dissertação de Mestrado defendida pela Universidade Católica de Pernambuco por Nadjairo Francisco Chaves. **Turismo Religioso, Romarias e Festas de Frei Damiano no Nordeste Brasileiro**. Recife, 2013.

identidade social ao peregrino. O peregrino, no caso medieval, e o romeiro, no caso do nordestino devoto, agregam um grande valor a si, por ter visitado um lugar sagrado e ter, ao mesmo tempo, incorporado a sacralidade. Em ambos os casos, a pé ou a cavalo, e mais especificamente para os romeiros de Frei Damião, em caminhões, caminhonetes e ônibus precários, o conforto é dispensável, pois a dificuldade do percurso e o sentido redentor do sofrimento que o ato de o percorrer lhe impõe, confere uma nova identidade ao peregrino ou romeiro. Segundo Le Goff (1969, p.190), as peregrinações medievais davam-se em circunstâncias extremamente penosas, por caminhos cheios de obstáculos, em uma época em que não havia uma rede viária, já que as estradas romanas haviam desaparecido quase por completo. Percebemos, contudo, que, em situações tão inóspitas, os movimentos dos peregrinos não perdem sua força, visto serem alimentados por sua fé e, não, pelas condições das estradas a serem trilhadas.

O fator das grandes distâncias e o isolamento do mundo profano levam o romeiro a perceber a romaria como um rito de passagem pelo qual os pecados do mundo e a vida mundana são abandonados, em um processo de morrer para o mundo. Segundo Turner (2008, p. 170), “tendo a ver a peregrinação como aquela forma de anti-estrutura simbólica institucionalizada (ou talvez metaestrutura) que substituiu os principais ritos de iniciação da puberdade nas sociedades tribais como a forma histórica dominante” constrói novas formas de lidar com a realidade social e o sagrado e leva para o seu cotidiano como marca de renovação de vida interior e de gestos concretos no seu entorno.

Ao chegar neste local, ao compartilhar de sua aura, o romeiro passa a fazer parte dele, e não mais do mundo profano. Por isto, ao voltar a este mundo, ele precisa adquirir lembranças que mantenham vínculos com o sagrado que ficou para trás, introduzindo-o no mundo profano, purificando-o a partir desta presença e dando perenidade ao contato que ficou para trás. Não se trata, portanto, apenas de lembranças de uma viagem; se trata da permanência possível do contato com o sagrado e, mesmo, da permanência de seus poderes, uma vez que, a muitas destas lembranças são atribuídos poderes terapêuticos (SOUZA, 2013, p. 83).

Não sem motivações aparentes ou inconscientes, ao redor dos santuários, estão espalhados, aos montes, vendedores dos mais diversos produtos, que se tornam elementos sagrados de ligação ao santo. O universo converge para o lugar onde o Santo Frei Damião está sepultado ou para o local onde se erigiu a imagem em sua memória; onde estão as marcas de seus pés, no cimento em baixo relevo; onde se encontra a sua imagem, deitado em posição de morte; onde fica a mão em bronze, retirada de uma forma de gesso que envolveu sua mão; onde se encontram os seus irmãos de hábito a acolher, a cantar, a confessar e a alimentar, pelo uso

do hábito franciscano, as mais recônditas e significativas memórias. “O templo religioso transforma-se, no momento do culto, no centro do universo, e o peregrino, ao chegar ao final de sua jornada, está chegando a um nível superior, penetrando em uma região central (SOUZA, 2013, p.88).

As romarias, em síntese, são movimentos sociais, e estes movimentos fazem com que pessoas de culturas e sociedades diversas interajam, o que pode acarretar transformações demográficas quando feitas em grande escala ou de forma permanente, e podem gerar, ainda, a circulação e difusão de crenças, técnicas e valores (SOUZA, 2013, p. 90)

É nessa perspectiva que apresentamos, a seguir, esses principais santuários e memoriais de devoção a Frei Damião de Bozzano, delimitando a um espaço muito corriqueiro das missões de Frei Damião, que foi a circunscrição do Regional Nordeste II que, como já vimos, compreende os estados de Alagoas, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte.

TIPO DE ESPAÇO DEVOCIONAL	SURGIMENTO / FUNDAÇÃO	CIDADE	RESPONSÁVEL
Estado de Alagoas			
Memorial	1997	Canafístula - AL	Particular
Estado da Paraíba			
Estátua	1976	Souza – PB	Particular
Santuário	2004	Guarabira – PB	Capuchinhos
Estado de Pernambuco			
Santuário	1993	São Joaquim do Monte – PE	Particular
Santuário	1997	Convento de São Félix de Cantalice – Recife (Túmulo)	Capuchinhos
Caminhada	1997	Gravatá – PE	Paróquia
Memorial	2008	Belo Jardim – PE	Particular
Santuário	2011	Caruaru – PE	Capuchinhos
Memorial	2012	Ouricuri – PE	Capuchinhos
Estado do Rio Grande do Norte			
Devoção	1997	São Miguel - RN	Paróquia
Memorial	2013	Venha Ver – RN	Paróquia

Ceará / São Paulo⁹⁴			
Devoção		Juazeiro do Norte – CE	Capuchinhos
Memorial		São Paulo - SP	Particular

Apresentamos, a seguir, de forma descritiva⁹⁵, os locais de maior representatividade para os romeiros, iniciando pelo Convento de São Félix, principal local de romaria, por guardar os seus restos mortais. Em seguida, em ordem cronológica, apresentaremos os locais mais significativos de devoção.

Convento de São Félix de Cantalice (Recife -PE)

Como já apresentamos no primeiro capítulo deste trabalho, o Convento de São Félix, localizado no Recife, local da última residência de Frei Damião e onde repousam seus restos mortais, tornou-se um lugar de romaria, ainda quando Frei Damião estava vivo. Primordialmente, erguido para ser a residência de frades e em cujo espaço está a Capela dedicada ao Santo Capuchinho italiano, Félix de Cantalice tornou-se centro de romaria, após a morte do religioso, em 1997.

O Recife é uma capital de 1.637.834⁹⁶ habitantes, segundo dados do IBGE, em 2018. Há estimativa de que a região metropolitana chega a ter mais quatro milhões de habitantes. A dinâmica do bairro do Pina, na zona sul do Recife, onde está localizado o convento, fica alterada, a cada domingo, com o número expressivo de ônibus que dirige-se, para o Santuário, com os romeiros. Maria Vanessa de Vasconcelos Nunes em artigo sobre a influência da festa de Frei Damião, no mês de maio, apresenta a mobilidade dos romeiros, o fluxo e a alteração na territorialidade, em vista do território sagrado, cujo centro está na Capela Nossa Senhora das Graças, construída em 1991, onde se localiza o túmulo do religioso. O espaço, encravado entre uma comunidade muito carente e o antigo Aeroclube do Recife, tem uma Capela Conventual, dedicada a São Félix, cuja devoção semanal, às sextas feiras, de benção com o óleo sagrado, atrai fiéis da zona sul do Recife, um público formado por pessoas de um alto nível social. No Museu, estão a cama hospitalar, na qual o religioso morreu, o hábito

⁹⁴ Inserimos as duas devoções mais significativas fora do regional Nordeste II, pela importância no cenário religioso.

⁹⁵ Buscamos, nesta descrição dos locais de romaria e devoção a Frei Damião, apreender as impressões de forma objetiva, a representar a elaboração de um retrato, como uma fotografia revelada por meio das palavras.

⁹⁶ Recife: panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/recife/panorama>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

junto com o cordão e as sandálias, além de fotos, diplomas e títulos honoríficos. Outro espaço, à parte, é o rancho dos romeiros, com mesas, bancos e toaletes, onde os fiéis fazem as refeições, repousam e confraternizam-se. O Santuário, modesto, comparando-se às construções colossais de Guarabira e São Joaquim do Monte, tem cumprido um papel de perpetuação da memória e repouso da alma do romeiro que, nele, reconhece o lugar mais sagrado de sua devoção.

As ruas estreitas do bairro costumam ficar preenchidas de comerciantes que oferecem velas, imagens, terços, comidas e uma infinidade de produtos que fazem parte da devoção e da manutenção dos romeiros, nos dias de festa. Para a comunidade local, é um momento de ganhar algum dinheiro para o seu sustento; para o romeiro, a possibilidade de levar uma lembrança da romaria ou cumprir o pagamento de alguma promessa. De toda forma, a questão econômica e as suas implicações sociais, presentes em todos os locais de romaria, tornam-se elementos presentes nos arredores do Convento de São Félix.

A pesquisa científica sobre a religiosidade no espaço sagrado do Convento de São Félix, como citada acima, teve seu desdobramento metodológico desenvolvido a partir dos estudos encampados pela Professora Sylvana Brandão, do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco. Sob sua orientação, em dissertação de Mestrado, de Lêda Cristina Corrêa da Silva, sobre Práticas e Representações Hagiológicas na devoção a Frei Damião, buscou, delimitando o Convento de São Félix, como lugar privilegiado, compreendendo sua historicidade a partir dos gestos dos romeiros no Santuário. O capítulo terceiro de sua dissertação apresenta o Convento de São Félix como Santuário onde há o acesso e o controle dos bens de salvação. O espaço, antes residência de Frei Damião, passou a ser concebido como Santuário, após sua morte. Usando a concepção de Mircea Eliade (1996), compreende-se que se tornou o ponto fixo, o lugar central do mundo onde o romeiro encontra-se com o sagrado. Com olhar interdisciplinar, Lêda Cristina buscou compreender a religiosidade, enquanto campo e *habitus* de tensão interna e externa pelo capital simbólico e a plausibilidade, na perspectiva weberiana, nas práticas religiosas dos romeiros. Assim reconheceu-se que o exercício do romeiro, juntamente com a ação dos capuchinhos, possibilita um espaço de sentido nas suas práticas e nas suas vidas.

Frei Damião tem um perfil propício para ser transformado em mito pelo povo. Missionário extremamente dedicado em suas convicções, carismático, conviveu durante anos com o povo nordestino, que fragilizado, o adotou como símbolo de salvação para seus problemas espirituais e especialmente financeiros. O convento São Félix de Cantalice, onde, se encontra o corpo do Frei é um dos vários ambientes onde se pode constatar a fé, o fanatismo e o amor dedicado ao “Santo milagreiro”. No mês de maio, onde se homenageia o Frei devido a seu aniversário de morte, pode-se observar a grande

concentração de romeiros com objetivo comum de interceder junto ao Santo Frei Damião seus pedidos de orações, povo simples humilde, fiel em suas crenças (CRISTO LIMA, 2005, p. 09).

Este local será abordado, novamente, nesta tese, quando trataremos da morte do religioso.

Memorial Frei Damião (Canafístula – AL)

A devoção a Frei Damião, em Canafístula, distrito de Palmeira dos Índios, Alagoas, tem algumas peculiaridades. No povoado, as homenagens a Frei Damião acontecem sempre no último final de semana de maio, recordando a sua morte e, no primeiro final de semana de novembro, celebrando seu nascimento. Tendo recebido a visita do religioso, por várias vezes, as romarias, procissões e devoções, que já faziam parte da tradição do povo local, intensificaram-se, ao longo dos vinte anos que se passaram de sua morte. A agricultora Maria José dos Santos, de 79 anos, residente em Teotônio Vilela -AL, traz à memória o encontro com o Frei, ainda na infância, afirmando à reportagem da Agência Alagoas de Notícias: “Lembro dele quando eu ainda era criança lá em Olivença. Naquele ano, estava uma seca muito grande no Sertão e só com a presença dele as nuvens ficaram carregadas e choveu [...] Eu já perdi a quantidade de vezes em que estive aqui em Canafístula de Frei Damião. Só para Juazeiro do Padre Cícero já viajei 56 vezes. Teve ano de eu ir quatro vezes” (AGÊNCIA ALAGOAS, 2017).

Em outubro de 1936, Frei Damião hospedou-se na casa do Sr José Vitorino da Rocha e fez sua primeira missão em Canafístula (TRIBUNA DO SERTÃO, 2016). Segundo a tradição, o frade teria abençoado uma fonte que atrai um grande número de fiéis, cumprindo o ritual de se banhar e levar dessa água milagrosa para casa, fazendo uso, especialmente, para a cura de enfermidades.



Figura 19 – Devotos banham-se e recolhem água da fonte abençoada por Frei Damião – Canafístula, AL.
Fonte: tribunadosertão.com.br

A tradição das abluções vem acompanhada do relato do zelador Claudionor Ferro Cabral: "Frei Damião benzeu a água desse poço em 1993. Ela era salobra e virou água doce, depois disso. A água vem para essa caixa d'água, é filtrada e sai aí nas pedras. Eu posso abrir e fechar, veja só. E, aqui nessas torneiras, você pode beber água benta geladinha" (AGÊNCIA ALAGOAS, 2017).

No local está sediada a Associação Frei Damião, como pessoa jurídica, que administra o Memorial e é presidida pelo ex-deputado Antônio Ferreira. Os sacerdotes, que celebram missas e confessam os fiéis, são contratados pelo proprietário do memorial, que é responsável por toda a questão financeira. A cada ano, é erguida uma grande estrutura, em parceria com a Prefeitura de Palmeira dos Índios, que disponibiliza equipes de limpeza urbana, guardas de trânsito, SAMU, polícia militar e posto médico. O Memorial de Frei Damião acolhe mais de 70 mil romeiros em apenas um final de semana de festa. Entre imagens do ex-deputado com Frei Damião e mensagens de saudação aos romeiros, o terreno está repleto de referências ao político. "Mas o deputado não pede voto a ninguém que vem aqui, não. Ele respeita muito a fé dos romeiros", afirma o zelador.

Santuário de Frei Damião (Souza – PB)

O local denominado "Serrote da Bênção de Deus", ponto mais alto da cidade de Souza, na Paraíba, distante três quilômetros da cidade, foi escolhido para a edificação da estátua de Frei Damião, que tem 6,5 metros de altura. Sua edificação data de 1976, e o próprio Frei

Damião esteve por ocasião da colocação da pedra fundamental e da sua inauguração. A imagem branca, sob um pedestal preto, traz um Frei Damião encurvado, com a mão esquerda no peito e a direita estendida, em gesto de bênção.

Todos os domingos, às 06h da manhã, um grande número de fiéis sobe o Serrote para a oração do terço, louvações e agradecimentos. No último domingo de cada mês, conduzidos pelo Padre Francisco Milton, centenas de romeiros dirigem-se, às 04h da madrugada, quando ainda está escuro, para fazer a caminhada até o alto onde fica a imagem. A culminância da caminhada dá-se com celebração da Missa, aos pés da imagem. No último domingo de maio, sempre às 04h da manhã, milhares de fiéis fazem a caminhada, partindo da Igreja de São João Batista até a imagem, onde é celebrada uma missa, pelo Bispo da Diocese de Cajazeiras, à qual pertence a Paróquia onde se situa a imagem.



Figura 20 – Missa presidida pelo bispo de Cajazeiras-PB, Dom Francisco de Sales, no dia 29 de maio de 2018.

Fonte: PASCOM – Diocese de Cajazeiras-PB

O terreno rural particular e, em espólio, encontra-se em processo de desapropriação. Os trâmites legais são feitos entre a Prefeitura de Sousa e a Sociedade Apostólica Frei Damião de Bozzano, fundada em 2003, por um grupo de romeiros, com o intuito de recolher fundos para a construção de uma Igreja, em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. Com um acesso feito pela estrada PB 383, asfaltada, a infraestrutura do local é precária: alguns postes de energia, uma pequena cruz, em cuja base acendem-se as velas e um grande pátio descampado. A manutenção do espaço é feita por esse grupo de devotos da Sociedade Apostólica, que é acompanhado pelo Padre Francisco Milton.

Os membros da Sociedade Apostólica e muitos romeiros veem, no espaço, o potencial de crescimento religioso e econômico para a cidade. O romeiro Flávio Moreira Batista, em entrevista à reportagem do Diário do Sertão, de junho de 2016, afirmou:

Aqui precisa ser mais visto com bons olhos pelas pessoas, principalmente pelos governantes, que isso aqui é um lugar sagrado que a cidade de Sousa tem, mas, infelizmente, não valoriza. Precisava de muito mais coisa aqui, porque Frei Damião pra gente, ele é um santo. E ninguém faz um investimento, ninguém dá uma palavra, ninguém faz nada. Enquanto isso gasta milhões e milhões com o Vale dos Dinossauros, que é uma coisa de milhares e milhares de anos, que falam que existiu aí. Pra gente hoje é importante, hoje, é um santo que é Frei Damião e todo mundo sabe que isso aqui geraria emprego para as pessoas, empreendimentos que iriam gerar alguma coisa na cidade. Nas outras cidades não tem? Guarabira tem uma estátua lá que os próprios da gente aqui que frequentam o terço foram lá e visitaram e disse que é a coisa mais linda do mundo. Porque essa daqui não pode ser mais linda ainda? Que é da nossa terra, de Sousa, só precisa as pessoas darem valor. Quando diz, tem uma festa aí é multidões e mais multidões de gente bebendo, fazendo e acontecendo, aí quando é um santuário as pessoas ficam se esquivando de vir... porque primeiramente a gente tem que ter Deus no coração né? Depois vem as outras coisas⁹⁷.

Como se percebe, a comparação do espaço de Sousa com o santuário de Guarabira revela o orgulho do nordestino em erguer monumentos aos seus ícones religiosos. Diante dos investimentos governamentais, na manutenção da estrutura de equipamentos para a pesquisa científica no Vale dos Dinossauros⁹⁸, que está situado no município de Sousa, e tem sido espaço de observação pelas universidades do Brasil e de outros países, os romeiros, na simplicidade, no carinho e na devoção, mas, ao mesmo tempo na limitação de perceber a importância do vale para a ciência, reclamam da falta de investimentos do poder público para o espaço onde está a estátua, comparando os dois pontos importantes do município.

Memorial Santuário de Frei Damião (Guarabira – PB)

A devoção a Frei Damião na Paraíba, ganhou relevância a partir das romarias de Frei Damião, criadas pelo Monsenhor Nicodemos. Iniciadas no ano da morte do religioso,

⁹⁷ Milagres! Fiéis narram cura de doenças graves por Frei Damião em Sousa. Disponível em: <<https://www.diariodosertao.com.br/noticias/132883/milagres-fieis-narram-cura-de-doencas-na-estatua-de-frei-damiao-mas-afirmam-que-local-esta-abandonado-ninguem-faz-nada.html>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

⁹⁸ Parque Monumento Natural Vale dos Dinossauros é uma Unidade de Conservação, foi criada através do Decreto Estadual nº 23.832 de 27 de dezembro de 2002. O Monumento Natural Vale dos Dinossauros localiza-se na microrregião da depressão do Alto Piranhas, no Município de Sousa, com uma superfície aproximada de 40 ha e um perímetro de 3.999,36 m, distando 7 km da sede do município. É um dos mais importantes sítios paleontológicos do mundo, contando com mais de 50 tipos de pegadas de animais pré-históricos. (SIQUEIRA, 2011, p. 12)

tiveram sua culminância com a construção do memorial Santuário de Frei Damião. A cidade de Guarabira, com uma população de 58.492⁹⁹ pessoas, segundo dados do IBGE, no ano de 2018, está situada a 98 km de João Pessoa, capital do estado da Paraíba, na microrregião do Brejo Paraibano e é conhecida como Rainha do Brejo.

Idealizado pelo Monsenhor Nicodemos, o Memorial foi construído em uma parceria entre a diocese de Guarabira, a Paróquia local, a Prefeitura Municipal e o Governo do estado da Paraíba. O início das obras do memorial a Frei Damião deu-se no ano 2000, sendo concluída em 2004. Segundo dados da Prefeitura de Guarabira¹⁰⁰, no dia da sua inauguração, cerca de de 80 mil pessoas circularam entre a Cidade e o Memorial, situado na Serra da Jurema, a mais imponente da cidade, com 370 metros de altitude. No ano de 2007, Dom Jaime Vieira da Rocha decretou o local como Santuário.

Tendo uma imagem de Frei Damião com, aproximadamente, 34 metros de altura e um museu sobre a vida do frade, no caminho de acesso ao Santuário, os visitantes ainda passam pela via-sacra e pelo cruzeiro. O Santuário atrai turistas de vários locais do Nordeste e de todo o Brasil, e é a terceira maior estátua católica do Brasil, perdendo somente para o Cristo Redentor e para a imagem de Santa Rita de Cássia, no Rio Grande do Norte, que a maior estátua católica do mundo.

A localização de Guarabira, em proximidade a Solânea, tendo como plano de fundo dois importantes ícones do Conselheirismo do Nordeste, fez surgir, a partir da inspiração nos caminhos de Santiago de Compostela, os Caminhos de Padre Ibiapina, que buscam resgatar os lugares em que o padre mestre passou, durante suas andanças no Nordeste, entre 1856 e 1863. Todas as rotas partem do Memorial Santuário de Frei Damião até o Santuário de Padre Ibiapina, em Solânea, lugar onde o padre foi sepultado.

⁹⁹ Guarabira: panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/guarabira/panorama>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

¹⁰⁰ Memorial Frei Damião. Disponível em: <<http://www.guarabira.pb.gov.br/memorialfreidamiao/>>. Acesso em: 12 dez. 2018.



Figura 21 - 30° Romaria de Frei Damiano em 2017 – Guarabira/PB
Fonte: Diocese de Guarabira

José Honório das Flores Filho pesquisou sobre a devoção no Memorial Santuário de Frei Damiano de Guarabira, fazendo uma leitura a partir dos valores materiais e espirituais ali encontrados. Na sua dissertação de Mestrado, em Ciências das Religiões, pela Universidade Federal da Paraíba, partiu da percepção do encontro entre o Catolicismo Popular com o Turismo Religioso. Assim reconheceu a comunicação entre a tradição das práticas do catolicismo tradicional com as novas tecnologias de massa para a difusão da fé. Nesse aspecto, a multidão de romeiros que acorrem ao Santuário, ao longo desses mais de trinta anos, torna concreto o encontro da modernidade secular com os valores tradicionais e culturais. Apresenta a importância do Santuário de Guarabira como centro religioso de romarias e lugar onde os fiéis vão em busca da resolução de seus problemas ou agradecer ao que atribuem como milagre de Frei Damiano.

O fenômeno das peregrinações é presente já entre os nômades. A Igreja católica tem diversos locais que atraem peregrinações. A romaria marca para o romeiro o divisor de águas no seu ano. Para ela ele prepara-se, poupando recursos. A romaria é um momento educativo, onde os mais veteranos transmitem aos novatos, a partir da vivência dos rituais, o sentido a ser dado aos diferentes espaços (PINHEIRO, 2009, p. 12).

Depois da pesquisa acima mencionada, encontramos, em 2015, trabalhos como o de Luan Augusto da Silva, pelo Departamento de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, o qual tratou sobre o Desenvolvimento do Turismo Religioso, na cidade de Guarabira, considerando a importância do Santuário de Frei Damiano para a geração de empregos, na região, e o desenvolvimento regional. Pela mesma universidade, Rodinelle dos Santos Fernandes, graduanda em História, pesquisando sobre o uso da imagem de Frei Damiano, pelo comércio de Guarabira e a sua influência a partir da tradição inventada, critica o uso da imagem de Frei

Damião pela política local e a inserção de verbas públicas na construção do Santuário, de forma que, segundo seu parecer, os maiores beneficiados, pelo uso da imagem do religioso capuchinho, são os políticos, empresários e comerciantes, em vista de seus projetos socioeconômicos pessoais. Dos Santuários dedicados a Frei Damião, Guarabira equipara-se ao Convento de São Félix, no aspecto de interesse dos pesquisadores dedicados a compreender a devoção e seus tentáculos cultural, social, geográfico, econômico e religioso.

Santuário de Frei Damião (São Joaquim do Monte)

O ano de 2018 marcou a 25ª Romaria de Frei Damião, em São Joaquim do Monte. Localizada no Agreste de Pernambuco, distante 134 km do Recife, a cidade tem uma população estimada em 21.314¹⁰¹ habitantes, segundo dados do IBGE. Pacata, na sua rotina diária, a cidade multiplica o número de pessoas, chegando a 350 mil, durante o período da romaria. Principiada em 1993, por iniciativa do Pe Pedro Antônio Filho, Pe Pedro das romarias, como ficou conhecido, a romaria teve a sua primeira edição com a presença do próprio Frei Damião, em uma das suas últimas missões na região. Pe Pedro revela as motivações da criação da romaria:

Desde criança, eu viajava com meu pai para Juazeiro do Norte, em Romarias, para visitar o Pe.Cícero Romão Batista. Daí fui crescendo, participando desse ritual de fé. Depois de ordenado, continuo com o mesmo desejo de estar no meio do povo mais humilde que caminha guiado pela fé. Foi quando surgiu a ideia no Juazeiro de convidar Frei Damião, para realizar missões em São Joaquim. No ano de 1993, realizamos a primeira Romaria, juntamente com ele¹⁰².

O evento, de acordo com a organização da festa, movimenta em torno de 1 milhão de reais, aquecendo o comércio local. Mais de 150 mil romeiros passam pela cidade, em três dias de festa. Segundo o próprio Pe Pedro, a romaria transforma a vida do povo de São Joaquim do Monte, em sua rotina cotidiana e nas questões financeiras e de oportunidade de emprego temporário.

O período da festa, que atrai romeiros de toda a região e de estados vizinhos, tem uma programação extensa, com confissões na Igreja Matriz, caminhada penitencial, saindo da cidade de Camocim de São Félix até a Matriz de São Joaquim do Monte, em um percurso de, aproximadamente, 14 km. Com uma infraestrutura, que une o poder público municipal, estadual e uma comissão da própria paróquia de São Joaquim, o evento conta com centenas de

¹⁰¹ São Joaquim do Monte: Panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/sao-joaquim-do-monte/panorama>>. Acesso em: 12 dez. de 2018.

¹⁰² Idem.

comerciantes cadastrados, além dos que se espalham pelos caminhos que levam ao Alto do Cruzeiro, a 500 metros acima do nível do mar, onde está a grande imagem do Capuchinho. Aos pés do Cruzeiro, a marca dos pés de Frei Damião, em baixo relevo; uma imagem, com mais de dois metros, da Nossa Senhora de Fátima; um nicho com a imagem do Pe Cícero; uma capela, muito simples, com uma pintura, retratando o Cristo e Frei Damião; uma pequena sala de ex-votos e, logo em frente, a imagem voltada para a cidade de São Joaquim do Monte, medindo 10 metros.



Figura 22 - Romaria de Camocim de São Félix até São Joaquim do Monte e Imagem do artista Caxiado.
Fonte: portalsaojoaquim.blogspot.com

Aspectos da romaria, em São Joaquim do Monte, já foram analisados por alguns pesquisadores, dos quais destacamos: Heleno José Vieira, que dissertou sobre o tema “Religiosidade Popular , espaço-tempo reconciliador, aspectos subjetivos da peregrinação”, onde lança um olhar sobre a Romaria de Frei Damião, em São Joaquim do Monte, e busca fundamentar a sua pesquisa nas contribuições de Geertz e de Garcia Cancline, a partir da concepção de que, no caso de São Joaquim do Monte, “a cultura popular é um contexto , dentro

do qual as formas de religiosidade podem ser descritas de forma inteligível – isto é, descrita com intensidade” (VIEIRA, 2011, p.6). Assim analisa a cultura popular como uma cultura híbrida que se apresenta como fonte privilegiada de reconciliação.

Caminhada de Frei Damião (Gravatá – PE)

Emblemática, quando se trata da figura de Frei Damião, no Nordeste do Brasil, Gravatá é a cidade de sua primeira missão e de muitas outras que se sucederam, aos longos de 60 anos de vida missionária. Muitos dos relatos miraculosos e espetaculares de Frei Damião costumam ser propagados como tendo sido realizados em Gravatá. É fato que os católicos da cidade têm uma devoção especial por Frei Damião. Preservam a capela de São Miguel e a casa do Riacho do Mel e, anualmente, celebram a festa em honra de Frei Damião.

Sempre, no último domingo de maio, uma multidão de 20 mil fiéis parte da Igreja Matriz de Sant’Ana, no centro da cidade, em procissão, para o lugar sagrado, onde o missionário deu seus primeiros passos e proferiu as primeiras palavras, para um grande número de fiéis, em terras brasileiras. Depois de sua morte, em 1997, a cada ano, no mês de maio, a paróquia local, em parceria com a prefeitura, oferece uma estrutura de palco, carros de som, banheiros químicos, som, barracas e shows com grupos locais. No ano de 2017, durante as comemorações dos 20 anos de morte do religioso, a celebração final da caminhada foi presidida pelo Frei Jociel Gomes e concelebrada por padres diocesanos e frades capuchinhos italianos, que vieram ao Brasil, para acompanhar o processo de beatificação de Frei Damião de Bozzano.

Memorial de Frei Damião (Belo Jardim – PE)

O memorial de Frei Damião está localizado na Vila Volta do Rio, zona rural, há 12 km de Belo Jardim, no Agreste Setentrional de Pernambuco. Suas obras foram iniciadas em 2008, por iniciativa de Geová Francisco, um empresário devoto do Capuchinho. O memorial conta, atualmente, com duas estátuas do frade, uma com 4m e outra com, aproximadamente, 5,5m de altura, no alto do morro, próximo à entrada da vila. Na entrada principal, inicia-se a subida com 80 degraus e uma rampa para idosos e pessoas com necessidades especiais. Na parte baixa, junto à entrada, há um conjunto de lojas e outros pontos comerciais, além de uma área para acolher os romeiros e visitantes que chegam ao local. A estrutura conta, ainda, com sanitários femininos e masculinos e sala para mulheres gestantes e crianças de colo.



Figura 23 - Memorial de Frei Damião, visita de Frei Fernando Rossi, Belo Jardim-PE
Fonte: <http://memorialfreidamiaobj.com.br>

A festa do Memorial Frei Damião está inserida no calendário religioso da região Agreste. Mesmo sendo um santuário particular, tem recebido o apoio do padre da Paróquia de Nossa Senhora do Bom Conselho, à qual pertence. Na programação, está inserida a Caminhada da Paz, a Missa do Chapéu, onde os romeiros usam o chapéu de palha, Encontro com Jovens, Momentos de Louvor, aos moldes da Renovação Carismática. Percebe-se uma bricolagem de elementos de religião tradicional, movimentos carismáticos e o forte apelo comercial para a manutenção da obra.

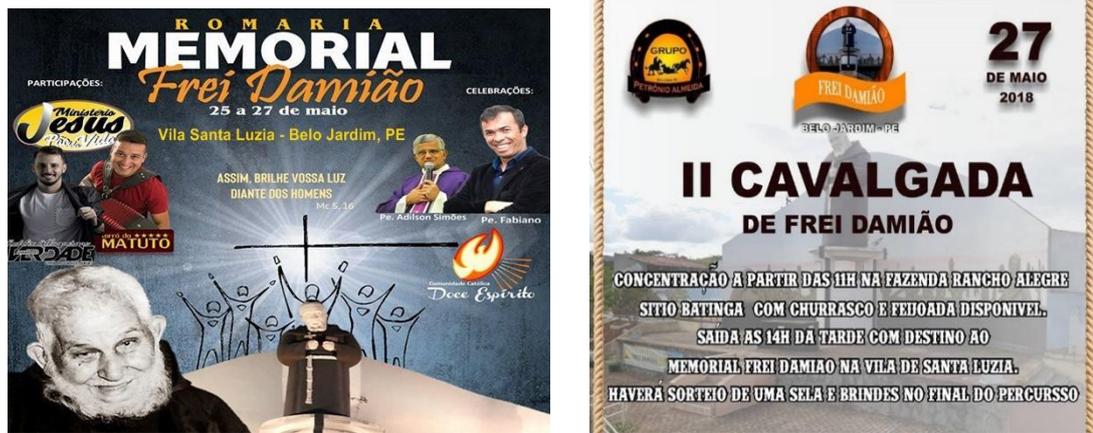


Figura 24 - Cartazes da romaria e cavalcada 2018
 Fonte: seligabelojardim.com.br

A transição e a mistura do sagrado com o profano é perceptível no folder distribuído pela região, apresentando várias atrações, durante os dias do evento, como parque de diversões, exposição, feira de artesanato, quermesse, cavalcada, churrasco, feijoada e uma infinidade de barracas de comidas, à disposição dos devotos. Acontecem Missas, celebradas por padres conhecidos na região, e shows, com cantores e grupos populares que fazem parte do atrativo da festa, que cresce, a cada ano, e que, de algum modo, aquece a economia da região, especialmente, no mês de maio, quando se realiza a festa anual.

Uma característica peculiar do Memorial de Belo Jardim é a questão dos bens materiais e espirituais. Os padres são contratados para prestarem serviço de atendimento de confissões, darem bênçãos e celebrarem missas. Toda a organização e gerenciamento dos bens materiais, como coleta das missas, recolhimento dos donativos nos cofres, aluguel de espaços para barracas, patrocínios de empresários, patrocínio da Prefeitura, doações espontâneas e todos os recursos financeiros recolhidos, ficam por conta da família proprietária do Memorial, que se encarrega da manutenção geral e ampliação do patrimônio, sem interferência da Igreja Católica.

Santuário de Frei Damião (Caruaru – PE)

Na cidade de Caruaru, os frades Capuchinhos estabeleceram-se desde a década de 1950. Distante 120 km da capital, Recife, a cidade conta, até o ano de 2018, com 356.872 (IBGE/cidades) habitantes, segundo dados do IBGE. Grande centro de comércio atacadista e varejista, ficou conhecida, nacionalmente, como a Capital do Forró e portadora da maior feira ao ar livre do Nordeste. Em dias atuais, destaca-se como um dos polos de comércio de roupas populares.

O Convento dos Capuchinhos, situado à Praça Dom Vital, s/n, no bairro Divinópolis, sempre foi um dos pontos de passagem e descanso de Frei Damião de Bozzano. Já nos referimos ao Seminário Seráfico, mantido por Frei Damião, neste convento, de onde floresceram várias vocações sacerdotais e religiosas, dentre as quais destacamos o atual Arcebispo de Vitória da Conquista, Dom Luíz Gonzaga Silva Pepeu, natural de Caruaru, que ingressou nesse seminário aos 12 anos, permanecendo na Ordem Capuchinha, tornando-se provincial e, atualmente, apascentando uma província eclesiástica na Bahia.

No ano de 2011, os frades Capuchinhos receberam, como doação, de uma fiel de Caruaru, um terreno com quarenta hectares, destinados à instalação do Santuário de Frei Damião, no Sítio Jurití, às margens da BR 104. Com projeto arquitetônico elaborado pelo Arquiteto Padre Silvano Onofre Amorim, neste local está sendo construída uma Igreja, com um grande pátio, um convento, abrigo para romeiros, uma via-sacra externa, jardins, estacionamento, com capacidade para dois mil ônibus e veículos menores, e demais equipamentos necessários à condução e administração do complexo de todo o Santuário.

Atualmente, no local, encontra-se uma imagem de Frei Damião, com cerca de três metros. Ela será substituída por uma estátua definitiva, de trinta metros, de autoria do artista plástico Caxiado, e que já tem seu protótipo à mostra para os visitantes do Convento dos Capuchinhos de Caruaru. Certamente, o maior atrativo para os romeiros, no santuário que está em construção, será o traslado dos restos mortais de Frei Damião para o seu interior. Situada, estrategicamente, na confluência da BR 232, que corta o estado de Pernambuco de Leste a Oeste, com a BR 104, que corta, transversalmente, ligando a Paraíba ao estado de Alagoas, a rodovia, onde está localizado o terreno do santuário, também está na rota do comércio popular de roupas, como o Polo Comercial de Caruaru e as cidades de Toritama e Santa Cruz do Capibaribe, para onde afluem milhares de pessoas, por conta do baixo custo de roupas, especialmente jeans, vendidos em grosso, para todo o país, e, em varejo, para as caravanas que se deslocam, semanalmente, em ônibus lotados de compradores. Nesse sentido, o santuário estaria mais próximo dos romeiros e do povo mais simples, que acessam melhor uma cidade do agreste do que uma metrópole como é a cidade do Recife, onde, atualmente, repousam os restos mortais do frade.

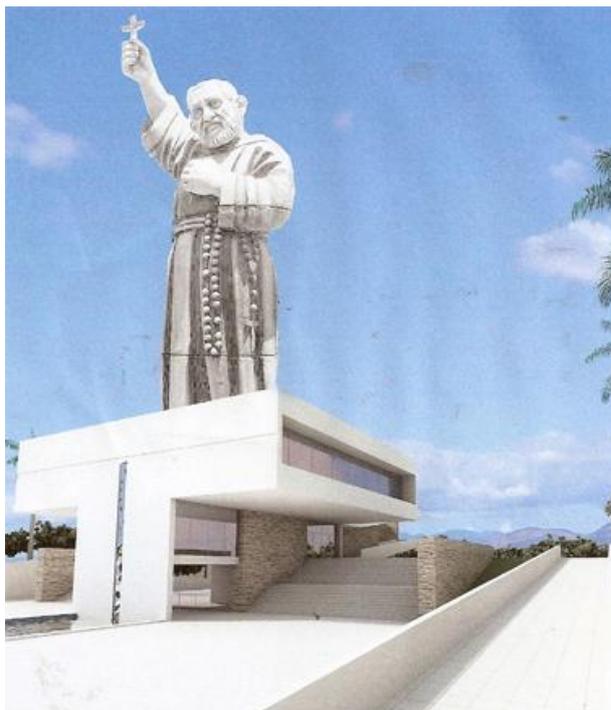


Figura 25 - Projeto do Santuário de Frei Damiano em Caruaru com imagem de 40 metros
Fonte: Província Capuchinha do Nordeste

Semanalmente, na Hora da Graça, celebrada nas terças feiras, ao meio dia, conduzida pelo Frei Lopes, cujo carisma de oração e cura é reconhecido na região, muitos romeiros da cidade de Caruaru e de cidades próximas lotam a Igreja do Convento dos Capuchinhos, com gestos, cantos e vivas, em louvor ao Padrinho Damiano. A cada terceiro domingo do mês, sempre às 06h da manhã, centenas de devotos de Frei Damiano fazem uma romaria de 10 km, do Convento até o local do Santuário, onde é celebrada uma missa, e os romeiros recebem a bênção e fazem suas orações diante da imagem do Capuchinho. A cada ano, no mês de maio, o número de fiéis tem se tornado cada vez maior, chegando aos milhares. Os religiosos têm registrado a presença de romeiros das cidades circunvizinhas e, até, de estados mais próximos. O Frei Jociel Gomes, Vice-Postulador do processo de canonização de Frei Damiano reside no convento de Caruaru, onde assume a função de Reitor do Santuário e animador das romarias.

Memorial de Frei Damiano (Ouricuri – PE)

Em Ouricuri, logo após a morte de Frei Damiano, deu-se início a uma devoção popular, na praça que recebeu o nome e tem uma imagem do Capuchinho. Os Frades Capuchinhos, com residência na cidade de Ouricuri, desde o ano 2000, onde assumem trabalho

pastoral, na paróquia de São Sebastião, já haviam sido precedidos por Frei Damião, por ocasião das Santas Missões. Como em todas as localidades de grande ou pequeno porte, o religioso sempre teve seu séquito de seguidores. A chegada dos irmãos de hábitos brasileiros, que instalaram uma casa de formação para postulantes, suscitou, no povo, uma expectativa positiva, que culminou na estruturação da devoção em termos de celebrações regulares.

Em Ouricuri, ainda que a devoção a Frei Damião já estivesse latente, na população católica local, foi a iniciativa dos frades capuchinhos, com a implantação da missa mensal, que levou à construção do Memorial de Frei Damião. Em parceria com a Prefeitura de Ouricuri, que doou o terreno e preparou a infraestrutura de estrada, a eletrificação e a terraplanagem, os frades capuchinhos e a comunidade ergueram uma casa, onde fica o Memorial e um Cruzeiro.

Como espaço de interseção, entre o profano e o religioso, no intuito de recolher recursos para a construção do memorial, assim como acontece em outros santuários, cantores da música popular brasileira fazem shows, durante o período de festa. No ano de 2017, uma das principais atrações foi a cantora carioca Joana.



Figura 26 - Cartaz da Festa de Frei Damião 2018. Ouricuri,PE.

Fonte: PRONEB

No entendimento dos frades capuchinhos, o Memorial está sendo construído como resposta ao apelo dos devotos do Sertão do Araripe. Um fator importante, para a construção do Memorial, é a proximidade do Juazeiro do Norte e o fato de Ouricuri está no entroncamento das BRs 232, que corta o estado de Pernambuco de leste a oeste, e a BR 316, de norte a sul. A

situação geográfica faz de Ouricuri uma cidade de 68.939 habitantes¹⁰³, segundo dados do IBGE, em 2018. É um lugar privilegiado, de fácil acesso aos romeiros de toda a região, sejam vindos do Ceará, do Piauí e da Bahia.

Santuário de Frei Damião (São Miguel – RN)

Na diocese de Mossoró, no Rio Grande do Norte, uma região com grande destaque na produção nacional de petróleo, do sal e de frutas, encontramos a cidade de São Miguel, distante 444 km de Natal. Um município de 23.380 habitantes, segundo dados do IBGE,¹⁰⁴ em 2018. Sempre recebeu a visita de Frei Damião para as Santas Missões. Na última vez em que esteve na cidade, foi erguido um cruzeiro na praça que fica em frente ao cemitério. Nesse local, desde 1997, ano da morte de Frei Damião, mensalmente, no último dia do mês, mais de mil pessoas dirigem-se ao local, para a missa votiva. Na festa do padroeiro da cidade, em setembro, o encerramento das comemorações acontece com uma procissão luminosa, que vai da Matriz até o Cruzeiro, em honra ao religioso. Para a comunidade local, é a culminância dos festejos a São Miguel e a Frei Damião, cujas devoções encontram-se na cultura popular.

Em setembro de 2016, o engenheiro Bruno Freitas apresentou um projeto do Santuário de Frei Damião, que está sendo construído em um terreno na comunidade da Vila Nossa Senhora de Guadalupe, doado por uma família local, devota do Missionário Capuchinho. Na colocação da pedra fundamental da construção, dentre os presentes, encontrava-se Frei Jociel Gomes, vice postulador da causa de beatificação de Frei Damião, que levou do terreno próximo ao túmulo do religioso, uma pedra que foi fincada como pedra angular da obra. Com a obra concluída, cuja capacidade será de acolher dez mil romeiros, a Paróquia local, a Diocese e a Prefeitura de São Miguel desejam tornar a cidade, que tem um potencial turístico religioso, uma referência para os romeiros da região do alto oeste do Rio Grande do Norte.

¹⁰³ Brasil, Pernambuco, Ouricuri. <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/ouricuri/panorama>>. Acesso em: 12 de Dez. 2018.

¹⁰⁴ São Miguel: panorama. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/sao-miguel/panorama>>. Acesso em: 11 dez. 2018.



Figura 27 - Projeto e obras do Memorial Frei Damião em São Miguel – RN
Fonte: <http://www.diocesedemossoro.com/2016/07/parouquia-de-sao-miguel-arcujo-inicia.html>

Santuário de Frei Damião (Venha Ver – RN)

Esse Santuário está localizado na região do Alto Oeste Potiguar, na Microrregião da Serra de São Miguel. Venha Ver é um município novo, criado em 1997, ano da morte de Frei Damião. Localizado a 463 km de Natal. Tem, em seu município, o marco das Três Fronteiras, onde se encontram o Rio Grande do Norte, a Paraíba e o Ceará. Além desse local de visitação turística, encontra-se o Santuário de Frei Damião, onde o turismo religioso é bastante vigoroso e, desde 2013, atrai um número expressivo de fiéis, durante o período da romaria, sempre no mês de maio.



Figuras 28 – Imagem de Frei Damião em Venha Ver – RN
Fonte: Luciano Oliveira

Uma peculiaridade desse Santuário é que a devoção anual iniciou-se com uma carreata do Santuário de Frei Damião, em São Miguel, até o Santuário em Venha Ver. A distância de 20 km foi percorrida por carros e muitas motos, que fizeram o percurso acompanhado de carro de som. No segundo ano, a romaria passou a ser feita a pé, de bicicletas e com muita louvação, em honra do religioso. Chegando ao alto, onde se encontra a imagem do Capuchinho, é celebrada uma Missa para os fiéis, depois, reza-se o terço e, no final, todos recebem a bênção do Santíssimo Sacramento, para que os milhares de fiéis sejam despedidos na expectativa de voltar no ano seguinte. Como nos demais locais de devoção, o comércio e os shows, com grupos regionais, compõem o aspecto festivo da romaria.

Convento dos Capuchinhos (Juazeiro do Norte – CE)

A devoção a Frei Damião, no Juazeiro do Norte, existe há mais de cinquenta anos. Desde o ano de 1936, Frei Damião frequentou o Juazeiro regularmente. Com uma população, segundo o IBGE, de 271.926 habitantes (IBGE/cidades), no ano de 2018, tem esse número aumentado significativamente, nas datas em que se celebra o Padre Cícero, tais como 02 de fevereiro e 02 de novembro. Na cidade, está o Santuário de São Francisco, situado à Praça Monsenhor Joviniano Barreto, s/n, no bairro Franciscanos. O local, conhecido como Igreja dos Capuchinhos e a Praça das Almas, com capacidade para acolher 30 mil fiéis, é cercada por uma passarela suspensa, denominada Passeio das Almas, sustentada por mais de uma centena de colunas, possibilitando, ao visitante, uma belíssima vista panorâmica do Santuário e de diversos

pontos da cidade. O complexo do Santuário é composto por uma escola, uma pousada, um abrigo para idosos, um convento, uma gruta, dois salões de reuniões e a passarela que circunda a praça, que tem, em seu teto, painéis que retratam os mistérios do Rosário e da Via-sacra. Ao chegar ou ao sair do Juazeiro, carros e ônibus dão três voltas ao redor da imagem de São Francisco, que se encontra no meio da praça, buzinando, agradecendo e pedindo graças. Nesse convento da Ordem Capuchinha, pertencente à Província de São Francisco das Chagas, formada pelos estados do Ceará e Piauí, Frei Damião ficava hospedado, quando se dirigia ao Juazeiro.

No Santuário dos Capuchinhos, onde Frei Damião de Bozzano, por incontáveis anos, confessava, desde a madrugada, quando ali se hospedava, e pregava à noite para uma praça lotada de fiéis, atribui-se ao religioso a Hora da Graça, um momento de adoração ao Santíssimo Sacramento, com cantos de louvor e petições que reúne, nos dias atuais, centenas de pessoas, sendo conduzida pelo Frei Barbosa que, com um carisma missionário, mantém viva as devoções ao padre Cícero e a Frei Damião, aos quais oferece rogos e vivas durante a celebração semanal.

Outras devoções

São incontáveis as praças, os bairros e as ruas que recebem o nome de Frei Damião de Bozzano por todo o Nordeste. Em casas, praças, ruas, igrejas, pelo rádio, pela internet e nas orações solitárias dos católicos da região, são inúmeras as expressões de confiança e de devoção do povo. Cada cidade do litoral, do agreste ou do sertão interpreta e alimenta a devoção ao seu modo. Mensalmente, muitas praças e espaços, dedicados a Frei Damião, onde, na maioria das vezes, está uma imagem do religioso, torna-se ponto de encontro dos devotos, para afirmar e alimentar a fé. Destacamos as devoções que crescem e juntam, a cada mês, mais fiéis, em cidades tais como Cajazeiras, na Paraíba, onde foi construída uma praça, no Loteamento Soledade, que acolhe centenas de fiéis a cada mês; na cidade de Capoeiras, em Pernambuco, há um monumento com uma estátua que fica há um quilômetro da cidade, para onde se faz, anualmente, uma grande romaria; na cidade do Rio de Janeiro, RJ, os capuchinhos, mensalmente, celebram a memória de Frei Damião, com devotos de toda a região que acorrem à Igreja de S. Sebastião, onde, no final da celebração, dirigem-se para a imagem do religioso, no jardim do convento, onde fazem seus pedidos e agradecimentos; em São Paulo, SP, o Centro de Tradições Nordestinas tem uma estátua do religioso, uma capela com a imagem do frei, no leito de morte, e um recanto para romeiros.



Figura 29 - Procissão e colocação da pedra fundamental na primeira romaria de Frei Damião em Taquaritinga do Norte, PE.

Fonte: www.pemais.com

No ano de 2018, enquanto se celebravam os 21 anos da morte de Frei Damião, o Padre Pedro das romarias vivenciou, em Taquaritinga do Norte, Pernambuco, a primeira romaria de Frei Damião na cidade. Idealizador e executor das primeiras romarias, em São Joaquim do Monte, o Padre Pedro iniciou a romaria de Taquaritinga aos moldes das missões de Frei Damião, com Caminhada ao amanhecer, Ofício de Nossa Senhora e Missa para os romeiros. Ao cair da tarde, o ponto alto da festa, com a Procissão pelas ruas da Cidade até o Morro do Cruzeiro, onde foi colocada a pedra fundamental para a construção de uma estátua de Frei Damião.

3.4. Controvérsias em torno de Frei Damião: Os impasses entre a religião oficial e o Catolicismo Popular

Talvez, um dos pontos mais nevrálgicos e turbulentos da vida de Frei Damião, no Brasil, deu-se na virada reformista da Igreja Católica, em virtude do Concílio Vaticano II. Nesse período de mudanças significativas, na história ocidental e no interior da Igreja, a abertura aos tempos novos e, ao mesmo tempo, uma resistência por parte do clero, no desejo de manutenção das tradições antigas, gerou uma profunda crise. Nem Igreja do Brasil e, muito menos, a Igreja do Nordeste, ficaram isentas dos ventos de mudança e, concomitantemente, da crise que se instalou desde a hierarquia até o povo católico. Nesse contexto, a figura de Frei Damião de Bozzano tornou-se emblemática, por conta de seu carisma e de sua posição tradicional perante os ventos conciliares. No Nordeste, de forte religiosidade Católica, qualquer posição em relação à manutenção do *status quo* do catolicismo tridentino ou a acolhida das novas determinações conciliares, por parte dos membros da Igreja, não seria acolhida tão suavemente pela maioria dos fiéis. Nos dias atuais, após cinquenta anos do Vaticano II, tempos de revanche do

sagrado¹⁰⁵, a tensão entre os modelos de igreja resiste nos conceitos e práticas revisitados e vivenciados, como se vivêssemos em uma sociedade medieval. Por outro lado, ainda resiste e persiste um *modus vivendi* de retorno ao Evangelho, na opção pelos pobres, cujo ícone é reconhecido na pessoa do Papa Francisco.

3.4.1. Tradicional x Libertadora: Teologias em conflito

O retorno de bispos e padres assessores, após o Concílio Vaticano II (1962-1965), para a América Latina, veio acompanhado do desejo de pôr em prática aquilo que se havia discutido, ao longo das suas sessões, e publicado nos documentos conciliares. O Concílio nasceu da atitude de um cardeal idoso, eleito como papa de transição. Nascido Angelo Giuseppe Roncalli, na região da Lombardia, na Itália, Roncalli foi ordenado padre, eleito bispo e, depois, tornou-se um diplomata do Vaticano, assumindo missões em vários países. Ao convocar o Concílio Vaticano II, o papa João XXIII deixou o legado do último grande acontecimento reformador da Igreja Universal. No parecer de Hans Kung (2002, p.226), “para a Igreja Católica, este concílio representou um ponto de virada irrevogável”.

Na América Latina dos anos 60, marcada pelas ditaduras da Nicarágua, do Chile e do Brasil, entre outros, em um continente profundamente caracterizado por desigualdades sociais gritantes, os padres Gustavo Gutiérrez, do Perú, o brasileiro Leonardo Boff e o uruguaio Juan Luis Segundo fizeram, com um grupo mais ampliado de cristãos, uma releitura do Evangelho, a partir de instrumentais analíticos e antropológicos.

A justiça social e a luta contra a pobreza foram vistas como temas fundamentais para uma parte do clero que levou a sério o princípio teológico da opção preferencial pelos pobres, formulado durante a II Conferência Geral do Episcopado Latino Americano em Medellín, na Colômbia, no ano de 1968 (RINKE, 2017).

O fazer teológico e a práxis do movimento, que estava nascendo, foi alastrando-se pela América Latina, levando a revelação cristã a ser pensada a partir de uma ótica libertadora, em todos os aspectos, na promoção da quebra das amarras sociais, econômicas, culturais, religiosas, etc, às quais os pobres mantinham-se e mantêm-se aprisionados. A concepção de pobre, para a Igreja da América Latina, em especial, no ano de 1979, na Conferência de Puebla, no México, foi determinante para a solidificação dessa teologia.

¹⁰⁵ Sobre o tema Leszek Kolakowski já proclamava a "revanche do sagrado sobre a cultura profana" (Kolakowski 1977).

A definição de pobres se aplica aqueles indivíduos vítimas de problemas como os baixos salários, desemprego, desnutrição, mortalidade infantil, da falta de moradia adequada, dos problemas de saúde, falta de assistência médica de boa qualidade, de instabilidade no trabalho, dentre outros (PEREIRA, 2013, p. 37).

Essa concepção de Cristianismo e de Igreja fez oposição à Religião Tradicional Tridentina que, de forma apologética, permanecia preocupada com a vida espiritual, os dogmas, as rubricas litúrgicas, em meio a um mundo em profunda ebulição. A antiga concepção de uma igreja monárquica foi dando lugar a um tom eclesial mais democrático, abandonando os ditames medievais e adentrando na modernidade. Desde então, formou-se uma grande celeuma entre os que embarcaram na inspiração de João XXIII e os que resistiram aos ventos novos que invadiram a Igreja.

João Paulo II, em seu pontificado, iniciado em 1978, logo recebeu denúncias que acusavam a Teologia da Libertação de desviar-se da sã doutrina católica, adotando um instrumental marxista para a sua práxis. O papa polonês, Karol Wojtyła, assistido pelo então Cardeal Ratzinger, decretou a pena de morte para a Teologia da Libertação. Após 60 anos de sua inspiração, essa teologia ainda resiste, como sinal de avivamento bíblico e litúrgico, inserida nas realidades populares e nos meios acadêmicos, refletindo e praticando o essencial do Evangelho, o cuidado com a fragilidade do planeta e da humanidade nele inserida. Apesar do fim da Teologia da Libertação, pelo desmonte de seminários e cursos de teologia, afinados com a linha libertadora, Gutierrez afirmou:

Por essa razão, aos que, curiosamente se perguntam se a teologia da libertação mantém vigência depois dos acontecimentos simbolizados pela queda do muro de Berlim (um fato sem dúvida de enorme importância no cenário internacional), dever-se-ia recordar que o ponto de partida histórico dessa reflexão não foi a situação dos países do leste Europeu. Foi, e certamente continua sendo, a desumana pobreza de nosso continente e a leitura que fazemos dela à luz da fé. Estado de coisas e teologia que, quanto ao substancial, pouco tem a ver com o desmoronamento do socialismo real (GUTIERREZ, 2008, p.92).

Nos vinte e sete anos de pontificado de João Paulo II e, especialmente, depois de 1983, as censuras à Teologia da Libertação intensificaram-se, com silêncios obsequiosos, como foi o caso de Leonardo Boff e com uma formação seminarística mais à direita, especialmente, no pontificado de Bento XVI. Em dias atuais, a tensão permanece, quando Bergoglio, argentino autodenominado Francisco, imprime uma marca na Igreja com elementos da Teologia da Libertação, mesmo que contra a vontade da maioria dos que compõem o Colégio Cardinalício. Longe de chegar a um fim, as tensões dos modelos de igreja perduram e espraiam-se, visto a

realidade eclesial ser, em escala micro, aquilo que é próprio da humanidade: tensões, conflitos, desconstruções, crises e reconstruções perenes.

3.4.2. Tensões e conflitos de poder político e religioso em torno da figura carismática de Frei Damião de Bozzano

Frei Damião chegou ao Brasil, ao Nordeste, no ano 1930, e o modelo vigente de sociedade era patriarcal, coronelista e estratificada, de forma gritante. Com o passar do tempo, mesmo que o país mudasse do regime ditatorial para o regime democrático, a concepção, tão enraizada na cultura brasileira, de uma elite permanecendo no poder, por meio do capital e da oligarquia, cristalizou-se e, a religião, de forma geral, permaneceu como uma das mantenedoras desse sistema.

Por sua imensa popularidade e pela influência que exercia junto ao povo, especialmente aos mais pobres, Frei Damião foi sempre pajeado pelas elites políticas da região. A sua popularidade, no meio das massas, rendeu um número incalculável de políticos, que se aproximavam do religioso para tirar proveito de sua presença e de sua força persuasiva. Centenas de políticos posaram para fotos, ao seu lado e, depois, em formato de santinhos e calendários, distribuíam essa imagem Nordeste a fora.

As elites se separaram cada vez mais das religiões tradicionais. Estes perdem suas elites que são absorvidas pela religião dominante. Quando as elites burguesas valorizam a religião tradicional, é para fazer dela folclore, objeto de divertimento e lazer, ou então por um romantismo ingênuo e conservador, ou para instrumentalizá-la politicamente, favorecendo-a em troca de apoio popular e político, tendo em vista anestésias a consciência crítica das classes populares e as sementes de protesto. Este apoio das elites é a nova forma sutil de dominação que encontram para controlar os gostos do povo (MOURA, 1978, p. 63).

Como vemos, sua popularidade ultrapassou as fronteiras eclesiais. Em inaugurações de açudes, hospitais e barragens, como hóspede nas casas dos políticos, bem como nos batizados e matrimônios celebrados para seus filhos e netos, Frei Damião chancelou, mesmo que se diga de forma ingênua, a legitimidade dos homens do poder.

O caso mais icônico dessa relação, entre Frei Damião e a política, foi no período das eleições presidenciais, de 1989, quando o já reconhecido, santo do Nordeste, apareceu junto a Fernando Collor, então candidato a presidente, em carreatas e no comício realizado em Juazeiro do Norte. De forma ambígua, o religioso era, ao mesmo tempo, um cuidador dos pobres, em suas dores existenciais e espirituais, e deixava-se acompanhar pela elite política,

que recolhia de seu capital simbólico o lucro de sucessivas eleições sob as suas bênçãos. Com isso a sua figura tornou-se polêmica e criticada pela ala progressista da Igreja Católica, cujas premissas conciliares e doutrina social emplacaram um novo jeito de fazer teologia com ares latino-americanos e libertadores.



Figuras 30: Fernando Collor, ainda governador de Alagoas, recebe Frei Damiano. Os encontros públicos se prolongaram por todo o período da campanha presidencial, Maceió – AL

Fonte:

<https://www.facebook.com/colloralagoas/photos/a.682480158463094/2195728950471533/?type=3&theater>

É fato que a presença de seu companheiro de missão, Frei Fernando Rossi, contribuiu, de alguma forma, para essa ligação dos políticos a Frei Damiano. No caso de Fernando Collor, o médico particular de Frei Damiano, Blancard Torres, dedicou um capítulo de sua obra “O Santo e o Médico”, apresentando a intervenção do então Presidente da República, que “deixou à disposição uma UTI aérea, que viria buscar o frade no momento necessário, levando-o a qualquer lugar do país ou do mundo, onde fosse possível salvar sua vida” (TORRES, 2004, p.13), já que Fernando Collor “nutria forte estima e consideração pelo frei Damiano, que há muito tempo era tido como um verdadeiro santo no Estado de Alagoas, onde Collor nascera, pelo bem que pregava nas suas reiteradas missões ao longo de várias décadas” (idem, p.13).

Para manter-se popular entre os mais pobres – os descamisados, como eram chamados por ele. Collor procurou vincular sua imagem a de frei Damiano, um velho frade extremamente conservador, mas muito influente no Nordeste, onde era apontado como o sucessor do padre Cícero Romão Batista, o Padim Ciço. [...] Diferentes igrejas optaram por apoiá-lo, temerosos da identificação de Lula com o "comunismo ateu" (SOUZA, 2008, p.45).

Em 1990, uma reportagem do Jornal do Brasil trouxe, como notícia, a doação de que o então Presidente da República, Fernando Collor, havia doado uma caminhonete Ford *Deserter* XK, no valor de Cr\$ 7,5 milhões, no valor da época. A reportagem afirmava que o presente era como agradecimento pela presença de Frei Damião na campanha presidencial de 1989, quando Collor venceu a campanha sobre Lula, dentre outros candidatos.

Essa relação com uma política tradicional e com os coronéis do Nordeste levou, em tempo de efervescência de uma pastoral libertadora, a uma grande crise entre a Igreja institucional do Nordeste e Frei Damião. Muitos membros do clero do Nordeste sentiam que os esforços de renovação conciliavam em choque com a pregação de Frei Damião. Do mesmo modo, Frei Damião não mudava seu discurso tradicional. De início, alguns padres, e depois, dioceses inteiras pronunciaram-se contra a presença de Frei Damião em seus territórios. Em casos mais extremos, bispos e padres chegaram a proibir¹⁰⁶ a presença de Frei Damião em suas áreas pastorais. Frei Damião tornou-se um problema para as elites intelectuais e eclesiais pós-conciliares.

Para Moura (1978), no centro, estava a forma de interpretar o fenômeno Frei Damião e a religiosidade que o cercava. Por um lado, estava o fanatismo dos fiéis, interpretado de forma simplista pelo clero que, crendo que a proibição de Frei Damião ir às suas circunscrições evitaria o acesso do povo ao Capuchinho. Por outro lado, a elite intelectual, que passou a interpretar o fenômeno a partir da psicologia, da sociologia, da política, da economia, de forma particular e seccionada, percebendo e partindo da premissa de que é algo negativo e nocivo à sociedade. Por fim, a interpretação do povo simples, tão envolvido na devoção ao frade santo que não acolhia as críticas da igreja e da ciência.

De um lado (I), este capital religioso depende do estado, em um dado momento do tempo, da estrutura das relações objetivas entre a demanda religiosa (ou seja, os interesses religiosos dos diferentes grupos ou classes de leigos) e a oferta religiosa (ou seja, os serviços religiosos de tendência ortodoxa ou herética) que as diferentes instâncias são compelidas a produzir e a oferecer em virtude de sua posição na estrutura das relações de força religiosas (ou seja, em função do seu capital religioso) e, de outro (II), este capital religioso determina tanto a natureza, a forma e a força das estratégias que estas instâncias podem colocar a serviço da satisfação de seus interesses religiosos, como funções que tais instâncias cumprem na divisão do trabalho religioso, e em consequência, na divisão do trabalho político (Bourdieu, 2009, p.57).

¹⁰⁶ Sobre esta temática das proibições de Frei Damião pregar em algumas dioceses Abdalaziz de Moura (1978), por primeiro e, em seguida, Lêda Cristina Correia da Silva (2008), João Éverton Cruz (2011) e José Honório Flores Filho (2012), abordaram em capítulos de livro e dissertações sobre o tema.

A interpretação do povo, como fanático, difundiu-se, especialmente, entre os intelectuais e a ala da Igreja progressista. Diante da pressão dos fiéis, desejosos de receber a visita de Frei Damião, alguns bispos foram incisivos em proibi-lo de pregar em seus territórios diocesanos. Entre as décadas de 1960 e 1970, a contenta chega a seu estado mais efusivo com as decisões tomadas pelos bispos do Crato, no Ceará; de Campina Grande, na Paraíba; de Palmeira dos Índios, em Alagoas; e das dioceses de Afogados da Ingazeira e Floresta, em Pernambuco. Em uma das primeiras proibições, de 1º de setembro de 1968, o bispo do Crato afirmou que, diante da “necessidade de um impulso renovador da pastoral popular, como V. Rva. muito compreende, o nosso povo é muito levado ao fanatismo [...], diante da deturpação dos fiéis que ouvem a V. Rma. [...] não aceite convite para as missões ou para outro tipo de movimento que congrega muita gente, em nossa diocese” (MOURA, 1978, p.46). Para amenizar o choque, com a figura carismática do frade, o bispo salientou que não se tratava de acusar um santo reconhecido pelo povo, mas do povo que é levado ao fanatismo e não é capaz de compreender a mensagem do frei. Para Lêda Cristina Correia da Silva:

O bispo, ao fazer a recomendação, ou proibição, discorda de suas práticas pastorais, consideradas por muitos como ultrapassada, mas não deslegitima Frei Damião como sacerdote da Igreja. A ação dos bispos de orientação renovada visava o engajamento em um serviço pastoral ‘mais conscientizador, embora não desprezando a massa’. Está em jogo a instituição de outro *habitus*, baseado em outra orientação, ou seja, uma outra forma de ser católico estava sendo gestada, e era estimulada por estes bispos” (SILVA, 2009, p. 15).

Perguntado em entrevista sobre esta situação de conflito entre os bispos e a influência do discurso de Frei Damião, Frei José Maria buscou interpretar, a partir do pensamento do Capuchinho.

Um tempo de crise na Igreja, num é? Num período de crise, ele teve que suportar, superar o julgamento negativo. Era proibido de pregar em algumas dioceses. Nunca criticou a Igreja, quando ele falava essas coisas, com muita humildade, atribuía à sua ignorância. Ele era humilde. Nunca ele iria criticar a Igreja. Ele assumia o defeito. Atribuía a si mesmo a falha. Não seria capaz de ter outra linguagem. Era antiquado? Sim. Até certo ponto. [...] Frei Damião era humilde, nunca criticava os bispos, a Igreja, ele sempre dava razão a eles, compreende? Dizia que eles têm razão. Tinha as convicções de fé. Ele não era um abestalhado, né? Não era abestalhado¹⁰⁷.

O estilo de Igreja Tridentina estava muito solidificado nos missionários, formados na Itália, e o conflito, com um estilo de igreja mais progressista, gerou confusões em uma

¹⁰⁷ Entrevista concedida por Frei José Maria Del Giudice. Entrevista I. [maio 2016]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2016. Arquivo mp3 (1:32min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

geração inteira de clérigos e de leigos. O próprio Frei Damião afirmou, segundo Lazzari, (2002, p.69) “o pouco que posso fazer, somente assim posso fazê-lo. Procurar mudar-me agora seria como querer desentortar as pernas de um cachorro”.

Queria ter aquela linha mais de catequese e evangelização de instrução do povo. O povo tem sua devoção, mas, sem muita compreensão. Lá dentro quem sabe... E ele acolheu o povo do jeito que era, e dava fé, dava Deus, dava o amor, dava a adesão da mente, do coração e da vida, ele olhava para o essencial e não para a forma teológica. Aí, a gente vindo... Vindo de um ambiente um pouco doutrinal, um pouco diferente, anos e anos depois... Via mais a forma de oferecer que o conteúdo. Ele oferecia o conteúdo, a vida, e enxergava a vida na alma do povo, dos pobres e simples. Também, não era um abestalhado, ele convivia.. Os defeitos, pecados, aquilo que o povo também sempre ouviu, ele não tinha uma teologia verbal, nova, no estilo novo, mas tinha a teologia de sempre. A prática obediência aos mandamentos de Deus, os sacramentos, evitar o pecado. Ele se apegava muito a isso, os valores da família, do casamento, as virtudes, o inferno. No tempo dele não existia mais pecado, não existia mais inferno, não existia mais nem o diabo. É muita cabeça de padre... Diabo é coisa de outros tempos, demônio, e atribuem tudo à natureza, ao homem. Certas coisas eram pelo menos colocado na gaveta, eram engavetados. Não acreditava-se mais. E isso no próprio clero. Os padres pós-conciliares eram tremendos, viu. Nos anos 70, foi quando muitos padres também saíram e ele não, não largou a sua fé, e a fé no povo o estimulou, o povo também não o largou não. E conservou aquela forma, que conservou o tesouro da fé. Se o povo tivesse de ser instruído, discutir teses, aí iria entrar na onda. Exatamente esta percepção, esta sintonia com a fé simples que o tornou aceito ao povo, mesmo quando ele dava umas broncas, né. O povo gostava disso, preferia a bronca de Frei Damião do que de outros... Quanto a isso seria muito interessante ver... Ele não foi... Antiquado, sim, de alguma forma, mas ele era mais, bem mais sabido, inteligente, mais sóbrio do que esses novos teólogos, esta nova igreja que queria excluir, eliminar, deixar pra trás, a igreja anterior, né? O progressista. E foi ele quem salvou a fé do povo nordestino, a conservou, a preservou, deu solidez, deu segurança, porque o povo se perdia e não tinha mais onde se confessar. Então o povo só se confessava com Frei Damião. Ele é o baluarte da fé do povo, para continuar acreditando. Uma palavra de Frei Damião era tudo, ele acreditava¹⁰⁸.

João Éverton Cruz, entrevistando Frei Enoque, frade Franciscano Menor, envolvido com a política partidária de esquerda e engajado em movimento de trabalhadores, no estado de Sergipe, salientou a tensão, mas, ao mesmo tempo, apresentou a interpretação de Frei Enoque a respeito da unilateralidade das interpretações da religiosidade circundante ao frei. Ao seu ver, os impasses deram-se, quando Frei Damião deparou-se com as restrições ao seu modo de missionar e o fato de não acatar as mudanças ocorridas com o advento do Concílio Vaticano II. Tanto que o conteúdo de sua catequese permaneceu fixo, com as pregações dos mesmos temas:

¹⁰⁸ Entrevista concedida por Frei José Maria Del Giudice. Entrevista I. [maio 2016]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2016. Arquivo mp3 (1:32min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

céu, inferno, purgatório e combate aos pecados, que ele reafirmou, consecutivamente, em seus conselhos.

Alguns bispos e alguns padres tomaram essa decisão depois do Vaticano II, se torna assim muito recorrente por causa de novidade da Igreja. Aqui mesmo na diocese de Propriá (SE), ele passou um tempão sem poder vir, proibido. Pra muito sofrimento do pessoal. Por exemplo, ele nunca foi a Nossa Senhora da Glória (SE), porque o padre, que era um belga, não queria. Então, veja bem, a presença de Frei Damião lhe incomodava porque, quando você tinha um discurso de libertação, ele vinha com um discurso de céu e inferno e focalizava muito os pecados da carne através dos seus conselhos. Do mesmo jeito que ele sofria muito quando o bispo dizia não, mas ele não insistia. Ele não pregava em nenhum lugar que o bispo ou o vigário não quisesse. Então eu acho que falta também recuperar esse Damião que a gente cataloga: direita e esquerda. Esse Damião humano, esse Damião. E ele queria muito bem a Leonardo Boff, sem conhecer Leonardo Boff. Ele disse: “eu só vi uma vez pela televisão, mas é muito franciscano ele, é alegre, risonho, fala da natureza” (CRUZ, 2011, p.80).

Uma outra forma de interpretar esse fato foi partindo dos intelectuais e suas teorias científicas, sobretudo a partir das ideias de Marx, sobre o fenômeno religioso que percebe que “a angústia religiosa é, ao mesmo tempo, a expressão da dor real e o protesto contra ela. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, tal como o é o espírito de uma situação sem espírito. É o ópio do povo” (2005). Para uma consciência emancipada, há que se superar o obstáculo que é a religião.

A crítica da religião desengana o homem para que este pense, aja e organize sua realidade como um homem desenganado que recobrou a razão a fim de girar em torno de si mesmo e, portanto, de seu verdadeiro sol. A religião é apenas um sol fictício que se desloca em torno do homem enquanto este não se move em torno de si mesmo (MARX, 2000, p. 86).

No caso do católico nordestino, a crítica foi feita em razão do povo não ter acesso à terra, ao trabalho e às condições econômicas para seu sustento e, ao mesmo tempo, não perceber, criticamente, as causas de sua miséria. Na percepção dos intelectuais, o discurso e a orientação do capuchinho Frei Damião solidificaram a interpretação do mundo, a partir do mito religioso, ou seja, o latifúndio, a miséria, a seca eram elementos que, se fossem percebidas como elementos de estrutura social injusta, cujas condições fossem mudadas, mudaria, também, a interpretação e as representações do povo a respeito de Frei Damião. Assim a crítica ao fenômeno de Frei Damião explicar-se-ia pelas necessidades econômicas, sociais e políticas. Havendo a conscientização do povo, o elemento da alienação não seguiria seu curso, e Frei Damião não teria o mesmo significado.

Divulgada pelos jornais, rádios e, até, na literatura de cordel, a crise tomou repercussão regional com um número significativo de edições de jornais e discussões em meio

às políticas palacianas. A partir de 1975, as notícias da crise passaram a estampar as manchetes dos jornais, como o Diário de Pernambuco, Jornal do Commercio, Diário da Noite, Jornal do Brasília, dentre outros. Nas câmaras de vereadores e assembleias legislativas, discursos, em defesa de Frei Damião, como instrumento de contenção do povo, multiplicaram-se. Prefeitos e governadores do Nordeste, como Nilo Coelho, de Pernambuco, que pronunciou: “Frei Damião é fator de contenção de revolta dos que sofrem”¹⁰⁹, assim o condecorando com a Medalha Pernambucana de Mérito.

O certo é que, apesar das divergências sobre conteúdo de forma, ninguém duvidava ou questionava a sua reta intenção de fazer o bem, reconhecendo, inclusive os adversários de seu modo considerado retrógrado e ultrapassado para os tempos modernos, que se tratava de um homem santo (SOUSA NETO, 2011, p.37)

Ao longo do tempo, os bispos e o clero, que faziam frente a Frei Damião, não estavam mais responsáveis pelas paróquias e dioceses. A partir dos anos 1980, os ânimos acalmaram-se. Novos padres chegaram ao clero do Nordeste, muitos em início de conversão à direita, período em que os seminários foram mudando de gestão, bispos menos antenados com as questões sociais assumiram as dioceses do Nordeste e, nos lugares onde estava proibido de fazer missões, começou uma readmissão do missionário.

Vinte anos passaram-se de sua morte, mais de quarenta anos da crise com o clero do Nordeste e, ainda hoje, “apesar de ele nunca endossar e querer entrar em nenhum jogo político, políticos se aproveitam de sua popularidade para tirar proveitos e vantagens eleitorais” (FLORES, 2012, p.107). Os políticos encontraram, em Frei Damião, um forte cabo eleitoral. O povo permaneceu na sua devoção, e os intelectuais aprofundaram a compreensão do fenômeno que o faz, há décadas, permanecer no imaginário do povo do Nordeste, como santo e padrinho protetor.

¹⁰⁹ Sobre o tema da questão de Frei Damião com os bispos e as proibições de pregar, tomamos como base (MOURA, 1978), (SOUTO MAIOR, 1998), (SILVA,2009).

IV A CONSTRUÇÃO DE UM TAUMATURGO: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE FREI DAMIÃO

Para o senso comum, a História é uma ciência que estuda o passado, analisando as transformações, para entender o presente. Anna Gicelle Garcia Alaniz (2014) sustenta que a história enfrenta o problema da multiplicidade de narrativas para um mesmo fato que é sempre contado de maneiras diferentes. Recorda, ainda, que Sócrates já havia circunscrevido a História ao fato de conhecer, enquanto Aristóteles dizia tratar-se de uma coletânea de fatos. Já Heródoto, considerado o pai da História, passou a empregá-la como sinônimo de investigação, para diferenciá-la do mito. Do século XVII ao XIX, a História foi reconhecida como ciência autônoma ou rememoração do passado humano, voltado a demonstrar a evolução civilizacional.

Para superar essa visão de que a história é uma ciência que estuda o passado, analisando as transformações, para entender o presente, a Escola dos Annales teve grande importância, lançando o historiador na perspectiva de decodificador, numa perspectiva interdisciplinar. Assim, reconheceu na memória de curta, média e longa duração, dos povos, instrumentos de preservação e transmissão do legado identitário e das tradições. Nessa perspectiva, as narrativas sob a forma de registros orais ou escritos são reconhecidas como História oral e narrativa. Nesse processo, as memórias que foram sendo guardadas de geração em geração e as mentalidades de cada época, contam como elementos determinantes para o pesquisador.

É sob esse prisma que contemplamos Frei Damião e seus devotos, como elo memorável na longa duração cristã. As representações do seu adoecimento e morte e a conservação da sua memória ao longo das décadas de sua partida, mas, especialmente, a composição do quadro que o define como taumaturgo, compõe esse tópico que agora inicia e conclui essa tese.

4.1. Um referencial teórico: a Escola dos *Annales*

A escola dos Annales, em suas fases, possibilitou um momento em que, a partir de Le Goff e Febvre, pudesse circunscrever-se, conforme expressão cunhada no livro *La nouvelle histoire* (1978), editado por Jacques Le Goff e outros, como a Nova História, a narrativa histórica às representações, o que significa trazer para o presente o ausente vivido e, dessa forma, poder interpretá-lo. A devoção a Frei Damião tem sido, mesmo que timidamente, escrita pelos

historiadores, especialmente nas universidades do Nordeste e do Sudeste do Brasil. Essa escrita tem-se dado de forma inter e trans disciplinar, especialmente nas áreas da sociologia, da antropologia, da história e das Ciências da Religião. Aquilo o que é a prática devocional do romeiro, por meio da escrita, nos artigos, dissertações e livros, vão tomando um corpo de conceituação, com uma gama de representações que muito ainda tem que ser explicado. Esse processo de devoção tem sido interpretado, também, como pertencente a uma longa duração da tradição nordestina e, mais amplamente, da tradição cristã. Para essa compreensão, foi de fundamental importância a categoria de transumância (Braudel, 2007), ofertada pela própria história. O povo nordestino conta histórias, faz memórias, rememora o que viveu e conta as histórias que ouviu. Dentre essas histórias, de tempos em tempos, surgiram líderes religiosos que compuseram, de forma significativa, esses registros. Frei Damião, como mais um desses líderes, sobressai-se como elemento de significativa importância.

Sabemos que, tradicionalmente, a História Geral foi contada a partir de grandes eventos, das grandes instituições e dos chamados grandes personagens que fizeram as transformações no mundo, ao longo dos tempos. Influenciada pelo pensamento de cada época, com suas percepções de mundo, a História manteve, ao longo dos séculos, suas escolas ou tendências de pensamento. Assim, no século XIX, segundo Rodrigues (2018), o Positivismo¹¹⁰, sobressaiu como forma de enxergar o mundo; sua tônica estava na crença de que a mudança histórica só aconteceria a partir das questões políticas. Nessa perspectiva, o historiador teria um olhar arquivista, reproduzindo, de forma imparcial, a verdade a partir de uma ótica, até então, na perspectiva dos vencedores. O positivismo histórico procurava encontrar, no estudo da história, leis que regulassem o desenvolvimento humano, permitindo contextualizar os fatos do presente, originando uma atitude e uma narrativa presentista.

Uma outra corrente de pensamento, do mesmo século, o Marxismo,¹¹¹ teve como representante o Marxismo, que enxerga a história a partir da perspectiva macroeconômica e social, na qual o sujeito seria visto a partir da perspectiva de classe; desse modo, as análises críticas de documentos escritos e orais seriam feitas em vista de dar voz aos vencidos. A história passou a ser contada, a partir do oprimido, abrindo uma nova perspectiva de leitura do que seja

¹¹⁰ A característica do Positivismo é a romantização da ciência, sua devoção como único guia da vida individual e social do homem, único conhecimento, única moral, única religião possível. [...] Comte considerava a História como o desenvolvimento progressivo da Humanidade ou Grande Ser, que é o conjunto dos seres passados, futuros e presentes que concorrem livremente para aperfeiçoar a ordem universal (ABBAGNANO, 2007, p. 776).

¹¹¹ O marxismo considera a História como um processo unilinear e progressivo que, por meio da luta de classes, necessariamente desembocará na sociedade sem classes, que é a sociedade perfeita (ABBAGNANO, 2007, p. 506).

a construção do mundo. A História, enquanto área de conhecimento, foi transformada em uma concepção teórica, direcionada a demudar a sociedade e conduzir a humanidade rumo à felicidade, uma ciência da prática revolucionária, através do estudo do passado.

Para a melhor compreensão da abordagem de nossa temática, adotamos uma perspectiva histórica, embasada em uma escola, muito significativa, surgida no século XX, a Escola dos Annales. Que buscou fazer a escrita da história para além do material didático, dos compêndios de divulgação, como um trabalho de inventário. Assim, no recorte de um tema, do levantamento do que se sabe, até então, trabalha-se com uma fonte inédita, acrescentando conhecimento a uma questão em andamento ou iniciando uma nova questão, abrindo uma nova linha de debate. Desse modo a Escola dos Annales está inserida no movimento historiográfico.

Segundo Le Goff (apud BLOCH, 2018 p.15), no início do século XX, dentre as correntes de pensamento acima citadas, que interpretam o passado, surge um movimento de historiadores, a partir de novas questões e perspectivas. A fundação da revista *Annales d'Historie Économic et Social*, em 1929, na Universidade de Estrasburgo, por Marc Bloch e Lucien Febvre, tornou-se um marco referencial para o estudo da História, sob novos olhares, contribuindo para uma percepção que, na nossa concepção atual, poderíamos denominar como interdisciplinar e transdisciplinar. No modo de enxergar e contar a história do mundo, o referencial deslocava-se da perspectiva institucional para uma perspectiva global da sociedade, unificando a história social, a história econômica e a história das mentalidades.

A Escola dos *Annales* constituiu, então, uma reação crítica às concepções históricas do século XIX. Notadamente, rejeitou a ênfase positivista e metódica em política, diplomacia e guerras, assim como a abordagem economicista do Marxismo. Buscou-se, através da Geografia, da Sociologia e da História, entender os fatos e as mudanças históricas, dando especial atenção ao cotidiano. A proposta dessa escola seria problematizar a história, buscando se isentar de ideologia.

Peter Burke assim apresentou as três fases de movimento:

Esse movimento pode ser dividido em três fases. Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes apoderaram-se do establishment histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a “história serial” das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel. Na história do movimento, uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era

tão grande que perdera muito das especificidades anteriores (BURKE, 1992, p. 13-14).

A geração de 1929, representada pelos chamados pais fundadores, enfatizou o cotidiano, fazendo uma análise interdisciplinar dos pequenos fatos do dia-a-dia, para entender grandes questões de importância para o presente. A segunda geração, a partir de 1940, cujo nome de Fernand Braudel destaca-se, tem uma abordagem diferente, unindo a geografia com o materialismo histórico e a economia, fazendo, assim, uma análise parecida com a teorizada pelo Marxismo, porém isenta do componente político, ligado à defesa do socialismo e do ideal de transformação da sociedade. É nesse período que Braudel criou o conceito de longa, média e curta duração, o qual passaria a nortear os estudos históricos, a partir da década de 1960. Tomando emprestados conceitos da Antropologia Estruturalista, de Claude Lévi-Strauss, Braudel propôs a construção de uma narrativa histórica mais ampla do que a tradicional, inaugurando, através do conceito de longa duração, o que chamou de História Comparativa. Dessa forma, trouxe para dentro da narrativa histórica, mais que os dados seriais, a Estatística; trouxe, também, a Análise Linguística, percebendo a língua enquanto estrutura que subordina características culturais e é por ela subordinada.

A terceira geração, iniciada na década de 1970, representada por Jacques Le Goff e Peter Burke, incluiu um novo componente, o Estudo das Mentalidades, o qual rivalizaria com a história cultural, unindo a história e sociologia com a psicologia e antropologia. Passou a ser compreendida, segundo Dosse, como a Nova História¹¹², circunscrevendo a narrativa histórica às representações, o que significa, como já vimos, trazer para o presente o ausente vivido e, dessa forma, poder interpretá-lo. Afirma Dosse:

A crise da ideia de progresso (anos 70) acentuou o renascimento das culturas anteriores à industrialização. A Nova História se esconde, então, na busca das tradições, ao valorizar o tempo que se repete, as voltas e reviravoltas dos indivíduos. Na falta de projeto coletivo essa pesquisa faz-se mais pessoal e mais local (DOSSE, 1992, p. 252).

O papel do historiador seria de interpretar a realidade do já vivido, por meio das suas representações, desejando chegar àquelas formas pelas quais a humanidade expressou-se a si mesma e ao mundo. Esses historiadores reagiram a um estilo de história social que seguia o modelo da história econômica, empregando métodos quantitativos e por generalizações. O fato e a palavra vivida no cotidiano dos povos, passava a contar como imprescindível para a

¹¹² Essa expressão foi popularizada pelo livro *La nouvelle histoire* (1978), editado por Jacques Le Goff e outros, mas já havia sido reivindicada, anteriormente, para os *Annales*. Braudel havia falado de uma História Nova em sua aula inaugural no Collège de France (1950). Febvre, por outro lado, usara frases como “uma outra história” para descrever o que o grupo dos *Annales* tentava a fazer (RODRIGUES, 2018).

compreensão da história. Isso lança uma perspectiva de que, não existe sociedade sem história, o pertencer de cada indivíduo ao seu tempo, os aspectos comuns que todos os homens de determinada época compartilham, as suas narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças identitárias e das tradições.

Como vimos, na geração de Braudel, a história das mentalidades e outras formas de história cultural não foram inteiramente negligenciadas, contudo, situavam-se marginalmente ao projeto dos *Annales*. No correr dos anos 60 e 70, porém, uma importante mudança de interesse ocorreu. O itinerário intelectual de alguns historiadores dos *Annales* transferiu-se da base econômica para a “superestrutura” cultural, “do porão ao sótão” (BURKE, 1992, p. 82).

Eis porque, adotamos a concepção dos pensadores da Escola dos *Annales* como referencial teórico, no intuito de compreender o papel de Frei Damião na história recente do Nordeste, a partir de uma perspectiva de reconhecimento social, político, cultural e religioso, de forma transdisciplinar, tendo as Ciências da Religião, sempre, como pano de fundo. As narrativas, sob a forma de registros orais ou escritos que, de algum modo, são elementos de história oral e narrativa, já que são compostas de tempo, memória e identidades, caracterizam o movimento tão peculiar à arte de contar e de traduzir em palavras as reminiscências da memória e a consciência da memória no tempo, que o catolicismo sertanejo transmite de geração em geração. O espaço privilegiado, no qual os fiéis romeiros de Frei Damião estão inseridos, forma um compósito muito próprio e, ao mesmo tempo, com características do sincretismo religioso que compõe o Brasil como um todo.

4.2. Frei Damião: elemento de reconhecimento na Memória de Longa Duração

Não aprofundamos, em nossa abordagem, única e exclusivamente a perspectiva psicológica da Memória, muito menos da Neurofisiologia ou da Psicanálise. Nossa pesquisa, está ancorada no conceito de memória, assim como foi concebido por Maurice Halbwachs, Fernand Braudel e Jaques Le Goff. Nos dias atuais, há um campo de estudos, disciplinarmente aceito, que se intitula Memória Social. Um campo que deve suas concentrações pioneiras ao ensaio *Memórias Coletivas*, publicado por Maurice Halbwachs, em 1950, mas que só se institucionalizou, academicamente, nas últimas décadas. Nosso referencial teórico baseia-se nessas concepções.

É bem verdade que, mesmo a compreensão de psicólogos, biólogos e neurologistas sobre o que consistiria a memória, mudou muito nos últimos anos. Changeux (1972, p. 356) faz

notar que a memória vem, cada vez mais, sendo concebida como fenômeno complexo: não envolve apenas a ordenação de vestígios, como também a releitura desses vestígios. A conceituação de memória, em relação às ciências humanas, tornou-se fundamental para a compreensão dos fenômenos sociais. Nesse sentido, Jaques Le Goff, em seu livro *História e Memória*, inter-relacionou a história, a memória e o tempo:

Que relações tem a história com o tempo, com a duração, tanto com o tempo "natural" e cíclico do clima e das estações quanto com o tempo vivido e naturalmente registrado dos indivíduos e das sociedades? Por um lado, para domesticar o tempo natural, as diversas sociedades e culturas inventaram um instrumento fundamental, que é também um dado essencial da história: o calendário; por outro, hoje os historiadores se interessam cada vez mais pelas relações entre história e memória (LE GOFF, 199, p. 06).

Na concepção de Le Goff, presente e passado são recortes fundamentais para a história, e a história utiliza-se da memória, revisitando-a, para compreender as problemáticas do presente. Entrecruzando as memórias, verifica-se o seu mundo social, fazendo com que memória e história dialoguem e, até, sirvam de fonte uma para a outra. Convencionou-se que fazer a história, é um trabalho intelectual, que se faz com fontes, teorias, análises, enquanto a memória é um conhecimento do passado, capitaneado pelo presente, um conhecimento que bebe das lembranças individuais e também de jogos de poder e interesse. Contudo, normalmente, a memória glorifica ou demoniza o passado, carregando julgamentos morais, a depender dos eventos que ela lembra e dos seus interesses. Ou seja, como uma reconstrução do passado, pode ir mudando pelos anos para, em muitos casos, atender a interesses do presente, tais como questões econômicas, políticas, culturais ou religiosas. Sobre esse aspecto, Barros afirma que a história:

se refere não apenas a esse processo de registro de acontecimentos pela experiência humana, como também à construção de referenciais sobre o passado e sobre o presente de diferentes grupos sociais e sob a perspectiva de diferentes grupos sociais, ancorados nas tradições e intimamente associados a mudanças culturais (BARROS, 2009, p. 41).

É bem verdade que a memória tem um elemento afetivo muito forte. O acontecimento rememorado sempre é expressado de maneira narrativa, de forma que o indivíduo constrói um sentido do passado, gerando um relato comunicável, com um mínimo de coerência, o que vai se transformando em discurso. A memória, nesse aspecto, trata-se de um compartilhamento de lembranças e discursos, acerca do passado. É compartilhada com um olhar para o passado, ancorada na visão de mundo do presente. Segundo Nora:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do

esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações (NORA, 1984, p. 19).

Para Le Goff, além do tempo histórico, vivido, onde se pensa em durações múltiplas, relativas, subjetivas e simbólicas, há o velho tempo da memória que atravessa a história. Mesmo que a perspectiva principal da interpretação de memória, pela historiografia, não seja, necessariamente, um estudo de psicologia profunda ou psicanálise, a temática da memória é abordada por nós, sem prescindir das bases que essas ciências oferecem para a interpretação pela história, pela antropologia e, no nosso caso, pelas Ciências da Religião.

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria (LE GOFF, 2003, p. 419)

Para Alexander Romanovich Luria (1999), autor da Psicologia Histórico Cultural, a memória é um processo cognitivo fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, como o pensamento e a linguagem. Para ele, a memória permite o registro, a conservação e a reprodução de informações. Na sua concepção, a memória está dividida em três processos importantes, sendo o primeiro, o registro e a codificação de informações; o segundo, o processo e a conservação ou armazenamento da informação e o terceiro momento é o processo chamado de reprodução por evocação.

A questão da Memória como aberta a uma dialética de lembrança e esquecimento, aliás, deixa aqui de ser limitação para a historiografia, e passa a ser fator de enriquecimento de perspectivas. Essa virada na compreensão da Memória apresenta vários desdobramentos para a História: desde uma possibilidade para que a própria Historiografia possa repensar seus pressupostos fundamentais, até as possibilidades de uso da Memória – coletiva ou individual – como fonte histórica (BARROS, 2009, p. 42).

Como vimos, a Escola dos *Annales*, a partir da sua segunda fase, à qual pertence Fernand Braudel, assumiu um apreço pela memória de longa duração e, também, pela geografia, sobrepujando a leitura, a partir das elites políticas, e reconhecendo, na história popular, elementos que perpassam os chamados grandes momentos da história. Para essa percepção a memória, o tempo e o lugar são de fundamental importância.

Braudel, na sua clássica obra “O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II”, argumenta que os acontecimentos históricos sempre falaram muito pouco do passado. Para ele, os episódios históricos isolados são como que vagalumes, que acendem e apagam, sem iluminar o passado como um todo. Assim, parte da ideia de que, para além dos

fatos cotidianos, que são vivenciados todos os dias, existem estruturas mais profundas, quase permanentes, que regem a nossa vida, sem que tenhamos plena consciência de sua existência. Contemplando cada época, Braudel percebe que há, para além de eventos tópicos, das culturas, dos gêneros de vida, dos modos de lidar com a terra, algo que não muda tão rapidamente. A isso ele chamou de longa duração, que são estruturas que resistem por mais tempo à história. É por esse motivo que ele usa a expressão transumância¹¹³, como um movimento infinitamente repetido, que articula a montanha com a planície.

Todo trabalho histórico decompõe o tempo passado, escolhe entre suas realidades cronológicas, de acordo com preferências exclusivas mais ou menos conscientes. [...] Para além da história econômica e social, situa-se uma história de fôlego ainda mais lento, desta vez de amplitude secular: a história de longa, de muito longa duração (BRAUDEL, 1965, p. 261).

Para Braudel, existem três temporalidades da história. Primeiro, uma temporalidade rasa, da superfície, factual, da história tradicional, a história focada em acontecimentos, que podem mudar com qualquer onda; esse se refere ao “tempo breve, ao indivíduo, ao evento” (Braudel, 2007, p. 44). Mais profundamente, existe uma história conjuntural, econômica e social, onde as fases são lentas; ela determina movimentos. Essa história é causadora de ondas.

Ontem, um dia, um ano poderiam parecer boas medidas para um historiador político. O tempo era uma soma de dias. Mas uma curva dos preços, uma progressão demográfica, o movimento dos salários, as variações da taxa de juro, o estudo (mais imaginado do que realizado) da produção, uma análise precisa da circulação, reclamam medidas muito mais amplas (Braudel, 2007, p. 47).

Braudel sustenta que existe uma história estrutural, quase imóvel, que se interessa pelos fenômenos de longa duração, a *long durée*, dentro da cultura humana, e que é objeto de interesse do pesquisador que deseja aprofundar seus estudos epistemológicos, para reconhecer a mudança estrutural na longa duração e afeta o que caracteriza um povo.

Para nós, historiadores, uma estrutura é sem dúvida, articulação, arquitetura, porém mais ainda, uma realidade que o tempo utiliza mal e veicula mui longamente. Certas estruturas ... tornam-se elementos estáveis de uma

¹¹³ Transumância é um sistema tradicional de pecuária extensiva baseado na mobilidade territorial sazonal de rebanhos e criadores com vistas ao acesso a pastagens por todo o ano. Ocorre em aproximadamente 25% das terras mundiais, envolvendo cerca de 200 milhões de criadores. Os percursos podem abarcar regiões e ecossistemas entre gradientes de altitude, como nas cordilheiras da Ásia, Europa e América Latina, ou entre distintas condições sazonais de temperatura e umidade, como nas planícies de inundação e zonas áridas e semiáridas da África. Em alguns casos, as distâncias percorridas não passam de 10 km, mas podem ser maiores que 1000 km e ultrapassar fronteiras nacionais. Ao longo dos percursos é comum a realização de outras atividades agrícolas e mercantis. Como o objetivo dos criadores é ir para onde há pastagens, transumar significa mudar de terra com certa frequência, o que não é nada trivial na atualidade, dados os conflitos que cercam a apropriação fundiária por todo o mundo (FOLHES, 2018, n.p.).

infinidade de gerações [...] é em relação a essas extensões de história lenta que a totalidade da história pode se repensar, como a partir de uma infraestrutura. Todas as faixas, todos os milhares de faixas, todos os milhares de estouros do tempo da história se compreendem a partir dessa profundidade, dessa semi-imobilidade; tudo gravita em torno dela (Braudel, 2007, p. 49-53).

Aportados nessa concepção da longa duração histórica, reconhecemos elementos que apontam que a devoção a Frei Damião está no vestígio de um catolicismo, inserido na tradição bimilenar do cristianismo, onde, aos seus sucessores, Jesus afirmou: “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai” (João 14.12). Nesse sentido, os milagres, atribuídos a um religioso, nos dias atuais, podem estar no compósito das memórias da tradição religiosa, que chega até nós. Mas como se dá essa ligação da memória e da tradição cristãs, à figura de Frei Damião?

Não somente para os cristãos, mas para a religião, de forma geral, as figuras de homens santos, sacerdotes, xamãs, curandeiros detentores de poderes extraordinários sempre povoaram a memória de homens e mulheres em todos os tempos. No Brasil, a junção da tradição indígena, com a cultura católica europeia e a africana, possibilitou uma religiosidade onde se entrecruza, há gerações, os elementos que compõem o quadro de fé até nossos dias. É o que profundaremos, a seguir.

4.2.1. Elo nordestinos de ligação memorável

A tradição nordestina de fé, desde os tempos da colonização, com a cultura trazida da Península Ibérica, entrecruzada com as tradições indígenas existentes, no Nordeste, e a cultura africana, por meio dos escravos, possibilitaram uma nova configuração ao território nordestino que, antes da colonização, estava povoado, apenas, pelos povos indígenas. Contudo, por parte dos europeus, segundo Azzi, houve uma sobreposição dos seus ritos, que se impunham sobre as demais formas de crer, a partir de “um discurso em tom de monólogo, no qual se exclui o diálogo com a cultura dos povos autóctones” (AZZI, 2004, p. 56).

O início da colonização brasileira foi marcado, ainda, pela presença de ermitões de vida austera, que se embrenharam no meio do povo, e permaneceram na memória das gerações. Alguns deixaram o que, hoje, são grandes estruturas de santuários, em vários estados do Brasil. Como exemplos: Pedro Palácios (1500-1570), no atual estado do Espírito Santo, conhecido como o primeiro eremita do Brasil; Francisco de Mendonça Mar, que chegou à Bahia, no século XVII, missionou pelo rio São Francisco, chegando a estabelecer-se onde, hoje,

é o Santuário de Bom Jesus da Lapa; em Minas Gerais, o irmão Lourenço de Nossa Senhora, cujo eremitério construiu, na Serra da Caraça, hoje, um grande Santuário (HOORANERT, 2008, p. 104-123).

Além desses eremitas, a figura dos missionários ambulantes, Brasil afora, cristalizou-se em figuras, como o jesuíta italiano Gabriel Malagrida, no tempo do Marquês de Pombal; Frei Antônio de Extremo, franciscano Menor, que fazia missões volantes, a pé, de alpercatas e uma cachorrinha como companheira; Martinho de Nantes, capuchinho Bretão, que margeou o rio São Francisco e embrenhou-se no sertão, chegando até a Paraíba, para evangelizar os índios Cariris, de quem aprendeu a língua e com os quais conviveu; destaca-se, ainda, a figura do capuchinho Frei Apolônio Todi que, a partir de 1785, visitou diversas vilas, ao longo do rio São Francisco, pregando um Catolicismo Penitencial “que teve grande repercussão na região e ficou exemplificado no monte santo na serra do Piquaraçá, onde ele transformou um monte num calvário [...] e ficava quatro meses por ano vivendo e pregando a Paixão de Cristo” (HOORNAERT, 2008, p. 113).

Essa memória capuchinha, que elenca figuras, como Martinho e Bernardo de Nantes, Clemente de Adorno, Carlos José de Spezia, Aníbal de Gênova, marcadas pelos aldeamentos em Alagoas, no Ceará, na Paraíba, em Pernambuco e no Rio Grande do Norte, é muito ampla e tem um vasto e profundo estudo acadêmico¹¹⁴. Por isso, quando delimitamos nosso espaço e tempo, o fizemos na perspectiva de reconhecer o Catolicismo nordestino, dos anos 1930 até os dias atuais, fazendo incursões na dialética da duração dos fatos e de suas subjacências, no que concerne à religiosidade de um Catolicismo Popular Sertanejo.

Já tratamos da importância das figuras, como Antonio Conselheiro, Padre Ibiapina, Padre Cícero e Frei Damião para a religiosidade do Nordeste. Detectamos a devoção e a religiosidade, em torno desses ícones, na perspectiva da longa duração. Haja vista a situação geográfica do Nordeste, sua situação política e econômica e pouco sofrer alterações, nos últimos duzentos anos, uma religiosidade ainda pujante sobrevive, entre e para além de todas as ondas modernas e pós-modernas, a invadir essa região.

Albuquerque Júnior (2001, p. 305) afirma que “o Nordeste é uma invenção recente na história brasileira, não podendo ser tomado como objeto de estudo fora dessa historicidade, sob pena de se cometer anacronismos e reduzi-lo a um simples recorte geográfico naturalizado”. Percebe-se, contudo, que há um suporte, uma tradição e uma memória, no Nordeste, que é transmitida de geração em geração e, em cuja cultura, percebe-se elementos que possibilitam a

¹¹⁴ Sobre o tema (AZZI, 2004); (HAUCK 2008); (HOORNAERT, 2008).

emergência de beatos, curandeiros, pregadores e curadores. Usando a imagem da transumância de Braudel, verificamos que as condições geográficas, climáticas, econômicas e culturais do Nordeste, já abordadas nos capítulos anteriores desse trabalho, possibilitaram a itinerância entre movimentos religiosos em torno de líderes que, de algum modo, respondem, de tempos em tempos, aos anseios do povo em suas agruras e nas dores de infinitas camadas de sofrimento que repousam nas memórias de seus antepassados e que foram se tornando tradição. Braudel afirmou que “o mar inteiro do Século XVI é mais vasto ainda que hoje: sua personagem é complexa, incômoda, excepcional”.

A longa duração não é forçosamente um longo período cronológico; é aquela parte da história, a das estruturas, que evolui e muda o mais lentamente. A longa duração é um ritmo lento. Pode-se descobri-la e observá-la por um lapso de tempo relativamente curto, mas subjacente à história dos eventos e à conjuntura de médio prazo (BLOCH, 2018, p. 18).

Assim, mesmo que, o tempo cronológico de colonização do Brasil conte pouco mais que 500 anos, o Nordeste, tal como concebemos hoje, seja uma “invenção” dos anos 1930, nessa perspectiva da vastidão da memória religiosa, torna-se mais do que cronológica, torna-se memória a partir da interpretação das massas e dos caminhos abertos por outros. Padre Assis Rocha, sociólogo e conhecedor de figuras, como Pe Ibiapina, Pe Cícero e Frei Damião, afirmou, em entrevista, a Gildson Oliveira:

Frei Damião teve a facilidade de encontrar caminhos abertos por um antecessor que nem conhecia, mas que também entendia a mentalidade das massas. O italiano de Bozzano se fixou bem nisso, andando pelo Nordeste a fora. Com respaldo do Padre Cícero, usando bem o Juazeiro, trabalhando o espaço onde o padim atuava. E o povo ficou fanático por ele também (OLIVEIRA, 1997, p.79)

A ação missionária de Frei Damião teve um caminho preparado antes de si, de algum modo, que ele, respondendo aos apelos de um povo, que ficou órfão do seu padrinho Cícero, perpetuou a memória do protetor espiritual. Essa herança dos antepassados não permitiu que o movimento e a tradição, em torno de um líder religioso carismático, santo e milagreiro, findassem com a morte do Padre do Juazeiro. Pelo contrário, Frei Damião tornou-se elo de ligação do passado com o presente, nas lembranças do povo fiel nordestino. Mais que uma personagem fabricada pela Igreja instituição, pela mídia, pelo coronelismo, percebemos em primeiro plano, na perspectiva do povo, a sua importância, dado o movimento das memórias de longa duração que permanecem na mentalidade do povo nordestino, herdeiro do patrimônio cristão católico.

4.2.2. Interpretações populares: memórias no discurso dos romeiros

Usando o método de entrevistas semiestruturadas, buscamos compreender o que pensa o romeiro sobre Frei Damião. Desse modo, os seus relatos e testemunhos em entrevistas, ao longo da pesquisa, formaram a base de interpretação do tema.

Entrevistamos 15 romeiros, de algumas cidades dos estados que compreendem a região do Nordeste II, da CNBB. Para esses romeiros, aplicamos um questionário semiestruturado¹¹⁵, deixando livre para que cada um pudesse falar aquilo que lhe viesse espontaneamente. Em alguns casos, temas transversais, como casamento de segunda união, casamento de padre e questões pastorais, mais atuais, chegaram a ser abordadas pelos entrevistados. Nessa tese, priorizamos as questões mais relevantes, que atendessem o intuito de compreender a devoção ao Capuchinho, na perspectiva da Santidade e da Taumaturgia, como elemento da memória pessoal e histórica. Também aplicamos perguntas a eclesiásticos, que conviveram com Frei Damião, ou estiveram envolvidos, mais de perto, com a sua devoção. Assim as perspectivas, a seguir, primarão pela interpretação do fenômeno na ótica dos entrevistados.

Com seus fenômenos rurais e urbanos, a religiosidade popular católica, nos dias atuais, mesmo impactada por movimentos neopentecostais ou afro-brasileiros, permanece potente. Confrontado pelas elites intelectuais e eclesiásticas pós-conciliares e pertencente a essa religiosidade popular, o fenômeno, em torno de Frei Damião, criou autonomia, em relação à religião pós-conciliar, mantendo seus modelos antigos. Desse embate dos eruditos da construção histórica e dos sentidos que subjazem na história concreta, Le Goff já afirmou:

Um fenômeno histórico jamais se explica plenamente fora do estudo do seu momento. [...] A erudição não é objetivamente mais sólida que as hipóteses, as interpretações, as ideias. Perigosa ilusão essa dos historiadores que pensam que a erudição bem praticada pode fazer chegar a certeza absoluta, a conclusões definitivas (LE GOFF, 2018, p.19)

Aqui, podemos aplicar não somente aos historiadores, mas aos intelectuais e clérigos de gabinete, a premissa de Le Goff. A Religiosidade Popular, na sua forma de Catolicismo Sertanejo ou em outros prismas, é elemento de coesão, de riqueza de cultura e de memória de um povo.

Nesses movimentos, como os que giram em torno de Frei Damião, pode estar a memória que essa religiosidade desperta, como pertença de um povo. Até por que “parece

¹¹⁵ O elenco de todas as perguntas feitas aos leigos e clérigos estão no anexo dessa tese.

existir em todos os movimentos religiosos da história uma busca ansiosa de suas origens, todos sentem necessidade de uma certa filiação que os identifique com os seus antepassados mais próximos ou remotos” (MOURA, 1978, p. 60). Nesse sentido, há uma busca de identificação e filiação, ou, até mesmo, como um retorno às fontes e às origens primitivas.

Em nossas pesquisas, encontramos a Família Baicão e Balaio, da Cidade de S. José de Espinharas – PB, há 18 km de Patos, no Alto Sertão Paraibano. Uma família inteira devota de Frei Damião. No momento em que os encontramos, estavam Renival Paulo da Silva, Renê Paulo da Silva e Rildo Paulo da Silva. Senhores de idade entre 70 e 80 anos, cujos avós já eram conhecidos como família Baicão e eram devotos do Pe Cícero. Seus pais conheceram Frei Damião e por ele nutriam devoção.

Em 1958 em São José de espinhara foi a primeira vez que eu vi ele. E tinha muita gente esperando. Fomos buscar ele há mais de uma légua. A gente viu quando ele chegou, eu até me confessei, e ficou aquele povo tudinho, e ele chegou e a gente seguiu e fomos pra igreja. Passou três dias por lá. Era no tempo de missões, ele foi celebrar as missões. [...] a minha mãe já era devota. Ela era de 1915¹¹⁶.

A família sempre faz romaria para o Convento de São Félix, desde a morte de Frei Damião. Na ocasião, levavam filhos e netos, da quarta geração de devotos. Todos com um discurso muito alinhado, gestos e concepções coletivas que denotam uma continuidade de longas datas. Uma constatação daquilo que afirmou Halbwachs.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se tratem de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco certa quantidade de pessoas que não se confundem. (Halbwachs, 2006, p. 30)

Os romeiros de Frei Damião, em sua maioria nordestinos, de conversa fluida e ramificada em narrativas infindas e de interconexões intermináveis, inserem-se naquilo que a Psicologia narrativa percebe como uma construção e reconstrução dos episódios vividos dentro de uma trama, em geral, com começo, meio e fim. Essa perspectiva psicológica está ancorada na “longa tradição oral e escrita da humanidade que, até onde vai a memória, bem articulando sob forma de narração, de épica a trivial, as vicissitudes humanas ligadas às vicissitudes do mundo” (PAIVA, 2013, p. 340). Uma vez que a experiência religiosa percebe a sacralidade na vivência de um rito ou de uma tradição familiar, acontece um processo perceptivo, que

¹¹⁶ Entrevista concedida por Renival Paulo da Silva. Entrevista VIII. [maio 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2018. Arquivo M4A (1:04:47seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

referencia, a partir de um conjunto de informações armazenadas na memória, o que possibilita que aquela experiência isolada passe a integrar um padrão reconhecido por toda a comunidade. O rito que une o grupo em uma visão, opção e causa comuns, enquanto seus eventos e condutas, consolida, a identidade grupal. Assim a função do rito não se limita à sua prática, mas constitui algo maior: uma fonte de energia, de mobilização e de união do grupo.

Percebe-se, por exemplo, que a associação da pessoa de Frei Damiano ao Padre Cícero é constante nos romeiros. “Os romeiros de Frei Damiano também são romeiros do Padre Cícero na sua grande maioria”¹¹⁷, diz Frei Jociel Gomes. Em um contexto de família e também de grupos, a memória coletiva segue seu curso, difundindo histórias, de boca em boca, gerando efeitos de incorporação de novos elementos e supressão de outros, que é característica da memória social. Ao mesmo tempo, esses registros, que pertencem a um mesmo grupo familiar, demográfico ou social são tão próximos que acabam revelando elementos comuns e que acabam revelando características gerais de uma sociedade em determinada época. Ou seja, como afirmava Maurice Halbwachs (2006), vemos as lembranças pessoais sendo guiadas e constituídas pelos referenciais coletivos. E, segundo Jung:

O homem moderno é, na verdade, uma curiosa mistura de características adquiridas ao longo de uma evolução mental milenária. O ceticismo e a convicção científica coexistem nele, juntamente com preconceitos ultrapassados, hábitos de pensar e sentir obsoletos, erros obstinados e uma cega ignorância (JUNG, 1964, p. 96).

Suas reminiscências, suas repetições, sua participação, o que compõe sua realidade, são simbólicos, mas encontram seus fundamentos nas experiências com as pessoas e com o mundo. Desse modo, o contato com uma figura humana e mítica, ao mesmo tempo, compõe essa memória entre a para além uma comunidade e o papel do grupo familiar é determinante. Sr Rildo afirma:

E o que nos levou a seguir esse caminho, nós somos de uma família católica, minha mãe é muito católica e sempre nos mostrou o caminho do catolicismo. Lá em casa nós éramos obrigados toda noite, no final da tarde a rezar o terço. Ela reunia os filhos e aí sim todo mundo ia rezar o terço. Nos ensinou a respeitar os mais velhos, aqueles caminhos que leva a Jesus, ela nos mostrou tudo¹¹⁸.

O testemunho pessoal do Sr Rildo ultrapassa o registro da memória pessoal para ser o registro de um grupo cultural. Halbwachs (1990, p. 50) afirma que “lembranças pessoais que

¹¹⁷ Entrevista concedida por Frei Jociel Gomes. Entrevista III. [fevereiro 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Caruaru, 2018. Arquivo mp3 (17:44seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta tese

¹¹⁸ Entrevista concedida pelo Sr. Rildo Paulo da Silva VII. [mai. de 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2018. Arquivo M4A (.m4a) (1:04:47 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

parecem não pertencer a ninguém senão a nós podem bem se encontrar em meios sociais definidos e ali se conservar”.

Jeane, filha de Sr Renival, casada de segunda união, no fim da entrevista pediu para fazer uma pergunta. Porque a Igreja não permite que as pessoas de segunda união casem na Igreja? Ela, devota de Frei Damião e do Padre Cícero, a quem atribui a cura de um problema grave de intestino do filho, não concorda com a norma canônica de indissolubilidade matrimonial. Não vê problema em se casar de novo. O novo marido organiza romarias e também é de segunda união. Ambos, mesmo sem concordar com a determinação da Igreja, mantém a devoção no frade que condenava os amancebados. O que liga Jeane ao frade capuchinho é o seu poder de curar e a sua santidade. Para Jane, sua vida e suas dores pessoais estão para além da fé. Não questiona o pensamento de Frei Damião, questiona a Igreja. Nesse sentido, partindo do pensamento de Halbwachs, percebemos que as memórias individuais dessa romeira constituem-se a partir de quadros fornecidos ou impostos pelo meio social; os chamados quadros sociais de memória, a partir dos quais constrói o presente, a partir de suas lembranças, com o auxílio de seu passado, pessoal, mas também familiar.

Ela, hoje, residente em João Pessoa, partiu do Sertão para a Capital. Depois que o filho foi curado, a cada ano, entrega 100 lancheiras, com alimentos e bombons, para crianças da zona rural de S. José das Espinharas, em uma região chamada Caminho das Pedras. De muita dificuldade de acesso, a região pobre e distante é, para Jeane, o lugar para onde faz mais uma caminhada anual, visitando e doando lanche para as crianças que encontra na estrada. Mesmo desempregada, a cada ano diz receber a graça de fazer as lancheiras, assim como chama, e conseguir se deslocar até o Sertão. Depois de dois anos, fazendo essa doação, “veio a tentação de não mais levar os lanches, mas me senti muito mal. Toda vez que vou sinto tirar um peso das costas. Já tem seis anos que faço isso e, graças a Deus, meu filho continua curado” afirma.

Sr Renival verbaliza, de forma simples, a vivência da tradição familiar e dessa duração na devoção:

Eu tenho vinte e duas viagens em Pade Ciço, seguidas[...] e fui de passos duas vezes. Jú fui também para Santa Rita de Cássia, no Rio Grande do Norte, desde 2010, quando foi inaugurada, [...] lá é em 22 de maio. Pra São Severino dos Ramos [...]. Fomos duas vezes para o Canindé. E fomos pra o santo Cristo e Guarabira que fica no caminho da gente¹¹⁹.

¹¹⁹ Entrevista concedida por Renival Paulo da Silva. Entrevista VIII. [maio 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2018. Arquivo M4A (1:04:47 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

No Nordeste, as romarias e devoções entrecruzam-se. Os romeiros de Frei Damião têm devoções próximas e roteiros muito comuns. Dentre os lugares de romaria, estão o Juazeiro - CE, São Severino dos Ramos - PE, Santa Rita – RN e Guarabira -PB. O centro da principal devoção está no Juazeiro do Norte, como pólo de irradiação para todo o Nordeste. Um grande número dos romeiros cita, simultaneamente, a devoção ao Padre Cícero e ao Frei Damião. É algo tão natural que parece que a devoção ao Capuchinho é uma continuidade à do Padre Cícero. Desse modo, o Padre e o Capuchinho permanecem na memória dos romeiros como continuidade e, em muitos casos, chegam a ser percebidos como uma mesma pessoa.

Padre Cícero e Frei Damião é a mesma pessoa. Padre Cícero não morreu. Mudou-se. E quando isso tava pra acontecer ele avisou que ia se mudar e voltar com o nome do homem mais rico da região (Seu Damiãozinho). Frei Damião apareceu. Oi, Padre Cícero ia celebrar o ato de criação de uma capela na fazenda de um homem rico (Seu Gonçalves), mas morreu. Tinha fincado o torno pra construção. Por essa época Frei Damião foi pra missão e chamado na fazenda pra benzer. Procurou, procurou e perguntou: Cadê o torno que eu botei aqui? Padre Cícero já nasceu santo. Antes de se mudar disse que fossem encontrar ele celebrando no Socorro. E Frei Damião celebrava lá às 18h. Era ou não era a mesma pessoa? Frei Damião também não morreu. Se mudou e vai aparecer em outro lugar¹²⁰.

No Juazeiro, como já citamos, girar com os veículos, em torno da imagem de Frei Damião, no Convento dos Capuchinhos, faz parte dos Ritos da Liturgia Popular dos Devotos de Padre Cícero e, em todos os santuários, que se multiplicam pelo Nordeste, em honra de Frei Damião, há sempre um espaço para a imagem do Padre Cícero. D. Honorina, nascida e criada no Agreste de Pernambuco, na cidade de São Caetano, perguntada sobre a devoção a Frei Damião e ao Padre Cícero afirmou:

Ave Maria, eu amo meu Padim Ciço. Eu comecei a fazer romaria para Juazeiro com 8 anos de idade no pau de arara. E continuo até hoje. E meu Frei Damião é aqui de dentro do meu coração, tenho devoção com ele, eu tenho certeza que ele é um servo de Deus e não tem mais o que duvidar. Ele é cheio de graça, diante do senhor, porque eu participei de muitas graças que ele fez, o senhor tá entendendo. E por isso quando você falou se eu queria, eu tinha o maior prazer, porque minha santa mãe porque realmente eu me sinto amada pela minha mãe e ela era muito devota de Frei Damião e de meu Padim Ciço¹²¹.

Ao referir-se à sua santa mãe, que já era devota de Frei Damião, Dona Honorina, no alto dos seus 80 anos, encontra uma certa segurança e pertença à sua religião que herdou da

¹²⁰ Narrativa testemunhada por Lêda Cristina Correia da Silva, relatada em Dissertação de Mestrado pela UFPE, 2009.

¹²¹ Entrevista concedida por D. Honorina Saturnina Miguel Machado. Entrevista V. [maio 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Caruaru, 2018. Arquivo M4A (23:57 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

própria mãe, por quem cultivava profunda admiração e, se não tinha Frei Damião como referência, em uma religiosidade de tradição, herda essa devoção.

Esta nostalgia das origens parece ser um fator determinante na formação e evolução das mais diversas formas de religião. Nem sempre este aspecto é considerado quando se estuda a religiosidade latino-americana; no entanto [...] é fundamental para a sua compreensão (MOURA, 1978, p. 62)

Braudel já afirmou: “para nós, historiadores, uma estrutura é sem dúvida, articulação, arquitetura, porém mais ainda, uma realidade que o tempo utiliza mal e veicula mui longamente. Certas estruturas [...] tornam-se elementos estáveis de uma infinidade de gerações” (Braudel, 2007, p. 49). E o povo alimenta, sem preocupações, com questões estruturais ou dogmáticas, reinterpretando a própria vida, com suas próprias memórias e com a herança de seus antepassados, encontrando sentido para o seu dia a dia, sem perder elos que ligam às grandes linhas existenciais da história. Frei Damião torna-se como um fio nessa trama que, pela fé, compõe o tecido social do Nordeste. No discurso dos romeiros, a estrutura social que se formou ao longo do tempo e na qual Frei Damião está inserido, tornou-se elemento de construção da história do nordestino, a partir de suas memórias e do seu meio.

Sr. Antônio Valério da Silva, de 64 anos de idade, natural de Caruaru, trazendo as suas lembranças de juventude, recorda: “confessei muitas vezes com ele. E admirava muito as pregações dele. Eu era jovem, 18 anos, [...] ele com todo vigor ainda [...] nas pregações ele convencia muitas pessoas. E os seguidores dele eram pessoas simples, pessoas do campo, e da cidade também [...]”¹²². No discurso de Sr. Antônio, estão as lembranças que ficaram retidas do passado e que foram passadas de pai para filho. Muitas vezes, os próprios fiéis já sabiam o que o religioso iria falar; fazia parte daquilo que já ouviram dos seus pais e cancelaram o discurso do Frei. Essa é a tese central de Halbwachs, para quem a memória não poderia ser imaginada como um fenômeno puramente biológico, ou como uma mera reação fisiológica. “A diferenciação da memória como um fenômeno coletivo adota, portanto, a mesma fórmula tradicional que opõe a constituição do social aos planos do indivíduo e da natureza – fórmula que sustentou a especificidade da sociologia, num primeiro momento de sua formação” (RIOS, 2013, p.04). Moura afirma:

Por isso, as pessoas sentem muito mais necessidade de escutar o capuchinho santo do que a um pregador da renovação conciliar. Este, muitas vezes não sabe se dirigir ao povo, cria inseguranças, insistindo nas necessidades novas

¹²² Entrevista concedida por D. Honorina Saturnina Miguel Machado. Entrevista V. [maio 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Caruaru, 2018. Arquivo M4A (23:57seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

de mudança, de conversão, pois o que o povo tinha feito até agora, era só tradição, fé infantil, superstição (MOURA, 1978, p. 64)

Quando, no entanto, escutavam o missionário encurvado, pelas confissões diárias, o sentimento era de maior segurança. Frei Damião pregou o catecismo que o povo aprendeu com seus pais, a doutrina e as lições morais que ouviram dos avós, ensinou com a mesma autoridade dos seus antepassados. De algum modo, essas representações sociais, que emergiram da figura do padrinho Damião, fizeram-nos entender e introjetar os valores, as ideias e as práticas que orientaram na vida prática e social.

Nas entrevistas, tanto com romeiros como com clérigos, uma característica que se sobressai é a de que os entrevistados percebiam o Capuchinho como santo. A Igreja Católica tem uma concepção de santidade que, de certo modo, povoa a mentalidade ocidental. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, apresenta uma visão de santidade, a partir dos conceitos do Concílio Vaticano II:

Os seguidores de Cristo, chamados por Deus e justificados no Senhor Jesus, não por merecimento próprio, mas pela vontade e graça de Deus, são feitos, pelo Batismo da fé, verdadeiramente filhos e participantes da natureza divina e, por conseguinte, realmente santos (LG 40).

Usando uma linguagem popular, santidade foi entendida como beatice, carolice, ao longo do tempo. Santidade ficou relacionada a atitudes alienadas e com comportamentos desequilibrados e totalmente distantes do mundo real. O catecismo da Igreja Católica afirma que:

Ao canonizar certos fiéis, isto é, ao proclamar solenemente que esses fiéis praticaram heroicamente as virtudes e viveram na fidelidade à graça de Deus, a Igreja reconhece o poder do Espírito de santidade que está nela, e ampara a esperança dos fiéis, propondo-lhes os santos como modelos e intercessores. “Os santos e santas foram sempre fonte e origem de renovação nos momentos mais difíceis da história da Igreja”. “A santidade é a fonte secreta e o padrão infalível da sua atividade apostólica e do seu dinamismo missionário” (CIC, n. 828, p. 204).

A ideia de que Frei Damião foi predestinado à santidade está clara, no depoimento de Sr. Antonio Valério. Na sua perspectiva, a santidade é reservada àqueles que receberam o dom, desde o ventre materno.

O poder de Frei Damião vem de Deus, não tem outro poder do ser humano na terra a não ser do alto. Buscai as coisas do alto, a Palavra de Deus diz. Onde Jesus está sentado á direita do Pai. E as atitudes de um homem na terra, um homem de Deus, ele não pode atribui santidade através do regime desse mundo. Tem que vir do alto, porque é lá que Deus dá poder [...]. Há pessoas escolhidas desde o ventre materno, e o desenvolvimento de uma pessoa vem depois de um certo conhecimento. E eu creio que Frei Damião já tinha essas atitudes dentro dele como criança, no nascer dele, na geração no ventre da mãe

dele e desenvolveu pela idade, se entregou a essas profecias, esses conhecimentos, e aí vai decorrer do tempo. Talvez tenha passado uma juventude e o tempo de criança, até com manias de religiosos, e já tinha identificação como santo [...]. Eu creio que Frei Damião é santo desde o nascimento¹²³.

Évio Mauro, um ex-jogador de futebol do time ICASA, de Juazeiro do Norte, devoto de Frei Damião, faz romarias mensais ao Santuário, que está sendo construído em Caruaru, e ao túmulo do Frei, em Recife. Em momentos fortes, chega a fazer romaria, a pé, de Caruaru a São Joaquim do Monte, distante cerca de 60 quilômetros. Perguntado sobre a sua devoção a Frei Damião, afirma:

Eu falo dos santos capuchinhos [...] mas eu não vivi na era deles, todos são santos, todos tem sua importância. Mas Frei Damião, eu tive o prazer e o privilégio de viver na era de Frei Damião. Eu só não, muita gente do Nordeste do Brasil. Nós vivemos ao lado de um santo, eu tive o prazer de dizer, eu conheci um santo, eu vi, eu toquei, eu ouvi. Então a diferença de Frei Damião para os outros santos tem suas importâncias. Eu não tive o prazer de chegar a São Francisco, de São Félix, santo Antonio, São José, tantos santos, todos são bons. Se é santo é por que é uma boa pessoa. Mas frei Damião nós tivemos o prazer e a felicidade de viver na era frei Damião¹²⁴.

Para o romeiro, não importa se Frei Damião ou outros santos foram canonizados pela Igreja. Interessa que conheceu um santo, aos moldes dos canonizados, e que traz na memória imediata o que viveu ao seu lado. Associando Frei Damião aos santos da Ordem Capuchinha, o romeiro legitima a autoridade do Frei, segundo a tradição eclesial. Sua memória rasa, de curta duração, prevalece na anamnese imediata da entrevista e, ao mesmo tempo, ancora-se na longa duração santorial cristã.

A última internação, a morte, o funeral e o processo de canonização

Os últimos anos de vida de Frei Damião foram de uma intensidade midiática e popular singular. Quanto mais envelhecia, adoecia e aproximava-se da sua morte, os holofotes da mídia voltavam-se para o Convento de São Félix e para o Hospital Português, no Recife. Frei Damião estava fazendo o caminho de retorno do que havia feito, nos anos trinta, rumo aos Sertões do Nordeste. De 1990 em diante a sua rotina foi sendo limitada, por conta da sua saúde,

¹²³ Entrevista concedida por Antônio Valério da Silva. Entrevista VI. [maio 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Caruaru, 2018. Arquivo M4A (12:37 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

¹²⁴ Entrevista concedida por Évio Mauro Lima. Entrevista IV. [fevereiro 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. São Joaquim do Monte, 2018. Arquivo M4A (30:13 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

cada dia mais frágil. O processo de adoecimento foi acompanhado, de perto, pelos capuchinhos do Nordeste, pelos fiéis que o acompanharam por toda a vida, pelos detentores do poder político e econômico e pela mídia.

É bem verdade que o velório e o sepultamento foram o desfecho de dias tumultuados para os fiéis de Frei Damião, para a rotina do Hospital Português, para os frades capuchinhos e um prato cheio para a imprensa propagar o definhamento e a morte de um capuchinho, mitificado e tido como santo, aos olhos do povo mais sofrido, que vive do sertão ao litoral nordestino.

Nos vários prismas, pelos quais se podem olhar a doença, a morte, o funeral e o processo de beatificação, as interpretações podem ser as mais variadas, desde o ponto de vista da Ordem Capuchinha, que tinha, na figura de Frei Damião, seu irmão mais ilustre em terras brasileiras; da parte dos fiéis romeiros, com suas representações e percepções do religioso como santo; dos interesses políticos e econômicos, que do religioso capitalizavam seus lucros econômicos e políticos; da mídia, que espetacularizava cada internação e cada alta, em busca de pontos no IBOPE.

4.3.1. Representações do adoecimento de Frei Damião

O processo de adoecimento de Frei Damião não tem uma data precisa. É sabido, por todos os que com ele conviveram que, desde a chegada da Itália, já sofria com erisipela, que trazia sérios traumas da guerra, que tinha uma saúde frágil. Ao longo dos anos de desconforto dos lugares por onde caminhava, das estradas precárias que percorria, das noites mal dormidas, da alimentação desregrada e austera, da ausência de um acompanhamento regular e preventivo, por parte de uma profissional de saúde, das intermináveis horas sentado em uma posição quase fetal, a ouvir confissões, e em uma vida de imposições corporais rigorosas, em algum momento, haveria de cobrar, com juros, todo o castigo para com o corpo cansado, depois de 60 anos de missões pelo Nordeste.

Após 1990, todo o quadro de saúde de Frei Damião havia se agravado, e o ano de 1997 iniciava-se com uma piora na respiração do Frei, pela compressão de sua cabeça, praticamente colada ao tórax, que complicava a mecânica respiratória. Com a compressão, “o calibre da traqueia diminuía acentuadamente e, em determinadas posições, esta via aérea praticamente fechava, provocando desconforto respiratório” (TORRES, 2004, p. 161).

Primeiramente, levado para o Hospital São Paulo, mantido pela Escola Paulista de Medicina, teve a interferência do então Presidente da República, Fernando Collor de Mello, que deixou, à disposição da equipe médica, uma UTI aérea, para a locomoção do Frei.

Sua presença na cidade que melhor representava o centro da vida política e econômica do país, e que construía seu poderio econômico graças ao trabalho dos migrantes nordestinos, foi uma verdadeira iguaria para a imprensa e as especulações políticas (SOUSA NETO, 2011, p. 88).

Mesmo diante desses interesses, que rodeavam sua estadia em São Paulo e, depois, em Brasília, no cotidiano hospitalar, um outro sentido tomava a sua chegada aos hospitais, onde o cotidiano hospitalar mudava. Sobre sua passagem pelo Sara Kubitschek, em Brasília, afirmou Dr Blancard Torres:

O frade capuchinho também fez grande sucesso no hospital, causando verdadeiro reboleço naquela estrutura superorganizada. Médicos, enfermeiras, funcionários, todos queriam vê-lo. A portaria central já não suportava a pressão das pessoas que queriam a todo custo aumentar o número de visitas diárias aos seus parentes internados para aproveitar e dar uma olhada no frade. Como não conseguiram controlar as pessoas, muitas do próprio Nordeste, resolveram, a pedido do próprio hospital, rezar uma missa dentro da instituição, quebrando assim um protocolo rigoroso de austeridade. Parte dessa missa foi filmada para ser exibida no Jornal Nacional, no intuito de mostrar aos nordestinos que o padre estava passando bem e perto de voltar à região que tanto amava (TORRES, 2004, p. 167).

Todas as tentativas de resolução do problema, desde o acompanhamento por profissionais do Hospital Sara Kubitschek, em Brasília, passando pelas intervenções, por parte do seu médico particular, Dr Blancard Torres, e toda a infraestrutura, preparada no Convento de São Félix, foram acompanhadas pelos seus fiéis, junto ao Frei ou por meio da mídia.

Frei Francisco Souza Neto, pesquisando sobre o poder de comunicação de Frei Damião e, ao mesmo tempo, como era objeto da curiosidade da imprensa, por ter se tornado um mito e um símbolo para o povo, sustenta que a imprensa fez a grande narrativa da sua longa agonia e que a entrada do então Presidente da República, Fernando Collor de Melo, gerou uma verdadeira invasão de privacidade na convalescência do frade (SOUSA NETO, 2011, p. 87). O próprio médico particular do frei escreveu:

A imprensa aumentava o assédio, solicitando notícias a cada minuto e fazendo pressão para filmar o paciente, afirmando ser necessária esta aparição para tranquilizar os devotos de Frei Damião. A maior rede de televisão do país, depois de muita insistência [...], em um furo de reportagem, mostrava à noite, no horário nobre, frei Damião e solicitava que ele mandasse uma mensagem aos seus fiéis. O frei fez um esforço extremo para mostrar-se bem e, como sempre, abençoou o povo nordestino [...] e quando menos se esperava chegavam repórteres invadindo a UTI (TORRES, 2011, p. 21).

Internado, na madrugada do dia 07 de maio de 1997, no Hospital Português, por conta da falta de ar, Frei Damião teve seu quadro agravado no dia 13 de maio, quando já não respondia aos comandos e reagia pouco aos estímulos mais leves o que, segundo Torres (20014, p.173), seria indicativo de um acidente vascular cerebral. Seu estado evoluiu, em 48 horas, para um coma de grau II, intubação, ventilação traqueal, que viria a evoluir para a sua morte cerebral, decretada no dia 28 de maio, contudo, a falência geral e a decretação da morte só viriam no dia 31 de maio.

As datas de seu adoecimento são bastante significativas para o mundo católico. O mês de maio é o mês dedicado a Maria¹²⁵. Dentre os elementos do Catolicismo Tridentino, ao qual Frei Damião era fiel, a devoção a Maria, no mês de maio, é um dos pilares de fortalecimento da fé. Suas primeiras pregações, no Brasil, deram-se no mês de maio. O dia 13 de maio, dia em que teve o AVC, é o dia da aparição de Nossa Senhora de Fátima aos pastorinhos e, após o desfecho de sua saga, no dia de seu óbito, anunciado, oficialmente, pelo seu médico particular, era 31 de maio, um sábado, logo após o Ângelus. Pela tradição da Igreja, no primeiro Sábado Santo, em que Maria viveu sem ter Jesus vivo, foi considerado o sábado da solidão, do deserto, da morte e do luto. Foi o dia em que Maria chorou e sofreu pela ausência de seu Filho. Foi no sábado que precedeu a ressurreição de Jesus que a Maria viveu o mistério da dor, profetizado por Simeão, em Lucas 2,35: “E uma espada transpassará a tua alma.” Ela, todavia, manteve-se firme na fé, com esperança inabalável, aguardando a ressurreição de Jesus. No sábado, após a morte de Jesus na cruz, Maria, sozinha, era a Igreja; por isso guarda-se a sua memória no sábado. O 31 de maio de 1997 foi, exatamente, em um sábado, dia de Nossa Senhora para a tradição católica. Esses elementos, para os religiosos capuchinhos e para o clero que acompanhavam, seriam sinais evidentes de que se tratava de uma intervenção divina. Também para o povo fiel, que permanecia diuturnamente na frente do Hospital Português, os filhos amados de Nossa Senhora são chamados para o céu no sábado, então Nossa Senhora tinha vindo buscar seu filho tão amado.

¹²⁵ A tradição surgiu na antiga Grécia. O mês de maio era dedicado a Artemisa, deusa da fecundidade. Algo semelhante ocorreu na antiga Roma, pois Maio era dedicado a Flora, deusa da vegetação. Naquela época, celebravam os *ludi florals* (jogos florais) no fim do mês de abril e pediram sua intercessão. Na época medieval abundaram costumes similares, tudo centrado na chegada do bom clima e o afastamento do inverno. O dia 1º de maio era considerado como o apogeu da primavera. Durante este período, antes do século XII, entrou em vigor a tradição de *Tricesimum* ou A devoção de trinta dias à Maria. Estas celebrações aconteciam do dia 15 de agosto a 14 de setembro e ainda são comemoradas em alguns lugares. A ideia de um mês dedicado especificamente a Maria remonta aos tempos barrocos – século XVII. Apesar de nem sempre ter sido celebrado em maio, o mês de Maria incluía trinta exercícios espirituais diários em homenagem à Mãe de Deus. Foi nesta época que o mês de maio e de Maria combinaram, fazendo com que esta celebração conte com devoções especiais organizadas cada dia durante todo o mês. Este costume durou sobretudo durante o século XIX e é praticado até hoje (AQUINO, 1995).

Os dias de internamento do religioso, no Hospital Português, foram acompanhados de um grande número de fiéis, no pátio do hospital. Pessoas, de lugares próximos e distantes, não se contentavam em fazer as suas orações em casa. Deslocavam-se de distâncias consideráveis, para juntar-se ao grande número de pessoas a rezarem o terço, o ofício de Nossa Senhora, com louvores, cânticos e músicas. Em todos os dias de internamento, a imprensa local registrou, diariamente, a presença dos fiéis.

Centenas de romeiros se juntavam aos que já estavam em frente à unidade cardiológica, todos rezando pela vida do padim Damião. Muitos dormiam ao relento, por falta de dinheiro de para pagar hospedagem e até para comprar comida, mas prometiam não sair do local enquanto ele não melhorasse [...] rezando e entoando cânticos, os romeiros pediam, queriam acreditar em mais um milagre (OLIVEIRA, 1997, p. 123).

O que trazia tanta gente ao hospital? Por que essa comoção? Certamente, as memórias mais íntimas do povo, na sua sensibilidade familiar, que tinha Frei Damião como um parente, alguém de sua intimidade. Dizia a romeira, Maria Lima, do Juazeiro do Norte: “Perder meu padim é como perder um pai; se ele morrer vou ficar sozinha no mundo” (OLIVEIRA, 1997, p.124). E, como o nordestino é amoroso com os que quer bem, na sua sensibilidade é capaz de percorrer quilômetros, para fazer uma visita ou acompanhar um doente. Quanto mais o padrinho, esse merece qualquer sacrifício para ficar junto na hora da sua grande dor e da sua partida. Gildson Oliveira relata que o agricultor Luis Barbosa, da cidade de Serrita, em Pernambuco, percorreu por volta de 535 km, para ir até o Hospital Português. De joelhos e chorando dizia:

Ele me curou de um câncer de próstata e me fez alcançar muitas graças. do mesmo modo a romeira Ana Lima dos Santos, de 57 anos insistia: Vou ficar aqui até a sua situação se decidir. Dona Ana alegava ter seguido o missionário por trinta anos. Assegurando ficar em jejum até o fim, a dona de casa Julieta Santos, 72, acabou se sentindo mal e precisou ser atendida por médicos do hospital. Entre os mais fervorosos, maria de Lourdes Torres, 63, residente em São Paulo, informava: Logo que soube da notícia do padim, peguei um ônibus e vim. Ele é um santo, me curou de um câncer na garganta (OLIVEIRA, 1997, p. 123).

Enquanto Frei Damião despedia-se da vida, na UTI do Realcor¹²⁶, levadas de romeiros chegavam de diversas localidades e aglomeravam-se diante do Convento de São Félix, no Pina, e do Hospital Português, na região central do Recife.

Enquanto isso, o dileto filho de São Francisco viveu seus últimos momentos, fazendo seu último retiro, longe e, ao mesmo tempo, tão próximo dos romeiros. Como Francisco

¹²⁶ Unidade coronária do Real Hospital Português de Beneficência de Pernambuco.

de Assis, viveu seus últimos instantes à imitação de Cristo. Como Francisco que recebeu a visita e a assistência no fim da vida, em Riete¹²⁷, pelo médico do Papa, naquele momento, Damião estava assistido, no grande centro médico da capital. Uma Irmã da Caridade, conhecida como Irmã Xuxa, cuidou do Frei Damião, como Clara cuidou de Francisco de Assis. O trânsito aproxima-se na singeleza de um quarto, rodeado de seus irmãos, como Francisco rodeado dos companheiros em Sta. Maria dos Anjos.

A mídia interpreta ao seu modo. O Jornal do Commercio do Recife traz a manchete: Povo quer fim do sofrimento de Frei Damião, com o subtítulo: Presidente do Conselho Regional de Medicina afirma que o desligamento de aparelhos não constitui eutanásia. A reportagem diz:

Enquete feita com dezenas de pessoas, entre sociólogos, psicólogos, filósofos, advogados, médicos, religiosos e populares mostra que a maioria concorda que o sofrimento do frei Damião, com morte cerebral comprovada, deve ser abreviado. [...] os batimentos cardíacos do frade estão diminuindo e a insuficiência renal agravou-se segundo o médico Blancard Torres” (JC, 30 de maio, 1997).

O Próprio Jornal do Commercio traz, na edição do dia 28 de maio:

Enquanto o frei Damião de Bozzano luta para se manter vivo, um verdadeiro “comércio de fé” é explorado em diversos pontos do Recife. Fitas, fotos, orações, terços, medalhas, camisas, broches e outras “lembrancinhas” eram insistentemente oferecidas pelos vendedores aos devotos do capuchinho na Basílica da Penha, Igreja de Nossa Senhora do Carmo e na entrada do hospital português onde está internado. A decretação oficial da morte do frade era esperada com ansiedade pelos vendedores. (JC, 30 de maio/1997)

Jornais de todo o país, rádios, revistas, embarcaram no noticiário do adoecimento do religioso e, dentre o noticiário da morte iminente, questões, como o comércio da fé e os preparativos do velório começam a ser veiculados.

Nas inter-relações das mensagens midiáticas, os agentes sociais, são sujeitos atuantes nas organizações locais, atuam quase sempre como animadores culturais e lúdicos. Ocupam espaços organizacionais, operam nos procedimentos de apropriação dos conteúdos veiculados pela mídia interagindo como mediador na produção e emissão dos significados e sentidos para o contexto cultural local (TRIGUEIRO, 2006, p. 03).

Segundo Trigueiro, as notícias começam a correr e boca em boca, no meio das classes mais carentes, chegam aos sertões, são repassadas e discutidas. Torna-se o assunto do momento e é interpretado à luz da reverência e da sacralidade que a pessoa do Capuchinho representa para o povo mais simples.

Das conversas de boca de noite, nas pequenas cidades interioranas, na farmácia ou na barbearia; da troca de impressão provocada pelas notícias

¹²⁷ Comuna da região do Lácio, na Itália.

trazidas pelo chofer de caminhão, pelo representante comercial ou pelo “bicheiro”, ou, ainda, pelos versos do poeta distante, impressos no folheto que se compra na feira, pelos “martelos” do cantador ambulante; pelos inflamados artigos do jornalista matuto ou pelas severas admoestações dos missionários; do raciocínio do homem solitário no seu trabalho na floresta, na caatinga ou na coxilha – é que surgem, vão tomando forma, cristalizando-se as idéias-motrizas, capazes de, em dado instante e sob certo estímulo levar aquela massa aparentemente dissociada e apática a uma ação uniforme e eficaz (BELTRÃO, 1971, p. 14).

Beltrão chama de folkcomunicação a essa maneira de comunicação que mistura o fato gerado pela mídia e os interesses mais diversos, como políticos e econômicos, mas que passam, impreterivelmente, pelo povo, com toda sua maneira folclórica de enxergar o mundo, como agentes sociais locais, produtores da cultura popular. Por mais que a mídia apresente manchetes para o entendimento das elites intelectuais, o povo faz a sua anamnese do que foi vivido com o santo que está prestes a morrer.

Enquanto o frei Damião de Bozzano luta para se manter vivo, um verdadeiro “comércio de fé” é explorado em diversos pontos do Recife. Fitas, fotos, orações, terços, medalhas, camisas, broches e outras “lembrancinhas” eram insistentemente oferecidas pelos vendedores aos devotos do capuchinho na Basílica da Penha, Igreja de Nossa Senhora do Carmo e na entrada do hospital português onde está internado. A decretação oficial da morte do frade era esperada com ansiedade pelos vendedores (JC, 30 de maio/1997).

Interessa ao romeiro que o seu padrinho é santo, que esse padrinho o acompanhou, durante toda a vida, visitou suas terras, pisou no seu chão, conheceu a sua realidade, curou suas feridas. Para Hoornaert, o Capuchinho pergunta: o que aconteceu mesmo entre o povo católico e Frei Damião, para essa comoção tão grande, por um velho de 98 anos, que está prestes a morrer? E responde dizendo:

Estamos diante de uma terceira figura, nem igreja nem seita. Figura que escapa as tipologias de Max Weber e às análises eclesiais em geral, mas que está de certa forma delineada nas obras de Rudolf Otto (das Heilige – O Sagrado) e Ernest Troeltsch (A Mística), se é que procuramos modelos teóricos. Uma figura que empolga o entusiasmado povo e dá dor de cabeça aos teólogos eclesiocêntricos. Figura invisível aos que permanecem nas sombras do enorme edifício eclesial, mas translúcida para quem enxerga a imensidão das estrelas fora do alcance de um foco de luz elétrica (HORNART, 1997, p. 674).

O seu trabalho missionário venceu o tempo, chegou até aquele hospital, o povo queria lhe fazer justiça, trazendo à tona as memórias guardadas no subconsciente. Por isso os repórteres tinham, diante de si, entrevistados sedentos de contar as suas histórias e memórias do missionário santo. Para o povo, havia, naqueles fatos, uma aura de mistério. Sem se dar conta, o mesmo Catolicismo Sertanejo, nas figuras de Frei Damião e do povo, diante de toda a exposição pública da doença e da devoção, solidificou a imagem do Santo do Povo.

O último sermão de Frei Damião seria escrito com as letras dos modernos meios de comunicação e suas mensagens passariam a ser interpretadas como eco de sua vida, mas também colorido de acordo com o gosto das circunstâncias e do momento religioso e político vivido pelo Brasil de então. Perto da morte, Frei Damião estava mais vivo do que nunca. Não bastavam as estátuas e os romeiros cantando benditos, para mostrar sua vitalidade; através das ondas invisíveis e de telas atraentes, ou nas capas de revistas e capas de jornais, o velho monge, da altura de quase um século de vida, mostrava a impressionante e eficiente comunicabilidade de sua presença. Nos olhos lacrimejantes e nos corações já cheios de saudade de romeiros, pululava Frei Damião, missionário do sertão, mostrado *urbi et orbi* - à cidade e ao mundo (SOUSA NETO, 2011, p. 76).

Foi dessa forma, sereno e silencioso, recluso como um monge, sem alarido, que Frei Damião caminhou, para a conclusão da sua peregrinação na terra. Enxergado e interpretado pelos poderosos, pela hierarquia da Igreja, pela mídia, mas, especialmente, interpretado pelo povo, na sua simplicidade de ser e de crer, como um pai que partiu, deixando seus filhos órfãos.

Se aportarmos a nossa reflexão em Jung, perceberemos que o Capuchinho tinha consciência de que o seu fim-plenitude¹²⁸ estava chegando:

Do meio da vida em diante, só aquele que se dispõe a morrer conserva a vitalidade, porque na hora secreta do meio-dia da vida inverte-se a parábola e nasce a morte. A segunda metade da vida não significa subida, expansão, crescimento, exuberância, mas morte, porque o seu alvo é o seu término. A recusa em aceitar a plenitude da vida equivale a não aceitar o seu fim. Tanto uma coisa como a outra significam não querer viver. E não querer viver é sinônimo de não querer morrer. A ascensão e o declínio formam uma só curva. (JUNG, 2000, p. 359).

Em uma das conversas, com Dr Blancard, achou que estava chegando o tempo de sua partida. “Não adianta mais a bondade da medicina para me ajudar, estou velho, vivi muito e preciso partir [...] Agora só estou esperando a vontade do Pai, não desperdice esforço, de nada adiantará” (TORRES, 2004, p. 169).

4.3.2. Representações da morte de Frei Damião

Se, para o romeiro, a morte de Frei Damião estava envolta no mistério da sua devoção e da sua fé, no quarto do hospital, um corpo técnico de medicina agia a partir das categorias científicas para o desfecho dos dias de internamento do Frei. Dr Blancard Torres relata:

¹²⁸ Expressão usada por Leonardo Boff, no livro *Vida para além da morte*, para definir a morte não como caos, mas como plenificação do ser humano em Deus (BOFF, 2012, p. 41-54).

Segui os planos estabelecidos e passei o dia ao lado de meu paciente, sem modificar o seu esquema terapêutico. Os sinais de falência cardíaca tinham começado a surgir no início da tarde. Os batimentos cardíacos desciam para 40 a 50 por minuto, enquanto que o basal do frei era de 80 a 90 por minuto. A sua pressão arterial, em virtude da bradicardia — diminuição dos batimentos cardíacos —, tinha baixado para 60 por 40 mmHg, quando antes, com o uso de mesma medicação que tem a função de aumentar a pressão, mantinha-se em patamares de 110 por 70 mmHg. Avisei a todos que o momento se aproximava, e vi os olhos daqueles religiosos se encherem de lágrimas, assim como os meus (TORRES, 2004, p. 186).

Às 19h20, do dia 31 de maio de 1997, quando Dr. Blancard Torres comunicou a morte de Frei Damião aos religiosos presentes, em um clima de fé e de entrega, espontaneamente as orações foram entoadas, ao redor do corpo do religioso. Terços, medalhas, escapulários, gases de curativos foram colocados sobre o seu corpo, em um ritual de devoção que ultrapassou as hierarquias e graus do Sacramento da Ordem e as Lógicas Teológicas. Bispos, padres, frades embarcavam no universo dos romeiros, em uma liturgia íntima e sincera. O médico, acostumado à realidade da morte de pacientes, no universo hospitalar, pode registrar aquele momento:

O quarto ficou repleto de cânticos religiosos entoados pelos capuchinhos, num adeus ao seu representante maior. [...] Todos rezaram e deram as mãos, e eu me mantive junto, participando efetivamente dessas homenagens singelas e sinceras de despedida ao frei Damião. Não conseguia segurar as lágrimas, que insistiam em sair de meus olhos, embora naquele momento ainda fosse o seu médico e precisasse manter o controle, inclusive para atestar o óbito que se aproximava. Muita emoção e amor transbordavam do quarto de meu paciente. Eu nunca havia presenciado uma morte com rituais tão belos. Uma despedida com sabor de até breve. A certeza de nosso reencontro após a morte, na ressurreição com Cristo, animava e aliviava os sofrimentos daqueles momentos tão angustiantes. Uma espécie de bálsamo era derramado quando palavras saíam das bocas dos irmãos que puxavam e entoavam hinos religiosos e mensagens bíblicas (TORRES, 2004, p. 186).

No pátio do hospital, os fiéis entoavam cânticos, pediam pela saúde do Frei. No interior do quarto, a preparação do corpo e a estratégia para a retirada, distante dos holofotes da imprensa e dos olhos dos romeiros. Enquanto um carro de funerária, descaracterizado, retirava o corpo por um acesso ermo e escuro, o médico comunicou, oficialmente, a morte do missionário santo do Nordeste. Comoção geral, lágrimas do povo e a imprensa nacional informando, em horário nobre, a morte do religioso.

A jornalista Ana Paula Padrão anuncia, em edição extraordinária, na Rede Globo de Televisão:

Médicos do Recife anunciam a morte de Frei Damião. Este peregrino capuchinho chegou ao Brasil em 1925, viajou todo o Nordeste pregando o Evangelho e se transformou em um dos maiores símbolos da fé dos brasileiros.

Os Capuchinhos de Pernambuco vão defender a canonização de Frei Damião¹²⁹.

Imediatamente, o repórter Hélder Duarte, da frente do hospital, apresentou os detalhes da morte e anunciou os trâmites do velório e do sepultamento. Ao fundo, a multidão dos fiéis era exibida, entoando cânticos, com objetos de devoção nas mãos, terços, fotos, imagens. Iniciou-se, ali, um rito que duraria 04 dias e que marcaria, definitivamente, a Religiosidade Católica Nordestina. “E, insensivelmente, a televisão que se pretende um instrumento de registro torna-se um instrumento de criação da realidade. Caminha-se cada vez mais rumo a universos em que o mundo social é descrito-prescrito pela televisão” (BORDIEU, 1997, p. 29).

Eduardo Hornaert, diante de toda a repercussão e da explicitação mais genuína da fé do povo católico do Nordeste, contemplando aquela parcela de um povo tão múltiplo e tão representativo da religiosidade popular, afirmou:

O dia 04 de junho de 1997 ficará nos anais da cidade do Recife como o dia do enterro de Frei Damião [...]. Caminhando pelas ruas do Recife para acompanhar o sepultamento do frei capuchinho, o povo nordestino escreveu naquele dia seu próprio discurso (HOORNAERT, 1997, p. 673).

Essa descrição, certamente, torna-se bastante ilustrativa, reflexiva e lúcida para o momento da morte e do funeral de Frei Damião, na Basílica da Penha. O bairro de São José, onde se encontra a Basílica, é o maior e mais agitado Centro Comercial Popular da região metropolitana do Recife, com suas ruas estreitas, casario antigo e uma multidão que se espreme, diariamente, entre camelôs e lojas, que se espalham pelo entorno da suntuosa Basílica e do famoso Mercado de São José. A Basílica, em cujo convento anexo Frei Damião dormiu os primeiros meses de sua longa jornada no Brasil, agora acolhe o seu corpo para um velório que, de forma espetacular, entrou para a história do Recife e do Nordeste. “Quero morrer no Brasil. Se meus superiores deixarem e o governo permitir, quero ser sepultado no Recife, para onde vim em 1931”, assim atesta Oliveira (1997, p.139), segundo o qual o apelo teria sido feito pelo próprio Frei Damião, na tarde do dia 16 de agosto de 1994, no Convento de São Félix.

A devoção do povo e as intenções eclesiásticas, políticas e econômicas confluíram para o centro do Recife. Do dia 01 ao dia 04 de junho, a estimativa é de que por volta das 100 mil pessoas passariam, a cada dia, junto à urna, onde estava o corpo de Frei Damião. O tempo de sua internação possibilitou a organização de uma superestrutura para o seu funeral. Os detalhes da segurança, infraestrutura para ordenamento do acesso à Basílica, a acolhida aos

¹²⁹ Morte de Frei Damião. Jornal Nacional, Rede Globo, 31 de maio de 1997.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zTHYBNsbdZw>>. Acesso em: 22 de jan. 2019.

romeiros, a assistência médica, a acolhida aos religiosos de todas as partes do Nordeste, e às autoridades, a organização dos arredores da Basílica, os detalhes das várias missas, ao longo dos dias, a Missa Solene, no Estádio José do Rego Maciel, conhecido como Arruda, o traslado do corpo, de helicóptero até o Convento de São Félix, a compra da urna funerária, e os mínimos detalhes foram pensados por uma comissão de frades, juntamente com representantes do Governo do Estado, da Prefeitura e de órgãos públicos.

Para os capuchinhos e para os poderes públicos, havia uma outra realidade a ser vivida, um grande evento, de dimensões superlativas e que demandaria muita organização e estratégias administrativas e pastorais. Naquele momento, desvelava-se um outro Frei Damião, figura pública, nome de grande importância e credencial para o acesso aos órgãos públicos, por parte dos frades da Penha.

Na história recente do Brasil, somente outros quatro eventos podem ser comparados aos funerais de Frei Damião, no que concerne à ampla cobertura televisiva: periodicamente, a Copa do Mundo, quando praticamente em todo o país a tevê não fala de outro assunto; as visitas do Papa [...], a morte e os funerais do presidente Tancredo Neves e igualmente a trágica morte e os funerais de Ayrton Senna [...]. Frei Damião tinha em comum com eles, o especial carisma que atraía as multidões e conseqüentemente chamava a atenção dos meios de comunicação como interesse de informação e, especialmente, garantia de audiência televisiva (SOUSA NETO, 2011, p. 98).

Essa seria a última missão de Frei Damião, quando ele falaria para o Brasil inteiro, pelos meios de comunicação, através do testemunho de cada romeiro. Segundo Sousa Neto, houve uma massiva cobertura da mídia, com ampla cobertura da Rádio Vaticano, da BBC, das TV e rádio RAI, que transmitiram, ao vivo, para a região da Toscana, terra de Frei Damião e das principais redes de TV e rádios do Brasil. Desse modo, fiéis que não puderam estar presentes, aproximaram-se do corpo do Frei, pelos meios de comunicação, e sentiram-se protagonistas do último momento com o religioso. De acordo com Dayan:

A televisão não somente atribui função aos protagonistas principais e aos espectadores, mas contemporaneamente comenta e acrescenta ao evento. Quanto mais o espectador está distante do evento – fisicamente ou psicologicamente – mais a televisão ajuda a levar para casa o significado, tornando-o interessante e relevante (DAYAN, 1003, p. 42).

A mídia com o seu poder de transformar a sociedade, define os códigos de eventos e leituras para a sociedade. Para a mídia, não importa se os fatos tratados venham da política, do mundo social, da religião, ou da morte de um ator social; a mídia transforma tudo em uma imagem dotada de poder real. E o povo, respondendo a essa verdadeira enxurrada de notícias, faz uma pausa na vida cotidiana, nos afazeres, nos compromissos, para viver um outro tempo, em outro lugar, no lugar onde, simbolicamente pulsa a sua fé, o seu sentido de vida religiosa.

Para o homem religioso [...] a duração temporal profana pode ser “parada” periodicamente pela inserção, por meio dos ritos, de um tempo sagrado, não histórico (no sentido que não pertence ao presente histórico). Tal como uma igreja constitui uma rotura de nível no espaço profano de uma cidade moderna, o serviço religioso que se realiza no seu interior marca uma rotura na duração temporal profana: já não é o tempo histórico atual que é presente – o tempo que é vivido, por exemplo, nas ruas vizinhas -, mas o tempo em que se desenrolou a existência histórica de Jesus Cristo, o tempo santificado por sua pregação, por sua paixão, por sua morte e ressurreição (ELIADE, 1992, p. 39).

Há uma quebra, na linha cronológica doromeiro; a mídia consegue deslocar o indivíduo para o centro de onde se espetaculariza a fé. Para Rosendahl (1996, p.30), “o espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência”. Ali se movimentaram os valores da vida religiosa, tais como a tradição, a cultura, que se travestiram em valores econômicos e comerciais. Também as relações políticas e ideológicas caminharam junto com a multidão, nas longas filas, em direção ao Padrinho.

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. [...] Há, portanto, um espaço sagrado e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mas ainda: para o homem religioso essa não homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado – único e real, que existe realmente – e todo o resto, a extensão informe, que o cerca (ELIADE, 1992, p. 17).

Ao mesmo tempo, diante daquela profusão de imagens televisivas, uma outra estrutura foi montada, no entorno da Basílica. As barracas e os camelôs com terços, imagens, fitas, cordéis, flores, velas, água, comidas e uma infinidade de produtos, para atender, comercialmente, a multidão. Inseridos no mundo moderno, osromeiros de uma religiosidade tridentina, renderam-se ao comércio capitalista da fé, cujos significado e prática compõem o mercado da religiosidade, onde mercado e fé, convivem em harmonia. A Igreja, de sua parte, ofertando a demanda religiosa, e a sociedade, em um sistema de capital, participando de toda essa teia de significados. Assim o que se ofertava, por parte da Igreja, ofertava-se a partir da sua autoridade e importância da sua mesma autoridade como mantenedora de sentidos para a sociedade. Da mesma forma a aliança entre a Igreja e o Estado, mesmo que os interesses religiosos e governamentais destoassem, em seu caráter ideológico, amparavam-se, em um campo político de interesses comuns, já que dependiam do povo fiel, para a execução do que planejam e para a sobrevivência da memória do santo.

4.3.3. A força do catolicismo popular e a midiatização da morte do santo.

Se os poderes eclesiais e governamentais agiam como protagonistas na mídia local, nacional e internacional, o terceiro e principal ator, naquele espetáculo midiático, foi o próprio romeiro que escrevia a história, com seus gestos, ao aproximar-se do corpo do santo. Essa devoção de culto aos mortos, no Cristianismo, vem desde o tempo dos apóstolos e dos mártires, tidos como exemplares no seguimento a Cristo. No caso dos mártires, a própria morte, em nome da fé, já fazia do indivíduo alguém que, com coragem, sustentou a fé até o fim, por isso já estava elevado à condição de santo.

[...] o exemplo dos inúmeros mártires contribuiu para fortalecer a coesão das comunidades cristãs e para a aceitação da nova doutrina pelas camadas populares, uma vez que podiam implorar graças para todos os seus pecados pois aqueles haviam lavado os seus com seu próprio sangue. Além disso, a condição de santos, permitia a eles, por sua exemplar imitação de Cristo, desenvolverem seus poderes taumatúrgicos, operando os mais variados milagres, mas, de forma mais acentuada, as curas sobrenaturais (DOUILLET, 1960, p. 23)

Para Kenneth WOODWARD (1992), na Igreja do Oriente, onde não havia o martírio, surgiu uma dificuldade para determinar a santidade dos fiéis. Para esses, a fama de boa reputação e os milagres eram determinantes, para serem cultuados pela Igreja. Faltava-lhes, porém, o lugar da Veneração aos Mártires, por isso a Igreja Oriental passou a trasladar corpos, a remover relíquias dos túmulos, geralmente acompanhados pelo desmembramento e repartição dessas relíquias para as Igrejas do mundo todo. Nesse período, era senso comum o poder mágico e miraculoso das relíquias. Dessa forma:

Era inevitável que esse tráfico de relíquias encorajasse abusos. Muitas eram vendidas e as falsificações se tornaram frequentes. Até monges foram acusados do desvio de relíquias dos mosteiros uns dos outros, já que quanto melhores as relíquias de um mosteiro, tanto maior a sua fama. No século XII, esse comércio chegou ao auge com os saques promovidos pelos cruzados em Constantinopla, Antioquia e Jerusalém, Edessa, entre outros, levando, além de outros objetos de valor, as relíquias mais veneradas (WOODWARD, 1992, p. 62).

O protestante João Calvino, criticando a autenticidade e a veneração às relíquias, referindo-se aos supostos pedaços da cruz, espalhados mundo afora, afirmou que, se quiséssemos recolher tudo o que já foi encontrado da Cruz de Cristo, daria para fazer um grande navio. Veneravam-se os lugares ditos santos, a Virgem Maria, da qual se afirmava ter um véu deixado aos apóstolos, e tantas outras relíquias famosas distribuíram-se, ao longo da história. Hans Kung sustenta que um dos pilares da devoção, do período medieval, tenha sido a culto às

reliquias e que a legalização dessa forma de culto estaria no período do papado de Gregório, o Grande, que governou a Igreja, de 590 a 604, e “foi, sem dúvida, responsável não só pela aprovação teológica de uma veneração maciça de santos e relíquias, mas também pela ideia de purgatório e de missas pelas almas (KUNG, 2002, p. 96).

Entre os séculos XVI e XVII, a devoção e comércio das relíquias e, até mesmo, as coleções das mesmas, chegaram a tomar proporções nunca vistas na história. A expansão da mentalidade católica de que os santos seriam heróis, em vida e depois da morte, e tornavam-se intercessores poderosos, fez com que sua devoção ganhasse devotos, e o culto aos lugares santos e às relíquias propagassem-se. Le Goff sustenta que “desde o século IV, passando pelo século XIII, perdurou a mentalidade e o comportamento das multidões e dos indivíduos a respeito das personagens reputadas como santas” (LE GOFF, 2001, p. 90), quando os fiéis roubavam corpos e relíquias¹³⁰ de santos, para tê-las consigo. No tempo de Francisco de Assis, aproximando-se a sua morte, segundo Le Goff (2001, p. 91), havia um temor, por parte dos franciscanos, que roubassem o corpo do santo.

O Código de Direito canônico atual prescreve as normas para o uso das relíquias, pelos católicos, e proíbe sua comercialização.

Cân. 1190 — § 1. Não é permitido vender relíquias sagradas.

§ 2. As relíquias insignes ou outras que sejam honradas com grande veneração pelo povo, de modo nenhum se podem alienar validamente nem transferir perpetuamente sem licença da Sé Apostólica.

§ 3. A prescrição do § 2 aplica-se também às imagens que se honrem nalguma igreja com grande veneração do povo.

No Brasil, a devoção pelos santos e pelas suas relíquias encontram a sua raiz desde a colonização. A palavra colonial representa uma estrutura econômico-social-político-ideológica e não apenas um período da história do Brasil (HOORNAERT, 1982, p. 7). E, ainda, segundo Paulo Suess (1979, p. 40), “a colonização portuguesa aparece com finalidades econômicas políticas e religiosas”. A introdução do Catolicismo, no Brasil, reproduziu, de modo geral, as muitas práticas que unificaram a cultura religiosa portuguesa, assinalada por uma tradição medieval, que ainda não havia absorvido a Reforma Tridentina. No encontro das culturas portuguesa, indígena e negra, dentre aquelas características da centralidade do culto, nas mãos dos leigos, ao que Hoornaert (2008, p. 309) chamou de “Muita reza, pouca missa,

¹³⁰ Relíquia - O que ficou: restos, objetos, documentos, corpo ou partes do corpo de um santo, heróis, etc. Em sentido religioso, aplica-se a objetos que tiveram relação ou contato com pessoas ou coisas de caráter sagrado e que, de algum modo, transmitem as virtudes ou os poderes do morto. A sua presença e culto é quase universal (SANTRÍDIAN, 1996, p. 418).

‘
muito santo, pouco padre”, da supremacia da devoção sobre a sacramentalização e do caráter protetor do santo, que soluciona os problemas cotidianos do povo fiel. Esse povo sempre viveu um catolicismo para além do que os ditamos oficiais da Igreja impôs.

Desse modo, o Catolicismo do Brasil, vivenciado pelo povo mais simples, sempre esteve ligado à devoção pessoal, familiar, da comunidade e do Brasil como um todo e aos santos. Recortando o Nordeste do Brasil, geograficamente, e nele reconhecendo a cultura popular, encontramos devoções basilares do Catolicismo Santorial, como também ficou conhecido.

São malhas diversificadas de um catolicismo, ou poder-se-ia mesmo falar em catolicismos. Há um catolicismo “santorial”, um catolicismo “erudito ou oficial” [...] O catolicismo santorial, para usar uma expressão de Cândido Procópio Camargo, é uma das formas mais tradicionais de catolicismo presentes no Brasil desde o período da colonização. Tem como característica central o culto aos santos. Foi este culto que marcou a peculiar dinâmica religiosa brasileira, de caráter predominantemente leigo seja nos oratórios, capelas de beira de estrada e santuários (TEIXEIRA, 2009, p. 19-20).

No Nordeste, o gesto de guardar uma relíquia do santo protetor é muito comum e, certamente, encontra sua construção nesses substratos mais profundos da história dos seus antepassados. Por isso encontramos, na religiosidade católica nordestina, elementos da memória e da tradição cristãs, que emergem no cotidiano e nas grandes concentrações. No funeral de Frei Damião, os gestos e atitudes dos devotos denotaram essa tradição.

Encontramos atitudes semelhantes à do culto às relíquias, do mundo medieval, ainda de forma tão viva, quando, fiéis, e mesmo clérigos, discretamente, aproximaram da urna funerária, detendo-se por alguns instantes em silêncio e oração e, em seguida, literalmente, puxaram fios de cabelo e da barba de Frei Damião. Chegou-se a flagrar um clérigo cortando parte da sua barba com uma tesoura que trazia no bolso. Pedacos do cordão, que cingia o hábito do religioso, e o próprio hábito, foram cortados e levados como relíquias. Para os capuchinhos, os quatro dias de velório tornaram-se, também, dias de cuidado, pois tudo o que compunha o espaço sagrado da Basílica da Penha estava na mira dos devotos de Frei Damião, como elementos que os ligariam, para o resto da vida, com o capuchinho, tido como santo.

Os devotos, como atores da religiosidade popular, vivenciaram aqueles componentes afetivo, gestual e ritual (PARKER, 1996, p. 51). Estabeleceram relações e tiveram condutas, isolada ou coletivamente, que podem ser julgadas como ignorância ou superstição. Esse comportamento ritual, contudo, essa piedade e essas crenças carecem de interpretações que superem os julgamentos a priori.

Longas filas, de cerca de dois quilômetros de extensão, formaram-se ao redor da Basílica da Penha. Ali, estiveram pessoas idosas, jovens, gente pobre, sertanejos, comerciários, funcionários públicos, crianças, gente de poder aquisitivo elevado, mendigos, políticos e artistas. Uma representatividade das estratificações sociais, das etnias, do poder aquisitivo, das ideologias políticas e religiosas. No velório de Frei Damião, os números foram se tornando superlativos. Missas a cada hora, carros de reportagem de inúmeros canais televisivos e radiofônicos. Sobrevoos de helicópteros de televisões, transmitindo, ao vivo, toda a movimentação no centro do Recife. Impossível alguém conhecido aproximar-se, sem que a mídia logo aparecesse. Assim aconteceu, com a chegada de D. Hélder Câmara, do Vice-presidente Marco Maciel e de tantos artistas, religiosos e políticos conhecidos do grande público presente.

O Jornal do Brasil, do dia 03 de junho, trouxe as estimativas do velório em números.

Subiu para 65 mil o número de fiéis que participaram do velório de Frei Damião de Bozzano, iniciado na madrugada de ontem. A polícia militar do estado calculava, ontem à noite, que passam 26 pessoas por minuto ao lado do caixão do missionário. Hoje, último dia do velório, os devotos presentes na Basílica da Penha devem chegar a 70 mil. Do lado de fora, no altar improvisado sobre um trio elétrico, há uma missa a cada duas horas¹³¹.

Em uma foto, que circulou na imprensa, o Pastor Capelão do Exército, Élio E. Muller, aparecia ladeado por duas freiras, junto ao corpo de Frei Damião. No Jornal “A Notícia de Panambi”, RS, do dia 06 de junho de 1997, havia uma reportagem, cuja manchete dizia: Pastor panambiense na despedida a Frei Damião.

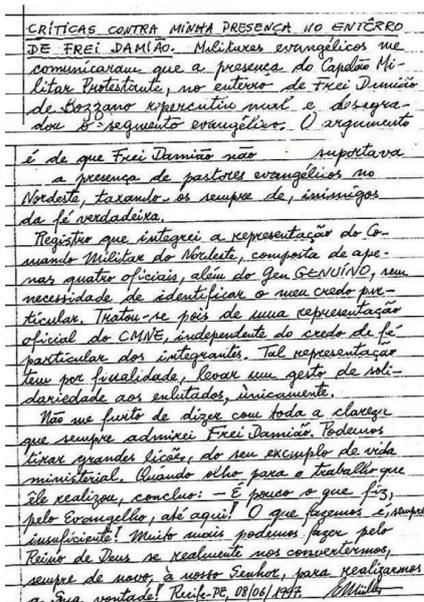


¹³¹ LEÃO, Luciana, Devotos já são 65 mil. Jornal do Brasil. Brasília, 03 jun. 1997, Edição 00056.

Figura 31 - O Capelão Pastor (IECLB) panambiense, Elio Eugenio Muller, tenente coronel do Exército, sub- chefe do SAREX, ladeado por duas freiras no velório de Frei Damião.

Fonte: <https://dokumen.tips/documents/exequias-funebres-de-frei-damiao.html>

Esse fato teria repercutido, negativamente, no meio evangélico, ao que o Pastor respondeu às críticas em carta escrita, a próprio punho, e divulgada, na época:



CRÍTICAS CONTRA MINHA PRESENÇA NO ENTERRO DE FREI DAMIÃO. Militares evangélicos me comunicaram que a presença do Capitão Militar Protestante, no enterro de Frei Damião de Bozzano repercutiu mal e desagradou aos segmentos evangélicos. O argumento é de que Frei Damião não suportava a presença de pastores evangélicos no Nordeste, taxando-os sempre de inimigos da fé verdadeira. Registro que integrei a representação do Comando Militar do Nordeste, composta de apenas quatro oficiais, além do Gen. GENUÍNO, sem necessidade de identificar o meu credo particular. Tratou-se, pois, de uma representação oficial do CMNE, independente do credo de fé particular dos integrantes. Tal representação tem por finalidade levar um gesto de solidariedade aos enlutados, unicamente. Não me furto de dizer com toda a clareza que sempre admirei Frei Damião. Podemos tirar grandes lições, do seu exemplo de vida ministerial. Quando olho para o trabalho que ele realizou, concluo: - É pouco o que fiz, pelo Evangelho, até aqui! O que fazemos é, sempre, insuficiente! Muito mais podemos fazer pelo Reino de Deus se realmente nos convertermos, sempre de novo, à nossa Senhor, para realizarmos a Sua vontade! Recife-PE, 08/06/1997. Muller

Doc 06 - Carta do pastor Elio E. Muller¹³²

Fonte: <https://dokumen.tips/documents/exequias-funebres-de-frei-damiao.html>

Hoornaert, referindo-se aos funerais de Frei Damião, afirmou que:

a importância daquele dia excede os limites da cidade do Recife, do Nordeste e até do país, pois foi um daqueles dias em que o catolicismo, como um todo, revelou com meridiana luz como efetivamente funciona, além dos discursos das análises de bispos, teólogos ou sociólogos da religião (HOORNAERT, 1997, p. 670).

Em artigo do Jornal Folha de São Paulo, do dia 22 de junho de 1997, Leonardo Boff criticou a Igreja, afirmando que o povo “continuou com sua tradição, sentiu-se órfão, desprezado e até perseguido. Encontrou, no entanto, em Frei Damião o seu grande avalista”.

¹³² “Críticas contra minha presença no enterro de Frei Damião. Militares evangélicos me comunicaram que a presença do Capitão Militar Protestante, no enterro de Frei Damião de Bozzano repercutiu mal e desagradou ao segmento evangélico. O argumento é de que Frei Damião não suportava a presença de pastores evangélicos no Nordeste, taxando-os sempre de inimigos da fé verdadeira. Registro que integrei a representação do Comando Militar do Nordeste, composto apenas de quatro oficiais, além do Gen. Genuíno, sem necessidade de identificar o meu credo particular. Tratou-se, pois, de uma representação oficial do CMNE, independente do credo de fé particular dos integrantes. Tal representação tem por finalidade levar um gesto de solidariedade aos enlutados, unicamente. Não me furto de dizer com toda a clareza que sempre admirei Frei Damião. Podemos tirar grandes lições, do seu exemplo de vida ministerial. Quando olho para o trabalho que ele realizou, concluo: - É pouco o que fiz, pelo Evangelho, até aqui! O que fazemos é, sempre, insuficiente! Muito mais podemos fazer pelo Reino de Deus se realmente nos convertermos, sempre de novo, à nossa Senhor, para realizarmos a sua vontade! Recife-PE, 06/061997”.

Contemplando o funeral de Frei Damião, Boff salientou que a manifestação da religiosidade popular, em torno do capuchinho, “deixaram os analistas atônitos e mudas as principais lideranças religiosas”, e que emergiu um “catolicismo tradicional que muitos julgavam perempto ou em vistas de extinção”, mas “Ele representava a continuidade, o patrimônio cultural do povo”. Honaert sublinha que, nos dias de efervescência do Catolicismo Popular Sertanejo, na boca e ação do povo e dos meios de comunicação, a Igreja, de forma simbólica, silenciava. Naqueles dias, os progressistas católicos leram o artigo de Frei Betto, na revista *Veja*,¹³³ sobre o PT e suas tribulações, e os conservadores leram o artigo de Dom Lucas Moreira Neves, falando dos cem anos da missão dominicana, no Araguaia. No artigo da REB, Hoornaert escreve:

A Igreja Católica anda distante do povo católico, apesar das comunidades de base, da teologia da libertação, da opção pelos pobres. Pois não se trata aqui por uma opção pelos pobres, mas de uma opção por um povo concreto e histórico, nem sempre tão pobre como se diz (mesmo as pessoas da elite pernambucana procuravam Frei Damião, atrás de água benta, por exemplo), mas que passa as dificuldades que todos conhecemos. Um povo que acende velas e faz promessas, acredita em milagres (esse poderoso oxigênio da religião, como diz Francisco Rolim), e cultivava uma carinhosa e terna devoção aos santos HOORNAERT, 1997, p. 670).

Do mesmo modo, naqueles dias, em artigo, Boff questionava a hierarquia da Igreja pelo seu silêncio, em relação à religião popular que a desafia a enfrentar o Cristianismo do Povo: “Enquanto isso, Frei Damião terá ingressado definitivamente no inconsciente coletivo do povo religioso, como um arquétipo do amor incondicional aos humildes e, para além de qualquer metafísica, como um símbolo vivo da santidade e da grande tradição¹³⁴”.

O depoimento do italiano, Frei José Maria, muito bem ilustra este pensamento:

Ele acolheu o povo do jeito que era, e dava fé, dava Deus, dava o amor, dava a adesão da mente, do coração e da vida, ele olhava para o essencial e não para a forma teológica. Aí, a gente vindo de um ambiente um pouco doutrinal, um pouco diferente, anos e anos depois... via mais a forma de oferecer que o conteúdo. Ele oferecia o conteúdo, a vida, e enxergava a vida na alma do povo, dos pobres e simples. Também, não era um abastalhado, ele convivia... os defeitos, pecados, aquilo que o povo também sempre ouviu, ele não tinha uma teologia verbal, nova, no estilo novo, mas tinha a teologia de sempre. A prática da obediência aos mandamentos de Deus, os sacramentos, evitar o pecado. Ele se apegava muito a isso, os valores da família, do casamento, as virtudes, o inferno. No tempo dele não existia mais pecado, não existia mais inferno, não existia mais nem o diabo. É muita cabeça de padre... Diabo é coisa de outros tempos, demônio, e atribuem tudo à natureza, ao homem. Certas coisas eram pelo menos colocado na gaveta, eram engavetados. Não acreditava-se mais. E isso no próprio clero. Os padres pós-conciliares eram tremendos, viu. Nos

¹³⁴ Folha de São Paulo, 22 de junho de 1997.

anos 70, foi quando muitos padres também saíram e ele não, não largou a sua fé, e a fé no povo o estimulou, o povo também não o largou não. E conservou aquela forma, que conservou o tesouro da fé. Se o povo tivesse de ser instruído, discutir teses, aí iria entrar na onda. Exatamente esta percepção, esta sintonia com a fé simples que o tornou aceito ao povo, mesmo quando ele dava umas broncas, né. O povo gostava disso, preferia a bronca de Frei Damião do que de outros... Quanto a isso seria muito interessante ver... Ele não foi... antiquado, sim, de alguma forma, mas ele era mais, bem mais sabido, inteligente, mais sóbrio do que esses novos teólogos, esta nova igreja que queria excluir, eliminar, deixar pra trás, a igreja anterior, né? o progressista. E foi ele quem salvou a fé do povo nordestino, a conservou, a preservou, deu solidez, deu segurança, porque o povo se perdia e não tinha mais onde se confessar. Então o povo só se confessava com Frei Damião. Ele é o baluarte da fé do povo, para continuar acreditando. Uma palavra de Frei Damião era tudo, ele acreditava¹³⁵.

A multidão de fiéis, em torno do falecido frade, que foi tão questionado pela Igreja de teólogos modernos, com sua teologia antenada na práxis libertadora; essa mesma multidão, tão relegada pelos grupos de pastoral engajada, desejosa de derrubar estruturas; essa massa, vista com preconceito, como povo alienado e iletrado, massa de manobra; naquele momento, estava escrevendo, na história, o seu discurso, sem precisar pagar um centavo do horário nobre das TVs. Para os fiéis de Frei Damião “os gestos valem mais do que as palavras, o sentimento mais do que a lógica, o vivido mais que o anunciado” (MOURA, 1978, p.81). Se a religiosidade oficial de padres e bispos não consegue que sua evangelização explicita, adequadamente, a fé e o povo foge do poder sacerdotal, das novas modas conciliares, é porque “procura formas de libertação, rejeita a mediação de profissionais dos mistérios, prefere os mediadores carismáticos, ou, então, o relacionamento direto com Deus” (MOURA, 1978, p .82).

A imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam de “o efeito de real”, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir ideias ou representações, mas também grupos (BOURDIEU, 1997, p. 28).

Os romeiros de Frei Damião, em sua imensa maioria, são pobres do sertão que, passam o ano inteiro guardando dinheiro para um dia, fazer a romaria, pagar uma promessa, fazer um agradecimento, fazer pedidos, alimentar a fé. Diante da morte de Frei Damião, todo e qualquer planejamento foi desnecessário. Ônibus fretados, carros alugados, passagens compradas de última hora. Pouco interessou ao romeiro os preparativos, o que comeriam, onde repousariam. Importava que precisavam ver com os olhos, tocar com as mãos e viver a última missão de Frei Damião, mesmo que morto.

¹³⁵ Entrevista concedida por Frei José Maria Del Giudice. Entrevista I. [maio 2016]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2016. Arquivo mp3 (1:32min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

A meu ver a razão da popularidade de Frei Damião está na coerência e aceitação de sua mensagem, na clareza meridiana de sua doutrina e na constatação da continuidade do discurso e da doutrina pregada por antigos missionários dos séculos XVII, XVIII e XIX. Isso pode ser provado pela teoria do “inconsciente coletivo” de Karl Gustav Jung, pela qual o povo se identifica de modo inconsciente com valores do passado. Frei Damião mantinha o caráter apocalíptico de antigos pregadores, mas não lhe faltava a caridade e a capacidade de confortar os pecadores, os pobres e os infelizes, dando-lhes esperança no atendimento pessoal¹³⁶.

A grande final de todos aqueles dias aconteceu no Estádio do Arruda onde, segundo estimativas, mais de 50.000 pessoas fizeram-se presentes. Arcebispos, bispos, padres, freiras, seminaristas, autoridades civis, políticos como o então Vice-presidente da República, Marco Maciel, o Governador de Pernambuco, Miguel Arraes, dentre eles, o ex-presidente Fernando Collor.

A missa, transmitida ao vivo, nos canais de televisão e pelas rádios, teve a sua liturgia preparada pelos Capuchinhos. Desde os objetos litúrgicos, folhetos de cantos, distribuição da comunhão para um número tão grande de fiéis e toda a infraestrutura da missa exequial, demandou estratégias que só com o auxílio de um grande número de voluntários e parceria com o poder público, foi possível que houvesse a celebração, sem grandes percalços.

¹³⁶ OLIVEIRA, Frei Hermínio B. Frei Damião e a evangelização do Nordeste. **Diário do Nordeste**. Diário do Nordeste. Fortaleza. 04 nov. 2006. Disponível em: <<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/frei-damiao-e-a-evangelizacao-do-nordeste-1.176413>>. Acesso em: 04 mai. 2018.

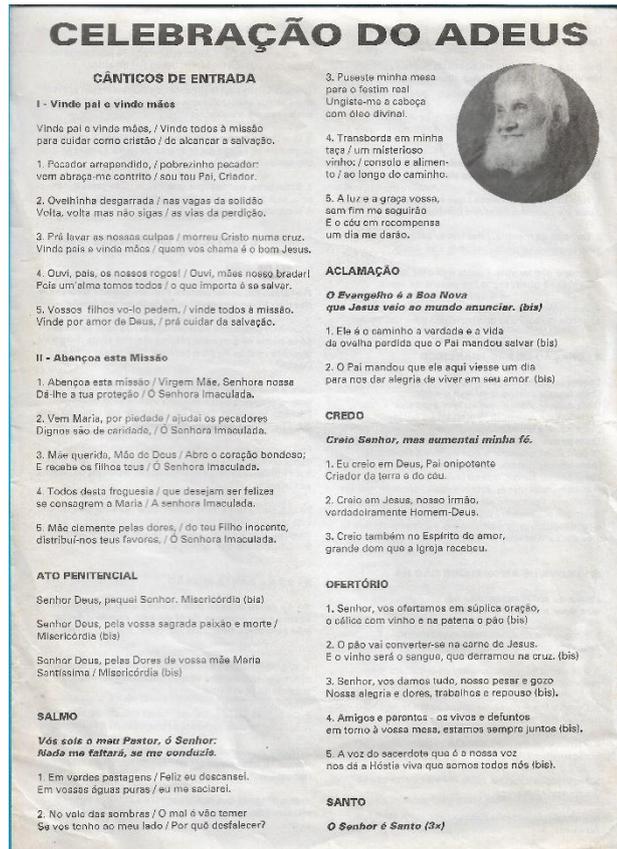


Figura 32 – Folha de cânticos da missa de corpo presente no Estádio do Arruda
 Fonte: Arquivo pessoal – Aerton Carvalho

4.3.4. O processo de canonização: Frei Damião e a santidade canônica

Parafrazeando Le Goff (2001, p. 113), é certo que Frei Damião foi “um desses álibis que a Igreja perdia no século e que se encontra periodicamente”. É bem verdade que as personagens, de tempos em tempos, surgem no catolicismo local ou universal. Sempre foi reconhecido de forma paradoxal. Em alguns momentos, a hierarquia da Igreja acolheu, ou mesmo construiu certas figuras, em certos momentos históricos, com interesses bem definidos. Em outros momentos, o próprio povo católico elegeu seus gurus, seguiu leigos ou padres, segundo a fama que se espalhava de boca em boca. O certo é que os conceitos de santidade nem sempre foram imprecisos.

De toda a forma, na tradição cristã, a figura de um indivíduo, que é venerado e seguido pelos fiéis, sempre foi determinante para a prática pastoral eclesial. Do mesmo modo, ao longo da história, o conceito de santo recebeu interpretações diversas.

No início do cristianismo, nas primeiras comunidades, as pessoas eram chamadas de santas. Nos séculos posteriores, antes do final do primeiro século da cristandade, o termo “santo” passou a ser reservado somente ao mártir. Posteriormente, ser santo para o Cristianismo passou a significar o alcance da

perfeição cristã. E ter a garantia de um lugar de honra nos altares e um dia do ano para a veneração litúrgica, quando são lembrados durante as missas (MESQUITA, 2015, p. 169).

No Estádio do Arruda, após a missa de corpo presente, o então bispo de Petrolina, Dom Paulo Cardoso, irmão de sangue e de vida religiosa carmelita do também então arcebispo de Olinda e Recife, Dom José Cardoso, fez um discurso, dizendo “eis que vos anuncio uma grande alegria: Temos um santo no céu. O seu nome é Frei Damião” (GOMES, 2015, p. 34). Dom Paulo Cardoso, naquele instante, era representante de uma ala da Igreja, que divergia do seu próprio irmão de sangue, que presidiu a cerimônia final. O irmão mais velho, arcebispo, comungava com um estilo de Igreja piramidal, canonista, tradicional, cuja concepção de santidade partia do prisma da pureza, do extraordinário, do legalismo que define, a partir dos padrões eclesiais quem sobe para os altares. Dom Paulo Cardoso, o irmão mais novo, alinhado com a Teologia da Libertação, fazia um outro percurso, no meio do povo sertanejo, visitando as comunidades, com chapéu de palha na cabeça e uma sandália de couro nos pés. No alto sertão, projetos de cisternas, para recolher água da chuva, formação de agentes e de sindicatos rurais, apoio aos movimentos sociais, e tido como o bispo dos pobres do sertão de Pernambuco. Naquele instante tornaram-se bastante significativos os discursos dos irmãos. Um representou o povo sofrido, acolhido e visitado por Frei Damião; o outro representou o direito e as estruturas eclesiais que legitimaram e fizeram alianças com os detentores do poder na sociedade. De forma icônica, os substratos sociais, as tendências políticas, as visões de mundo, condensaram-se em um ato em que os atores, desempenhando seus papéis, escreveram a história em torno do corpo do velho santo do Nordeste.

Um dia antes da morte de Frei Damião, o Jornal do Brasil trouxe uma manchete que afirmava que a Igreja já tinha a intenção de canonizar Frei Damião. O próprio Dom Paulo Cardoso afirmou ao jornal: “Ele já é considerado um santo pelos fiéis e pela nossa arquidiocese. Agora, só dependerá de Deus, que pode dar uma apressadinha”.



Figura 33 – Manchete do Jornal do Brasil do dia 30 de maio de 1997

Fonte: Biblioteca Nacional

Povoado de significados infindos, o velório e a última missa celebrada, no Arruda, teve seu ápice no momento de maior emoção para os presentes, quando, ao final da missa, um helicóptero, cedido pelo governo do estado de Pernambuco, levantou voo com o caixão, partindo em direção ao Convento de São Félix, onde foi sepultado. Com acenos e entoando canções das missões, os devotos despediram-se, de forma paradigmática, contemplando o seu santo ascender aos céus.

No Arruda, foram cinco horas de Missa, sob um sol causticante, numa temperatura de mais de 30 graus. E quando o helicóptero subiu levando o ataúde do frade capuchinho, a multidão explodiu em acenos e cantos e lágrimas: "Adeus frei Damião". O helicóptero ainda sobrevoou o estádio e finalmente pegou a reta para o Convento do Pina, onde outra multidão se aglomerava disputando uma última visão do saudoso missionário¹³⁷.

Dois dias após o sepultamento de Frei Damião, a Folha de São Paulo já registrava a romaria do povo ao túmulo:

Um dia após o sepultamento de frei Damião, começou ontem a romaria de fiéis ao seu túmulo, na capela de Nossa Senhora das Graças, construída na área do convento São Félix de Cantalice, bairro do Pina (zona sul de Recife). De manhã houve uma missa no convento, celebrada por frei Fernando Rossi, 79, secretário particular de frei Damião nos últimos 50 anos. O túmulo fica na parte central da capela, no piso sob o altar, diante de uma imagem de Nossa Senhora. Ontem à tarde a capela foi fechada para pequenos concertos na parte interna. "No ano que vem, vou estar aqui de novo", disse Josefa Cordeiro da Silva, 59, de Juazeiro do Norte (CE), que acompanhou os funerais do frade, anteontem em Recife, e ficou na cidade para visitar o túmulo. A área deve se tornar ponto de romaria, como o que ocorre em Juazeiro do Norte (CE) desde a morte do padre Cícero. O quarto em que frei Damião dormia (no convento) também já pode ser visitado pelos fiéis. O local deve ser transformado num pequeno museu com objetos pessoais e fotos do frade. Ontem, até as 18h, cerca de cem pessoas, segundo a Ordem dos Capuchinhos (à qual pertencia o frade), visitaram o túmulo. (Folha de São Paulo, 06 de junho de 1997¹³⁸).

A mídia passou a especular a canonização do religioso. Os jornais televisivos, falados e escritos, nos dias seguintes, trouxeram reportagens sobre o assunto, especialmente no Nordeste. Do mesmo modo, entre a população, a morte de Frei Damião e a especulação sobre a sua canonização intensificou-se. A Revista Manchete, uma das revistas de maior circulação nacional da época, dentre outras, em todo o Brasil, trouxe edição especial, com foto de Frei Damião na capa e o desejo do povo devoto de que ele fosse reconhecido pela Igreja como santo.

¹³⁷ RIBEIRO, João Carlos. Adeus Frei Damião. Disponível em:

<<https://www.padrejoacarlos.com/2012/05/adeus-frei-damiao.html>>. Acesso em: 11 de fev. 2018.

¹³⁸ SANTIAGO, Vandek. Túmulo de frei Damião já é local de romaria. Folha de São Paulo, 06 de janeiro de 1997.

A repercussão de sua morte e as romarias, que se seguiram, demonstraram a importância de sua pessoa para além da Ordem Capuchinha. Mais que isso, a questão midiática e as homenagens póstumas, como a nota oficial da Presidência da República do Brasil, no dia 04 de junho de 1997, dia do sepultamento do religioso, que dizia: “É declarado luto oficial em todo o País, no dia 4 de junho de 1997, em sinal de pesar pelo falecimento de Pio Giannotti (Frei Damião de Bozzano)”¹³⁹, demonstravam, nas diversas esferas sociais, que Frei Damião tornava-se universal, desse modo, para além da própria religião católica.

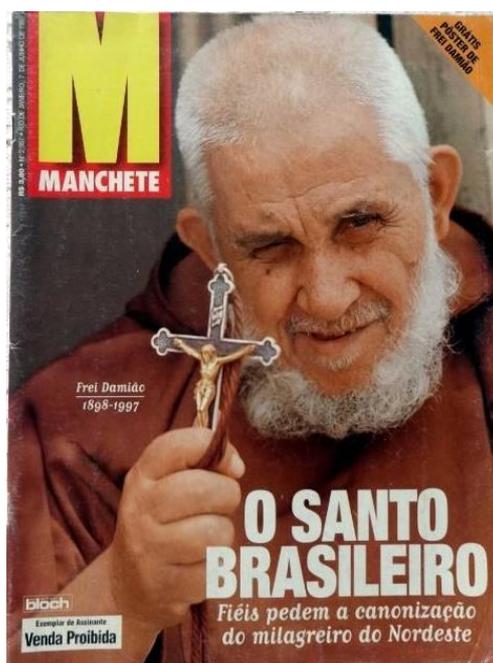


Figura 34 - Revista Manchete
Fonte: Arquivo pessoal

Na comemoração de um ano, da morte do Capuchinho, os Correios lançaram um selo comemorativo, da série Paz e Fraternidade, onde também homenageou Madre Tereza de Calcutá, o sociólogo Herbert de Souza, conhecido como Betinho, e Frei Galvão¹⁴⁰ que, na ocasião, havia sido beatificado, pelo Papa João Paulo II.

¹³⁹ **Doc. 07** - Brasília, 02 de junho de 1997. - Decreto do Presidente da República, senhor Fernando Henrique Cardoso, declarando luto oficial no dia do sepultamento do Servo de Deus, publicado no Diário Oficial do país (Recife, Arquivo da Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil; AFD, Decretos CX1; Cópia Pública V, 1368).

¹⁴⁰ Santo Antônio de Sant'Ana Galvão, OFM, mais conhecido como Frei Galvão (Guaratinguetá, 1739 — São Paulo, 23 de dezembro de 1822) foi um frade católico e primeiro santo nascido no Brasil. Foi canonizado pelo papa Bento XVI durante sua visita ao Brasil (São Paulo) em 11 de maio de 2007. Disponível em: <http://www.saofreigalvao.com/w3c_hist.asp>. Acesso em 07 jan. 2019.



Figura 35 – Selo em homenagem a Frei Damião, lançado em 27 de outubro de 2008.

Fonte: Arquivo pessoal – Aerton Carvalho

Para além da devoção, por parte dos devotos a Frei Damião, a própria Província dos Capuchinhos do Nordeste interessou-se na oficialização da santidade do missionário, o que demandou um trabalho intenso de pesquisadores e religiosos. “Burocrático como um processo judicial e cheio de fases como um jogo de videogame¹⁴¹”, disse a Revista Super Interessante, referindo-se ao processo de canonização, na Igreja Católica¹⁴². O processo tem normas próprias e consta no Código de Direito Canônico, como lei eclesial:

Cân. 1186 — Para fomentar a santificação do povo de Deus, a Igreja recomenda à veneração peculiar e filial dos fiéis a Bem-aventurada sempre Virgem Maria, Mãe de Deus, que Jesus Cristo constituiu Mãe de todos os homens, e promove o verdadeiro e autêntico culto dos outros Santos, com cujo exemplo os fiéis se edificam e de cuja intercessão se valem.

Cân. 1187 — Só é lícito venerar com culto público os servos de Deus, que foram incluídos pela autoridade da Igreja no álbum dos Santos ou Beatos.

¹⁴¹ RANGEL, Natália. Como é o processo de canonização na Igreja Católica? Revista Super Interessante. São Paulo. n. 346, maio 2015. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-e-o-processo-de-canonizacao-na-igreja-catolica/>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

¹⁴² Sobre o processo de canonização na Igreja Católica a obra de Kenneth L. Woodward, A fábrica de santos, na contracapa, traz um resumo de sua percepção: Da preparação de "santinhos" com orações no verso à declaração final do papa, o processo é guiado pela "ciência exata" de um sistema legal que é "sem dúvida, o mais antigo e o mais universal do mundo". Foi esse sistema que esperei encontrar quando fui pela primeira vez a Roma, no outono de 1987, para observar como os fazedores de santos chegam, na expressão de Macken, "ao pleno conhecimento da verdade". O que encontrei foi coisa muito diferente (WOODWARD, 1992).

Para declarar alguém santo, primeiro verificam-se as virtudes ou o martírio. Essa é a etapa mais demorada, porque o postulador da causa deve investigar, minuciosamente, a vida da pessoa; verificar, a fundo, a vivência das virtudes. Já, no caso de um mártir, devem ser estudadas as circunstâncias que envolveram sua morte, para comprovar se houve, realmente, o martírio. Ao término desse processo, a pessoa é considerada venerável. O segundo passo do processo é o da comprovação de um milagre, para que haja a da beatificação. No caso dos mártires, não é necessária a comprovação de milagre. Segundo Woodward (1992, p. 131), “o martírio na igreja primitiva era a expressão maior de santidade. Ser mártir era o mesmo que ser santo”. O último passo do processo é o milagre para a canonização. Este tem que ter ocorrido, após a beatificação. Comprovado esse milagre, o beato é canonizado, e o novo santo passa a ter um culto de veneração universal.

No dia 31 de janeiro de 2003, a Ordem dos Capuchinhos entrou com o processo de beatificação e canonização de Frei Damião, em Roma. Em um primeiro momento, o processo tramitou na Arquidiocese de Olinda e Recife, em cujo território Frei Damião morreu e foi sepultado. Segundo as normas eclesiais, “o Bispo competente para instruir uma causa é aquele em cujo território o Servo de Deus morreu, a não ser que particulares circunstâncias, reconhecidas pela Congregação, não aconselhem diversamente”¹⁴³. Comissões formadas por historiadores e teólogos aprofundaram os estudos sobre a vida de Frei Damião. Juntando documentos pessoais do religioso, registros da Ordem Capuchinha e da imprensa, documentos de órgãos públicos e depoimentos de devotos e religiosos que conheceram, especialmente relatando as práticas das virtudes cristãs da fé, da esperança e da caridade, reconhecidas no Frei, formou-se um denso material, chamado *positio*¹⁴⁴, que foi entregue, em 2012, à Congregação para a Causa dos Santos, no Vaticano. Uma comissão de teólogos e cardeais fizeram os estudos do caso de beatificação do Capuchinho e recebeu o sinal positivo de aceito, no dia 07 de fevereiro de 2018.

Ainda que a Igreja não o tenha incluído, canonicamente, na lista dos santos reconhecidos para o culto público, o povo já reconhece Frei Damião como santo. Nesses processos eclesiais, já que fazem parte do sistema simbólico e de relações humanas, existem,

¹⁴³ Congregação para as causas dos santos. Normas para observar na instrução diocesana das causas dos santos. 5.a. Disponível em:

<http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_07021983_norme_p_o.html>. Acesso em: 03 de jan. 2019.

¹⁴⁴ Documentação final de todo o processo a nível diocesano e da Ordem Capuchinha, com parecer teológico e histórico, entregue à Congregação para as Causas dos Santos com pedido de canonização.

por assim dizer, vários interesses eclesiais, sociais, econômicos e políticos. Da boca do povo, a santidade de Frei Damião reverbera multiforme e sob muitas redes de interesses.

Os frades Capuchinhos, dessa forma, como detentores da memória oficial e dos bens relativos ao Frei, tais como o corpo, os objetos de uso pessoal, os documentos e o principal culto e romaria, no Convento de São Félix, auto afirmam-se como os agentes especializados do aparelho religioso, garantindo à Instituição, a posse e o monopólio dos bens de salvação, e cabendo à Ordem Capuchinha a gestão destes bens que os leigos buscam na sua procura pelo sagrado. Ainda soma-se o fato de que a Ordem Capuchinha tem a experiência de ser uma das ordens que mais canonizou santos. Segundo Woodward (1992, p.17) “cerca de 10.000 santos cristãos, cujo culto já foi identificado por historiadores da igreja” (). E segundo o mesmo autor, “a obra mais completa sobre o assunto, o *Bibliotheca sanctorum*, tinha 18 volumes em 1989 e arrolava mais de 1.000 santos”. (WOODWARD, 1992, p.51). Dados oficiais, da própria Ordem, incluída a Ordem Feminina são: 16 santos e santas canonizados, 44 beatos e beatas, 82 processos de beatificação, abertos pela própria Ordem e, pelo menos, 26 processos de capuchinhos e capuchinhas abertos, por terceiros, na Congregação, para a causa dos Santos¹⁴⁵. Na Congregação da Causa dos Santos, o processo de Frei Damião de Bozzano tem o número de protocolo 2475:

Nascido em Bozzano (Lucca-Itália) em 1931, ele partiu para a missão de Pernambuco (Brasil) tornando-se incansável pregador das missões populares e procurado como confessor. Em 12 de junho de 2003, foi aberto o Inquérito diocesano em Recife e, em 2006, realizou-se a investigação na diocese de Lucca. Depois de algumas dificuldades, em 25 de outubro de 2013, a Congregação para as Causas dos Santos emitiu o decreto de validade jurídica. Em 15 de setembro de 2015, a Positio foi entregue à Congregação. Por unanimidade de votos em 6 de fevereiro de 2018, a Conferência de Teólogos questionou positivamente se o Servo de Deus vivia as virtudes de maneira heroica. A Sessão Ordinária dos Cardeais e Bispos está marcada para o dia 26 de março de 2019¹⁴⁶.

¹⁴⁵*Ordo Fratrum Minorum Capuccinorum*. Santos e Bem-aventurados.

Disponível em: <https://www.ofmcap.org/pt/documenti-ofmcap/santi-e-beati-elenco-alfabetico>. Acesso em: 22 nov. 2018.

¹⁴⁶ *Nato a Bozzano (Lucca-Italia) nel 1931 partiva per la missione di Pernambuco (Brasile) diventando l'instancabile predicare delle missioni popolari e ricercato confessore. Il 12 giugno 2003 si apriva l'Inchiesta diocesana a Recife e nel 2006 si svolgeva l'Inchiesta nella diocesi di Lucca. Superate alcune difficoltà il 25 ottobre 2013 la Congregazione delle Cause dei Santi emetteva il decreto di validità giuridica. In data 15 settembre 2015 la Positio è stata consegnata in Congregazione. Con voto unanime il 6 febbraio 2018 Congresso dei Teologi ha riposto positivamente al dubbio se il Servo di Dio abbia vissuto in modo eroico le virtù. La Sessione Ordinaria di cardinali e Vescovi è prevista per il 26 marzo 2019.*

Damiano da Bozzano, 1898-1997 (N. Prot. 2475). Disponível em: <<https://www.ofmcap.org/pt/documenti-ofmcap/cause-in-corso/cause-dell-ordine/256-damiano-da-bozzano-1898-1997-n-prot-2475>>. Acesso em: 22 nov. 2018.

Não figura, dentre os santos capuchinhos, nenhum que tenha nascido ou exercido sua missão na América Latina. O fato de sua beatificação e canonização seria um destaque para a Ordem nessa região do planeta.

Para a Província de Nossa Senhora da Penha, do Nordeste do Brasil, o Processo de Canonização de Frei Damião é de fundamental importância. Destacado como missionário renomado, a pessoa de Frei Damião sempre atraiu vocações e, conseqüentemente, levou ao ingresso de novos religiosos para a Consagração na Ordem Capuchinha. Dentre os inúmeros frades, atraídos pelo seu carisma, destacamos Dom Severino Batista de França, bispo emérito de Nazaré da Mata, que chegou aos capuchinhos, ainda criança, e, em sua entrevista, apresenta o significado de Frei Damião para a sua vocação.

Eu parto do princípio de que minha vocação para a vida religiosa foi muito espelhada na vida do Frei Damião, na pessoa de Frei Damião. Menino do agreste, família muito pobre, mas muito religiosa, do interior de Bezerros que vinha nas missões. A presença do Frei Damião era uma iluminação para mim, era algo [...] mesmo como criança que me fazia atrair a aquele estilo de pessoa. [...] Aquele estilo de vida de Frei Damião, o despojamento, com o hábito, a barba, a sandália, o cordão, aquilo me chamou atenção [...], é como se eu dissesse, eu gostaria de ser assim. [...] eu vi Frei Damião com 10 anos. Eu entrei no seminário com 12 anos. A partir dos 10 anos nós íamos às missões. Com 10 anos e 6 meses nossos pais se mudaram do interior e foram morar na cidade. E eu virei coroinha, pequenininho [...] e me lembro que o pároco disse assim pra Frei Damião: olhe, Bilzinho, ele pensa em ser padre, mas quer ser padre não, que ser frade. E Frei Damião disse: quando Frei Inocêncio passar por aqui [...]. E então quando o frade chegou, eu com 12 anos, meus pais deixaram que eu fosse para o convento. Os vizinhos ficaram censurando. Eu fico a pensar o que me levou a isso, há sessenta anos atrás? O estilo de Frei Damião e o estilo dos seguidores de Frei Damião, os frades. Essa vida peregrina, nômade e missionária¹⁴⁷.

Frei Jociel, Gomes vice postulador da causa de beatificação e canonização, relata a influência da sua avó, devota de Frei Damião, na sua vocação e na imagem de santidade do religioso, que alimentava a imaginação dos familiares:

Antes do postulador tem o devoto, né? Se é que posso chamar assim. Mas assim, esse testemunho da minha avó de reconhecer em Frei Damião um santo, isso marcou muito, creio que não só a mim, também aos meus irmãos meus primos por que ela falava muitas vezes de Frei Damião. Até mesmo daquele imaginário popular que também tava na cabeça dela, né? Das coisas que Frei Damião fazia... e ela contava muito isso. Que nas missões de Frei Damião ele fazia chover, que ele fazia milagres, dos castigos que se falava, do fim do mundo, dessas coisas todas. Então isso ficava muito na cabeça da gente. Tanto que, quando se fala em fim de mundo, pra mim, a primeira coisa que eu recordo é minha avó falando de que Frei Damião dizia nas missões que as

¹⁴⁷ Entrevista concedida por Dom Severino Batista de França. Entrevista II. [set 2017]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2017. Arquivo mp3 (37:18 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

... pessoas... e ela fazia isso... ela tinha, eu vi isso... ela tinha sempre um maço de velas, e aquele maço de velas foi abençoado nas missões do frei Damião, porque dizia ela que Frei Damião teria dito que no fim do mundo haveria três noites de escuro. E a casa que estaria iluminada era aquele que teria as velas bentas. Então pra você ver que isso era muito forte lá em casa e estava e está ainda no imaginário popular [...]. Porque, realmente, na minha cabeça quando ela falava de Frei Damião não tinha essa separação... eu não conhecia essa história de canonização, clero, né? Então quando ela falava de Frei Damião, eu dizia, era um santo, e ele estava lá junto com os outros santos na parede, com são José... ela tinha sempre também¹⁴⁸.

Como ilustram os casos acima, sua beatificação e canonização alavancaria ainda mais o movimento vocacional, pastoral e financeiro que a devoção, em torno do religioso, atrai. As Constituições Capuchinhas, inclusive, incentivam aos seus frades a devoção e o culto aos santos da Ordem Capuchinha.

Cultivemos uma devoção especial para com a Virgem Maria Mãe de Deus, concebida sem pecado, filha e serva do Pai, Mãe do Filho e Esposa do Espírito Santo, feita Igreja, segundo as palavras de São Francisco, principalmente pelo culto litúrgico e o rosário mariano, e promovamos sua devoção no meio do povo. Pois ela é nossa mãe e advogada, padroeira de nossa Ordem, companheira na pobreza e na paixão de seu Filho, e, comprova-o a experiência, caminho para chegar ao espírito de Cristo pobre e crucificado. Da mesma maneira, seguindo antiga tradição, veneremos São José, seu esposo. Fomentemos e promovamos o culto do Pai São Francisco, modelo dos irmãos menores, e também o de todos os santos, principalmente os nossos, conforme o costume dos lugares, mas sempre de acordo com o espírito da sagrada liturgia¹⁴⁹.

Os santuários construídos pelos capuchinhos, no Nordeste, contam com um volume expressivo das doações de devotos, o que consolida e estrutura física e pastoralmente a devoção, já que são necessários os investimentos nessas áreas. O próprio processo de reconhecimento, pela Igreja, da santidade de alguém, sempre foi muito oneroso, dado as contratações de especialistas, para tratar do assunto, do material de expediente, dos deslocamentos, das hospedagens e de tantos outros gastos que incidem no processo, especialmente, os valores pagos à própria Congregação, para a causa dos santos, chegando a custos exorbitantes. Para o ordenamento dessa matéria, o Papa Francisco, em 10 de março de 2016, regulamentou as Normas sobre a administração dos bens das causas de beatificação e canonização, cujo teor documental orienta:

As causas de beatificação e canonização, que devido à sua complexidade requerem muito trabalho, envolvem gastos para a disseminação do conhecimento da figura do Servo de Deus ou Bem-aventurado, para a

¹⁴⁸ Entrevista concedida por Frei Jociel Gomes. Entrevista III. [fevereiro 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Caruaru, 2018. Arquivo mp3 (17:44seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice A desta tese.

¹⁴⁹ Constituições da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos. São Paulo: Edições da CCB, 1992.

investigação diocesana ou paroquial, para a fase romana e, finalmente, para as celebrações da beatificação ou canonização. No que diz respeito à fase romana, a Sé Apostólica, dada a natureza peculiar do bem público das Causas, arca com seus custos, aos quais os atores participam através de uma contribuição, e assegura que as taxas e despesas sejam contidas e que não atrapalhem a continuação.

O referido documento, que revoga os anteriores e ainda ordena as questões financeiras em vista de possíveis desvios de dinheiro, propondo supervisões nos vários níveis do processo, para que tudo seja feito para uma maior transparência; ao mesmo tempo, introduz algumas novidades que não só servirão para que os processos sejam mais rápidos, mas também mais baratos.

No dia 06 de abril de 2019, em audiência com o prefeito da Congregação das Causas dos Santos, o cardeal Angelo Becciu, o Papa Francisco decretou Frei Damião de Bozzano, que figurava como Servo de Deus, e passou a ser Venerável, reconhecendo suas virtudes heroicas em nome da fé. O passo seguinte é a beatificação, para se poder chegar à canonização.

4.3.5. Perpetuação da memória de Frei Damião numa perspectiva das Ciências da Religião.

As Ciências da Religião, tal como as temos hoje, como campo científico de conhecimento e de pesquisa, encontram suas bases, no século XIX, diante das crises do ocidente e dos intercâmbios que a modernidade possibilitou. É bem verdade que, a princípio, esse estudo, comparado às religiões, partiu da Teologia e da Filosofia cujas essências cristãs ofereceram bases e, ao mesmo tempo, submeteram, de algum modo, a essas novas contribuições às suas interpretações. Passado esse período, as Ciências da Religião chegaram à premissa de que “a religião, enquanto distinta do objeto de fé (por sua própria natureza inacessível à pesquisa empírica), é uma manifestação antropológica e histórica que pode e deve, como qualquer outro fenômeno humano, se sujeitar aos métodos da pesquisa crítica” (PRANDI, 1999, p. 09). Desse modo, reclamando da autonomia da própria religião, enquanto experiência e produção germinal livre e criadora, reconheceu-se a possibilidade de observação e interpretação do fenômeno religioso, por parte das diversas áreas do conhecimento humano. Ao que Abdalazis de Moura salienta em relação às ciências e a importância do aprofundamento sobre a obra missionária de Frei Damião:

Economia, psicologia, sociologia e história, antropologia etc. de uma forma ou de outra oferecem luzes para compreender o fenômeno religioso. A explicação do fenômeno Frei Damião pode receber luzes de todas as ciências. Todas elas trazem a grande vantagem de analisar o fenômeno além das

aparências imediatas, e de enfocá-lo como fenômeno mais global, ligado, ou melhor, inter-relacionado com uma série de outros que o influenciam, modificam, determinam (MOURA, 1978, p. 52)

Na perspectiva das Ciências da Religião, a interpretação da religiosidade, em questão, é feita a partir da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade das ciências que dão base para a crítica e a interpretação da devoção; desse modo, reconhecendo que Frei Damião compôs o cenário religioso do Nordeste, respeitando os pressupostos de verdade que a religião institucional define a seu respeito, não se afirmou, por exemplo, que o Capuchinho tenha sido destinado, por Deus, para uma Missão, que se cumpriu nesta região do país, como interpretaram os fiéis em depoimentos já expostos. Nosso ponto de observação reconhece que diversos elementos possibilitaram a sua inclusão na memória coletiva do povo católico do Nordeste.

A Ciência da Religião defende uma postura epistemológica específica baseada no compromisso com o ideal da “indiferença” diante do seu objeto de estudo. Trata-se de uma técnica de observação e descrição que na literatura especializada é frequentemente associada a termos como “ateísmo metodológico” ou “agnosticismo metodológico”. Comprometido com este ideal, o cientista da religião exclui da sua agenda a questão “última da verdade” e não permite avaliar aspectos religiosos de outra religião com quaisquer outros critérios ideológicos (USARSKI, 2013, p. 51)

O contexto social dos anos 1930, com suas mudanças, seus desafios sociais e as carências econômicas; a urbanização, que levou à perda de referenciais de parentesco e de valores; o êxodo do povo nordestino para o sudeste, em busca de sobrevivência, levando ao desenraizamento de sua cultura e de suas tradições; a situação econômica, por conta da seca, cuja indústria teve forte papel na manutenção da miséria no Nordeste; o contexto político do coronelismo nordestino, cujo engendramento monolítico da casa grande, por muito tempo, definiu a vida do povo mais simples; o vácuo no campo religioso, pela morte do padre Cícero do Juazeiro, deixando os nordestinos órfãos do conselheiro; a ausência da Igreja, enquanto instituição, nos lugares mais ermos da região, gerando uma carência de assistência religiosa para o povo católico; a mudança de paradigma, após o Concílio Vaticano II, em uma perspectiva de Igreja, vista com desconfiança, por parte do povo simples são alguns elementos que, à luz das ciências da religião, aplicadas à psicologia, à sociologia, à história, à antropologia, etc, possibilitam análises críticas sérias, sem, contudo, partir do fideísmo que, por vezes impede um olhar mais crítico e interdisciplinar sobre um tema. As interpretações tentam responder a existência desse Capuchinho, através de seus prismas.

Tendo em vista essas informações do estatuto científico das Ciências da Religião, recortamos a sua perspectiva aplicada à psicologia. H. Clarck, em 1958, compilou quase cinquenta definições distintas de Psicologia da Religião e chegou a resumir os comportamentos

religiosos em três tipos (RODRIGUES, 2013, p. 334): a experiência interior autêntica, à qual chamou de tipo primário; as obrigações rotineiras, às quais chamou de tipo secundário e a rotina religiosa convencional, à qual denominou tipo convencional. Cátia Rodrigues, baseada nesses tipos, considera que a religião trata de uma realidade de afetos, de razão, de valores, de comportamentos humanos, bem como, das crenças, da dimensão social, da cultura e da política. Nesse aspecto a religião poderia ser definida como:

Um conjunto de crenças e valores professados por um grupo humano que faz referência à realidade transcendente, o sagrado, com função de enfrentamento dos problemas últimos da vida por parte do ser humano, conferindo sentido existencial, numa dimensão social e cultural (RODRIGUES, 2013, p. 334).

Dentre as várias correntes psicológicas, a psicologia narrativa, por exemplo, que “corresponde à grande tradição oral e escrita da humanidade” (PAIVA, 2013, p. 349), articula até onde vai a memória, sob forma de narração, tanto épica até àquela trivial, as experiências e mudanças humanas, ligadas às experiências e mudanças do mundo. Pela palavra, pela escrita, por uma paisagem ou pelo próprio silêncio, ou ainda, por um estímulo sensorial, ou por uma percepção, às quais denomina-se condição mediadora, e na qual salienta-se, especialmente, o armazenamento dessas percepções na memória. O indivíduo passa do seu isolamento ao padrão de reconhecimento integrado com o todo.

Podemos reconhecer aspectos significativos da devoção a Frei Damião, a partir desses conceitos específicos da Psicologia da Religião. Frei Damião ingressa, na memória do povo nordestino, pelos motivos expostos acima, pelo seu carisma de líder religioso, pela sua atitude silente, diante das provocações da própria Igreja Institucional, pelo seu zelo pastoral com o povo, que tomou como para si, com cuidado de pastor, rigidez de pai e colo materno.

Nesse sentido, a vida e a ação de Frei Damião, ao longo de 66 anos ininterruptos, na fala, na escrita, na paisagem geográfica, na política, na cultura e na fé do Nordeste, não podem desaparecer como se um cidadão comum tivesse transitado por essa região. As memórias recentes e remotas do povo, a seu respeito, estão povoadas de uma polissemia que precisa, em muito, ser aprofundada e reinterpretada pois, são muitas as representações sociais, muitos valores, muitas práticas que possibilitam a devoção em torno do Capuchinho, a comunicação entre os devotos, os códigos individuais e grupais que alimentam essa memória psicossocial.

4.4. O Santo Taumaturgo.

É indubitável, o papel erudito, político e religioso do Cristianismo, no Ocidente. Sob a égide de Catolicismo Romano, depois da Cisma do Oriente, em 1054, a Igreja Católica, detentora de todos os poderes espirituais e temporais, permaneceu de pé até os dias atuais, como única instituição do Ocidente, a perdurar nos últimos dois milênios. Experiências que foram se amalgamando, ao longo dos séculos, protagonizou momentos traumáticos, inseriu-se no processo de urbanização, encontrou-se com outras culturas, às vezes, subjugando-as, outras vezes, assimilando suas características. Carregou, contudo, sempre consigo, o traço excepcional do divino. Forjou santos e tolheu gestos de autêntica santidade. Nesse misto de contributos e de quedas, é inegável que personagens, de grande valor para o Ocidente e para a humanidade, fizeram parte de seus quadros. Nessa esteira, os santos desempenharam papel fundamental para a perpetuação da fé católica. Sobre o papel dos santos, na Igreja Católica, Néri de Almeida Souza, sustenta que há um movimento determinante, ao longo dos primeiros séculos da Idade Média.

a devoção dos santos difunde-se e amplia-se com vigor surpreendente. A receptividade do culto dos santos, muito cedo, inseriu a santidade nas operações de convencimento da Igreja. Foi às estratégias de desnaturação dos locais e significados sagrados que o culto se adaptou com maior brilhantismo. Destes estratagemas, utilizados do início da cristianização até as conquistas coloniais, a hagiografia, com sua complexa matéria composta por vidas, milagres, martírios, e todo tipo de informação mítica ou não sobre os santos, tornou-se um dos principais, senão o principal testemunho (SOUZA, 2002, p. 68).

Dos mártires, como já citamos anteriormente, até chegar a Idade Média, a Igreja vai fazendo um procedimento que propõe modelos menos humanizados e mais divinizados de santidade. Dada essa exigência do tempo, o próprio processo de inscrição dos santos, na lista canônica, passou a exigir novos elementos, para além da taumaturgia, como obrigatório para as honras dos altares. Sobre isso, atesta Vauchez:

Os santos que deverão ser canonizados deverão ter seguramente realizado milagres, todavia, a partir da época de Inocêncio III, os documentos pontifícios insistem na ambiguidade dos fenômenos sobrenaturais, de tal modo que na determinação de santidade a importância da taumaturgia esfuma-se sempre cada vez mais perante a exaltação das virtudes, dos costumes e da doutrina” (VAUCHEZ, 1987, p. 297).

Os Concílios, os Documentos da Igreja, o Código de Direito Canônico e o próprio Catecismo da Igreja Católica sempre abordarão, ao longo dos tempos a temática da santidade e da taumaturgia, muitas das vezes, de forma a disciplinar o que, na concepção da instituição, seriam abusos a respeito do tema. De toda forma o poder de curar, atribuído aos santos,

permanece até os dias atuais. Mesmo que tenha tomado novas perspectivas com eventos científicos, como o surgimento da Psicologia, da Antropologia, de uma História mais crítica, da multiplicidade de teologias e, ultimamente, as leituras feitas do fenômeno religioso, como é o caso das Ciências da Religião, vemos novas roupagens encobrirem um fenômeno ancestral.

É nessa ótica que abordamos a taumaturgia para a compreensão da religiosidade em torno de Frei Damião, cuja fama de taumaturgo foi determinante para sua popularização, no meio das camadas mais empobrecidas do Nordeste do Brasil, sem, contudo, excluir os mais abastados desse número de devotos.

4.4.1. A taumaturgia na fonte cristã

No Cristianismo, a questão da Taumaturgia é bastante significativa, porque dela brota um sentido para a perspectiva salvífica da pessoa de Jesus. Os relatos bíblicos atestam que o poder curativo de Cristo tornou-se um dos elementos de reconhecimento de sua divindade para os seus seguidores. Relatos dos quatro Evangelhos evidenciam a Taumaturgia na pessoa de Jesus. Partindo do Evangelho de Marcos, segundo a tradição, o Evangelho mais antigo, encontramos textos clássicos, que comprovam tal poder em Jesus. O relato a Marcos 4, 21-43, ilustra, com riqueza, o que apresentamos:

21 E de novo, atravessando Jesus de barco para o outro lado, uma numerosa multidão o cercou e ele se deteve à beira-mar. 22 Aproximou-se um dos chefes da sinagoga, cujo nome era Jairo, e vendo-o, caiu aos seus pés. 23 Rogou-lhe insistentemente, dizendo: “Minha filhinha está morrendo. Vem e impõe nela as mãos para que ela seja salva e viva”. 24 Jesus o acompanhou. E numerosa multidão o seguia, apertando-o de todos os lados. 25 Ora, certa mulher que havia doze anos tinha um fluxo de sangue 26 e que muito sofrera nas mãos dos médicos, tendo gasto tudo que possuía sem nenhum resultado, mas cada vez piorando mais, 27 ouvira falar de Jesus. Aproximou-se dele por detrás, no meio da multidão, e tocou seu manto. 28 Porque dizia: “Se ao menos tocar suas roupas, serei salva”. 29 E logo estancou a hemorragia. E ela sentiu no corpo que estava curada de sua enfermidade. 30 Imediatamente, Jesus, tendo consciência da força que dele saíra, voltou-se para a multidão e disse: “Quem tocou minhas roupas?” 31 Os discípulos disseram-lhe: “Vês a multidão que te comprime e 32 Jesus olhava em torno de si para ver quem havia feito aquilo. 33 Então a mulher, amedrontada e trêmula, sabendo o que lhe havia sucedido, foi e caiu-lhe aos pés e contou-lhe toda a verdade. desse teu mal”. 35 Ainda falava, quando chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga dizendo: “Tua filha morreu, porque perturbais o Mestre?”. 36 Jesus, porém, tendo ouvido a palavra que acabara de ser pronunciada, disse ao chefe da sinagoga: “Não temas; crê somente”. 37 E não permitiu que ninguém o acompanhasse, exceto Pedro, Tiago e João, o irmão de Tiago. 38 Chegaram à casa do chefe da sinagoga, e ele viu o alvoroço. Muita gente chorando e clamando em voz alta. 39 Entrando disse: “Por que este alvoroço e este pranto? A criança não

morreu; está dormindo.” 40 E caçoavam dele. Ele, porém, ordenou que saíssem todos, exceto o pai e a mãe da criança e os que o acompanhavam, e com eles entrou onde estava a criança. 40 Tomando a mão da criança, disse-lhe: “Talitha Kum”, o que significa: “Menina, – eu te digo – levante-te!” 42 No mesmo instante, a menina se levantou e andava, pois já tinha doze anos. 43 Recomendou-lhes então expressamente que ninguém soubesse o que tinham visto. E mandou que dessem de comer à menina (Mc 4,21-43).

Segundo João Luís Correia Júnior, a Taumaturgia, que a perícopes acima expõe, e que encontramos em inúmeras outras passagens do Evangelho, revelam que a ação taumatúrgica de Jesus caracteriza-se por “um poder escondido, misterioso, que não pode ser confundido com outras forças mundanas; ao mesmo tempo, um poder que irrompe no mundo e não pode ficar escondido. Jesus é, portanto, um taumaturgo escatológico (CORREIA JÚNIOR, 2012, p. 133), enquanto seus milagres prenunciam a irrupção do Reino de Deus, na história. No próprio Evangelho de Marcos, a tônica da maturação da história e da chegada do Salvador explicita-se na frase: “O tempo está realizado e o reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no evangelho” (Mc 1.14-15).

Jesus, então, é apresentado em uma perspectiva evangélica de que seus milagres estão ligados, intimamente, com sua missão messiânica de libertar a humanidade das amarras ou a detém. Nesse aspecto, Jesus não se apresenta como um curandeiro, como exorcista, como mágico. Pelo contrário, apresenta-se como profeta escatológico, como mensageiro de Deus, na perspectiva de uma esperança que afronta o poder que os judeus podiam compreender, à luz da tradição bíblica do Antigo Testamento. “Nesse sentido, pode-se entender corretamente a ação taumatúrgica de Jesus: suas curas concebidas como miraculosas são sinais da chegada do Reino, são sinais que realiza o enviado escatológico de Deus para, dessa maneira, caracterizar a sua missão sobre a terra” (CORREIA JÚNIOR, 2012, p. 135).

O Antigo Testamento baseia-se na concepção de que “Israel tem a experiência de que a doença está misteriosamente ligada ao pecado e ao mal” (CIC, n. 1502). A taumaturgia em Jesus sublinha uma opção pelos mais frágeis da sociedade, pelos deserdados, por aqueles que foram excluídos pelos sistemas político e religioso de Israel. O toque, a cura, o milagre de Cristo Jesus é sempre humanizador em um mundo desumanizante, que doa a vida e restaura a dignidade de quem foi desumanizado. A perspectiva cristã salienta a cura da doença como da restituição integral do homem.

Os primeiros cristãos interpretaram a prática taumatúrgica de Jesus à luz da expectativa messiânica do Antigo Testamento e, na Igreja primitiva, a ação da comunidade cristã era acompanhada de numerosas curas prodigiosas que corroboraram o poder do anúncio do Evangelho. O próprio Jesus havia prometido que o sinal da fidelidade da comunidade, à sua

proposta, seriam esses milagres: “Eis os milagres que acompanharão os que acreditarem: [...] Quando impuserem as mãos sobre os doentes, ficarão curados” (Mc 16,17-18). Assim inúmeras passagens neotestamentárias atestam esses sinais taumatúrgicos que acompanharam a pregação dos primeiros cristãos¹⁵⁰.

A própria Igreja, ao longo da história, desenvolveu a teologia que deu as bases ao que chamamos, hoje, de Sacramento da Unção dos Enfermos, que, em um passado bem próximo, era conhecido como Extrema Unção e que, em dias atuais, propõe a ser um bálsamo, na hora da dor, e uma força sacramental para a cura. Paralelo ao exercício oficial sacramental da Igreja instituída, os ritos de cura. Os Padres da Igreja já consideravam que os fiéis pediriam a Deus, além da saúde da alma, a saúde do corpo. Santo Agostinho de Hipona, falando da saúde física, como um dos bens humanos, dizia: “É preciso rezar para que nos sejam conservados, quando os temos, e que nos sejam concedidos, quando não os temos” (AGOSTINHO DE HIPONA, 1996, p. 19).

A cura, no Cristianismo, ainda assume a perspectiva do seu inverso, a saúde, que está inseparavelmente unida ao projeto de vida, que Cristo veio oferecer ao mundo. E isso não se limita à questão espiritual; expande-se às questões biológicas, psíquicas e relacionais. Sem dualismo, nem fragmentações, já que o corpo é o espaço da saúde dos órgãos, das funções vitais e lugar da identidade pessoal. Na perspectiva cristã, quando Jesus, seus apóstolos ou os santos curam, não se trata, apenas, de um remendo naquilo que estava desfigurado na condição física humana. Segundo Francisco Alvaréz, “não se trata somente de curar uma enfermidade, mas sim de elevar a condição humana à máxima dignidade e de encaminhar o ser humano pela vereda máxima da realização pessoal” (ÁLVAREZ, 2013, p. 216). Por isso a cura, desde a sua perspectiva bíblica cristã, gera a saúde¹⁵¹ para a pessoa no seu todo, incluindo, inclusive, as feridas corporais ou emocionais ainda abertas, em um processo nunca imposto, mas a partir da valorização do sujeito que, após ser tocado pelo divino, é capaz de viver de forma diferenciada. As bases da taumaturgia cristã sempre atrelaram a cura à missão. Depois de curados, sempre havia o “ide e anunciai”, por isso taumaturgia, na sua fonte bíblica e da Igreja primitiva, sempre foi marcada pela comunhão e pela participação. Comunhão com Deus e com os irmãos, participação na vida divina e na vida dos irmãos.

¹⁵⁰ Conf. (Rm 15,18-19; 1Ts 1,5; 1Cor 2,4-5).

¹⁵¹ Sobre o tema da cura e da saúde na perspectiva cristã: Francisco Álvares, **Teologia da saúde**. São Paulo: Paulinas: Centro Universitário São Camilo, 2013.

4.4.2. Os Reis Taumaturgos: leitura a partir da Escola dos *Annales*

A clássica obra de Marc Bloch, *Os Reis Taumaturgos*, escrita nos anos 1920, quis apresentar a história de um milagre e da crença, que possibilitou que o mesmo aconteça e desapareça no momento em que nele já não se pode mais crer, explicando sua duração e sua evolução. Ou seja, "o milagre existe a partir do momento em que se pode [...] acreditar nele" e desaparece, justamente, quando já não se pode mais acreditar nele" (BLOCH, 2018, p. 18). Trata-se do milagre régio, que nasceu na França, por volta do ano mil, e, na Inglaterra, cem anos depois, e que perdurou até o início do século XVIII na Inglaterra, e até o início do século XIX, na França. Assim, em ambos os casos, por 700 anos, o milagre régio perdurou nesses importantes impérios ocidentais. Desse modo, compreendidos na perspectiva de uma longa duração.

Bloch defende que é originário desses impérios o rito da cura das escrófulas¹⁵², por meio do toque régio, pelo qual os súditos do rei, ao tocarem o seu corpo, ficavam curados. Na França, a escrófula era conhecida como *mal du roi* e, na Inglaterra, como *King's evil*.

Nas ilhas do Pacífico e em outras partes, alega-se que certos reis vivam numa atmosfera carregada de uma espécie de eletricidade espiritual que, mesmo fulminando os indiscretos que penetram seu círculo mágico, possui também, por uma feliz compensação, o privilégio de conceder a saúde por simples contato. Podemos conjecturar que os predecessores dos monarcas ingleses foram outrora o objeto de ideias análogas: a escrófula provavelmente recebeu o nome mal do rei porque se acreditava que o toque de um rei fosse suscetível tanto de afligi-la quanto de curá-la (BLOCH, 2008, p. 78).

Os acometidos de escrófulas afluíam em grande multidão às cerimônias do toque real, realizadas em ocasiões especiais, em datas sagradas, em um rito em que o rei tocava os doentes um a um, acompanhado do sinal da cruz. Os reis não eram meramente identificados como os mais altos na hierarquia do Estado, mais que isso, em volta de suas pessoas, havia uma imagem de sacralidade, pela qual os mesmos eram reconhecidos por seus súditos. Seu poder, acreditava-se, advinha de antigas ascendências familiares, e era sinal da própria afinidade especial com o divino. Por longo período de tempo, as pessoas atribuíam, ao rei, esse poder

¹⁵² Com os termos *écroulles* ou, mais frequentemente, *scrofule*, que é apenas uma forma erudita do primeiro (os dois, tanto o popular quanto o erudito, derivam do latim *scrofula*), os médicos designam hoje a adenite tuberculosa, ou seja, as inflamações dos gânglios linfáticos provocadas pelos bacilos da tuberculose. Obviamente, antes do nascimento da bacteriologia tal especialização desses dois nomes, que remontam à medicina antiga, não era possível. Distinguiam-se mal as diferentes afecções ganglionares; ou, pelo menos, os esforços classificatórios (de antemão condenados ao fracasso) que uma ciência ainda insegura possa ter ensaiado não deixaram nenhum vestígio na linguagem médica corrente. Todas as afecções eram uniformemente chamadas *écroulles* em francês e *scrofula* ou *strumae*, em latim; de modo geral, as duas palavras latinas eram consideradas sinônimas (BLOCH, 2018, p. 57).

curativo. O principal interesse de Bloch não estava na comprovação da veracidade do poder curativo do rei, senão a compreensão dos fatores que levaram à taumaturgia régia, tais como o ambiente e as condições que possibilitaram esse ritual. Jaques Le Goff, no prefácio à obra (BLOCH, 2018, p. 09-42), salienta que o rito desenvolve-se em uma longa duração, o que não se limita à questão cronológica, mas à questão das estruturas que, ao longo da história, pouco se modifica.” Os Reis Taumaturgos” é, então, uma obra que busca compreender a mentalidade que permitiu o surgimento e a manutenção dessa crença da cura, através do toque. Nesse sentido, Bloch insiste na questão das representações que esse poder curativo traz para uma época: “é verdadeiramente necessária uma longa investigação para descobrir as representações coletivas que estão na origem do toque das escrófulas?” (BLOCH, 2018, p. 68)

Ainda que alguns autores tenham questionado a precisão das datas ou a definição moderna de escrófulas, é bem verdade que não se questiona a veracidade do toque régio por sete séculos na França e na Inglaterra. Ainda, segundo Le Goff, a popularidade do milagre régio, a partir de duas perspectivas: primeira: da difusão do milagre, a frequência dos toques, o grande número de pessoas que se disse curada, a partir de estatísticas, verificando quantitativamente. Uma segunda perspectiva refere-se à percepção de como o milagre régio é recebido pelo povo.

Além do mais, dois temas são essenciais, na obra de Marc Bloch, o vínculo entre o poder e a taumaturgia, em outras palavras, entre a política e a unção¹⁵³. Os reis, nesse período da história, eram sagrados e coroados, ou seja, recebiam um poder sobrenatural, pela sagração, já que eram unguídos com o óleo.

Por isso, em parte a solenidade foi sempre dúplice: de um lado, a entrega das insígnias, entre as quais a coroa permanecerá a essencial; do outro, a unção, que continuou até o fim a ser o ato santificador por excelência. Assim nasceu a sagração? Portanto, os reis haviam-se tornado, segundo a expressão bíblica, "ungidos do Senhor", defendidos contra as violências dos maus pelo preceito divino, pois o próprio Deus disse "*Nolite tangere Christum meum*", "Não tocai em meu Cristo, em meu unguído". (BLOCH, 2018, p.89)

A percepção imediata é de que o poder temporal procede da unção de Deus, de modo que está balizado pelo divino. Ao mesmo tempo, a ligação à hierarquia faz com que o “toque das escrófulas torne-se uma verdadeira liturgia eclesiástica” (BLOCH, 2018, p. 26). A autenticação da sacralidade do rei e de sua ascendência, em relação aos reis, aos sacerdotes e

¹⁵³ O uso do óleo como unguento refrescante era muito comum no mundo antigo [...]. Em Israel ungiam-se os sacerdotes, a Tenda da Reunião, a Arca, a mobília da tenda (Ex 31,25ss). Também se ungia os reis: são mencionadas explicitamente as unções de Saul (ISam 10,1ss) e de Davi (ISam 16,13), de Salomão (Irei 1,39) [...]. A unção de Saul, Davi e Jeú é feita por um profeta, a de Salomão, por um sacerdote [...] A unção dota a pessoa unguída do espírito de Iahweh, impelindo-a a um feito extraordinário (MCKENZIE, 1983, p. 953).

aos profetas bíblicos, e com os primeiros santos do cristianismo, os mártires, já se encontrava na própria forma de sagração.

"Que tuas mãos sejam unguidas com o óleo santificado, o qual ungiu os reis e os profetas", diz um ritual muito antigo, contemporâneo dos primeiros tempos da dinastia carolíngia [...] "Que Deus te coroe com a coroa da glória [. . .] e te faça rei pela unção dada com o óleo da graça do Espírito Santo, com este óleo com que Ele ungiu os sacerdotes, os reis, os profetas e os mártires". E o velho cerimonial anglo-saxão: "Deus [...], tu que pela unção com o óleo consagraste sacerdote Aarão, teu servo, e que mais tarde , pela aplicação desse mesmo unguento , constituí para reinar sobre o povo israelita os sacerdotes, os reis e os profetas, [...] nós te pedimos, Pai Todo poderoso, que condescendas em santificar com tua bênção , por meio desta gordura tomada de uma de tuas criaturas , teu escravo aqui presente e que lhe permita imitar diligentemente os exemplos de Aarão" . (BLOCH, 2018, p. 91)

No plano de fundo dos Reis Taumaturgos, está o fato de que os desfigurados, da Idade Média, são tocados pelo rei santo, são curados, ascendem no seu papel social. As escrófulas, tanto quanto a lepra, marcavam um indivíduo para sempre. O destino do escrofulado, certamente, era a exclusão da sociedade. O toque curativo, era, ao mesmo tempo, um toque de revitalização.

A doença raramente é fatal; mas, sobretudo quando não se recebe cuidados adequados, ela incomoda e desfigura. As frequentes supurações tinham algo de repugnante.; o horror que elas inspiravam exprime-se candidamente em mais de uma velha narrativa: a face "corrompia-se", as chagas produziam "um odor fétido...". Incontáveis doentes aspiravam ardentemente à cura, prontos a correr para os remédios que a voz pública lhes indicasse (BLOCH, 2018, p. 58).

À luz dos conhecimentos atuais, sobre as epidemias da Idade Média, Le Goff analisou uma carta de Pierre de Blois, um clérigo, na qual afirmava que Henrique II teria, através do toque, acabado com uma epidemia de peste negra. Esta carta é citada no livro, por Bloch, como uma das fontes que o fez chegar à conclusão de que a origem cronológica do toque régio teria começado na Inglaterra, de Henrique II, no século XII (BLOCH, 2018, p. 80). De toda forma, o fato deriva de um movimento de pensamento comum, na Europa daquele período, mas que "de um lado, as causas profundas e, de outro, a ocasião, o empurrãozinho que chama para a vida uma instituição que, desde longa data, estava latente nos espíritos" levou à sua concretização (BLOCH, 2008, p. 68).

É essa perspectiva de representação coletiva, encontrada em todas as sociedades, e a similaridade das mesmas, em culturas distintas, que levam o autor a perceber que elementos, como o do toque curativo, encontrado em um número significativo de povos, parece ser sintomático de determinados estágios da civilização e que variam de acordo com o estágio de

uma cultura, de um povo ou de uma região. Essa percepção introduz-nos na perspectiva de compreensão do toque do romeiro, em Frei Damião, e da sua fama de taumaturgo.

4.4.3. O toque do romeiro em Frei Damião: elementos de memória e taumaturgia.

Tendo como base a tradição cristã, no que tange à questão das curas, a partir do toque, e da concepção Junguiana de arquétipo, passamos, nesse momento, interpretar as experiências dos devotos de Frei Damião, enquanto pertencentes a estruturas que possibilitaram o exercício do toque em busca de curas.

Em 1919, o suíço Carl Gustav Jung, discípulo de Freud, cunhou o conceito de arquétipo, na psicologia. Jung afirmava que:

Archetypus é uma perífrase explicativa do εἶδος platônico. Para aquilo que nos ocupa, a denominação é precisa e de grande ajuda, pois nos diz que, no concernente aos conteúdos do inconsciente coletivo, estamos tratando de tipos arcaicos – ou melhor – primordiais, isto é, de imagens universais que existiriam desde os tempos mais remotos (JUNG, 2000, p. 16).

Para Jung, esses arquétipos teriam sua origem na repetição progressiva de uma mesma experiência, durante muitas gerações, e que ficariam armazenadas no que ele reconhecia como inconsciente coletivo. Segundo Líbório, após viagens, conhecendo diversos povos, “Jung encontrou, nas culturas africana e asiática, um fundo comum, no que concerne ao fenômeno religioso, criando o inconsciente coletivo, memória de raça, recebido no patrimônio hereditário” (LÍBÓRIO, 2015, p. 25). Desse modo, sustenta Líbório, “o inconsciente coletivo – se cristaliza nos arquétipos universais” (LÍBÓRIO, 2015, p. 25). Assim, as histórias contadas, de geração em geração, inclusive aquelas de cunho religioso ou mítico, tomariam sentido na sua perpetuação, pois ajudaria a satisfazer a necessidade humana de pertença e de estabilidade na vida. Por conseguinte, Jung nos oferece pistas para a nossa compreensão da devoção do fiel nordestino que sempre afirmou a sua pertença a um povo cuja devoção aos religiosos, padres e beatos, representantes da tradição cristã, é motivo de orgulho e chancela a validade de sua fé.

A insistência das pessoas, por nós entrevistadas, afirmando serem devotos e romeiros, segundo a tradição dos seus antepassados, atestam, na prática, aquilo que a psicologia Junguiana apresenta, como teoria. A romeira, D. Honorina, traz, em seu depoimento, a memória da devoção que sua mãe tinha ao padre Cícero Romão. Junto com essa memória materna e a sua prática de católica fervorosa, atualiza-se o seu seguimento a Frei Damião, um religioso, a quem devota sua fé, a partir da herança familiar. Diz D. Honorina:

Eu comecei a fazer romaria para Juazeiro com 8 anos de idade no pau de arara. E continuo até hoje. E meu Frei Damião é aqui de dentro do meu coração, tenho devoção com ele, eu tenho certeza que ele é um servo de Deus e não tem mais o que duvidar. Ele é cheio de graça, diante do senhor, porque eu participei de muitas graças que ele fez, o senhor tá entendendo? E por isso quando você falou se eu queria [dar a entrevista], eu tinha o maior prazer, porque minha santa mãe... porque realmente eu me sinto amada pela minha mãe e ela era muito devota de Frei Damião e de meu Padim Ciço¹⁵⁴.

Tanto quanto D. Honorina, que traz reminiscências da sua infância, ao longo de sua vida, na qual a religiosidade permeia os sentidos da existência, Frei Jociel Gomes, herdou de seus avós, a admiração àquele do qual se tornaria vice postulador da causa de beatificação e canonização.

Eu conheci Frei Damião através dos meus avós que sempre falavam do Frei Damião. Minha vó sempre fazia questão de ter uma fotografia na parede do Frei Damião, e sempre me falava [...] Antes do postulador tem o devoto, né? Se é que posso chamar assim. Mas assim, esse testemunho da minha avó de reconhecer em Frei Damião um santo, isso marcou muito, creio que não só a mim, também aos meus irmãos meus primos por que ela falava muitas vezes de Frei Damião. Até mesmo daquele imaginário popular que também tava na cabeça dela, né? Das coisas que Frei Damião fazia... e ela contava muito isso. Que nas missões de Frei Damião ele fazia chover, que ele fazia milagres, dos castigos que se falava, do fim do mundo, dessas coisas todas. Então isso ficava muito na cabeça da gente. Tanto que, quando se fala em fim de mundo, pra mim, a primeira coisa que eu recordo é minha avó falando de que Frei Damião dizia nas missões que as pessoas... e ela fazia isso... ela tinha, eu vi isso... ela tinha sempre um maço de velas, e aquele maço de velas foi abençoado nas missões do frei Damião, porque dizia ela que Frei Damião teria dito que no fim do mundo haveria três noites de escuro. E a casa que estaria iluminada era aquele que teria as velas bentas. Então pra você ver que isso era muito forte lá em casa e estava e está ainda no imaginário popular. Mas vem daí [...]¹⁵⁵

A categoria Jungiana de patrimônio hereditário, afirma-se e é reconhecida na importância dada por Frei Jociel ao testemunho dos avós. Perguntado sobre quem falava, na sua entrevista; se a criança que escutava a avó com suas memórias; ou se o vice postulador que precisa oferecer bases históricas e teológicas plausíveis para um processo rigoroso, segundo as estruturas e normas eclesiais, Frei Jociel responde:

Os dois. Porque, realmente, na minha cabeça quando ela falava de Frei Damião não tinha essa separação. Eu não conhecia essa história de canonização, claro, né? Então quando ela falava de Frei Damião, eu dizia, era um santo, e ele estava lá junto com os outros santos na parede, com são José. Ela tinha sempre também, mesmo estando vivo. Tinha sempre nossa Senhora

¹⁵⁴ Entrevista concedida por D. Honorina saturnina Miguel. Entrevista V. [maio de 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Caruaru, 2018. Arquivo M4A (.m4a) (23:57 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

¹⁵⁵ Entrevista concedida por Frei Jociel Gomes. Entrevista III. [maio de 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Caruaru, 2018. Arquivo M4A (.m4a) (1:25:31 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

do desterro na casa dela, coração de Jesus, de maria, e Frei Damião estava lá. Padre Cícero, também.¹⁵⁶

Analisando esses depoimentos, reconhecemos aquilo que Maurice Halbwachs (2013, p. 30), afirma: “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós”. Assim sendo, a afirmação de Halbwachs aproxima-se da concepção Jungiana das imagens primordiais que trazemos em nosso inconsciente coletivo, como herança das gerações passadas. Desta forma, nos discursos acima, bem como de muitos devotos de Frei Damião, subsiste algo consciente, ou mesmo inconsciente, das memórias de seus antepassados, no que se refere à religiosidade, sendo a figura de um homem tido como santo, assim como em qualquer época, reconhecido como a representação da divindade em meio a essas pessoas. Um outro romeiro, Sr. José Severino Diniz, natural de Orobó, em Pernambuco, assegura que a devoção ao religioso capuchinho provém dos seus pais e avós e reproduz mitos contados pelos seus antepassados: “o povo diz, eu num sei não, que eu já sou bem mais novo, mas o povo diz que Frei Damião e Padre Cíço ele não morreu não, ele permanece vivo, agora ele se mudou. Os mais velhos falam, ele num morreu não, ele se mudou¹⁵⁷”. Mesmo com a idade de 66 anos, o entrevistado compreende-se jovem nessa teia de devoções. Na expressão “sou mais novo”, a referência são os pais, os avós e antepassados. A sua fala está sempre marcada pelas referências familiares e de seu grupo de convivência. O mesmo acontece com a família Baicão, cujas falas misturam-se e completam-se em uma entrevista espontânea e rica de memórias pessoais e coletivas. Ao entrevistar os senhores René, Renival e Rildo, já citados anteriormente, torna-se difícil desmembrar os testemunhos, dada a fluidez da conversa informal e da complementaridade do enredo das suas afirmações. Memórias pessoais, familiares e do grupo a que pertence um povo, são reconhecidas como complementares e sequenciais. Sobre isso, Halbwachs afirma:

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2013, p. 31).

Prosseguindo, nas ilustrações dos devotos, encontramos D. Marinete, da cidade de Brejo da Madre de Deus, com 68 anos de idade, que afirma ter memórias de Frei Damião, desde

¹⁵⁶ Idem

¹⁵⁷ Entrevista concedida pelo Sr. José severino Diniz. Entrevista XI. [nov. de 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2018. Arquivo M4A (.m4a) (05:07 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

os 10 anos de idade: “Ele ia fazer as missão, aí minha mãe, mais meu pai iam pras missão e a gente acompanhava ele. Aí fui crescendo, depois me casei, aí fiquei devota dele¹⁵⁸”. A devoção de Dona Marinete, herdada da família e do grupo ao qual pertence, não se encerra em si mesma, torna-se elo para novas devoções. No seu testemunho, essa senhora humilde, de fala mansa, revela o motivo de sua ida ao Convento de São Félix, onde acontece a entrevista. Trata-se do pagamento de uma promessa, feita a Frei Damião, pela cura de seu neto, José Cauã, de 11 anos. A avó relata que, aos 4 dias de nascido, José Cauã teve convulsões e foi internado na UTI. Deixando sua filha no hospital, D. Marinete dirigiu-se aflita à sua casa. Ali chegando, D. Marinete enrolou uma imagem de Frei Damião, com uma fralda do neto, suplicando sua cura. O voto seria: se a criança fosse curada, levá-la-ia para deitar sobre o túmulo do frei. A sua súplica, tendo logo sido atendida, esperou o dia mais oportuno para pagar a promessa.

Enquanto a avó dava seu testemunho, Cauã, aos 11 anos, atentamente, não tirava os olhos dela, emocionada, levando a perceber que, para aquele menino, o fato da chancela de pais e avós, das gerações anteriores, em torno do nome do líder religioso, traz a autorização mais arcaica à devoção do povo, em seu tempo. Mesmo uma criança, apenas pelas narrações do seu grupo, inicia um processo de devoção e perpetuação da memória dos seus antepassados. Não sem sentido, Cauã trajava uma camisa, com a foto de Frei Damião, com a frase: “humildade e simplicidade: eis o segredo da santidade”. Por receio de serem advertidos pelos frades, Cauã não cumpriu a promessa de deitar-se sobre o túmulo do religioso. Havia encostado a cabeça, demoradamente. Cauã não tinha recordação do momento da doença, muito menos, havia feito a promessa. Segundo Halbwachs (2013, p. 31) “confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”. A fala da avó era suficiente para que a criança repetisse os passos de aproximação ao sagrado. Logo, sendo perguntado sobre quem seria Frei Damião, Cauã repete: “ele é um santo”. Nessa perspectiva, Cauã, D. Marinete e seu grupo familiar e social atestam a pertença ao Catolicismo e tomam, para si, Frei Damião como exemplo de vida, perpetuando a sua memória, a partir de suas percepções e de sua fé. Ao mesmo tempo, nesses testemunhos subsistem a comprovação de que o taumaturgo é uma forma de arquétipo do inconsciente coletivo, pois, ao celebrar seu culto, rezar junto à imagem, que orna o oratório familiar, rogar o socorro em suas aflições, visitar o santuário, pagar a promessa, o devoto afirma sua devoção e alimenta a devoção familiar ou grupal. A partir da interpretação das mentalidades

¹⁵⁸ Entrevista concedida pela Sra. Marinete. Entrevista XII. [jan. de 2019]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2018. Arquivo M4A (.m4a) (18:23 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

de Febvre (1950), percebemos nesses relatos que as camadas do desenvolvimento histórico da humanidade, que não sofrem transformações rápidas e nítidas como outras, permanecem e se perpetuam de geração em geração.

Avançando nessa compreensão, em relação à aproximação, ao toque e à cura, incluindo aquele elemento da memória de longa duração, deparamo-nos com algo muito comum, que se propaga em fotos e imagens da mídia, que é a questão do toque de Frei Damião no devoto e o toque do devoto em Frei Damião. São inúmeros os registros das pessoas, passando a mão na cabeça do frade, puxando o terço, tocando-lhe o hábito, recostando sobre seu ombro. Há um fenômeno de proximidade física do povo a Frei Damião. Certamente, uma das expressões mais significativas, a respeito do tema, em nossas entrevistas é a afirmação de Sr. René Paulo da Silva.

E ele não se incomodava, ele deixava o povo se aproximar. É diferente de hoje que essas pessoas que se sentem poderosas, tem quatro, cinco seguranças pra tá protegendo, pra ninguém encostar, né? Ele era o contrário, ele gostaria que as pessoas se aproximassem, principalmente crianças. Ele tinha um amor infinito por criança. Quando as crianças procuravam, que ninguém tentasse deixar que a criança não fosse porque ele queria segurar a criança, pelo menos tocar a criança¹⁵⁹.

À afirmação de Sr. Rildo, Sr René complementa: “Ele botava a mão na cabeça e abençoava a pessoa, com o sinal da cruz. Aquele ali encantava a multidão, todo mundo amava aquele padre”¹⁶⁰. Percebe-se que o toque é algo decisivo, na aproximação do romeiro a Frei Damião e na sua devoção. É muito próprio do povo, não apenas olhar, carece sempre ver, pegando, tocando, apalpando. Não basta ver com os olhos. Assim o faz com as imagens de santos, com a toalha do altar, com a cruz, com os objetos sagrados. Se não podem beijar a pessoa, tocam o que é sagrado e levam as mãos aos lábios, beijando-as, em memória do que tocou. Segundo Dom Fernando Panico, em estudo sobre a devoção dos romeiros do Pe Cícero Romão, há algo profundo nesses toques:

O tocar é conhecer. Na liturgia romeira, o toque é caminho de mistagogia. É o estímulo para entrar em contato profundo com o objeto. Sentem o significado do objeto. Os olhos fechados, as rugas de concentração na testa, muitas vezes o tremor do corpo todo indica a relação sentida e vivida, a inter-

¹⁵⁹ Entrevista concedida pelo Sr. Rildo Paulo da Silva VII. [mai. de 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2018. Arquivo M4A (.m4a) (1:04:47 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

¹⁶⁰ Entrevista concedida pelo Sr. René Paulo da Silva VI. [mai. de 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2018. Arquivo M4A (.m4a) (1:04:47 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

relação. O relacionamento familiar com o divino inclui a necessidade de ver, ouvir, contemplar, tocar, beijar, apalpar com as mãos (PANICO, 2009, p. 50).

Nas fontes bíblicas, o toque das mãos de Deus é algo muito significativo. O livro de Jó relata que “com seu sopro os céus ficaram límpidos e com o toque de sua mão fere a poderosa e veloz serpente” (Jo, 26,13). No Novo Testamento, em uma cultura em que o contato dependia da lei da pureza, são muitos os relatos de toque das pessoas em Jesus. “Se eu tão somente tocar-lhe o manto, ficarei sã” (Mc, 25-34), implora a hemorroisa. Trechos diversos, em todos os evangelistas, atestam essa prática. Assim diz o texto do Evangelho de Marcos, que se encontra também em Lucas:

Jesus foi com ele, e seguia-o uma grande multidão, que o apertava. Ora, certa mulher, que havia doze anos padecia de uma hemorragia, e que tinha sofrido bastante às mãos de muitos médicos, e despendido tudo quanto possuía sem nada aproveitar, antes indo a pior, tendo ouvido falar a respeito de Jesus, veio por detrás, entre a multidão, e tocou-lhe o manto; porque dizia: Se tão-somente tocar-lhe as vestes, ficaria curada. E imediatamente cessou a sua hemorragia; e sentiu no corpo estar já curada do seu mal ... Perguntou Jesus: Quem é que me tocou? Como todos negassem, disse-lhe Pedro: Mestre, as multidões te apertam e te oprimem. Mas disse Jesus: Alguém me tocou; pois percebi que de mim saiu poder. Então, vendo a mulher que não passara despercebida, aproximou-se tremendo e, prostrando-se diante dele, declarou-lhe perante todo o povo a causa por que lhe havia tocado, e como fora imediatamente curada. Disse-lhe ele: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz (Marcos 5:24-29; Lucas 8:45-48).

Segundo a lei, a mulher, com fluxo de sangue, era considerada imunda, e tudo o que ela tocasse, tanto objetos, quanto pessoas, ficava impuro. A religião judaica tinha 613 normas de pureza, que deveriam ser cumpridas, à risca, por um bom judeu. O texto de Levítico já havia normatizado:

Mas a mulher, quando tiver fluxo, e o fluxo na sua carne for sangue, ficará na sua impureza por sete dias, e qualquer que nela tocar será imundo até a tarde... Se uma mulher tiver um fluxo de sangue por muitos dias fora do tempo da sua impureza, ou quando tiver fluxo de sangue por mais tempo do que a sua impureza, por todos os dias do fluxo da sua imundícia será como nos dias da sua impureza; imunda será. Toda cama sobre que ela se deitar durante todos os dias do seu fluxo ser-lhe-á como a cama da sua impureza; e toda coisa sobre que se sentar será imunda, conforme a imundícia da sua impureza. E qualquer que tocar nessas coisas será imundo; portanto lavará as suas vestes, e se banhará em água, e será imundo até a tarde. Quando ela ficar limpa do seu fluxo, contará para si sete dias, e depois será limpa. Ao oitavo dia tomará para si duas rolas, ou dois pombinhos, e os trará ao sacerdote, à porta da tenda da revelação” (Levítico 15:19,25-29).

O relato bíblico do Novo Testamento afirma que Jesus não reprovou o toque daquela mulher, pelo contrário, afirmou que a sua fé a salvou. Não somente nesse caso. São muitos os relatos que salientam o toque das pessoas em Jesus e de Jesus nas pessoas (Mateus

9,20-21; 14,36; Marcos, 3,10; 5,30; 6,56; 8,22; Lucas, 8,45-46; João 3, 14-15). O toque de Jesus, é um toque personalizado, ele percebe a pessoa no meio da multidão, ao mesmo tempo, no seu toque, há um poder sobrenatural, reconhecido pelo povo, que percebe nele um poder maior. O toque de Jesus ainda tem uma característica muito importante, ele transforma, desinstala, inclui. Para Francisco Álvarez, o toque curativo, na Bíblia, está inserido na perspectiva da salvação e é compreendido em três momentos:

- As situações de adversidades individuais e coletivas (escravidão, pecado, doença, desespero, humilhação...);
- As intervenções salvíficas, terapêuticas e libertadoras de Deus;
- A nova situação daquelas que aceitam ser salvos/curados e experimentam a libertação (ÁLVAREZ, 2013, p. 106).

Os apóstolos permaneceram com essa tríade gestual na tradição do toque curativo. Os padres da Igreja consideravam que os cristãos pediam, a Deus, a saúde da alma e do corpo. Santo Agostinho, por exemplo, afirmava, referindo-se à busca da saúde e à oração de cura: “É preciso rezar para que nos sejam conservados, quando se os tem, e que nos sejam concedidos, quando não se os tem” (SANTO AGOSTINHO, Epístola 130, VI,13). Os santos, ao longo da história da Igreja, curavam, tocando e impondo as mãos. A tradição bimilenar alimentou, por meio das liturgias e da religiosidade própria do povo, a busca pela cura e ação do toque.

Também a primeira evangelização, segundo as indicações do Novo Testamento, era acompanhada de numerosas curas prodigiosas que corroboravam o poder do anúncio evangélico. Aliás, tinha sido essa a promessa de Jesus ressuscitado, e as primeiras comunidades cristãs viam nelas que a promessa se cumpria entre eles: “Eis os milagres que acompanharão os que acreditarem: (...) quando impuserem as mãos sobre os doentes, ficarão curados” (Mc 16,17-18) (CONGREGAÇÃO PARA DOUTRINA DA FÉ. Instrução sobre as orações para alcançar de Deus a cura, p. 07).

Toda a tradição cristã desembarcou com os colonizadores que evangelizaram o Brasil e, o Nordeste, espaço delimitado pela nossa pesquisa. A religiosidade do povo traz consigo essas memórias, notadamente a memória cristã, com toda a sua riqueza. Desta forma, a busca pelo sagrado, por intermédio de representantes, instituídos pela religião oficial que, de algum modo, apresentou identificação com o povo, com seu carisma e sua mística, provocou aquelas atitudes, encontradas na Bíblia e ao longo da história cristã. São muitos os homens e mulheres, tidos como santos e capazes de realizar milagres, mesmo em vida.

Os relatos que temos, a respeito de Frei Damião, atestam que, logo cedo, foi reconhecido como taumaturgo. O próprio religioso, em carta à família, revelou que as pessoas o buscavam para receber cura. Dois anos após desembarcar, no Porto do Recife, ao que tudo indica, sua fama de possuidor de poderes extraordinários já se espalhou pela região, tanto que

o religioso escreveu à sua mãe e, na carta, falou sobre o desejo de uma senhora, em receber a sua bênção, o que fez dois homens carregá-la, por 18 quilômetros, naquelas terras secas do Nordeste, até encontrar o religioso.

Caríssimos pais, estou muito bem de saúde. Não tenho muito o que dizer, porque minha vida é sempre a mesma: pregar e confessar por dias inteiros. As pessoas correspondem muito e se entusiasma com facilidade. Imagine que, pregando uma missão nestes últimos dias, dois homens levaram uma pobre mulher em uma maca para que eu abençoasse e caminharam por 18 km (tradução nossa)¹⁶¹.

Abdalazis de Moura, testemunha: “As pessoas fazem questão de vê-lo, tocá-lo, mesmo que para isso seja necessário muitos empurrões, filas e esperas” (MOURA, 1978, p. 37). Dona Honorina, perguntada se havia testemunhado algum toque das pessoas em Frei Damião, diz: “Meu Deus, como eu vi. Como eu vi [...]. Eu toquei muito, e eu peguei muito nele [...]. Era aquela multidão em cima, que era pra tocar nele. E Ele fazia ‘não precisa me tocar não’, fazia assim com a mão [...]. Todo mundo ficava feliz. Né a graça de Deus?”¹⁶².

Sousa Neto afirma que todo esse movimento, em torno de Frei Damião, deu-se porque ele se tornou um mito:

O missionário havia se transformado num personagem mitológico para além da sua pensada corriqueira atividade missionária. Suas fronteiras não podiam mais ser delimitadas pela sua pertença à Igreja Católica, por sua consagração numa ordem religiosa ou quaisquer outras instituições Frei Damião agora pertencia ao imaginário coletivo, havia se dissolvido e multiplicado na devoção do povo, com todas as consequências que isso significasse (SOUSA NETO, 2011, p. 71)

Segundo Campbell (1990, p. 05), o ser humano procura muito mais que um sentido para a vida. Para esse estudioso do mito, o ser humano procura uma experiência de estar vivo. Assim as experiências exteriores precisam encontrar ressonância no interior do ser, na realidade mais íntima da pessoa. O ser humano busca, nos mitos, sejam eles quais forem, “pistas para as potencialidades espirituais da vida humana” (CAMPBELL, 1996, p. 06). De algum modo, cada romeiro, individualmente, ou no grupo social, em suas buscas mais íntimas, viram ressoar, na interioridade, a ação e os gestos do missionário capuchinho. Trata-se de um outro modo de

¹⁶¹ *Carissimi genitori, sto molto bene di salute. Non só qual che dirvi di nuovo, perché la mia vita è sempre la stessa: predicare e confessare a giornate intiere. Que il popolo corrisponde molto e si entusiasma anche facilmente. Imaginatevi che, predicando una missione in questi giorni passati due uomini portarono in una barrela a spalle una povera malata perché la benedicensi e camminarono per questo 18 km.* (Lucca, Arquivo da Província dos Frades Capuchinhos; Cópia Pública III, 714).

¹⁶² Entrevista concedida por D. Honorina saturnina Miguel. Entrevista III. [maio de 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Caruaru, 2018. Arquivo M4A (.m4a) (23:57 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

enxergar o religioso, pertencente à hierarquia eclesial, um outro modo de captar os dogmas dos quais era portador, uma outra forma de vislumbrar os ritos da ortodoxia. “Se transformava numa viva mensagem não-verbal. Principalmente nos últimos anos de sua vida e atividade, Frei Damião, velho, doente, cansado e já muito conhecido e falado, comunicava muito mais pelo que representava do que pelo que ainda podia dizer” (SOUSA NETO, 2011, p. 68).

Elementos dessa mitificação do frei manifestavam-se, quando, sentado na poltrona do seu quarto, no convento de São Félix, ou nas missões mundo afora, as pessoas faziam o possível para cortar um pedaço do seu hábito, apossar-se da toalha ou dos lençóis que usava nas casas por onde se hospedava. Arrancavam-lhe fios de cabelo e tentavam tocar seu corpo com imagens, cruces, terços ou qualquer objeto sagrado, que se tornasse relíquia a ser guardada e venerada. Dado o número de fiéis que buscavam aproximar-se do religioso, já no fim de sua vida, nas últimas missões, destacamentos de policiais eram enviados, para fazer a sua segurança diante da multidão, que se espremia, para tocá-lo. Certamente, um contraste com a sua pessoa, desprovida de exigências e sedento de aproximação com as suas ovelhas. Sr. Rildo chegou a usar a palavra “mito”, para referir-se à pessoa do Capuchinho.

Como a gente tinha esse **mito** (grifo nosso), quando ele aparecia e a gente tinha o privilégio de tocá-lo, porque não era que ele não quisesse ou não deixasse tocar, é porque a multidão era tão grande que você não podia ter acesso pra você tocar. Então aquele que tinha o privilégio de chegar até ele e colocar a mão nele, isso era o orgulho maior do mundo, era um privilégio. E nós nordestinos como a gente convive muito com o sofrimento, a gente tem que buscar esse socorro que a gente sente o testemunho¹⁶³

Nesse aspecto, Frei José maria, também, chegou a verbalizar a palavra mito, ao referir-se ao toque do romeiro em Frei Damião, ao mesmo tempo em que revelou algo que, não encontramos no discurso dos romeiros: a questão da consciência moral de Frei Damião, no aspecto da pureza, no sentido de sexualidade e afetividade. Diz Frei José Maria:

Ah, o povo tocava, isso é fanatismo do povo, é a fé, às vezes pode ser fanatismo do povo, às vezes pode ser fé, também. Ele era muito paciente, mas nem de mais, nem tudo, às vezes tratava o povo. Uma vez veio uma senhora não sei quem era. E... Posso dar um beijo na mão? (faz o gesto de que a senhora vai beijar-lhe o rosto, com a voz trêmula, imitando Fr. Damião). Não, a santa pureza. Beijou ele na cabeça, um beijo normal. Aí eu fiz (abanou a mão), para dizer, né... Agora quando o povo lhe chateava de mais ele se defendia um pouco, né? Queriam lhe segura-lo, o cabelo né? Nas procissões, nas andanças dele. Mas ele tinha uma paciência sem limites, com tudo e qualquer coisa, ele

¹⁶³ Entrevista concedida pelo Sr. Rildo Paulo da Silva VII. [mai. de 2018]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2018. Arquivo M4A (.m4a) (1:04:47 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

captava a alma do povo, a necessidade, tava muito inclinado sobre essas necessidades¹⁶⁴.

Não obstante seus escrúpulos de religioso formado na disciplina, à rigidez puritana e fiel ao seu voto de castidade, Frei Damião, tornou-se um catalisador da fé popular, tendo presente nas suas ações e discursos sua pertença à Igreja, à qual permaneceu fiel até o fim da vida.

Com um poder quase mágico, Frei Damião ingressou, na memória religiosa popular do povo mais simples, sem deixar, ao mesmo tempo, de ser representante da instituição à qual pertencia, com suas normas e dogmas.

Era o homem que pregava pela presença. Eu me lembro que Dom Helder foi uma vez fazer uma palestra em Porto Alegre. Naquela época da teologia da libertação, todo um questionamento sobre as pastorais, sobre as igrejas. Alguém achou de perguntar: “Mas o senhor é arcebispo de Olinda e Recife? E como é que o senhor vê Frei Damião?” Aí Dom Helder disse ‘Não, eu não vejo. É o povo que vê, que sente. É o povo que dá uma resposta de quem é Frei Damião’. Então aquele que faz milagres, o taumaturgo, é visto pelo povo. Ele só se torna taumaturgo quando tem contato com o povo. Quando a vida dele convence o povo. E o povo procura porque vê nele uma resposta para os seus anseios espirituais, materiais, psicológicos. E encontravam, como encontravam em outros santos, como santo Antônio, São Francisco. E no Frei Damião. O Frei Damião nesta dimensão era impressionante como ele sabia dizer as coisas para o povo no contato pessoal que tinha, no confessionário, na catequese. Aquilo que preenchia a resposta do povo¹⁶⁵.

Essas questões da memória, do toque, da mitificação, levam-nos a reconhecer o papel determinante do romeiro no se contexto social e reconhecer o próprio Frei Damião no contexto que o cercava pois, são os testemunhos que brotam sobre a sua pessoa, que sustenta a sua fama taumatúrgica. Marc Bloch (2018, p. 18), que sustenta que o milagre existe, a partir do momento em que se acredita nele. Assim a taumaturgia, o toque de Frei Damião e o toque em Frei Damião são possíveis, enquanto uma teia de sistemas, histórias e memórias de curta, média e longa duração aue possibilitam a sua existência para além de biografias, instituições, importância política ou econômica. Afinal, os seus conselhos já foram atribuídos a outros; seus milagres aparecem com as mesmas personagens e o mesmo *modus operandi* que em outros, como o Pe Cícero; o seu toque e o toque na sua pessoa já vem de uma tradição antiquíssima; sua importância política e econômica recordam tantos outros líderes religiosos, com seu perfil

¹⁶⁴ Entrevista concedida por Frei José Maria Del Giudice. Entrevista I. [maio 2016]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2016. Arquivo mp3 (1:32min). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

¹⁶⁵ Entrevista concedida por Dom Severino Batista de França. Entrevista II. [set 2017]. Entrevistador: Aerton A. de Carvalho Silva. Recife, 2017. Arquivo mp3 (37:18 seg). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice desta tese.

e sua influência. Em uma transumância histórica, porém, é reconhecido para além dos códigos e determinações. Seu valor e importância não se quantifica, não se mede, não se pesa. Tem o valor das almas, dos suspiros dos homens e mulheres de sua época, com suas lembranças, sua realidade e seus sonhos pessoais e comuns, que dão à sua pessoa um sentido que só por eles pode ser assimilado.

Possivelmente, não é o milagre em si que faz Frei Damião, mas a maneira pela qual ele é recebido e interpretado. A partir de uma perspectiva sociopsicológica, Le Goff, com seu questionamento, alarga as pistas dessa interpretação, à qual nos propomos: “Como um fenômeno que, sejam quais forem seus alicerces mágicos e folclóricos, foi elaborado pelos meios restritos situados no alto da hierarquia cultural social [...] pode atingir as massas?” (LE GOFF, 2018, apud MARC BLOCH, 2018, p. 24). Ao que o próprio Le Goff, referindo-se ao milagre régio afirma: “Essas relações entre teorias e práticas da elite, de um lado, e crença e mentalidade comuns, do outro, estão no âmago do milagre régio, assim como no de todos os milagres” (Idem, p. 24). Assim, quem controla o ritual do toque em Frei Damião e hoje, nas suas relíquias, não é apenas a instituição. Ao mesmo tempo, são vários os toques mútuos, litúrgicos ou para além das liturgias que se sucedem.

4.4.4. As especialidades taumatúrgicas de Frei Damião

Para o povo, o modo, como cada santo distribui os favores de Deus, pode variar, segundo o dom de cada um. Haveria, então uma especialidade específica nos milagres atribuídos a Frei Damião?

Sobre essas especialidades dos santos Marc Bloch afirma:

A maioria dos santos verdadeiramente populares também possui seus talentos específicos: as pessoas dirigem-se a um deles rogando-lhe que cure os males dos olhos; a outro pedem que remedeie os males do ventre; e assim por diante. Mas, até onde se pode ver, essas especializações raramente estão lá desde o início; a maior prova está em que às vezes elas variam. Todo santo passa por médico junto ao povo; pouco a pouco, em virtude de associações de idéias freqüentemente obscuras, algumas vezes por um simples calembur, seus fiéis acostumam-se a atribuir-lhe o dom de mitigar sobretudo esta ou aquela enfermidade; o tempo faz sua obra; ao fim de certo número de anos, a crença nesse poder bem determinado tornou-se no pobre mundo dos sofrendores um verdadeiro artigo de fé (BLOCH, 2018, p.67).

A citação de Marc Bloch, na perspectiva dessa especialidade em determinados milagres, recorda-nos o que na fé popular atribui-se, a Santa Luzia, a cura dos olhos; a São Braz, a cura da garganta; A São Longuinho, encontrar coisas perdidas; A Santo expedito, as

causas impossíveis e assim por diante. A Frei Damião costuma-se, dentre outros, atribuir milagres de domínio da natureza. É muito comum, por exemplo, a história de que em plena pregação, ao ar livre, teria começado a chover, ao que Frei Damião teria ordenado que a chuva parasse até o final da liturgia. Tendo, os fiéis, chegado em casa, a chuva teria se precipitado em abundância. Esse relato, encontramos em quatro testemunhos, dentre os que recolhemos:

Testemunha	Cidade	Milagre
Honorina	São Caetano-PE	Então no mês de maio o pessoal armava a sombrinha, chuva, mas chuva grossa, o céu ficou todo cheio de chuva, começou a cair chuva. Ai o povo todinho, armando sombrinha, guarda-chuva, aí ele fez assim com as mãos “não, não, não, não, não, desarma as sobrinhas, não vai chover não” e uma chuva medonha. Quando ele fez assim, você pode acreditar que não existe Deus, que eu não to mentindo, o céu ficou do jeito que tá aí. Não foi um milagre?
Renivaldo	São José de Espinharas-PB	Em São José de Espinharas ele tava celebrando, uma multidão muito grande e aí o tempo nublou e a chuva ameaçou a chegar. Ai o pessoal queria se evadir, queriam sair por conta da chuva e ele mandou que não saísse ninguém, e simplesmente ele passou a mão e disse que não saísse ninguém que a chuva não ia cair naquele momento. E aí a chuva desviou prum lado e pro outro e ele continuou a celebrar.
Heleno	Frei Miguelinho	A chuva, tava numa missão em Frei Miguelinho, aí apareceu uma nuvem bem pertinho e era muita gente que tinha na cidade, muita gente, aí veio aquela ventania e o povo disse “vai chover, vai chover”. Aí ele disse assim “povo, não saía daqui que aquela chuva não vem por aqui, ela vai pra lá” e foi ‘simbora’ pra lá, só passou uma pingueirinha. E terminou a missão dele, por isso que eu tenho muita fé nele. Eu não lembro qual foi o ano, porque essas coisas que fica pra trás eu não lembro de nada. Só me lembro do que vai passar daqui pra frente.
Jobson	Gravatá – PE	Na década de 60, quando eu tinha 8 anos de idade, Frei Damião passou em Gravatá e ele foi dar uma palavra, [...] a uma multidão, ao povo. Aí veio aquela chuva, aí o pessoal começou a correr da chuva né. Porque sempre quando chove a pessoa corre né. Aí ele disse “não pessoal, não precisa correr não que a chuva vai passar”. Isso aí eu presenciei quando eu tinha meus 10 anos, hoje eu tô com 66. ¹⁶⁶

¹⁶⁶ Todas as entrevistas encontram-se em anexo, no final desta tese.

Como vemos, é comum o relato de que Frei Damião fez parar a chuva, tanto quanto há relatos de que tenha feito chover durante a seca. Moura (1978, p. 30), apresenta um testemunho da Sra. Maria Lucíola que relata um milagre em Santana do Cariri, no Ceará, em pleno verão, temperatura alta, e Frei Damião pergunta ao povo “Vocês, meus irmãos, querem terminar as santas missões com chuva?”, ao que os fiéis respondem afirmativamente. Segundo o relato, “quando terminou as missões, foi tanta chuva que encheu o rio”. Para o povo, fatos que, de algum modo a ciência poderia explicar, servem como sinais milagrosos.

Outro caso clássico, é o relato que teria acontecido em Lagoa Grande, na Paraíba. As narrativas de René e Josias, atestam o poder miraculoso do frei sobre a natureza. Nesse caso, sobre animais.

René: Tem um caso também de Lagoa Grande, na Paraíba. Que ele tava celebrando a missa e no meio da cidade tinha uma lagoa muito grande, ainda tem hoje em dia. E os sapos, que chama cururu né, só atrapalhando né, cantando que nem a gente pode dizer assim né...aí ele fez assim, botou a mão assim, pronto...até hoje não tem um sapo nessa lagoa. Se tem, não canta mais.

Josias: Ele era uma pessoa que tinha uma proteção muito grande de Deus, o que ele dizia, acontecia. Fica as histórias que o pessoal conta, que na Paraíba mesmo, porque ele gostava muito da Paraíba, mas teve canto lá, que nem os caras contam, eu não sei né, mas os caras contam que ele foi pra Lagoa Grande, na Paraíba, eu sei onde é Lagoa Grande. Aí ele tava pregando lá o Evangelho e aqueles sapo começou cantando na Lagoa e tava impedindo, porque ele não falava alto, ele falava meio baixo. Aí ele mandou os sapos se calarem e os sapos se calaram. Se você chegar em Lagoa Grande, que é a terra de Jackson do Pandeiro, antigo Jackson do Pandeiro, e fazer essa pergunta, todo mundo lhe diz [...]¹⁶⁷

Para Moura (1978, p. 21), há uma tipologia nos milagres atribuídos a Frei Damião, isso se daria a partir da forma e dos personagens. No caso de Frei Damião, as questões de saúde ficam patentes. De acordo com Frei Jociel Gomes, a mostra de pedidos escritos e depositados na urna junto ao túmulo de Frei Damião revelam, talvez a sua principal especialidade taumatúrgica, a cura de alguma doença. Observando os testemunhos dos romeiros, encontramos proximidade nos pedidos feitos a Frei Damião e nos milagres de cura a ele atribuídos:

Honorina: “Em São Caetano, curou muita gente, botava a mão na cabeça”;

Helena: “Ele botou a mão na minha cabeça e disse: você tá curado, quem lhe curou foi Deus”;

Leni: “Ele só fazia o bem, curava as pessoas. A gente pequeno, o povo dizendo que era curado por ele, a gente ia a romaria pra pedir as graças e alcançava”;

Frei Jociel: “suplicaram a intercessão de Frei Damião e ficaram curadas”

¹⁶⁷ As entrevistas de René e Josias, encontram-se em anexo, no final desta tese.

Fr Jociel; “também doenças tidas como... aos olhos das pessoas, como incuráveis, não é? Elas não tinham esperança em uma cura a partir de medicação ou de um acompanhamento médico. E elas relatam isso, não é? De que, suplicaram a intercessão de Frei Damião e ficaram curadas. Mas, resumindo, seria mesmo a maioria de cura física”;

Évio: “Eu conheço uma senhora de Palmares que ela não andava e ela disse que quando Frei Damião passou no quarto, com a mão sobre os doentes, ele passava abençoando todos. E ela daquele momento em diante, ela anda com dificuldade, mas passou a andar”.¹⁶⁸

Os inúmeros relatos demonstram que, como acontecia em vida, Frei Damião popularizou-se pelas curas físicas que lhe atribuíam. Mediante as situações sociais e econômicas e de falta de acesso aos cuidados mínimos de prevenção e saúde, a muitos, restava e, ainda hoje, resta apegar-se à fé. Vemos nesses devotos a imagem da sociedade e suas estruturas impeditivas de igualdade de direitos. Afinal “um fenômeno histórico jamais se explica plenamente fora do estudo de seu momento” (BLOCH, 2018, p. 19). Do mesmo modo, a afirmação de Frei Jociel apresentando as questões familiares como segundo motivo de pedido, como outra capacidade taumatúrgica do religioso, apresenta sintomas de uma sociedade em mudança, cujos valores da família, tão pregados por Frei Damião, encontra-se em crise, como a sociedade hodierna em geral.

Em nossas entrevistas a palavra família apareceu 57 vezes, já a palavra santo foi verbalizada por 142 vezes. Há uma insistência no discurso dos romeiros em reafirmar a santidade de Frei Damião. Evio chega a dizer com orgulho:

Eu tive o prazer de dizer “eu conheci um santo. Eu vi, eu toquei, eu ouvi, então a diferença de Frei Damião para os outros santos fica nessa diferença porque nós conhecemos, chegamos perto. Eu não tive o prazer de chegar perto de São Francisco, de São Félix, Santo Antônio, São José, tanto santo, todos são bons. Se é santo, é porque é uma boa pessoa, mas Frei Damião nós tivemos o prazer e a felicidade de viver na era Frei Damião.

Para Évio como para a maioria dos romeiros, Frei Damião é alguém conhecido, é um santo popular. E esse termo popularidade, também se apresenta para Bloch com especial significado. Nele está a questão difusão dos milagres, do número de pessoas atingidas, a origem geográfica dos doentes. De tal modo que Bloch diante do fenômeno da taumaturgia e das mentalidades, propunha verificações quantitativas. A popularidade se daria, também, na forma como o milagre é recebido pelo povo. Por isso a recepção do milagre, tem sua importância sociopsicológica pois coloca o pesquisador diante da questão: o milagre é forjado pelas elites ou pelo povo? Pela instituição ou pelos fiéis? “como um fenômeno, que sejam quais forem seus

¹⁶⁸ As entrevistas de Honorina, Heleno, Leni, Frei Jociel e Évio, encontram-se em anexo, no final desta tese.

alicerces, mágicos ou folclóricos, foi elaborado pelos meios restritos situados no alto da hierarquia cultural social pode atingir e atinge a massa? Ao que responde que “essas relações entre teorias e práticas da elite, de um lado, e crença e mentalidade comuns, do outro, estão no âmago de todos os milagres (Bloch, 2018, p. 24). Assim, para Bloch e para a escola dos *Annales*, o toque régio e por conseguinte, todo milagre, não pode ser observado e determinado na perspectiva positivista ou determinista. Nessa perspectiva, são muitas as variáveis que levam o devoto a eleger um indivíduo como taumaturgo e são muitas as variáveis até que chegue à chamada “honra dos altares”.

Considerações finais

A complexidade e a riqueza da cultura do Brasil não podem ser percebidas, sem considerar o papel da religião na sua composição mais radical. Desde os povos autóctones, que, há milhares de anos, povoaram essa porção da América Latina, até a Cultura Católica Europeia, aqui, aportada, no século XV, incluindo toda a riqueza da tradição africana, trazida pelos escravos, além das mais diversas culturas, trazidas pelos vários povos, especialmente os expulsos pelas guerras em suas pátrias. Um verdadeiro caldo cultural e religioso, de uma densidade não fácil de seccionar, talvez, impossível. Ao mesmo tempo, contudo, de entrecruzamentos que possibilitaram marcas que somente em uma nação, tão plural, seja possível encontrar.

Se aproximamos nossa visão do recorte regional nordestino, não será diferente. No mínimo, três culturas basilares sobressaem-se nessa região: a indígena, a europeia e a africana. Com peculiaridades quase epidérmicas, e perceptíveis aos mais desavisados, o Nordeste apresenta sotaque, cores, sabores, cheiros, gestos e expressões que pululam da sua arte, da gastronomia, da música, do fenótipo, do jeito de ser. Nessa gama cultural, a religião cumpre um papel decisivo, também no Nordeste. Com um catolicismo de características populares, que se distingue do catolicismo oficial, já que “o catolicismo popular envia sua mensagem em código próprio, que não é aquele do catolicismo oficial. Este pensa uma coisa e diz univocamente; aquele diz uma coisa e pensa outra, pois sua linguagem é metafórica e sacramental” (CERTEAU 1975, p. 53). A religiosidade do povo nordestino tem suas características que vão para além dos códigos eclesiais.

Nesse cenário amplo e, ao mesmo tempo, místico da cultura nordestina, vemos emergir, desde os primórdios da colonização, figuras carismáticas que conduziram o povo na perspectiva da fé, aconselharam, benzeram e ofereceram sentido para as vidas. Padre Cícero, Beato Lourenço, Antonio Conselheiro, Padre Ibiapina, Irmã Dulce, que figuram entre aqueles que conduziram o povo católico, alimentaram a sua fé e entraram para a memória coletiva do Catolicismo Popular. Dentre eles, destacamos Frei Damião de Bozzano, um italiano, que chegou ao Brasil dos anos 1930 e que povoou e povoa o imaginário popular, enriquecendo o Catolicismo e tornando-se elemento cultural, compondo a grande colcha de retalhos, que é o Nordeste.

Com o trabalho que, agora, apresentamos, pudemos reconhecer a importância da pessoa de Frei Damião, para a manutenção do Catolicismo Popular até os dias de hoje. Reconhecemos que a sua inserção, na memória coletiva, advém de vários aspectos pessoais,

sociais, históricos, econômicos e religiosos. À pergunta “quem é Frei Damião?” pudemos responder, a partir de várias óticas. Não um, mas vários “Freis Damiãos”, a serem interpretados e reconhecidos nos mais variados aspectos, quase caleidoscópicos das representações eclesiais, científicas e populares. A presente pesquisa possibilitou-nos, em primeiro lugar, reconhecermos, na religiosidade em torno de Frei Damião de Bozzano, elementos da sucessão de um carisma medieval, que ultrapassou os tempos e firmou-se no ocidente, de forma ampla e para além dos códigos eclesiais, especialmente na trilha do carisma Franciscano e do seu fundador, São Francisco de Assis, sem dúvidas, um homem para além do seu tempo, que denunciou a opulência social e eclesial e consagrou-se aos mais pobres e excluídos da sociedade. As bifurcações da Ordem Franciscana, o nascimento da Ordem Capuchinha, no século XVI, e a busca pela vida simples, com os votos de obediência, pobreza e castidade, marcaram e marcam os seguidores de Francisco de Assis. Então, nessa perspectiva frontal da franciscanidade, podemos inserir a figura de Frei Damião, ou podemos afirmar a sua emergência desse meio. O carisma franciscano, a vida eremítica e missionária apresentou-se como alternativas para o Capuchinho, filho de Bozzano, na Itália. Mas foi o apelo pastoral da Igreja, com sua visão tridentina, na qual Frei Damião havia sido formado, que o levou a assumir a missão de vir para o Brasil, propagar a fé. Desse modo, chegamos a uma primeira pista. Frei Damião está inserido em uma configuração religiosa, hierárquica, que tem objetivos claros e específicos. Sua partida para o Brasil está na ordem de uma cadência expansionista e mantenedora das estruturas eclesiais católicas.

Sem dúvidas, a presença dos Capuchinhos, no Brasil, desde os franceses, no século XVII, passando pelos napolitanos e pelos frades da Província de Lucca, até chegar aos religiosos nativos, com figuras que se destacaram no Nordeste, como Frei Martinho de Nantes, Frei Carlos José de Spezia, Frei Caetano de Messina, dentre outros, e as suas missões e ações sociais, em todo o território nacional e, mais especificamente, no Nordeste, que foi o nosso objeto de estudo, possibilitaram reconhecimento, fama e ingresso na memória e na cultura local. Frei Damião de Bozzano, de algum modo, recebe muito do seu prestígio, por pertencer a esse capital simbólico dos religiosos barbados, de hábito marrom e sandálias nos pés, de discursos inflamados e apocalípticos, de presença marcante, nos lugares distantes, onde a igreja não se fazia presente, de aproximação à vida do povo simples e convivência regular. Quando chegou ao Recife, ao celebrar pela primeira vez, na Basílica da Penha, ou ao partir em missão para Gravatá, em Pernambuco, o Religioso, por mais que não dominasse a língua, que não conhecesse o caminho e desconhecesse as feições dos que a ele se aproximavam, era

reconhecido como Capuchinho, pela sua indumentária e pelo seu discurso italiano carregado. Desse modo, chegamos à nossa primeira referência. Frei Damião é, primeiramente, reconhecido como Capuchinho, como filho de São Francisco, como Missionário, no rastro de tantos outros que, pelo Nordeste, passaram antes dele.

Um segundo passo de nossa pesquisa foi a percepção das representações que foram impressas, ao longo de 66 anos, na alma do povo do Nordeste, em vista das missões populares, pregadas por Frei Damião. Desde a primeira missão, em Gravatá, Pernambuco, até o último dia de sua vida, Frei Damião fez uma longa peregrinação. Traços da sua personalidade e do seu biotipo foram reconhecidos, pelo povo católico, como características de um homem especial. A firmeza do discurso e a suavidade na acolhida pessoal; a simplicidade no vestir; no comer e a discrição na vida cotidiana foram destacadas como admiráveis, pelos entrevistados, durante a nossa pesquisa. Some-se a isso o seu método que juntou a experiência dos antigos missionários capuchinhos ao seu carisma pessoal. Destaca-se a sua incansável vontade de confessar os fiéis, o que possibilitou uma aproximação mais íntima, por parte do povo do Nordeste, que sempre destacou, com orgulho, o fato de ter-se confessado com o religioso.

Nas suas pregações e nos seus escritos, como é o caso do livro “Em Defesa da Fé”, o religioso ofereceu um capital sagrado, que foi reinterpretado pelo povo, a partir do seu lugar geográfico, biográfico, religioso, social e existencial. Além do mais, nessa perspectiva do fiel e dos religiosos, que conviveram com Frei Damião, há algo que arrastava a multidão em direção ao Capuchinho e tornou-se admirável pela cúpula da hierarquia católica, a sua coerência. Não havia discrepância entre a doutrina e o viver do religioso. Prova desse reconhecimento institucional é que, por mais que a porção eclesial progressista discordasse de suas posições tridentinas, admiravam-no pela coerência entre o seu discurso e a sua vida cotidiana. Nos depoimentos de eclesiásticos e fiéis sobressaiu-se, de forma significativa, o fato de Frei Damião ter sido irrepreensível moralmente. Em uma sociedade cristã, que sempre busca salientar a questão da moral e dos bons costumes, como é o caso do Brasil e do Nordeste, especificamente, a figura de um religioso idôneo, em meio a tantos escândalos, por parte do clero, desde o Brasil colônia, até os dias atuais, a memória coletiva e seletiva reconhece e destaca figuras representativas, especialmente, religiosa. Não é à toa que, ao percorrer os milhares de quilômetros do Nordeste, não há ranhuras de sua fala contra instituições ou pessoas. Assim chegamos a mais uma consideração, a de que a personalidade de Frei Damião correspondeu ao anseio do povo do Nordeste, de uma época recente que, trazendo resquícios da sua história de

500 anos, ressignificou o discurso tridentino do Frei e encontrou respostas para suas questões mais íntimas.

O ingresso de Frei Damião na esteira dos conselheiros do Nordeste, como Padre Ibiapina, Antonio Conselheiro e Padre Cícero, demonstra que houve um momento histórico propício para que o religioso se destacasse no cenário religioso nordestino. De algum modo, reconhecemos que Frei Damião inseriu-se em um vácuo deixado pela morte do Padre Cícero do Juazeiro. Mais um capital simbólico por ele herdado. Fruto da necessidade do romeiro de eleger alguém que ocupasse o lugar de conselheiro, fruto de uma época, da carência de lideranças carismáticas, da ausência de alguém que escutasse suas lamúrias. Foi no confessionário que o povo encontrou-se com o religioso, de joelhos, falando ao ouvido, e sendo acolhido na intimidade. Certamente, por motivos semelhantes, seus conselhos ecoaram Nordeste afora. Os causos, os mitos, as estórias propagaram-se e ganharam tons apocalípticos, como os seus discursos. Do confessionário, do altar, das carrocerias de caminhões, ou de qualquer lugar de onde perdoava, pregava e profetizava, emanava abundante material para a cultura popular. Não sem motivos, o cordel, a xilogravura, o cancionero popular nordestino, a pintura, os causos, a iconografia, da imaginária regional e a religiosidade, no seu mais primitivo e rico sentido, contaram, cantaram, pintaram e esculpíram a sua pessoa e a sua importância para a cultura nordestina.

Como vimos, por conseguinte, a pregação de Frei Damião e a sua ação pastoral sempre foram questionadas por uma ala mais crítica da Igreja do Nordeste e do Brasil. Isso deu-se, especialmente, pelo reconhecimento de elementos em seu discurso que, de algum modo, se não solidificou, pelo menos não questionou a chaga da indústria da seca, do uso político da fé, da manutenção do status das elites que, ao longo dos anos, alimentou uma situação socioeconômica do Nordeste, tão precária, especialmente para o povo do semiárido. Assim a questão da aproximação dos políticos à sua pessoa, o uso de sua imagem em panfletos e vídeos eleitorais partidários, as bênçãos a grandes empresas, casas, fazendas e latifúndios dos poderosos da região geraram conflitos com bispos e padres, ao ponto do impedimento de sua presença, em determinadas circunscrições. Acusado de aliar-se aos poderosos e oferecer, nas suas pregações tridentinas, um lenitivo aos fiéis, prolongou-se, desde os anos 1960, que trouxe ventos conciliares, até os dias atuais, quando, no meio acadêmico, encontramos resistências para a pesquisa à sua ação e às representações dos fiéis, um certo preconceito ou, no mínimo, um silêncio em relação à sua pessoa e ao seu legado. Isso nos possibilitou reconhecer mais um ponto: Frei Damião é fruto de um tempo de ausência de referências eclesiais tradicionais, por

ocasião da grande crise que o Concílio Vaticano II gerou com as suas mudanças conciliares. Se, de um lado, o concílio abriu a Igreja para novos tempos, descentralizou a clericalização para a ação pastoral e o protagonismo leigo, passou a inserir-se nas dores sociais do povo, buscou empreender uma conscientização política mais crítica, renovou a liturgia, possibilitando uma inculturação da fé, por outro lado, a politização dessa mesma fé, a perda da mística por parte do clero, a indiferença com a devoção popular, o desleixo com o sagrado e os exageros litúrgicos dos progressistas possibilitaram que um número considerável de fiéis apertassem os laços de pertença a uma igreja tradicional cujo representante mais expressivo era Frei Damião. Mais um vácuo, mais uma lacuna, que possibilitou a devoção, a polarização e a popularização de Frei Damião, especialmente nos meios menos intelectuais da sociedade nordestina, os pobres dos sertões. Frei Damião é fruto da Igreja conciliar, em conflito com a Igreja tridentina, alimentada pela fé do povo, em uma encruzilhada que podemos denominar de Catolicismo Popular.

A leitura desse movimento, que se espalhou pelo Nordeste, durante mais de 60 anos, com a presença de Frei Damião e que perdura após 20 anos de sua morte, exigiu uma interpretação aos moldes do que as Ciências da Religião propõem: ler o fenômeno religioso, através de várias lentes, o que possibilita um olhar mais amplo. Para isso, a História, a Sociologia, a Geografia, a Filosofia, a Teologia, a Psicologia, a Antropologia e outras áreas do conhecimento possibilitaram percepções caleidoscópicas da devoção a Frei Damião, até a construção de sua imagem como taumaturgo. Nessa perspectiva, reconhecemos que a missão, a pregação, a confissão, o acesso do fiel ao sacerdote, a religiosidade, que provém do movimento missionário, como elementos de longa duração histórica. Ao longo de 500 anos de história do Brasil, desde a colonização, e especialmente, nessa região, usando o termo da transumância (BRAUDEL, 2007), distinguimos um movimento de idas e vindas, surgimentos e desaparecimentos de lideranças religiosas que marcam a vida do povo. Frei Damião poderia ser reconhecido nesse movimento? Nossa percepção é de que não só se reconhece, como é parte fundamental e última. Nos dias atuais, após 20 anos de sua morte, a cátedra encontra-se vacante. Não despontou, até então, nenhum que assumisse o cajado conselheirista, confessor ou milagreiro com a envergadura de Frei Damião, Sucessor de Cícero e dos memoráveis aqui apresentados.

Um fator determinante, no processo de reconhecimento da pessoa de Frei Damião, foi a sua capilarização para além das fronteiras eclesiais. Frei Damião é do tempo da “febre” do rádio, no Nordeste; dos serviços de ampliação de som, nas igrejas e praças. Sua imagem

circulou “anos a fio”, nos jornais do Nordeste e do Brasil. Além do mais, um fator determinante foi a chegada e popularização da televisão, dos anos 1960 em diante, nessa região. As missões, a proximidade com os políticos, as multidões em torno do religioso, o comércio durante as missões, as devoções dos romeiros ao religioso foram propagadas, em todo o Brasil, por meio da TV. Isso gerou mais conhecimento e popularização de sua pessoa (SOUZA NETO, 2011). O Frei Damião, das grandes estátuas, nas cidades nordestinas, como em Guarabira, São Joaquim do Monte, Souza, dentre outras, passou a ser propagado pelos meios de comunicação social em vista, também, de interesses econômicos e políticos.

O seu adoecimento e a sua morte foram de especial significado para os fiéis e para a memória coletiva. O papel da mídia, propagando os discursos dos fiéis; as estratégias governamentais e eclesiais, durante o seu adoecimento e o seu velório foram determinantes para a espetacularização do último capítulo da vida do religioso. Nesse cenário, o povo não se fez coadjuvante, pelo contrário, em um protagonismo espontâneo de religiosidade popular, escreveu a história, na sua mais simples e sincera devoção. Com a mesma espontaneidade, continuou a frequentar os santuários, dedicados à sua devoção e reconheceu o padrinho como santo.

Chegamos, com esses dados, a mais uma afirmativa: Frei Damião é uma construção da mídia, do comércio popular, da fabricação em série, da propagação das culturas regionais e da comercialização da fé, como produto de consumo. Tornou-se objeto de desejo religioso e símbolo de conquista, a ser apresentada como insígnia; todo fiel quer ter uma foto com o frei, um terço abençoado por suas mãos, um souvenir adquirido nos seus santuários, uma relíquia de seus pertences.

Assim, encontramos muitos “Frei Damiãos”. Frei Damião, reconhecido como Capuchinho, como filho de São Francisco, como missionário, no rastro de tantos outros que, pelo Nordeste, passaram antes dele. Frei Damião, cuja personalidade correspondeu ao anseio do povo do Nordeste que, trazendo elementos do Brasil império, ressignificou o discurso tridentino e forneceu respostas para as questões mais íntimas do povo. Frei Damião, como fruto de Igreja conciliar, em conflito com a Igreja tridentina, alimentada pela fé do povo, em uma encruzilhada que podemos denominar de Catolicismo Popular. Frei Damião, como fruto de um tempo de ausência de referências eclesiais tradicionais, por ocasião da grande crise provocada pelo Concílio Vaticano II. Frei Damião, inscrito na esteira e advindo do vácuo da ausência de conselheiros.

Esses e tantos outros elementos, certamente, a serem explorados e dos quais essa tese apenas torna-se poeira na estrada, compõem o Frei Damião de Bozzano, construído como taumaturgo. Tópico que arremata esta tese e que reconhece, nas memórias de curta, média e longa duração das pessoas e de seus grupos de pertença, a figura do religioso, como um homem que se deixava tocar e tocava, concretamente, as pessoas, olhava fixo e serenamente para os fiéis. Correu a fama de que seu toque era curativo; que tinha poderes extraordinários e capacidade de “profetizar” sobre a vida do povo; que sua confissão mudava vidas; que era a própria imagem humanizada do divino. As entrevistas feitas, para solidificar nossa tese, atestaram, uma a uma e, até repetiram-se, como em uma cantilena em afirmações aparentemente orquestradas: “minha mãe já era devota de Frei Damião”, “ele mandou o povo ficar parado e disse que a chuva ia passar, só deu tempo o povo chegar em casa e a chuva caiu”, “eu toquei na cabeça dele”, “ele e meu Padre Cícero são a mesma pessoa”, “meu Padre Cícero deixou ele como sucessor”, “eu me confessei com Frei Damião”, “ele esteve na minha cidade”, “dizem que ele dormia no chão”, “Ele é um santo”.

Como catalisador da fé popular, nas suas ações e discursos, na sua pertença à Igreja, à qual permaneceu fiel até o fim da vida, com um poder quase mágico, Frei Damião ingressou, na memória religiosa popular do povo mais simples, sem deixar, ao mesmo tempo, de ser representante da instituição à qual pertencia, com suas normas e dogmas. Como nos propomos, ao iniciar esta pesquisa, que resultou na tese que, agora, apresentamos, cujo objetivo é identificar, a partir dos devotos, registros e memórias que estruturam as narrativas que os levam a reconhecer Frei Damião de Bozzano, como um santo taumaturgo. Cremos ter respondido às questões basilares desse trabalho, no qual, buscamos reconhecer como se deu o processo de reconhecimento, por parte dos fiéis católicos, de Frei Damião como santo taumaturgo. Enquanto apresentamos o papel da ação tridentina da Igreja e do catolicismo popular, na construção da imagem de santo e taumaturgo de Frei Damião. Da importância da pertença do religioso, para que os romeiros o elegessem como padrinho e confessor. De como a pertença do frei à Ordem Capuchinha contribuiu na formação de sua imagem de santo para o povo e, por fim, como Frei Damião faz parte da memória do povo católico do Nordeste.

Na consciência de que o trabalho, agora concluído, enquanto estudo acadêmico, com prazos e ritos de início e conclusão, há de prolongar-se nas pesquisas e aprofundamentos futuros, esperamos ter contribuído para a compreensão da religiosidade do povo nordestino e para a valorização de sua cultura.

Referências

AGÊNCIA ALAGOAS. **Governador participa de missa e exalta exemplo de vida de Frei Damião**. Disponível em: <<http://agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/21077-governador-participa-de-missa-e-exalta-exemplo-de-vida-de-frei-damiao>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

_____. **Governador participa de missa e exalta exemplo de vida de Frei Damião**. Disponível em: <<http://agenciaalagoas.al.gov.br/noticia/item/21077-governador-participa-de-missa-e-exalta-exemplo-de-vida-de-frei-damiao>>. Acesso em: dez. de 2018.

ALANIZ, Anna G. Garcia. **História e Memória**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fkw6pgKHjAE>>. Acesso em: abr. 2018.

_____. **O que é História?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gF5HytYNO28&list=PLqGYR3biVWrQpxOVcV-n1PidJv-D3Xeu6>>. Acesso em: mai. de 2018.

ALBUQUERQUE JUNIOR, DURVAL MUNIZ de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife/São Paulo: Fundação Joaquim Nabuco/Editora Massangana/Cortez, 2009.

AGGIO, Alberto. et al. **Política e sociedade no Brasil (1930-1964)**. São Paulo: Annablume, 2002.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 1997. (Patrística: 10)

AGUIAR, Silvana M. Brandão de.; SILVA, Leda Cristina C. da. Frei Damião: trajetórias de vida, missões, carisma e poderes. In: **Paralellus**, v. 6, n. 13, Recife, p. 445-466, jul./dez.2015.

ALBERIGO, Giuseppe. **História dos concílios ecumênicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4ª ed. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

AQUINO, Felipe. **A mulher do apocalipse**. São Paulo: Loyola, 1995.

ARANTES, José Tadeu. **A trajetória do pensamento católico no Brasil**. Agência FAPESP. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/a_trajetoria_do_pensamento_catolico_no_brasil/22616/> Acesso em: 20 abr. 2017.

ARAÚJO, Francisco Sadoc de. **Padre Ibiapina: peregrino da caridade**. São Paulo: Paulinas, 1996.

ARRUDA, Jânio. **Blog do Jânio Arruda**. Frei Damião de Bozzano em Taquaritinga do Norte Disponível em: <<http://www.blogjanioarruda.blogspot.com/2012/05/frei-damiao-de-bozzano-em-taquaritinga.html>>. Acesso em: fev. de 2018.

AZEVEDO, Tales de. **O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social**. Salvador: EdUFBA, 2002. (Coleção Nordestina)

AZZI, Riolando. Elementos para a história do catolicismo popular. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, vol. 36, fasc. 141 (1976) 95-130.

_____. Catolicismo popular e autoridade eclesiástica na evolução histórica do Brasil. In: **Religião e Sociedade**, n. 1, p. 125 a 149, mai. 1977.

_____. **O Estado leigo e o projeto ultramontano**. São Paulo: Paulus, 1994b.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo/Brasília: HUCITEC/Editora Universidade de Brasília, 1987

BARATA, José. Apontamentos para a história eclesiástica de Pernambuco. In: **Revista do Instituto Arquivo Histórico de Pernambuco**, vol. 24 (1922) 24-39.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. **História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis**. Conexão: Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 6, n. 11, jan./jun. 2007

BARROS, José D'Assunção. **História e Memória: uma relação na confluência entre tempo e espaço**. MOUSEION, vol 3, n 5, Jan-Jul/2009.

BELTRÃO, Luiz, **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. (São Paulo Ed. Cortez, 1980).

BERMEJO, Marcelo. **Francisco de Assis**. São Paulo: Editora Canção Nova, 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da história**, ou, O ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BOFF, Leonardo. **Vida para além da morte**. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOZZANO, Damião. Sermão sobre obediência (parte 1). In: **Revista Frei Damião**, nº2, Recife, 2007, p. 25.

BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: **Ensaio sobre História**. Lisboa: Perspectiva, 1992.

_____. Histoire et sciences sociales. La longue durée. In: **Écrits sur l'histoire**. Paris: Flammarion, 1969. p. 76. (*Annales E. S. C.*, nº 4, outubro-décembre 1958, Débats et Combats, p. 725-753.)

BURKE, Peter. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

_____. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

_____. Unidade e variedade na história cultural. In: **Variedade de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro. Zahar, 2005.

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Lisboa: Ed.70, 1988.

CAMBIASCA, Vitório de. LUCCA, Ângelo de. **História da cidade de São Fidélis (1781-1963)**. Rio de Janeiro: Editora Rio São Paulo, 1963.

CAMPOS, Breno M; MELO, Benedito S. V. Modernidade secular e romanização: o fortalecimento do catolicismo popular no Brasil. In: **Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP**, Recife, v. 7, n. 1, 2017, p. 98-113, jan. jun., 2017. |

CAMURÇA, Marcelo. As muitas faces das devoções: das romarias e dos santuários ao turismo, ao marketing religioso e aos altares virtuais. In: **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 16, n. 3/4, mar/abr 2006.

CARVALHO. Rejane V. Accioly. **A Ideologia dos Romeiros Nordestinos na Literatura de Cordel**. Rev. c. sociais, fortaleza, v. viii, anos 1-2 (1977), 107-142. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/9784/1/1977_art_rvacarvalho.pdf> Acesso em nov. de 2018.

CARMO, Solange Maria do; SILVA, Orione. **Os santos e as imagens na religiosidade popular**. Vida Pastoral, São Paulo, ano. 54, n. 289, p. 21-32, 2013. Disponível em: <<http://vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/os-santos-e-as-imagens-nareligiosidade-popular/>>. Acesso em: mar. 2018.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Religião no povo**. João Pessoa: Editora Universitária, 1974.

CELAM. **Documento de Aparecida**. Brasília, DF: Edições CNBB, 2007.

CERTEAU, Michel. **Cultura popular e religiosidade popular**. In CEAS, 40, nov/dez/1975.

_____. **A Cultura no Plural**. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

_____. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010.

_____. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHANGEUX, J-P. Discussion a J-P Changeux e A. Danchin. Apprendre par stabilisation sélective de synapses en cours de développement. In MORIN, E e PIATTELLI PALMARINI, M. (orgs). **L'unité de l'homme. Invariants biologiques et universeaux culturels**. Paris: Seuil, 1972. p.351-357. *Historiografia e Ensino de História em relação dialógica com a Teoria da Complexidade*. São Paulo: Luminária Academia, 2015.

CHÂTELLIER, Louis. **A Religião dos pobres, as missões rurais na Europa e a formação do catolicismo moderno.** Séc. XVI - XIX. Lisboa: Editorial Estampa 1995.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Algés, Portugal: Editora DIFEL, 2002.

_____. **Do códice ao monitor: a trajetória do escrito.** 1994, vol.8, n.21, pp. 185-199.

CHAUÍ, Marilena. **Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty.** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão.** São Paulo: Ática, 2007.

Código de Direito Canônico. São Paulo: 10 ed. Loyola: 1997.

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Legislação Complementar ao Código de Direito Canônico para o Brasil sobre a Absolição Geral** (aplicação do cân. 961). Brasília, Edições CNBB. 2009.

Constituições Eclesiásticas do Brasil: Nova Edição da Pastoral Coletiva de 1915. Adaptada ao Código de Direito canônico, ao Concílio Plenário Brasileiro e às recentes decisões das Sagradas Congregações Romanas. Canoas, RS: Tipografia La Salle, 1950.

Constituições dos Frades menores Capuchinhos. São Paulo: Edição da CCB, 1992.

CORDOVANI, Rinaldo. **São Félix de Cantalice: o homem do pão.** Recife: Gráfica Pontual. 2015.

CRISTO DE LIMA, Luciana Vidal. **Frei Damião na Religiosidade Popular.** Especialização em História Regional do Brasil: Nordeste. Universidade Católica de Pernambuco. Recife, 2005.

CRUZ, João Everton da. **Frei Damião: a figura do conselheiro no Catolicismo Popular do Nordeste brasileiro.** Dissertação de Mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2010.

DAYAN, D. KATZ, E. **Le grandi cerimonie dei media.** Bologna: Baskeville, 1993.

DOSSE, François. **A História.** Bauru, SP: EDUSC, 2003.

_____. **A História em Migalhas: dos Annales à Nova História.** Bauru, SP: EDUSC, 2003.

DOSSE, François, **O desafio biográfico: escrever uma vida.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** São Paulo: Paulus, 1989.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.** São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ESQUIVEL, Juan, **Igreja católica e Estado na Argentina e no Brasil**. São Paulo: USP, 2003.

FERNANDES, Maria de Lurdes. **Do manual de confessores ao guia de penitentes: orientações e caminhos da confissão no Portugal pós-Trento**. Porto: Portugal, Via Spiritus: Revista de História da Espiritualidade e do Sentimento Religioso, vol. 2 (1995), p. 47-65.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Angela Lúcia; George Alexandre Ferreira DANTAS y Yuri SIMONINI. **Cartografia do (De)Sertão do Brasil: notas sobre uma imagem em formação – séculos XIX e XX**. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de octubre de 2012, vol. XVI, nº 418 (69). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-418/sn-418-69.htm>>. Acesso em: mar. 208.

FIORIN, José Luís. O discurso de Antônio Conselheiro. **Religião & Sociedade**, São Paulo, v.5, p.95-129, jun. 1980.

FOLHES, Ricardo Theophilo, **A gênese da transumância no baixo Rio Amazonas: arranjos fundiários, relações de poder e mobilidade entre ecossistemas**. Boletim Goiano de Geografia, vol. 38, núm. 1, 2018

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulus/Loyola, 2014.

FRANCO, José Eduardo. Et al. **Glossário de cultura católica**, termos ou conceitos. Mestrado, licenciatura e centro de estudos em ciência das religiões. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias: Porto, Portugal. 2010. (Cadernos de Ciência das Religiões).

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2003. (Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil).

FROHLICH, Roland. **Curso básico de história da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1987.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **O Império do Belo Monte: vida e morte de Canudos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

GARDELIN, Mario. et al. **Capuchinhos italianos e franceses no Brasil**. Porto Alegre: EST Edições e Educ, 1986.

GASPAR, Lúcia. **Literatura de Cordel**. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: nov. 2018.

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço de representação e territorialidade do sagrado: notas para uma teoria do fato religioso**. Curitiba: Ibipex, 2008.

GIRALDIN, Odair. **Catequese e civilização**: os Capuchinhos “entre” os “selvagens” do Araguaia e Tocantins. NEAI, Núcleo de Estudos e Assuntos indígenas. sér. Ant. 18(2), 2002. Disponível em: <<http://www.uft.edu.br/neai/>>. Acesso em: 24 ag. 2018.

GOMES, Jociel. **Frei Damião**, Apóstolo do Nordeste. Recife: Causa de beatificação e Canonização de Frei Damião, 2013.

_____. Jociel. (Org). **Frei Damião**, um Apóstolo do Nordeste. Recife: Causa de beatificação e canonização de Frei Damião, 2015.

GUERRA, Flávio. **Velhas Igrejas e subúrbios históricos**. Recife: Fundação Guararapes, 1970.

GUERRIERO, Silas. A construção da realidade: imaginário, mito e religião. In: **Antropos e psique: o outro e sua subjetividade**. São Paulo: Editora Olho d’água, 2008.

GUTIERREZ, Gustavo. **A Densidade do Presente**. São Paulo: Loyola, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HENRIQUE, Márcio Couto. Desterrando heresias: visitas pastorais de D. José Afonso de Moraes Torres (1844-1859) e D. Antonio de Macedo Costa (1861-1890). In: **Encontro regional de história**., 1. Anais... Amazônia: Fronteiras da História. Belém, PA: ANPUH (Núcleo Regional do Pará/Amapá), 1998. Mimeo.

_____. **Um Toque de Voyeurismo**. PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 15(2): p. 285-303, 2005

HOORNAERT, Eduardo. **A distinção entre “Lei” e “Religião” no Nordeste**. Revista Eclesiástica Brasileira, Petrópolis, v. 29, n. 3, p.580-606, set. 1969.

HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil-Colônia (1550-1800)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____, **Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800**: ensaio de interpretação a partir dos oprimidos. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. Eduardo. In memoriam Frei Damião. In: **Revista Eclesiástica Brasileira (REB)**, v. 57, p.670-674, 1997.

_____. **Os anjos de Canudos**: uma revisão histórica. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1997b.

_____. et al. **História da Igreja no Brasil**: Ensaio de interpretação a partir do povo: Período Colonial. Petrópolis: Vozes, 2008.

IGLÉSIAS, Francisco. Comentário ao roteiro sucinto do desenvolvimento da historiografia brasileira. In: **Encontro Internacional De Estudos Brasileiros**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.org.br>> Acesso em: Jul. 2018.

JOÃO PAULO II. **Constituição Apostólica de Promulgação do Código de Direito Canônico. Código de Direito canônico.** 10 ed. São Paulo: Loyola, 1997.

JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

_____, **A mente e a memória: um pequeno livro sobre uma vasta memória.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **O eremita das Américas: a odisseia de um peregrino italiano no século XIX.** Santa Maria: Editora da UFSM, 2014.

KOLAKOWSKI, Leszek. A Revanche do Sagrado na Cultura Profana. In **Religião e Sociedade**, n 1, (Maio 1977), p. 153-62.

KUNG, Hans. **Religiões do mundo: em busca de um ponto comum.** Trad. Carlos Almeida Pereira. Campinas: Verus, 2004.

LAZZARI, Giafranco. **Padre Damiano da Bozzano**, Apostolo della Riconciliazione e Maestro di Vita Spirituale, S. Giovanni Rotondo: Ed. Frati Cappuccini. 2003.

_____. **Padre Damiano: un apostolo del Vangelo. Il “Padre Pio” del Brasile.** San Giovanni Rotondo: Ed. Frati Cappuccini, 2002.

LE GOFF, Jacques, **História e memória.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

_____. **São Francisco de Assis.** Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **La civilización del Occidente Medieval.** Barcelona: Editorial Juventud, 1969.

LIMA, Elias Lopes, **Do corpo ao espaço; contribuição da obra de Maurice Merleau-Ponty à análise geográfica.** In: Revista GEOgraphia - Ano IX – nº. 18, 2007.

LOPES, Diana Rodrigues. **Padre-Mestre Ibiapina e Casa de Caridade de Triumpho – PE.** Santa Cruz da Baixa: Gráfica Folha do Interior, 2004.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. **Juazeiro do Padre Cícero** (obra premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1927). 4. ed. aum. – Brasília: MEC/Inep, 2002. 178 p.

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel.** São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. **Sobre A Questão Judaica.** São Paulo: Centauro, 2000.

MATA Sérgio da. **Os anjos de Canudos. Uma revisão histórica.** (Eduardo Hoornaert) Petrópolis, Vozes, 1997. 148pp. Resenha. Revista de História - USP 138 (1998), p.143-146

MATIMORT, Aimé Georges. **A igreja em Oração**: Introdução à liturgia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MATOS, H. **Nossa história**: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil. Período Colonial. São Paulo: Paulinas, 2011.

MELLO, Joaquim Guennes da S. **Ligeiros traços sobre os capuchinhos** (contendo a descrição do novo templo de N. S. da Penha que ora se levanta em Pernambuco). Recife: Typographia de M. Figueirôa de F & Filhos, 1871.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

MESQUITA, Fabio de Azevedo. **A veneração aos santos no catolicismo popular brasileiro: uma aproximação histórico-teológica**. Revista Eletrônica Espaço Teológico Vol. 9, n. 15, jan/jun, 2015, p. 155-174.

MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado**. HCGCB, n. 2, 1977.

MOURA, Abdalaziz de. **Frei Damião e os impasses da religião popular**. Petrópolis: Vozes, 1978.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro**. Revista Brasileira de Ciências Sociais - Vol. 16 n° 46. Jun. 2011. p. 119-129.

NETO, Lira. **Padre Cícero**: Poder Fé e Guerra no Sertão. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NUVENS, Plácido Cidade. Tentativas de Caracterização da Romaria de Juazeiro do Norte. In: **Seminário de 150 Anos de Padre Cícero**, Fortaleza/ Juazeiro do Norte: Editora RCV, 1994, p.25-30.

OFMCAP – **Ordem dos Frades Menores Capuchinhos**. Disponível em: <<https://www.ofmcap.org/pt/cappuccini/statistica/statistica-2016>> Acesso em: Jul. 2018.

OLIVEIRA, Christian Dennis Monteiro de, **Turismo religioso**. São Paulo: Aleph, 2004 (Coleção BC do turismo).

OLIVEIRA, Gildson. **Frei Damião**. O santo das missões. São Paulo: FTD. 1997.

OLIVEIRA, Frei Hermínio B. de. **Frei Damião e a Evangelização do Nordeste**. Jornal Diário do Nordeste, Fortaleza, 2006. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/frei-damiao-e-a-evangelizacao-do-nordeste-1.176413>. Acessado em: abr. de 2018.

OLIVEIRA, Pedro de Assis Ribeiro de. Religiosidade popular na América Latina. **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. 32, n.126, p.354-364, jun. 1972.

_____. Catolicismo Popular e romanização do catolicismo brasileiro. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, Petrópolis, v. n.141, p.131-143, mar. 1976.

_____. **Religião e dominação de classe**. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Adeus à sociologia da religião**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 18, n.2, p.43-62, 1997.

_____. **As religiões no censo 2010: uma reflexão**. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 14, n.º. 24, p. 99-107, jul./dez. 2013.

OLIVEIRA, Tatiana Gonçalves de. **A missão católica dos capuchinhos em Itambacuri: disputas em torno da “civilização” dos índios no século XIX**. XIX Encontro regional de História. Profissão: Historiador - profissão e mercado de trabalho. Juiz de Fora, MG. 2014. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/34/1398952558_ARQUIVO_ResumoexpandidoAmpuhJuizdeForacorrigido.pdf>. Acesso em: mar. 2018.

OFS - **Ordem Franciscana Secular do Brasil**. Disponível em: <<http://www.ofs.org.br/quem-somos/a-instituicao>>. Acesso em: abr. 2018.

PAIVA, Geraldo José de. Teorias Contemporâneas da sociologia da religião. In: PASSO, João Décio; USARSK, Frank. **Compêndio de ciência da religião**. São Paulo: Paulinas /Paulus, 2013.

PALACIOS, Guillermo. Política externa, tensões agrárias e práxis missionária: os capuchinhos italianos e as relações entre o brasil e o vaticano no início do segundo reinado. In: **Revista de história**. São Paulo, n.º 167, julho / dezembro 2012 p. 193-222.

PALAZZOLO, Jacinto de. **História da cidade de São Fidélis: 1781-1963: fundada pelos missionários capuchinhos Frei Ângelo de Lucca e Frei Vitório de Cambiasca**. Rio de Janeiro: Convento dos Padres Capuchinhos, p. [229]-231 ; Coleção Roberto Macedo, 1963.

PANICO, Fernando. A expressão litúrgica da romaria em Juazeiro do Norte – Ceará. In: **Revista de Cultura Teológica**, v. 17, n.º. 67, - abr/jun 2009, p. 41-58.

PAULO. Roberto da Silva, **Fernando Collor na imprensa brasileira: representações em torno da sedução e da satanização**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

PEDROSO, Frei José Carlos Corrêa. **Fontes Clarianas**. Petrópolis: CEFEPAL, 1994.

PEREIRA, João Baptista Borges. **Religiosidade no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

PEREIRA. João Batista B; QUEIROZ, Renato da Silva. **Messianismo e Milenarismo no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

PINHEIRO, I. S. **O fenômeno da romaria de Juazeiro do Norte: implicações sociais e religiosas**. 2009. Disponível em:

<<http://www.unisalesiano.edu.br/encontro2009/trabalho/aceitos/CC04900595462.pdf>>. Acesso em mai. de 2013.

PRONEB – **Província do Nordeste do Brasil** – Frades Capuchinhos – Disponível em: <<http://proneb-capuchinhos.blogspot.com.br/p/nossa-historia.html>> Acesso em mai. 2018.

REGNI, Vittorino Pietro. **Os capuchinhos na Bahia**. Salvador / Porto Alegre: Casa Provincial dos Capuchinhos, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1988, vol. 1.

Revista mensal dos PP. Capuchinhos da Penha e da Causa de D. Vital. Recife: Escola Gráfica Editora. Ano VI, Set/out, 1942.

RINKEN. Stefan, **História da América Latina: Das culturas pré-colombianas até o presente**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2017.

RIOS, Fábio Daniel. **Memória coletiva e lembranças individuais a partir Das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo**. Intratextos, Rio de Janeiro, 5(1): 1-22, 2013.

RODRIGUES. André Wagner. **Um olhar complexo sobre o passado: história, historiografia e ensino de história no pensamento de Edgar Morin**. Dissertação de Mestrado, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2011.

RODRIGUES, Henrique Estrada. Lévi-Strauss, Braudel e o tempo dos historiadores. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 29, nº 57, p. 165-186 – 2009.

RODRIGUES, Icles. **A Escola dos Annales: um glossário**. nov. Disponível em: <<https://leituraobrigahistoria.wordpress.com/2018/04/12/a-escola-dos-annales-um-glossario/>>. Acesso em: nov. de 2018.

SANTIAGO, Vandek. Túmulo de frei Damião já é local de romaria. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 06 jun. 1997.

SANTOS, Márcia P. dos. Duarte, Teresinha M. **A escrita hagiográfica medieval e a memória dos santos e santas católicos**. In: Anais do Fazendo Gênero N. 9: Diásporas, diversidades e deslocamentos. Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278263189_ARQUIVO_Textocompletofaz.genero.versaofinal.pdf>. Acesso em: mar. 2019.

SERTÂNIA, Frei Urbano de. Um grande Missionário. In: **Revista Dom Vital**, ano XVI, fevereiro-março / 1952, p. 5-7.

SCHNEIDER, Theodor. [et al.] **Manual de dogmática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SCHULER, Arnaldo. **Dicionário enciclopédico de Teologia**. Canoas: Ed ULBRA, 2002.

SILVA, Aerton A. Carvalho. **Equipe Missionária do Nordeste: Entre Trento e o Vaticano II: tradicionalismo, religiosidade popular e Teologia da Libertação ou uma religiosidade híbrida**. Anais dos Simpósios da ABHR, 2016. Disponível em: <www.abhr.org.br>.

SILVA, Cândido da Costa e. **Roteiro da vida e da morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia.** São Paulo: Ática, 1982.

SILVA, Karine Monteiro da. **Catolicismo popular entre o amor e a cobiça: interações entre Catolicismo Popular, Igreja Católica Oficial e Poder Público em Trindade.** 2005. 131p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiânia.

SILVA, J. C. da. **Frei Damião de Bozzano, missionário do Nordeste.** Recife: [s. e.], 1997.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço.** 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SILVEIRA, Frei Idelfonso. REIS, Orlando (Org). **São Francisco de Assis: Escritos e biografias de São Francisco de Assis / Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano.** 6 ed. Petrópolis: Vozes (em coedição com CEFEPAL do Brasil), 1991.

SIQUEIRA, Luis Manoel Paes. **Sítios Paleontológicos das Bacias do Rio do Peixe: Georreferenciamento, Diagnóstico de Vulnerabilidade e Medidas de Proteção.** Anuário do Instituto de Geociências - UFRJ. ISSN 0101-9759 e-ISSN 1982-3908 - Vol. 34 - 1 / 2011 p. 09-21.

SOBREIRA, Padre Azarias. **O patriarca de Juazeiro.** Petrópolis: Vozes, 1969.

SOUSA, Sandro Luís de. **O abc do sertão: aspectos semântico-culturais e fonéticos do português brasileiro na obra de Luiz Gonzaga.** 2017, 347p. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras - Universidade Federal da Paraíba.

SOUSA NETO, Francisco Lopes de. **Frei Damião: o missionário.** Fortaleza: Armazém da Cultura. 2011.

SOUTO MAIOR, Mário. **Os folhetos: provas incontestes da popularidade de Frei Damião no Nordeste.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Séria Folclore n.º 249, 1998.

_____. **Frei Damião: um santo?** Recife: Massangana, 1998.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular.** Natal, RN: IFRN, 2013.

SOUZA, R. (2012). **O hibridismo na construção da religiosidade: repensando a contribuição de Gilberto Freyre para o debate.** Angelus Novus, (3), 291 - 309. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ran/article/view/99001>>. Acesso em ago. 2018.

SUESS, Paulo Gunter. **Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida.** São Paulo: Loyola, 1979.

TAMAYO, Juan José. **Novo dicionário de teologia.** São Paulo: Paulus, 2009.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: **Revista USP**, São Paulo, n.67, p. 14-23, setembro/novembro 2005, p. 15-23.

- THAI-HOP, Pablo. **Domingos de Gusmão e opção pelos pobres**. São Paulo: Loyola, 1993.
- TORRES, Blancard. **O santo e o médico**. Belo Horizonte: Ed Alpha, 2004.
- TRIBUNA DO SERTÃO. **Distrito de Canafístula homenageia Frei Damião**. Disponível em: <<http://tribunadosertao.enderecoprovisorio.com.br/2016/06/distrito-de-canafistula-homenageia-frei-damiao/>>. Acesso em: jul. de 2018.
- TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Agonia e morte de Frei Damião: dos jornais para a boca do povo**. 2006. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-frei-damiao.html#foot1460>>. Acesso em nov. de 2018.
- TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008
- VEGETTI, et al. **As religiões tradicionais**. Revista mundo e missão, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 1-17, jun. 2005.
- VELASCO, Rufino. **A Igreja de Jesus: processo histórico de consciência eclesial**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VIANNA, Luiz Werneck. **Caminhos e Descaminhos da Revolução Passiva à Brasileira**. Texto elaborado a partir da transcrição da gravação da conferência de mesmo título produzida pelo autor no Ciclo de Conferências, "Alternativas e Dilemas do Brasil no Fim do Século", organizado pelo IUPERJ, Rio de Janeiro, 12-16 de agosto de 1996.
- VIEIRA CHAVES, Duarte Nuno da Silva. **Os Terceiros e os seus “santos de vestir”**: os últimos guardiões do patrimônio franciscano na Ribeira Grande. Dissertação de Mestrado no Curso de patrimônio e Museologia – Universidade dos Açores, 2012.
- VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília: Editora UnB, 1980.
- VIEIRA, Heleno José. **Religiosidade popular, espaço-tempo reconciliador, aspectos subjetivos da peregrinação: um olhar para a Romaria de Frei Damião em São Joaquim do Monte – PE**. Dissertação de Mestrado pelo Programa da Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. 2011.
- WOODWARD, Kenneth. **A Fábrica dos Santos**. São Paulo: Siciliano, 1992
- ZAGONEL, Carlos Albino. **Capuchinhos no Brasil**. Porto Alegre: Conferência dos Capuchinhos do Brasil, 2001.

Anexos

Doc 01. Mapa dos Missionários Capuchinhos desta Prefeitura – Documentos, p.22, f. 90. Arquivo Da PRONEB, OFMCap., Recife

N.B. Por decreto do Revmo. Definitório Geral da Ordem. No dia 02 de maio de 1931, a Missão de Pernambuco passou da província de Nápoles à província de Lucca. Portanto foi nomeado superior desta Missão O M. R. Fr. Félix de Olívola e tomou posse pelas mãos de Fr. Gregório de S. Marino, Superior na Bahia, delegado ad hoc, no dia 18 de junho de 1931, e conseguinte os poucos outros retiraram-se.

Doc. 02 – Certidão de Batismo

Bozzano, 14 de março de 2000. - Atestado de Batismo de Pio, futuro Frei Damião de Bozzano, contendo o nome dos seus pais, avós e padrinhos e do oficiante, assinado pelo pároco Felice Sorbi (Bozzano, Arquivo da Paróquia dos Santos Catarina e Próspero, Livro dos Batizados de 1800 a 1901, n. 1818; Cópia Pública III, 686).

PARROCHIA DEI SANTI CATERINA E PROSPERO

55050 BOZZANO - LUCCA Tel. 0584 - 93.253

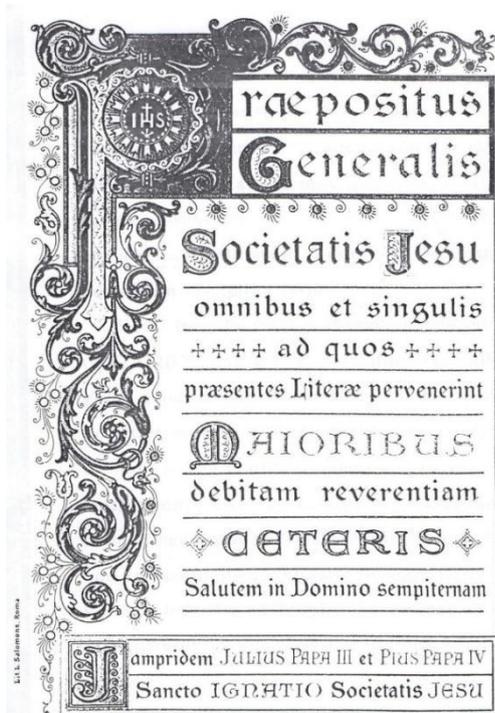
Bozzano 14 marzo 2000

Il sottoscritto parroco attesta che nel libro dei battezzati, che si conserva nel Archivio parrocchiale di Bozzano per gli anni 1800 - 1901 al numero 1818 si legge il seguente atto: " A dì 5 novembre 1898. Pio figlio di Felice di Casimiro Giannotti e di Maria sua legittima consorte e figlia di fu Nicodemo Giannotti nacque il dì suddetto alle ore 5 pomeridiane e il dì seguente fu battezzato a questo sacro fonte. Padrini furono Giannotti Caterina. A. Davini Rettore.

Copia conforme all'originale.

*Il Parroco
(Sac. Felice Sorbi)*

Doc 03- Diploma de Doutoramento



manam sapientiam sibi comparandam undique in Urbem conveniunt, Catholicae Religionis dogmata et disciplinam heic prius perdicerent, dein per varias, qua patet Orbis, regiones, et docerent verbis et exemplo moribusque confirmarent. Id autem ut, ex ceterarum Christiani Orbis Academiarum consuetudine, rectius faciliusque ad exitum optatum perduceretur, edidit hac de re Apostolicam Constitutionem die VII Maii MDLXXVIII, et eam facultatem, quam supra memoravimus, quaque per laudatos Pontifices iamdiu utebamus, nobis instauravit et confirmavit.

Redintegrata vero per PIUM PAPAM VII in universo orbe Societate Iesu, LEO PAPA XII, qui eandem Societatem in Romanum Collegium reduxit, Literis die XVII Maii MDCCCXXIV datis, eandem facultatem et ratam habuit et

Conditori et Praeposito Generali, nec non ceteris eius successoribus, hoc ius tribuerant, ut, secundum institutum Pontificiarum aliarumque Catholicarum Academiarum, gradus honoris et dignitatis Romae illis omnibus impertiri possent, qui Theologicarum vel Philosophicarum disciplinarum cursum sub Doctorum nostrorum disciplina confecissent.

Post hos Pontifices benemerentissimos GREGORIUS PAPA XIII Romanum hoc Collegium, quod et Gregorianum idcirco appellatur, Societati nostrae a fundamentis extruxit. Quo in opere id sibi Pontifex sapientissimus proposuit, ut non modo heic Societatis nostrae alumni idonei fingerentur ad DIVINAM GLORIAM ubique terrarum propagandam, verum etiam ut Romana Iuventus ad Religionem et Bonas Artes institueretur, et adolescentes illi, qui ad ger-

Pontificia auctoritate sanxit.

Demum, cum, post infaustam rerum ac temporum conversionem, anno MDCCCLXXIII ex praeclara illa studiorum nostrorum sede penitus exturbati per iniuriam fuisset, PIUS PAPA IX non modo voluit ut, scholis nostris alio translatis, eadem facultates, eodem ordine atque iisdem cum iuribus et privilegiis a nobis traderentur, sed, suis et decessorum suorum beneficiis cumulum veluti imponens, per Literas S. Congregationis studiis moderandis praepositae, datas die XVI Augusti MDCCCLXXVI, benigne indulset, ut in hac Pontificia Universitate Gregoriana, facultatibus Theologiae et Philosophiae, facultas adderetur Iuris Canonici, facta eidem potestate et hanc disciplinam tradendi et gradus academicos auditoribus pro meritis conferendi, iis omnibus servatis, quae

in gradibus ceterarum facultatum impertien-
dis Universitas nostra sive ex lege sive ex
consuetudine tenet. Quam concessionem LEO
PAPA XIII Literis Apostolicis, die XXIX Julii
MDCCCLXXXVI datis, confirmavit et solemn-
i suo Decreto ratam habuit.

Itaque cum R. P. *Carolus Miccinelli*
Collegii Romani seu Pontificiae Universitatis
Gregorianae Rector, ad diem XXIV Julii
anni MCMXXV quatuor nostrae Societatis
Doctores deputasset, ut experirentur an
R. D. *Damianus a Bozzano*
post absolutum Theologiae cursum,
hanc disciplinam ita calleret ut ad Doctoris
in eadem facultate gradum posset promo-
veri; idem R. D. *Damianus a Bozzano*
tum scripta dissertatione, tum orali pe-
riculo rite facto, suae doctrinae specimen

bene ~ ~ ~ praebuit, atque
legitimis Examinatorum suffragiis DIGNUS
fuit declaratus, qui ad gradum DOCTORIS in
facultate praedicta promoveatur.

Quapropter, emissa fidei professione, idem
R. D. *Damianus a Bozzano*
gravissimo se obstrinxit iuramento ad Eccle-
siae Catholicae dogmata ubique et semper
tuenda et confirmanda. Nos vero praesentes
litteras conscribi curavimus, per quas, Aucto-
ritate Pontificia utentes A. M. D. G., eundem
R. D. *Damianum a Bozzano*
DOCTOREM in *Theologia*
declaramus ac renuntiamus; potestatemque
ipsi facimus ut omni iure, omnibusque gradus
ordinisque sui insignibus et privilegiis atque
auctoritate utatur.

Hortamur tamen virum clarissimum ut ius

Theologiae ubique gentium tradendae,
quod inter ceteras auctoritates illi nunc potis-
simum accedit, non adhibeat, nisi de illorum
ad quos de iure spectat ad sensu ac voluntate.

Doctrinam vero quam est adeptus sapien-
ter et fortiter convertat ad eas Potestates tuen-
das et confirmandas, quas Deus Optimus
Maximus rei tum ecclesiasticae tum civili
regendae praefecit.

Datum in Urbe die XXVIII Julii MCMXXV

Mauricio Carrajal
Secretarius Soc. Jesu
Adrianus Lestachowski
Præp. Gen. Soc. Jesu

Carolus Miccinelli
Rector Pontif. Universit. Gregorianae
M. Valentinus Lazarini S.J.
Præf. Stud. Pontif. Universit. Gregorianae



Roma, 28 de julho de 1925. - Diploma de Doutorado em Teologia de Pio Gianotti, Frei Damião de Bozzano, emitido pela Universidade Gregoriana de Roma. (Recife, Arquivo da Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil, AFD, Documentos Pessoais, Cx 1; Cópia Pública, 699-702).

Doc 04 – Carteira de Identidade

Massa, 09 de maio de 1931.- Carteira de Identidade do Reino d'Itália, contendo informações pessoais, inclusive dados sobre a estatura, cores dos olhos e dos cabelos (Recife; Arquivo da Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil; AFD, Documentos Pessoais, Cx 1; Cópia Pública, 681).

Doc 05 – Poema “Os pés de Frei Damião”

Em repouso, já fora das sandálias,
No estradinho com fronha e travesseiro
Os pés de Frei Damião são retirantes
Arranchados à sombra do ingazeiro.
Revestidos de pó e couro cru,
Palmilharam caatingas, arruados,
Serrotes do sertão, adros de fé,
Santas Missões de ex-votos e esconjuro.

Os pés de Frei Damião sem as palmilhas
São ilhas de repouso merecidas,
Varandas brancas, redes de dormir,
Alpendres sertanejos, velhos pousos.

No estradinho, libertos das sandálias
Os pés de Frei Damião soltos no pasto na madorna
São dois jumentos livres da cangalha.

Os pés de Frei Damião no tabuleiro
São ovelhas senis. Alvas marrãs
De pêlo penteado a carrapicho,
Já deram carne tenra e branca lã.

Rudes pés de aliança tão antigas...
Viram sóis e luas, seus colapsos.
Guiaram pelos céus as avoantes
Das bênçãos, confissões, apocalipses.

Os pés de Damião, velhas rodagens
Transportaram volantes de socorro
A fazendas e sítios, cariris,
Grotas de solidão, abas de morro.

Carmelitas Capuchos Franciscanos,
Gerações de famílias caminheiras
E de avoengos Adões espirituais
Dormem nos cemitérios desses pés.

Os pés de Frei Damião são como a obra
Da ema correndo pelo descampado,
Preparando o sertão para o inverno,
Limpando várzeas e comendo cobras.

Despidos das sandálias, no banquinho
Os pés de Frei Damião, velhos vaqueiros
Conduziram rebanhos bem guardados
Pelas trilhas de aboio e cangaceiro.

Pias de carne e osso, velhas plantas

De amor e fé em Deus itinerante,
São água-benta, potes de matar
A sede espiritual do retirante.

Espantinho do Cão com suas tretas
Os pés lavados de Frei Damião
São loções de limpeza e de esconjuro
Vertidas na moleira do Capeta.

Já fora da bainha das sandálias
Os pés exaustos de Frei Damião
São ainda punhais, santas peixeiras
Cravadas no vazio do Bandalha.

Onde não chega a luz da Prefeitura
Nem o luar a gás dos candeeiros,
As plantas de Damião em terra escura
Deram safras de velas nos Cruzeiros.

Trilha agreste de cacto e xiquexique,
Via Sistina no sertão dos rudes,
Os pés de Frei Damião com as alparcas
São aguadas, marrecas nos açudes.
Do cafundó à costa das salinas,
Nos carneiros e lousas desses pés
dormem as velhas gerações meninas
De um Brasil de apragatas e buréis.

Chão de mocó e vale da caiana,
As solas de Damião no massapé
Cresceram como partidos de cana,
Deram o de vestir e o de comer.
Os pés dormentes de Frei Damião
São velhos alquebrados; são os cacos
Das moringas, já secas, dos cassacos,
Espalhados e inúteis pelo chão.

Os pés de Frei Damião já foram bilros
Tecendo renda fina de almofada
Pela mão das rendeiras. Alugados
Preparando leirões com as enxadas.

Os pés de Frei Damião são horizontes
De arribações voando em formação,
Tesouras recortando vento Leste,
Asas do agreste, pios do sertão.

Os pés de Frei Damião são caritós
Filhas da Imaculada Conceição,
Enfeitando presépios de Natal,
Ensaçando lapinhas de São João.

Os pés de Frei Damião são camorins
Desovados na calma das gamboas,
Guiando seu cardume de filhotes
Pelas bocas do mar, rumo ao Sem-Fim.

Arca da boca apenas com dois sisos,

Os pés de Damião são Lázarus velhos
Vestidos de silêncio, já chegados
À casa do Senhor, para o Juízo.
Sem o porém das meias e o conforto
Das sandálias de couro de carneiro,
Os pés de Frei Damião são sesmarias,
Horto dos simples, porto do romeiro.

Carregados das marcas e dos selos
Das topadas e lanhos recebidos
No serviço de Deus; e da carícia
Dos unguentos dos dias percorridos,

Filhos já velhos de Nosso Senhor
Na modéstia infinita do cansaço,
Os pés de Frei Damião adormecido,
No tabuleiro caminham no andor.

Doc 06 - Carta do pastor Elio E. Muller

Doc 07 - Decreto do Presidente da República, senhor Fernando Henrique Cardoso, declarando luto oficial no dia do sepultamento do Servo de Deus, publicado no Diário Oficial do país (Recife, Arquivo da Província Nossa Senhora da Penha do Nordeste do Brasil; AFD, Decretos CX1; Cópia Pública V, 1368).

Decreto de 2 de junho de 1997

Declara luto oficial

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, decreta: Artigo único: É declarado luto oficial em todo o País, no dia 4 de junho de 1997, em sinal de pesar pelo falecimento de Pio Giannotti (Frei Damião de Bozzano).

Brasília, 2 de junho de 1997, 176º da Independência e 109º da República.

Fernando Henrique Cardoso